



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

MARIA IVONE MAIA DA COSTA

**PRÁTICAS INFORMACIONAIS E COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO DE
ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**

BELÉM

2021

MARIA IVONE MAIA DA COSTA

PRÁTICAS INFORMACIONAIS E COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO DE
ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Mediação e Uso da Informação

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Renata Lira Furtado

Belém/PA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837p Costa, Maria Ivone Maia da

Práticas informacionais e Competência Crítica em
Informação de estudantes quilombolas da Universidade
Federal do Pará/ Maria Ivone Maia da Costa.- 2021

Orientadora: Renata Lira Furtado

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Pará. Instituto de Ciências Sociais Aplicada.
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,
Belém, 2021

1.Ciência da Informação-Teses 2.Ciência da
Informação- Estudo de usuários 3.Quilombolas-
Estudantes 4. Informação I. Título

CDD 22.ed.020

Elaborado por Kelren Cecília dos Santos Lima da Mota – CRB-2/1461

MARIA IVONE MAIA DA COSTA

PRÁTICAS INFORMACIONAIS E COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO DE
ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Linha de pesquisa: Mediação e Uso da Informação

DATA DA AVALIAÇÃO: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. RENATA LIRA FURTADO
PPGCI/ICSA/UFGA - ORIENTADORA

Prof. Dr. HAMILTON OLIVEIRA
PPGCI/ICSA/UFGA – MEMBRO INTERNO

Prof^a. Dr^a. ANNA CRISTINA BRISOLA
IBICT/UFRJ – MEMBRO EXTERNO

Prof^a. Dr^a. ISABEL CRISTINA FRANÇA DOS SANTOS
RODRIGUES IEMCI/UFGA– MEMBRO EXTERNO

A meus pais (*in memoriam*) exemplos de determinação, força e amor.

A minha filha Isadora, um amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

À Deus, minha força maior e por ter colocado pessoas tão boas no meu caminho;

À minha filha Isadora, pelo incentivo, compreensão nas minhas ausências, por compartilhar comigo seus conhecimentos, por estar sempre presente na minha vida.

Às minhas irmãs Socorro e Noêmia, pelo incentivo, pela compreensão, apoio e por serem mãe da Isadora em alguns momentos em que estive ausente;

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Renata Lira Furtado, por ter dividido o seu conhecimento, pelo incentivo, pelo profissionalismo, por ter acreditado e caminhado ao meu lado nesse desafio, obrigada pela amizade;

Às minhas amigas Ana Mary e Carmecy pelo apoio, incentivo e pelos estudos que realizamos juntas;

À Universidade Federal do Pará pela oportunidade de fazer o mestrado;

À todos os estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará, atores desta pesquisa que gentilmente participaram das entrevistas;

Aos membros da Banca Examinadora que se disponibilizaram e agregaram conhecimentos á pesquisa;

Às minhas colegas de trabalho da Biblioteca do Instituto de Tecnologia, Lucicléa, Marina e Kelren com quem eu tenho a satisfação de trabalhar;

À Turma de Mestrado PPGCI/2019 pelo incentivo e pela troca de experiências;

À todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização dessa pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar dentro de um contexto histórico, social e cultural, as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas na Universidade Federal do Pará, com o intuito de contribuir para a elaboração de ações afirmativas, com a perspectiva de minimizar a problemática de acesso à informação enfrentado por esses sujeitos. Para alcançar o objetivo proposto, esta pesquisa foi dividida em três etapas, a primeira apresenta uma sistematização teórica, produto da pesquisa bibliográfica, desenvolvida com reflexões sobre as abordagens teóricas relativas aos Estudos de usuários, às Práticas Informacionais e à Competência Crítica em Informação, em seguida fez-se uma exposição de um breve histórico dos quilombolas no Brasil, da sua luta pela educação, do acesso ao ensino superior visando compreender a trajetória histórica, cultural e social dos sujeitos da pesquisa. A segunda etapa: é apresentado o desenvolvimento da pesquisa, na qual estão incluídas a pesquisa documental que possibilitou identificar os estudantes quilombolas na Universidade Federal do Pará e traçar um panorama acerca da presença dos estudantes quilombolas matriculados nos distintos campi, polos, núcleos e cursos que compõe a instituição. Ainda no intuito de concluir o objetivo inicial foi verificado as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas por meio da pesquisa etnográfica, especificamente com a aplicação de um questionário no *google forms* e de uma entrevista semiestruturada, configurados como ferramentas para coleta de dados. Para análise desses dados coletados elegeu-se a Análise Crítica do Discurso. Por fim, foi realizada uma triangulação entre os resultados da pesquisa bibliográfica e da etnografia – entrevista. Os resultados indicam que as Práticas informacionais desenvolvidas pelos estudantes quilombolas tanto no campo acadêmico como no campo das comunidades são influenciadas por fatores como, histórico, capital cultural, sociais, políticos e econômicos. Desta forma, a Competência Crítica em Informação é observada nas ações individuais e coletivas produzidas no cotidiano dos estudantes mostrando que os diálogos entre as Práticas Informacionais e a Competência Crítica em Informação contribui para a geração de conhecimentos fundamentais nas questões das desigualdades sociais e culturais dentro do contexto pesquisado.

Palavras-chave: Práticas Informacionais, Estudantes quilombolas, Competência Crítica em Informação, Universidade Federal do Pará, Análise Crítica do Discurso.

ABSTRACT

This research aims to analyze, within a historical, social and cultural context, the Informational Practices of quilombola students at the Federal University of Pará, in order to contribute to the elaboration of affirmative actions, with the perspective of minimizing the problem of access to information faced by these people. To reach the proposed objective, this research was divided in three stages, the first presents a theoretical systematization, product of the bibliographical research developed with reflections about the theoretical approaches related to the User Studies. The Informational Practices and the Critical Competence in Information, after a brief historical exposition of the quilombolas in Brazil, their fight for education, the access to higher education aiming to understand the historical, cultural and social trajectory of them. The second stage: the development of the research is presented, including the documental research that made it possible to identify the quilombola students at the Federal University of Pará and to trace an overview about the presence of quilombola students enrolled in the different campuses, poles, centers, and courses that form the institution. In order to conclude the initial objective, it was verified the Informational Practices of quilombola students through the ethnographic research, specifically with the application of a questionnaire in Google forms and semi-structured interviews, configured as tools for data collection. For the analysis of this collected data, we elected the Critical Discourse Analysis. Finally, a triangulation between the results of the bibliographic research and the ethnographic interview was carried out. The results indicate that the informational practices developed by quilombola students both in the academic field and in the community, field are influenced by factors such as history, cultural, social, political and economic capital. In this way, Critical Information Competence is observed in the individual and collective actions produced in the students' daily lives, showing that the dialogues between Informational Practices and Critical Information Competence contribute to the generation of fundamental knowledge on the issues of social and cultural differences within the researched context.

Keywords: Informational Practices, Quilombola Students, Critical Information Literacy, Federal University of Pará, Critical Discourse Analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	1	Procedimentos metodológicos	23
Quadro	1	Critérios para elaboração da entrevista semiestruturada	31
Figura	2	Modelo Tridimensional de Norman Fairclough	35
Quadro	2	Modelos de comportamento informacional de usuário	43
Figura	3	Modelo <i>Everyday Life Information Science</i> – ELIS	51
Figura	4	Modelo bidimensional de Práticas Informacionais	53
Figura	5	Modelo adaptado de Mckenzie	54
Quadro	3	Níveis de Competência Crítica em Informação	63
Gráfico	1	Comunidades Quilombolas por Região (certificadas até fevereiro de 2020)	69
Gráfico	2	Frequência de alunos quilombolas nos Campi (2017 a 2020)	80
Quadro	4	Discentes por curso de graduação	88
Quadro	5	Identificação das Comunidades Quilombolas	90
Quadro	6	Categorização dos dados	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de alunos quilombolas na UFPA	77
Tabela 2 - Distribuição dos alunos quilombolas por curso no Campus Belém	80
Tabela 3 - Distribuição dos alunos quilombolas por Instituto/UFPA	83
Tabela 4 - Situação de evasão dos estudantes quilombolas/UFPA	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
ACRL	<i>Association of College and Research Library</i>
ADQ	Associação de Estudantes Quilombolas da UFPA
BRAPCI	Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCI	Competência Crítica em Informação
CEDENPA	Centro de Defesa e Estudos do Negro no Pará
CIAC	Centro de Registro e Indicadores Acadêmicos
ColInfo	Competência em Informação
CoLIS	<i>International Conference on Conceptions of Library and Information Science</i>
ELIS	<i>Everyday Life Information Science</i>
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
EPIC	Grupo de Estudos e Práticas Informacionais e Cultura
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICA	Instituto de Ciências da Arte
ICB	Instituto de Ciências Biológicas
ICED	Instituto de Ciências da Educação
ICEN	Instituto de Ciências Exatas e Naturais
ICJ	Instituto de Ciências Jurídicas
ICS	Instituto de Ciências da Saúde
ICSA	Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
IEMCI	Instituto de Educação Matemática e Científica
IFCH	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
IFLA	<i>International Federation of Library Associations and Institutions</i>
IG	Instituto de Geologia
ILC	Instituto de Letras e Artes

INCRA	Instituto Nacional de Reforma Agrária
INEAF	Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares
IQ	Indígenas e Quilombolas
ITEC	Instituto de Tecnologia
NCLIS	<i>National Commission on Libraries and Information Sciences</i>
OMS	Organização Mundial de Saúde
RIUFPA	Repositório Institucional da Universidade Federal do Pará
UFOPA	Universidade Federal do Oeste do Pará
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Sumário

1 INTRODUÇÃO	15
2 PERCURSO METODOLÓGICO	22
2.1 Etapa 1: Sistematização dos temas de pesquisa	23
2.2 Etapa 2: Desenvolvimento da pesquisa	24
2.1.1 Fase 1: Pesquisa Documental	25
2.1.2 Fase 2: Pesquisa Etnográfica	26
2.1.2.1 Questionário	30
2.1.2.2 Entrevista	31
2.1.2.3 Análise Crítica do Discurso	33
2.3 Etapa 3: Triangulação	38
3 ESTUDO DE USUÁRIOS E PERSPECTIVAS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS	40
3.1 Práticas Informacionais	46
a) Modelo Everyday Life Information Science (ELIS)	50
b) Modelo Bidimensional de Práticas Informacionais	52
c) Versão estendida do modelo de McKenzie por Yeoman (2010)	54
d) Modelo de criadores digitais por Mary Ann Harlan (2012).	55
4 COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO - CCI	60
5. QUILOMBOLAS NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO	67
5.1 Quilombolas no Pará	70
5.2 Educação quilombola no Brasil	72
5.3 Acesso de quilombolas ao ensino superior	75
6 PANORAMA DOS DISCENTES QUILOMBOLAS NA UFPA	78
7. OS DESAFIOS DOS ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UFPA	86
7.1 Formação do universo pesquisado	86
7.2 A voz dos quilombolas estudantes de graduação da UFPA	88
7.2.1 Preservação e memória histórica e cultural	90
7.2.2 Formação histórica e cultural relacionada ao ensino superior	94

7.2.3 Transferência de conhecimento.....	99
7.2.4 Preconceito e discriminação	100
7.2.5 Representatividade	104
7.2.6 Acesso à Informação	108
7.2.7 Identificação das Práticas Informacionais	111
7.2.8 Percepção do Pensamento Crítico	115
7.3 As subcategorias sob ótica da Hegemonia e da Ideologia.....	117
7.3.1 Hegemonia	117
7.3.2 Ideologia.....	120
8 COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO X PRÁTICAS INFORMACIONAIS: a realidade dos estudantes quilombolas na UFPA.....	124
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS.....	135
APÊNDICES	147
APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO- GOOGLE FORMS.....	148
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE	151
APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRURADA	153
APÊNDICE D: ENTREVISTAS DOS 16 DISCENTES QUILOMBOLAS	154
DISCENTE 1	154
DISCENTE 2	160
DISCENTE 3	162
DISCENTE 4	163
DISCENTE 5	167
DISCENTE 6	169
DISCENTE 7	175
DISCENTE 8	180
DISCENTE 9	183
DISCENTE 10	186
DISCENTE 11	188
DISCENTE 12	192
DISCENTE 13	195
DISCENTE 14	201
DISCENTE 15	204

DISCENTE 16	208
--------------------------	------------

1 INTRODUÇÃO

Quem somos nós? Podemos afirmar que as desigualdades sociais de hoje são o reflexo da nossa descendência? A resposta a essa pergunta pode estar na história de como ocorreu a formação do povo brasileiro: não diferente de outros povos, sua origem deu-se a partir da junção de várias raças, na qual, de certa forma, a pureza do sangue e a cor da pele tiveram uma grande influência na vida dos seres humanos.

Historicamente, a formação do povo brasileiro teve sua primeira miscigenação com a chegada dos portugueses, que se apoderaram das terras e das mulheres indígenas, nascendo daí os mamelucos. Mais tarde, a “união” passou a ser com as mulheres negras, trazidas da África, pelos colonizadores, para serem escravas no Brasil, dando origem ao mulato, definido, por De Masi (2013, p. 293), como “outro ninguém” livre, mas discriminado, escravo de seu pai, que não reconhecia como filho, considerado negro, mas com alma branca”. Da união das raças que ocorreu no Brasil colonial, resultaram ainda os cafuzos, filhos de negros e índios.

Os negros escravizados tornaram-se mão de obra importante, tanto na lavoura como na mineração. Submetidos a uma vida marcada por castigos letais, os indivíduos que passavam por essas punições serviam de exemplos para outros. De acordo com De Masi (2013, p.294), os escravos eram “juridicamente considerados coisas e não pessoas, portanto seus direitos eram iguais aos de bichos. Em geral, eram considerados pouco inteligentes, psicologicamente instáveis, levados pela sua natureza à submissão.”

Sendo assim, em resposta a nossa pergunta inicial, Ribeiro (1995 *apud* De MASI, 2017) chama atenção para o fato de que é impossível alguém que tenha passado pelas mais terríveis crueldades, durante séculos, não carregar as marcas desse passado de escravidão. O autor expõe de forma bem realista quem somos nós brasileiros:

Todos nós, brasileiros, somos, por igual, a mão possessa que os supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertidas em pastos de nossa fúria. A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar, sevicar e machucar os pobres que lhes caem às mãos. Ela, porém, provocando

crescente indignação nos dará forças, amanhã, para conter os possessos e criar aqui uma sociedade solidária (p. 315).

A citação de Ribeiro reforça que os fatos históricos, infelizmente, refletem até hoje a dura realidade dos negros, repleta de preconceitos e de discriminação, com destaque para a promoção da educação, principalmente no que se refere ao ensino básico, que ainda não está efetivamente presente em comunidades quilombolas: coloca-se essa população à margem de um processo de desenvolvimento, excluída de vários espaços de participação e de cidadania. Mesmo com todas as lutas, o acesso a esses direitos ainda passa pela fragmentação e pelo abandono de suas histórias, de seus valores e de seus territórios de origem, dos vínculos afetivos, da memória, das manifestações simbólicas e dos significados (SANTOS, 2017).

A luta pelo direito a uma educação direcionada aos quilombolas provoca a criação da Resolução nº. 8, de 20 de novembro de 2012, do Ministério da Educação, a qual define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola e inclui como ponto importante a preservação de elementos como: memória coletiva, línguas remanescentes, marcos civilizatórios, marcos culturais, tradições e demais elementos que confirmam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas do país (BRASIL, 2012).

Desse modo, os debates referentes à política de educação superior de grupos sociais considerados excluídos foram conduzidos por grupos e por movimentos sociais com reivindicações por uma educação de qualidade, em respeito ao princípio da igualdade, mediante ações afirmativas, caracterizadas por garantir que esses indivíduos não continuassem a ser discriminados (LIMA *et al.*, 2015).

Em vista disso, várias modalidades de acesso às universidades beneficiaram os quilombolas. Em relação a Universidade Federal do Pará (UFPA), a reserva de vaga ocorreu a partir da Resolução nº. 4.309, de 27 de agosto de 2012, que determina a reserva de duas vagas para alunos quilombolas nos cursos de graduação da Instituição. Salienta-se que, para chegar à essa Resolução, foram necessários debates, iniciados por volta do ano de 2004, tendo à frente o Movimento Negro Paraense e a Pró-Reitoria de Ensino e Graduação da UFPA. Essas representações elaboraram uma proposta com ação afirmativa que deliberava garantias mais democráticas de acesso e de permanência dos grupos étnicos e discriminados aos cursos de graduação da UFPA (CAMPOS, 2016; UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARA, 2012).

Entretanto, somente em setembro de 2013, ocorreu o primeiro Processo Seletivo Especial para quilombolas na UFPA, com início do ano letivo para 2014. Essa demora no cumprimento da Resolução indica barreiras na implementação dessas ações na UFPA. No entanto, é importante ressaltar que esse processo configura um avanço na política de acesso à Universidade. (UFPA, 2012; LIMA *et al.*, 2015; CAMPOS, 2016).

Diante de todas essas evoluções, é sabido que ainda existem muitos desafios a serem vencidos, em particular, a permanência desses alunos no ensino superior, aspecto que necessita de uma compreensão maior por parte das instituições de ensino, pois está relacionado a um conjunto de fatores que cerca a vida desses estudantes, como discriminação, saúde, moradia e renda.

No levantamento bibliográfico realizado para esta pesquisa, foram observados fatores, já mencionados anteriormente, que dificultam a permanência de estudantes quilombolas no ensino superior. Destacam-se três estudos e um Projeto sobre estudantes quilombolas na Universidade. O primeiro é a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação, do Instituto de Ciências da Educação da UFPA, de autoria de Laís Rodrigues Campos, defendida em 2016. A autora faz uma análise das trajetórias, das representações e dos desafios enfrentados para a permanência nos cursos dos estudantes quilombolas ingressos pela reserva de vagas do processo seletivo especial aos cursos de graduação da UFPA.

O segundo é de Mayco Ferreira Chaves, dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal Fluminense, defendida em 2018, a qual aborda a relação de estudantes quilombolas e de estudantes indígenas com a biblioteca da Universidade Federal da Região Oeste do Pará - UFOPA, na cidade de Santarém. É uma reflexão sobre os processos de mediação de informação, nas bibliotecas, em contextos interculturais. São discutidas questões enfrentadas por quilombolas e por indígenas na Universidade, afirmando o autor que essas demandas muitas vezes são silenciadas, negadas ou inviabilizadas. Nas considerações, é observada a falta de diretrizes voltadas para esses alunos.

Outra pesquisa que aborda a temática é de Elma Vital da Silva, dissertação de mestrado, do Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, defendida em 2019. Esse texto relaciona as memórias e as trajetórias formativas de jovens universitários da comunidade quilombola Ilha de São Vicente, Araguatins/TO, investigando o contexto educacional de escolarização de jovens

remanescentes dessa comunidade, quanto ao acesso e à permanência no ensino superior.

No âmbito na UFPA, o Projeto do Instituto de Ciências Sociais - ICSSA, Indígenas e Quilombolas: Conhecimento e Resistência - IQ, desenvolve ações de apoio ao processo de aprendizagem significativa de estudantes indígenas e quilombolas, possibilitando a esses alunos a construção de estratégias para superar as dificuldades vivenciadas nas atividades acadêmicas. O Projeto destaca problemáticas relacionadas ao baixo rendimento desses alunos nas disciplinas, devido à dificuldade de compreensão da literatura obrigatória e exigência das normas de escrita e oralidade.

Nesse sentido, o Projeto tem como objetivo oferecer ações interventivas que colaborem com a permanência e conclusão dos cursos por esses discentes. A atuação do projeto propõe ações em três eixos: Apoio acadêmico para discentes indígenas e quilombolas; Formação nas temáticas: educação intercultural, discriminação, preconceito étnico-racial e racismo; Assessorias às comunidades dos discentes relacionadas aos temas: território, territorialidade e direitos sociais (UFPA, 2020).

A existência desses debates nos trabalhos citados justifica essa pesquisa, pois a carência de ações, os casos de racismo institucional, a falta de diálogo intercultural com comunidades quilombolas e a dificuldade no acesso à informação, dificultam não somente a permanência no ensino superior, mas influenciam a formação de indivíduos críticos e reflexivos, capazes de reivindicar de forma autônoma seus direitos e exercer de forma plena sua cidadania.

Desta forma, a proposta desta pesquisa está vinculada às Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará – UFPA, o conceito dessa abordagem é a interação do sujeito com a informação em diferentes contextos, construídos de forma coletiva e social (ARAÚJO, 2013). Diante disso, identificar a vivência desses discentes dentro da universidade e na vida cotidiana nas comunidades torna-se relevante para compreender a complexidade das temáticas étnico-raciais e assim estimular discussões que fortaleçam a abordagem social das Práticas Informacionais na Ciência da Informação.

Em vista disso, a Competência Crítica em Informação se desenvolve a partir de aprendizado ao longo da vida e do pensamento crítico. Acredita-se que as Práticas

Informacionais desenvolvidas pelos estudantes quilombolas podem contribuir com a construção de alternativas para o enfrentamento das desigualdades sociais.

A escolha dessas duas temáticas, é justificada pelos fatos de ambas referenciam questões coletivas dentro de um contexto e contribuem para discussões e para ações contra a discriminação social, a marginalidade e a violência. Essa afirmativa corrobora com o pensamento de Olsson (2013), o qual evidencia a relação das Práticas Informacionais com seu contexto de forma muito intrínseca e a geração de conhecimento, a partir de crenças e de práticas interpretativas, compartilhadas por determinadas comunidades ou grupos específicos.

Analisar as práticas informacionais de estudantes quilombolas da UFPA significa ressaltar o compromisso da Instituição com a produção de conhecimento e com a responsabilidade social. Não é considerar somente o acesso ao ensino superior como democratização, mas ir além, isto é, construir ações que assegurem a permanência e a legitimidade desse grupo historicamente excluído. Sendo assim, acredita-se que as Práticas Informacionais desenvolvidas por estudantes quilombolas no ensino superior proporcionam uma interação participativa com a história da Instituição.

As informações geradas por pesquisas que abordam essa temática na Ciência da Informação visam estimular a produção científica, uma vez que, foram constatados poucos estudos sobre o tema. Nesse sentido, os resultados dessa pesquisa contribuirão para avaliar as ações realizadas, ampliar discussões sobre a trajetória, a inserção, o reconhecimento e a preservação da identidade dos sujeitos em questão.

A relevância pessoal consiste no interesse em manter uma aproximação por temáticas que tivessem um comprometimento social, direcionada para grupos sociais menos abordados em estudos que relacionam o contexto da vida acadêmica. Considerando minha formação em Biblioteconomia, acredito que a informação é um elemento que está presente no meu cotidiano sob diversos contextos, nos quais as necessidades informacionais se apresentam de acordo com ponto de vista do usuário.

Sendo assim, após participar do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), e conhecer o quanto a Ciência da Informação pode desenvolver pesquisas com diversas abordagens sociais, investiguei junto com minha orientadora um tema em que pudéssemos reunir estudantes da UFPA, não como usuários de biblioteca na busca de informações, mas como indivíduos que necessitam de informação para assegurar seus direitos sociais e acima de tudo contribuir para a

preservação de sua história e cultura. Acredito que como profissional da informação é meu papel incentivar ações e criar oportunidades para que a informação seja um elemento compartilhado por todos.

Contudo, a análise das Práticas Informacionais, discorre questões acerca dos aspectos fundamentais emanados da vida cotidiana do sujeito, como memória, cultura e história de uma comunidade tradicionalmente marcada por conflitos e por negação de seus direitos. Assim, os estudos de usuários no campo da Ciência da Informação, com uma tendência voltada para uma abordagem social, possibilitam criar perspectivas para análise do fenômeno informacional, com reflexões mais complexas sobre os sujeitos.

Por outro lado, é importante destacar a pluralidade de indagações que essa abordagem pode provocar a respeito de como a Universidade Federal do Pará considera o conhecimento tradicional dos alunos quilombolas e a sua importância no processo de interação, sem que haja necessidade de ruptura com o aprendizado adquirido ao longo de sua vida cotidiana. A partir desses pressupostos, surge a questão norteadora desta pesquisa: De que forma as Práticas Informacionais contribuem para minimizar as diversas necessidades informacionais dos alunos quilombolas da UFPA, considerando a sua trajetória histórica e cultural.

Diante do exposto, esta pesquisa tem como **objetivo geral** realizar uma análise, dentro de um contexto histórico, social e cultural, das Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas da UFPA, com o intuito de contribuir para a elaboração de ações práticas que desenvolvam o pensamento crítico nesses sujeitos.

Para alcançar o objetivo principal, é necessário decompô-lo em **objetivos específicos**:

- Sistematizar o referencial teórico acerca das temáticas da pesquisa;
- Identificar os estudantes quilombolas de graduação da UFPA;
- Verificar as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas;
- Compreender como a Competência Crítica em Informação, dentro do contexto pesquisado, pode contribuir com o as Práticas Informacionais.

Os questionamentos apresentados se mostram relevantes, pois, à medida que os estudantes são recebidos na Universidade, ações precisam ser criadas ou reformuladas. Desse modo, essa proposta de investigação contribui com a Ciência da

Informação, na ampliação de estudos relacionados à informação, dentro de uma abordagem social e crítica.

Esta dissertação está organizada em nove capítulos, o primeiro corresponde a esta **Introdução** que apresenta o tema e a definição da problemática, bem como os objetivos geral e específicos, a justificativa para a realização dos estudos, ressaltando as motivações pessoais, a relevância social e científica da investigação.

No capítulo 2 é descrito o **Percorso Metodológico**, que foi dividido em três etapas, Sistematização dos temas da pesquisa, Desenvolvimento da pesquisa e Triangulação dos resultados. As etapas foram desenvolvidas por meio de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa etnográfica. Como ferramenta para a coleta de dados utilizou-se o questionário no *Google forms* e a entrevista semiestruturada, a interpretação dos resultados foi baseada na análise crítica do discurso.

Os capítulos 3 e 4 apresentam respectivamente a **revisão bibliográfica** sobre Estudo de usuários e as perspectivas das Práticas Informacionais e Competência Crítica em Informação. O capítulo 5 apresenta uma **contextualização acerca dos povos quilombolas**: um breve histórico dos quilombolas e suas lutas, com destaque para quilombolas no Pará, a educação quilombola no Brasil, o acesso de quilombolas ao ensino superior, especificamente na Universidade Federal do Pará.

No sexto capítulo é exposto o **Panorama dos discentes quilombolas na UFPA**, com informações sobre o quantitativo desses alunos na instituição, cursos e locais de estudo. O capítulo 7 apresenta **os desafios dos estudantes quilombolas na UFPA**: o percurso de formação do universo pesquisado e o discurso dos quilombolas participantes da pesquisa.

No oitavo capítulo apresenta-se a **triangulação dos resultados** da pesquisa, desenvolvida com base na pesquisa bibliográfica, documental e etnográfica e discutida sob as relações estabelecidas entre as Práticas Informacionais e a Competência Crítica em Informação. Por fim são apresentadas as **considerações finais** acerca da pesquisa desenvolvida sobre as práticas informacionais de estudantes quilombolas da UFPA.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico que ora se apresenta, está em concordância com a questão central que norteia essa pesquisa e com os objetivos geral e específicos apresentados.

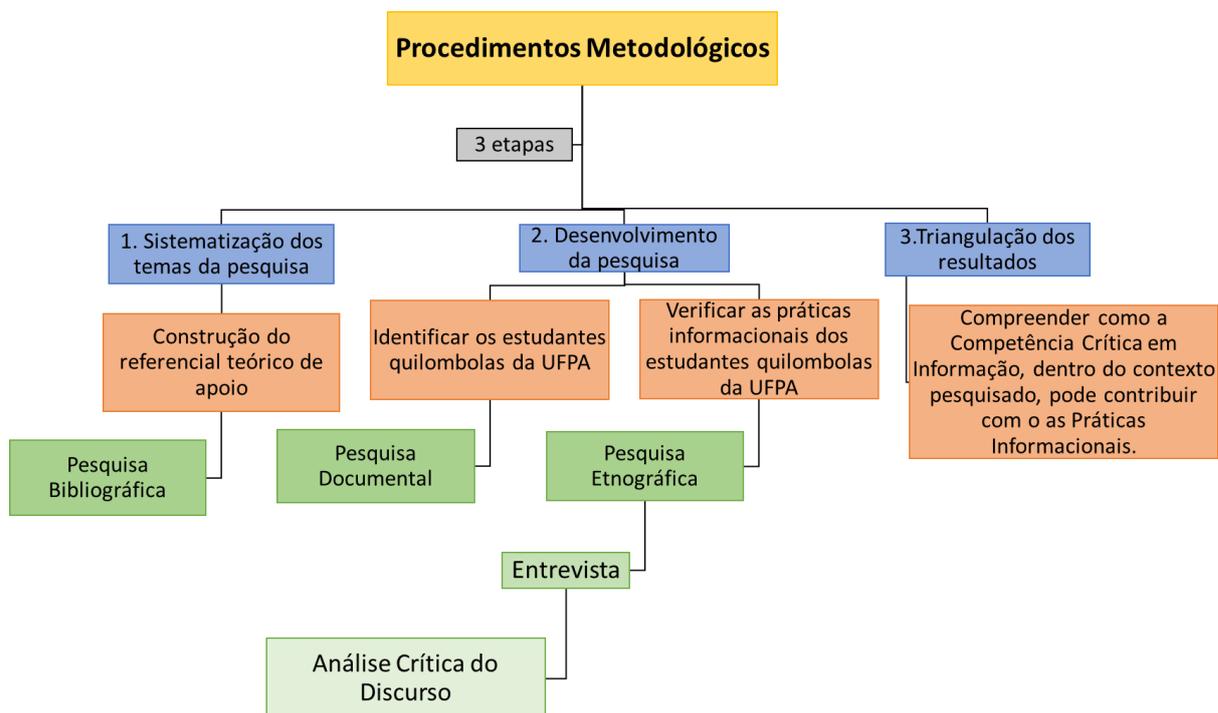
O presente estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, que tem como base as descrições e interpretações da realidade social, possibilitando uma maior interação com os sujeitos para a obtenção de informações e conhecimento a respeito do cotidiano, atitudes e crenças ligadas a um determinado grupo social. São valores relevantes que não podem ser quantificados (MINAYO, 2008).

É possível caracterizar a pesquisa qualitativa como um modelo que não segue diretrizes preestabelecidas, mas possibilita que o pesquisador faça uma adequação dos métodos e teorias no decorrer da pesquisa, uma vez que as análises podem gerar diferentes perspectivas e reflexões. Salienta-se que ao examinar uma variedade de aspectos do processo social, a pesquisa qualitativa oferece recursos que expressam de forma espontânea o pensamento dos sujeitos por meio da compreensão de sua fala e de seu discurso (MAGALHAES; MARTINS; RESENDE, 2017)

Para alcançar os objetivos propostos foram adotados três procedimentos que irão conduzir e verificar de forma empírica o fenômeno em estudo: a Pesquisa Bibliográfica, a Pesquisa Documental e a Pesquisa Etnográfica. O campo empírico de estudo é a Universidade Federal do Pará e os sujeitos da pesquisa são os discentes quilombolas, com matrículas ativas em cursos de graduação, nos anos de 2017 a 2020.

Para uma melhor compreensão sobre o delineamento da pesquisa, a Figura 1 apresenta os procedimentos metodológicos, fundamentados no objetivo geral e nos objetivos específicos. São três as etapas: sistematização dos temas da pesquisa, desenvolvimento da pesquisa e triangulação.

Figura 1 – Procedimentos metodológicos



Fonte: Elaborado pela autora

Conforme apresentado na figura 1, para alcançar os objetivos propostos foram desenvolvidos três tipos de procedimentos de pesquisa: bibliográfica, documental e etnográfica. A realização das duas primeiras etapas é que possibilitará a realização da última etapa, a triangulação.

2.1 Etapa 1: Sistematização dos temas de pesquisa

A primeira etapa da pesquisa, nomeada como sistematização dos temas de pesquisa foi desenvolvida por meio da Pesquisa Bibliográfica, considerando que toda pesquisa deve ter o apoio e o embasamento bibliográfico, para que não se desperdice tempo com um problema que já foi solucionado e possa chegar à conclusões inovadoras. Como qualquer outro tipo de estudo, a Pesquisa Bibliográfica segue um longo roteiro de etapas, a sua ordenação sequencial depende de muitos fatores, como: a natureza do problema, o nível de conhecimentos sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa, entre outros. Assim, qualquer tentativa de apresentar um modelo para desenvolvimento de uma pesquisa bibliográfica é arbitrário (MARCONI; LAKATOS 2010).

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir da reunião de obras de toda natureza constituindo um conjunto de conhecimentos. O levantamento abrange informações básicas sobre os aspectos da pesquisa, que direta ou indiretamente tem relação com a temática e gera um amplo instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa. Portanto pode ser entendida como um processo que envolve as etapas de: a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assunto; e) busca das fontes; f) leitura do material; fichamento; h) organização lógica do assunto; i) redação do texto (GIL, 2008)

De acordo com as reflexões apresentadas a pesquisa bibliográfica desta investigação envolveu todo o referencial teórico, que inicialmente procurou evidenciar o percurso teórico dos Estudos de Usuários, enfatizando as Práticas Informacionais. Também contemplou uma discussão em torno da Competência Crítica em Informação, e por fim estruturou um esboço sobre a trajetória histórica dos negros até uma exposição sobre as comunidades quilombolas e seus remanescentes, dando enfoque para o acesso de quilombolas ao ensino superior.

A efetivação da Pesquisa Bibliográfica que resultou na sistematização dos temas da pesquisa se deu por meio do levantamento bibliográfico de documentos disponibilizados em bases de dados, como o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; a Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação – BRAPCI e o Repositório Institucional da Universidade Federal Pará – UFPA, além do Anais do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB. A seleção usou o critério de buscar estudos com os termos: Estudos de Usuários, Práticas Informacionais, Competência Crítica em Informação, Quilombos e Comunidades Remanescentes de Quilombos e Ensino Superior. Na sequência, foram realizados a análise e o fichamento do material para dar início à escrita do referencial teórico desta dissertação.

2.2 Etapa 2: Desenvolvimento da pesquisa

Em preparação para a coleta de dados, havia o plano de manter uma relação mais próxima com os alunos quilombolas, para interagir e para ampliar conhecimentos sobre eles. Essa fase seria realizada por meio de visitas, de conversas e de

observações, na Associação dos Discentes Quilombolas da UFPA, e, como voluntária, no Projeto de Extensão "IQ: conhecimento e resistência", da UFPA.

Entretanto, em março de 2020, fomos surpreendidos por uma pandemia, o SARS Covid-19, obrigando toda população a tomar as providências cabíveis e necessárias para conter a propagação do vírus e, conseqüentemente, salvar vidas. A recomendação da Organização Mundial de Saúde – OMS foi que a sociedade fizesse um isolamento social. Devido a isso, as instituições de ensino foram obrigadas a interromper o percurso das aulas e outras atividades sem data definida para a retomada de suas atividades presenciais.

Diante de um cenário pandêmico, buscou-se estratégias que possibilitaram construir metodologias adaptáveis a várias circunstâncias empíricas, sem abandonar o objetivo que foi proposto na pesquisa. Portanto, utilizou-se como instrumentos para cada coleta de dados: um formulário do *Google Forms* e uma entrevista semiestruturada, realizada por meio de recursos tecnológicos, como a internet e seus aplicativos, no intuito de preservar a saúde, tanto do pesquisador, como dos entrevistados.

Visando subsidiar a compreensão sobre os sujeitos esta etapa foi dividida em duas fases: a primeira fase relacionada à Pesquisa Documental, com a utilização de dados do mapeamento dos sujeitos, e a segunda fase a Pesquisa Etnográfica, que consistiu na identificação dos sujeitos pela aplicação do questionário e da entrevista semiestruturada.

2.1.1 Fase 1: Pesquisa Documental

A Pesquisa Documental, de acordo com Marconi e Lakatos (2010), segue as mesmas etapas da Pesquisa Bibliográfica, no entanto, as fontes utilizadas são as primárias, pois, com a utilização de documentos que ainda não passaram por análise ou que ainda não foram sistematizados. Essa pesquisa pode servir de instrumento complementar para as investigações, pois utiliza técnicas variadas para a compreensão e para a análise de documentos.

É o caso das pesquisas elaboradas mediante a documentos de natureza quantitativa que abrange uma fonte valiosa de dados, em função de sua natureza e dos procedimentos que serão adotados para a sua interpretação. Destaca-se como vantagens da pesquisa documental: a falta de altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Convém lembrar

que algumas pesquisas elaboradas com base em documentos são importantes não porque respondem definitivamente a um problema, mas porque proporcionam melhor visão desse problema (GIL, 2008)

Em virtude desses fundamentos e para subsidiar a compreensão do contexto na identificação dos sujeitos da pesquisa, foi solicitado ao Centro de Registro e Indicadores Acadêmicos da UFPA – CIAC um mapeamento dos estudantes quilombolas no período de 2017 a 2020. Esse documento apresentou o quantitativo de alunos e sua distribuição nos cursos de graduação da Instituição. De posse desses dados, fez-se uma análise minuciosa, cujos resultados demonstraram um vasto número de sujeitos e uma grande dimensão de locais em que eles se encontram. Diante disso, optou-se por fazer um recorte na escolha dos sujeitos, na qual o critério foi a matrícula ativa nos cursos da Instituição.

2.1.2 Fase 2: Pesquisa Etnográfica

A Pesquisa Etnográfica tem suas raízes na Fenomenologia e abrange estudos relacionados com as desigualdades sociais e com os processos de exclusão. Nesse sentido, possibilita uma linha de estudos voltada para o exploratório em razão de o pesquisador observar os sujeitos de forma abrangente para identificar o significado de seu cotidiano, isto é, como os indivíduos organizam suas experiências de vida em outros contextos (MATTOS, 2011). Dessa forma, Mattos (2011) enfatiza que, em decorrência desses estudos citados, a Pesquisa Etnográfica resulta em três pontos importantes:

1. preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura;
2. Introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais;
3. Preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado (MATTOS, 2011, p.50).

Ainda como compreensão da Pesquisa Etnográfica, Angrosino (2009, p. 30) faz a seguinte reflexão: “a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”. Essa afirmação corrobora com as origens dessa abordagem, que foi desenvolvida para investigar uma pequena parte da sociedade, com o propósito de levantar dados sobre suas tradições culturais. Por conseguinte, a sua evolução

permite que atualmente se explore outros tipos de populações em qualquer circunstância.

É oportuno destacar algumas características da etnografia citadas por Angrosino (2009), como: **investigação de campo**, relacionada ao local em que as pessoas habitam; **investigação personalizada**, que é a observação face a face (pesquisador e participante); **investigação multifatorial**, aplicação de duas ou mais técnicas de coleta de dados, com a finalidade de fazer uma triangulação; **investigação indutiva**, que apresenta uma grande quantidade de detalhes descritos; **investigação dialógica**, quando o pesquisador conduz as discussões na medida em que elas vão se formando; e **investigação holística**, que é mostrar o retrato mais completo do grupo em estudo.

Nesse sentido, é importante ressaltar o papel dessa abordagem na construção do conhecimento nas Ciências Sociais, sobretudo, na interação do pesquisador com as culturas sociais objeto das investigações. Sendo assim, o emprego das técnicas de observação participante, entrevista não-diretiva, diário de campo e técnica da descrição etnográfica possibilitam ao pesquisador identificar qual o melhor delineamento a ser adotado para a participação dos sujeitos (ROCHA; ECKERT, 2008).

A ideia defendida pela etnografia de buscar a interpretação dos significados da cultura de grupos sociais faz uma aproximação com a Ciência da Informação e, ao mesmo tempo, amplia as práticas de pesquisa, dando um sentido inovador às trajetórias metodológicas dessa ciência. Contudo, os estudos etnográficos no campo da Ciência da Informação, segundo Bufrem (2009, p. 432), necessitam de maior desenvolvimento para estimular a construção de um conhecimento sociológico, tanto para a Ciência da Informação, como para outras ciências. Essa autora afirma:

Sob o aspecto epistemológico, mais precisamente voltado à relação entre pesquisador e pesquisado, esse tipo de abordagem enseja a interação entre ambos, descartando-se a ideia do domínio de um sobre outro, o que se aplica de modo especial à Ciência da Informação, cujos objetos e problemas revelam e renovam essas relações na prática da pesquisa.

Com base nos estudos citados na discussão, conclui-se que a etnografia é uma abordagem com flexibilidade para se adaptar e para se expandir para outras áreas das ciências, sem deixar de lado o fundamento da interação social entre pesquisador e objeto de estudo. Além disso, colabora com a Ciência da Informação para expansão

das pesquisas qualitativas com abordagem etnográfica, sejam elas em ambientes físicos ou virtuais (MARTINEZ; ALCARÁ; MONTEIRO, 2019). Realizar esta pesquisa ressaltando elementos históricos, culturais e sociais dos estudantes quilombolas em diferentes contextos, mostra que este estudo está em concordância com os objetivos da etnografia.

A etnografia não deve ser entendida apenas como uma coleta de dados, mas como uma possibilidade de construção de novas formas de interpretar os fenômenos sociais, comportamentos e interações dos grupos sociais. Por isso, convém ressaltar que a aplicação de diferentes técnicas de pesquisa no estudo das Práticas Informacionais de estudantes quilombolas da UFPA refletem uma realidade concreta vivenciada por esses sujeitos, que chegam ao ensino superior com a problemática de uma educação que lhe foi sempre negada.

Considerando a totalidade da população quilombola na UFPA, 2148 estudantes distribuídos em toda a UFPA, aliado às condições sanitárias, optou-se pela técnica de amostragem não probabilística para definição do corpus a ser investigado.

A técnica de *Snowball, Sampling* traduzida como Amostragem Bola de neve, configura-se como uma forma de amostragem não probabilística que é utilizada em pesquisas sociais, quando inexistente a possibilidade de determinar a seleção dos participantes da pesquisa, ou quando se tem dificuldade em ter acesso a determinadas comunidades. Essa técnica se caracteriza por apresentar uma amostragem em cadeias de referências, na qual os indivíduos, representados na literatura como “sementes”, indicam os participantes da pesquisa, que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto, que seria o ponto de saturação (BALDIN; MUNHOZ, 2011; VINUTO, 2014).

De acordo com Baldin e Munhoz (2011) o ponto de partida para localizar os participantes seria solicitar a intermediação das “sementes” que auxiliam o pesquisador a iniciar uma comunicação com os participantes do grupo pesquisado. Em seguida, solicita-se às pessoas indicadas pelas “sementes” que, a partir de sua rede social pessoal, indiquem novos possíveis participantes que se encaixem no perfil desejado. Possibilitando dessa forma que a amostragem possa aumentar a cada entrevista, até atingir o interesse do pesquisador de acordo com o seu objetivo.

Essa técnica envolve um tempo maior de coleta, pois depende do contato dos participantes na rede. A escolha de sujeitos por meio da “bola de neve” a partir dos

informantes “sementes”, permite que os pesquisadores se aproximem da população investigada além de fornecer subsídios para a elaboração dos instrumentos de pesquisa que futuramente possam ser incorporados à investigação, como por exemplo, a entrevista (BALDIN; MUNHOZ, 2011).

A construção do corpus da pesquisa foi delineada para dar voz ao discurso dos discentes quilombolas, uma vez que ao definir o corpus de uma pesquisa ela deve considerar um critério tanto de confiabilidade como de validade, Minayo (2010) ressalta que o tamanho das amostras não se revela um aspecto tão importante se for considerado que houve a saturação de dados. Isto é, a não ocorrência de novos relatos no processo de coleta de dados por meio da saturação das respostas das entrevistas, e que não apresentaram contribuições significativas para a análise de dados e conclusões dos estudos.

No entanto para Bauer e Gaskell (2008, p. 57) existem outros fatores a serem considerados pelos pesquisadores na construção do corpus na pesquisa qualitativa, como: a relevância, a homogeneidade e a sincronicidade dos materiais que configuram o corpus. Ainda de acordo com esses autores:

O tamanho do corpus deve levar em conta o esforço envolvido na coleta de dados, na análise e o número de representações que se pretende caracterizar. Tempo é primordial, uma vez que há uma tendência de se coletar mais material do que se possa lidar, o que resulta na criação de “porões de dados”, ou seja, materiais que foram coletados, mas nunca de fato utilizados. Com obviedade, os autores não renunciam a necessidade de um corpus ser representativo da população estudada, contudo, indicam que essa total representação é utópica, vista não propriamente a dificuldade de se desenhar esse corpus, mas de tornar esses materiais comparáveis e acessíveis à análise.

Além disso é necessária uma percepção dos pesquisadores para entender quando todos os dados das categorias estiverem saturados, isso ocorre quando: 1) nenhum dado novo ou relevante emerge; 2) todos os caminhos tenham sido seguidos; 3) quando a história ou a teoria está completa. Assim, a saturação ocorre mediante a robustez de todas as categorias de pesquisa, seja no campo empírico ou teórico. No entanto, nos estudos em que o corpus é composto por entrevistas em profundidade, a saturação ocorre quando os relatos dos entrevistados começam a apresentar aspectos que já são do conhecimento do investigador, provocando uma rarefação de informações novas ((MINAYO; ASSIS; SOUZA 2006, FONTANELLA; RICAS; TURATO, 2008).

De acordo com a fundamentação metodológica apresentada, para compor o corpus desta pesquisa, escolheu-se como "sementes", as lideranças da ADQ e do Projeto IQ, além de professores e alunos que formaram assim, a cadeia de referência. Conforme a ampliação da rede ou uma quebra na disseminação, era solicitado a colaboração dos próprios sujeitos para indicar mais sujeitos. Dessa forma, o tempo de coleta de dados demandou mais tempo do que o planejado.

2.1.2.1 Questionário

O questionário refere-se a uma obtenção de forma mais prática e eficiente de técnicas de coleta de dados. Dentre as suas vantagens destaca-se a facilidade de aplicação nos mais diversos segmentos, possibilita a obtenção de dados facilmente tabuláveis e quantificáveis, permite alcançar um maior número de pessoas; é mais econômico; a padronização das questões possibilita uma interpretação mais uniforme dos respondentes, o que facilita a compilação e comparação das respostas escolhidas, além de assegurar o anonimato ao interrogado.(MARCONI; LAKATOS, 2010)

O questionário utilizado nessa fase da pesquisa teve o intuito de identificar estudantes com condições de participar da próxima fase do estudo, a entrevista. Assim, desenvolveu-se um primeiro instrumento (Apêndice A) no *Google forms*, com perguntas preliminares, que indicasse qual a forma mais viável para a realização da entrevista semiestruturada.

A estratégia utilizada para que o formulário chegasse até os sujeitos, foi contactar as lideranças da Associação de Discentes Quilombolas da UFPA- ADQ; Projeto Indígenas e Quilombolas- ICSA/UFPA; Professores e Alunos que pertenciam para que fizessem a mediação na disseminação do *link* do formulário para os estudantes quilombolas.

Os resultados desse primeiro questionário, subsidiaram a construção do corpus efetivo da pesquisa. Passou-se então para um contato mais próximo via e-mail e *whatsapp* a fim de estabelecer maior proximidade e assim combinar o agendamento da entrevista, considerando que os alunos ainda que demonstrassem interesse em participar da pesquisa, dependiam de condições alheias à suas vontades, principalmente com relação ao acesso à internet e à compatibilidade de dia e horário, uma vez que as entrevistas seriam realizadas por videoconferência e por *whatsapp*.

2.1.2.2 Entrevista

Como técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante utilizada nas pesquisas sociais. Tem como característica uma maior flexibilidade pois podem ser abordados vários aspectos dos sujeitos e uma maior abrangência e eficiência na obtenção dos dados (GIL, 2008).

As entrevistas semiestruturadas são baseadas em um roteiro constituído de questões feitas verbalmente e que se diferenciam no modo de questionar do entrevistador e da característica de cada entrevistado. Essa observação é facilmente identificada em grupos sociais que sofrem algum tipo de discriminação ou preconceito, pois cada indivíduo tem a sua vivência e uma forma de descrever suas práticas sociais.

De acordo com Flick (2009), a entrevista *on-line* é um recurso realizável e com validade científica, desde que siga algumas adaptações para aplicação no ambiente da internet. A sua organização pode ser de forma síncrona, ou seja, o pesquisador interage com o participante por meio de *chat* ou videoconferência *on-line* para troca de perguntas e respostas. As pesquisas baseadas em estratégias de coleta de dados *on-line* são uma realidade, no entanto, trazem desafios ao pesquisador, pois este necessita conhecer e dominar as ferramentas a serem utilizadas para que possa orientar o entrevistado e conduzir a entrevista com precisão.

No Quadro 1 estão apresentados os critérios para a elaboração das questões relacionadas ao roteiro da entrevista semiestruturada composto de itens relacionados ao perfil acadêmico e sociocultural de cada sujeito; a visão sobre o ensino superior e suas perspectivas; a influência das informações nos diversos contextos e identificar as Práticas Informações.

Quadro 1 – Critérios para a Elaboração da Entrevista

OBJETIVOS	REFERENCIAL TEÓRICO	QUESTÕES
Identificar os estudantes quilombolas da UFPA.	UFPA/CIAC (2020)	Qual seu curso e o ano de ingresso na Instituição?
Analisar dentro de um contexto histórico, social e cultural, as práticas informacionais dos estudantes quilombolas da UFPA e suas perspectivas sobre o ensino superior.	Campos (2016) Chaves (2018) Silva (2019) Savolainen (1995) Courtright (2007) Heller (1992) Mckenzie (2003)	Enquanto remanescente de uma comunidade quilombola, fale sobre a sua história/cultura e sobre sua vivência. Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para a sua comunidade?

	Ferreira (2019) Aquino (2008) Feres Junior (2014)	Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição? Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?
Verificar as práticas informacionais dos estudantes quilombolas, identificar as dificuldades de acesso à informação	Savolainen (1995) Courtright (2007) Heller (1992) Mckenzie (2003) Bourdieu (1983, 2003) Ferreira (2019) Araújo (2012, 2017, 2019) Rocha; Gandra (2018) Marteleto (1994)	Qual a importância da informação pra você e para a sociedade? Como você faz para se manter informado? Você costuma verificar a veracidade das informações?
Compreender como a Competência Crítica em Informação, dentro do contexto pesquisado, pode contribuir com as Práticas Informacionais	Heller (1992) Bourdieu (1983, 2003) Schneider (2019) Pereira (2016) Lima (2015) Dudziak (2003) Furtado (2019) Brisola; Romeiro (2018) Bezerra; Schneider; Saldanha (2019)	Você considera que a informação tem o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma? Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social? Qauais suas perspectivas?

Fonte: Elaborado pela autora

Dos 18 sujeitos que confirmaram agendamento da entrevista, dois não foram entrevistados por problemas com a internet e contaminação pelo coronavírus, não houve a intenção por parte desses sujeitos em remarcar a entrevista. E devido ao prazo da pesquisa, a coleta de dados precisava ser encerrada. Desta forma, 16 entrevistas foram realizadas, seguindo um roteiro semiestruturado com 12 questões relacionadas aos objetivos da pesquisa (Apêndice C).

2.1.2.3 Análise Crítica do Discurso

Esta pesquisa recorreu para a análise dos dados a Análise Crítica do Discurso (ACD), essa abordagem metodológica segue as propostas defendidas por Norman Fairclough (2001a), em que o discurso se baseia na análise tridimensional, isto é o discurso pode ser entendido como Texto, como Prática discursiva e como Prática social. As bases teóricas que influenciaram o pensamento desse autor destacam a sua formulação em analisar as práticas sociais partindo de um conceito central de ideologia e de hegemonia, enquanto a prática discursiva parte de um conceito caracterizado por uma intertextualidade (FAIRCLOUGH, 2001a).

A ACD tem seu início por volta de 1990, com discussões teórico e metodológico de um grupo de autores Teun van Dijk, Norman Fairclough, Gunther Kress, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak que pretendiam criar um método dinâmico para analisar a linguagem, de forma crítica, desde as teorias linguísticas às ciências sociais (PEDROSA; OLIVEIRA; DAMACENO, 2010).

Os fundamentos teóricos da ACD, de Fairclough tiveram grandes influências da **Linguística sistêmica de Halliday**, teoria que considera a linguística na forma como ela é, configurada pelas funções sociais que deve atender; o **Marxismo Ocidental**, mais especificamente da Escola de Frankfurt que enfatiza aspectos culturais da vida social ao entender que as relações de dominação e exploração são determinadas e perpetuadas cultural e ideologicamente; **Michael Foucault**, que definiu o discurso, não apenas a linguagem, mas como um sistema que tem como objetivo controlar a sociedade através da regulação do saber e do exercício do poder; **Mikhail Bakhtin**, que foi o primeiro a propor uma teoria linguística de ideologia, para ele a linguagem é sempre usada de forma ideológica, e a noção de gênero deste autor diz respeito aos vários tipos de textos presentes em uma determinada cultura (TILIO, 2010, p. 89).

Diante dessas teorias, esse modelo teórico-metodológico abrange diversas práticas na vida social, em busca de encontrar nos discursos uma forma para romper o controle ideológico que impõem desigualdades, preconceitos e dominação existentes nas práticas sociais. Nesse sentido as ideias de Fairclough (2001a, p. 91) expressam que o discurso:

É moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis, como classe e outras relações sociais, em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como direito à educação[...]. O discurso contribui para a constituição de todas as

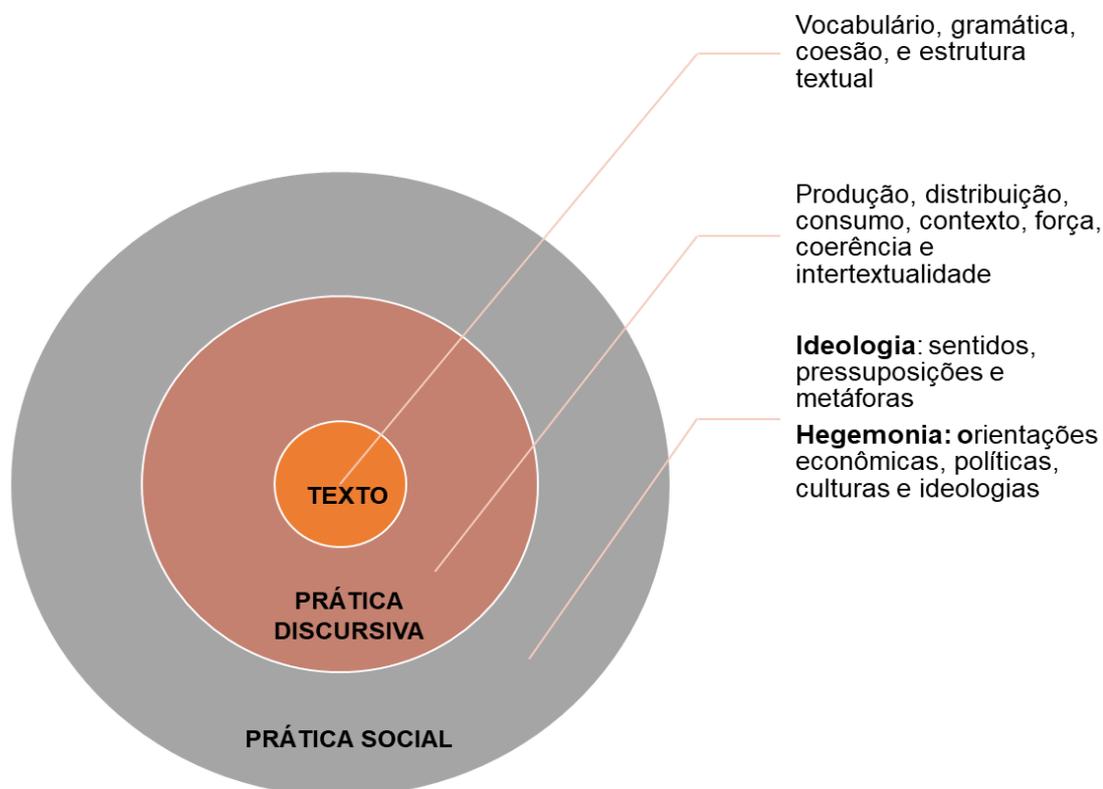
dimensões da estrutura social, direta ou indiretamente, o moldam e que restringem suas próprias normas e convenções, é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo-se e construindo o mundo em significados (FAIRCLOUGH, 2001a, p. 91)

O modelo tridimensional desenvolvido por Fairclough (2001, p. 100), sugere que a partir de qualquer evento ou exemplo de discurso pode ser considerado, simultaneamente, um texto (análise linguística), um exemplo de prática discursiva (análise da produção e interpretação textual) e um exemplo de prática social (análise das circunstâncias institucionais e organizacionais do evento comunicativo). Além disso, essa concepção tridimensional reúne três tradições analíticas que não se apresentam de forma clara a distinção entre “descrição” (análise textual) e “interpretação” (prática discursiva). O autor ainda ressalta que os processos produtivos e interpretativos devam ser considerados na análise da prática discursiva, embora se envolvam também, os aspectos formais do texto.

É importante observar que o modelo tridimensional requer a inclusão de perspectivas como: a multidimensional, a multifuncional e a histórica. A primeira, para avaliar as relações entre mudança discursiva e social e, também, para relacionar as propriedades particularizadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos; a segunda, a multifuncional, para averiguar as mudanças nas práticas discursivas que contribuem para mudar o conhecimento, as relações e identidades sociais; e a histórica, para discutir a “estruturação ou os processos ‘articulatórios’ na construção de textos e na constituição, em longo prazo, de ‘ordens de discurso’”(FAIRCLOUGH, 2001a, p. 27)

As categorias analíticas propostas por Fairclough (2001a, p. 103) em seu modelo tridimensional podem ser agrupadas de modo que as dimensões não devem ser consideradas como um padrão rígido, mas como uma indicação norteadora que auxiliará na análise.

Figura 2 - Modelo tridimensional de Fairclough



Fonte: Elaborado pela autora (2021), adaptado de Fairclough (2001a)

O modelo em questão (Figura 2), divide as dimensões em categorias, assim a Análise Textual relaciona **o vocabulário**, que trata das palavras individuais, neologismos e lexicalizações; **a gramática**, das palavras combinadas com frases; **a Coesão**, trata das ligações entre as frases, através de mecanismos de referências de palavras de mesmo campo semântico; **a Estrutura textual**, refere-se às propriedades organizacionais do texto em larga escala, às maneiras e à ordem em que elementos são combinados (RESENDE; RAMALHO, 2004).

Por conseguinte, as Práticas discursivas propõem que examinemos os textos no que diz respeito à sua produção, distribuição e consumo, com atenção especial aos fatores de coerência textual, da ação interpretativa das particularidades intertextuais e interdiscursivas da amostra. A análise da prática social está relacionada aos aspectos **ideológicos** e **hegemônicos** na instância discursiva analisada e é capaz de reproduzir as relações sociais de poder. E Na categoria de ideologia, observam-se os aspectos do texto que podem ser investidos ideologicamente, como os sentidos das palavras, as pressuposições, as metáforas, o estilo. E a categoria hegemonia, observam-se as orientações da prática social, que podem ser orientações

econômicas, políticas, ideológicas e culturais. Procura-se investigar como o texto se insere em focos de luta hegemônica, colaborando na articulação, desarticulação e rearticulação de complexos ideológicos (RESENDE; RAMALHO, 2004)

A representação analítica para ACD demonstra uma combinação de elementos relacionais com elementos dialéticos e foi modelada com base no conceito de apreciação crítica explicatória do teórico crítico de Roy Bhaskar (FAIRCLOUGH, 2001b, p. 122):

1. Dar ênfase em um problema social que tenha um aspecto semiótico.
2. Identificar obstáculos para que esse problema seja resolvido, pela análise:
 - a. Da rede de práticas no qual está inserido;
 - b. Das relações de semiose com outros elementos dentro das práticas particulares em questão;
 - c. Do discurso (a semiose em si): i. Estrutura analítica: a ordem de discurso; ii. Análise interacional; iii. Análise interdiscursiva; iv. Análise linguística e semiótica;
3. Considerar se a ordem social (a rede de práticas) em algum sentido é um problema ou não;
4. Identificar maneiras possíveis para superar os obstáculos;
5. Refletir criticamente sobre a análise (1-4).

As reflexões sobre ACD apresentada por Norman Fairclough, permite a construção de um compromisso crítico no mundo contemporâneo, e implica dizer que o discurso é um instrumento dialético das práticas sociais, e pode facilitar ou dificultar as mudanças sociais, culturais e educacionais, considerado um aspecto de transformações sociais. Além disso, o discurso viabiliza a inserção ou exclusão do indivíduo na sociedade, por meio das interações sociais e que se faz presente nas Práticas Informacionais.

Para ressaltar o quanto as práticas sociais influenciam e estão relacionadas às práticas informacionais, Harlan (2012); Mckenzie (2003); Savolainen (2007) afirmam que as práticas informacionais são fundamentadas em um paradigma socioconstrucionista, no qual os processos de busca, uso e compartilhamento das informações são entendidas como práticas sociais, em complemento a esses autores, Marteleto (1995), concebe que o movimento dialético presente na sociedade e que

interfere nos significados, discursos, símbolos e signos, fazem uma constante mediação dos sujeitos com a informação.

Portanto a ACD é um modelo de análise que se mostra pertinente à realidade social, cultural e histórica dos discentes quilombolas da UFPA, uma vez que na sua definição estão incluídas questões relacionadas ao contexto, dominação, abuso e desigualdades sociais, são aspectos que são abordados na trajetória histórica desses sujeitos. Desse modo, o discurso dos discentes será analisado para identificar como as Práticas Informacionais colaboram e podem contribuir com o desenvolvimento de uma competência crítica em informação.

Ainda para justificar a aplicação desse método, Tilio (2010) destaca três características da ACD, a primeira é sua preocupação sociológica relacionada com o aspecto linguístico do discurso, que permite uma maior compreensão da problemática da pesquisa; a segunda é o caráter transdisciplinar que favorece uma interação com outras teorias; a terceira é o caráter subjetivo, e sujeito a diferentes interpretações por distintos pesquisadores e que podem sugerir novos direcionamentos.

Para enfatizar a reflexão anterior compreende-se que as análises empíricas pautadas na ACD devem movimentar-se entre o linguístico e o social, pois esta considera o discurso como uma forma de prática social, ou seja, como um modo de ação sobre o mundo e a sociedade, e no qual as estruturas sociais são constituídas e modificam de acordo com os domínios em que são gerados. Neste sentido, o caráter emancipatório da ACD gera um meio da investigação com um olhar científico e crítico sobre as relações do discurso e das práticas sociais. Esse posicionamento estimula uma aproximação com diversas teorias e metodologias (RESENDE; RAMALHO, 2004).

Essa aproximação é ressaltada pela proposta de Magalhães; Martins; Resende (2017, p. 81) que defendem a relação de complementaridade entre a etnografia e ACD para a geração, coleta de dados e análise de pesquisas que não se preocupam apenas em descrever os conflitos sociais, mas acima de tudo compreender as conexões entre as diversas práticas sociais. A relação entre esses dois campos para uma discussão acerca das ações cotidianas dos sujeitos desta pesquisa, que são pouco explorados no cenário das pesquisas sociais. Os discentes quilombolas que ingressam no ensino superior carregam uma narrativa de desigualdades sociais que podem ser exploradas com maior profundidade. Além disso, o aspecto transdisciplinar

das duas abordagens reforça o caráter interpretativo de problemas específicos em uma pesquisa.

Assim, a junção dos métodos etnográficos para a coleta de dados representa um avanço para a ACD, no entanto compreende-se que a relação entre esses dois campos deve transcender o caráter interdisciplinar para então ser considerada com transdisciplinar, considerando que:

Métodos para análise de texto e categorias da ADC podem ser compatibilizados com algumas tradições etnográficas, assim como estas podem ser recontextualizadas para servirem a pesquisas discursivas críticas, trata-se de um diálogo profícuo, mas que exige reflexão e rompimento de fronteiras (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, P. 132)

Com base nessa concepção, o uso do discurso para análise dos dados nesta pesquisa, pode reconstruir a trajetória histórica e vivências dos estudantes quilombolas por meio das práticas discursivas e das práticas sociais. Os relatos orais (entrevistas), carregam temas em cujos contextos sociais, culturais e históricos remetem a um passado de exclusão de direitos e reconhecimento. Acredita-se que a tentativa de discutir as práticas informacionais com o objetivo de estimular o pensamento crítico, será uma forma de mostrar o quanto a informação pode transformar a realidade social desses estudantes e de suas comunidades.

Dentre as diversas categorias encontradas nas três dimensões do modelo tridimensional de Norman Fairclough (2001a), serão usadas para a análise dos discursos dessa pesquisa a Prática social, com foco na Ideologia e hegemonia.

2.3 Etapa 3: Triangulação

Na busca para ampliar a compreensão e a discussão dos principais aspectos da pesquisa foi utilizada a triangulação, técnica que envolve a combinação de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, materiais empíricos e coleta de dados diversos e que permite não apenas examinar o fenômeno por diferentes pontos de vista, mas também compreender aspectos da realidade, amplitude e qualidade na investigação (MINAYO, 2015; FLICK, 2009).

Assim, o uso da triangulação é considerado como uma estratégia de validação, servindo aos objetivos da pesquisa e contribui para que os resultados alcançados possam ser verificados a partir de vários aspectos. Ressaltando que o seu uso deve ser demandado pelo objeto de estudo e não somente por opção do pesquisador

(MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2006), nesse sentido destacou-se três pontos para utilização da triangulação: i) Fundamentos para justificar as abordagens que foram discutidas e sua relação com os sujeitos; ii) Para conhecer e definir os sujeitos da pesquisa, essa informação só foi possível por meio da pesquisa documental; iii) Para captação dos sujeitos e para o aprofundamento da questão central da pesquisa que foi introduzida mediante a aplicação do questionário e das entrevistas individuais.

Diante do que foi exposto, cada etapa da pesquisa permitiu um maior entendimento sobre o objeto de estudo, e compreendeu os resultados obtidos com a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a pesquisa etnográfica, estes analisados sob as lentes da Análise Crítica do Discurso, após estabelecer o cruzamento, entre as bases teóricas, os dados quantitativos e a ACD, foram realizadas as discussões sobre as influências da Competência Crítica em Informação no desenvolvimento das Práticas Informacionais dos Estudantes Quilombolas da UFPA.

3 ESTUDO DE USUÁRIOS E PERSPECTIVAS DE PRÁTICAS INFORMACIONAIS

A origem da Ciência da Informação aponta vários estudos e diferentes pontos de vistas que influenciaram o desenvolvimento da área. Entretanto, conforme a literatura, a fundamentação epistemológica do campo está relacionada a três paradigmas: o físico, o cognitivo e o social, que influenciaram sua evolução e suas diversas subáreas, principalmente, os estudos de usuários.

Capurro (2003) afirma que a origem da Ciência da informação, no século XX, foi influenciada por um paradigma físico, fundamentado na *The Mathematical Theory of Communication*, de 1949, de Shannon e Weaver, na qual a informação era descrita como objeto físico e passava por um processo composto de um emissor e de um receptor.

Em meados dos anos 70, o paradigma cognitivo começa a despontar sob a teoria de Karl Popper dos “três mundos” do físico, da consciência e do conteúdo intelectual de livros e de documentos, indicando a relação da informação com o conhecimento. O marco relevante desse paradigma foi a *The Copenhagen Conference Theory and Application of Information Research*, ocorrida em 1977. Uma característica desse modelo é que a informação era considerada algo isolado do usuário, o que reforça seu aspecto idealista e individualista (CAPURRO, 2003).

O paradigma social ou pragmático nasce das críticas ao modelo cognitivo, fundamentado sob uma perspectiva fenomenológica, na qual se busca inserir os sujeitos no mundo, assim como se preocupa com os processos informacionais voltados para o social. Esse modelo traz como consequência prática “abandonar a busca de uma linguagem ideal para representar o conhecimento ou de um algoritmo ideal para modelar a recuperação da informação, como aspiram ao paradigma físico e cognitivo” (CAPURRO, 2003, p. 9).

No entendimento de Almeida et al. (2007), a informação é entendida como fenômeno social coletivo, estruturas de conhecimento e instituições de memória das comunidades. O modelo direciona a Ciência da Informação para um enfoque interpretativo, centrado no significado e no contexto social do usuário e do próprio sistema de recuperação da informação.

Estudos de usuários é uma temática muito recorrente na literatura, principalmente, por ser uma subárea com grande destaque dentro da Ciência da Informação. Sua origem é marcada por estudos na década de 30, na Universidade de

Chicago, desenvolvidos para a integração de grupos imigrantes na comunidade americana, através da biblioteca pública. Na década de 40, o evento da Conferência Científica da *Royal Society* destacou pesquisas voltadas para as necessidades dos usuários, com foco na maneira como os cientistas e técnicos procediam para obter informação. Esses estudos eram concentrados nos indivíduos que utilizavam informação científica e tecnológica, voltadas para a natureza exploratória, na intenção de obter dados sobre hábitos e necessidades (GASQUE; COSTA, 2010; BATISTA; CUNHA, 2007).

Para caracterizar a evolução dos estudos de usuários, Figueiredo (1994) identificou três fases: a primeira centrada no uso de informação por cientistas e engenheiros, como o uso de técnicas de questionários e entrevistas; a segunda, com a predominância de estudos voltados para o comportamento dos usuários, com uso de métodos sociológicos; e a terceira demonstrava a necessidade de ampliação das pesquisas, rumo à interação com usuários de outras áreas, como as ciências sociais e as humanidades.

Nesse sentido, a primeira fase está condicionada à abordagem tradicional e está vinculada a dois pontos de vista: um que relaciona demanda, desejo, necessidade, uso e requisição; e outro constituído por serviços, sistemas e unidades de informação. Em razão dos elementos citados, os estudos dessa abordagem são caracterizados por quantificar hábitos de comportamento de busca, uso da informação e frequência de acesso e grau de satisfação. Nessa acepção, o usuário é considerado um processador de dados, um sujeito funcional, que não se apropria da informação (ARAUJO, 2017).

O paradigma físico reforça o sentido da informação na abordagem tradicional:

[...] como objetiva, alguma coisa que existe fora do indivíduo. E a mensagem transmitida pelo emissor (serviço de informação, biblioteca, catálogo) para o receptor (usuário) através de um canal, e a mensagem é informativa no sentido de que reduz ambiguidade, ao reduzir simultaneamente o número de mensagens alternativas que poderia ser enviado. Informação, nesse contexto tradicional, existe em um mundo ordenado e é capaz de ser descoberta, definida e medida (FERREIRA, 1995, p. 3).

Diante dos aspectos já mencionados da abordagem tradicional, as pesquisas quantitativas eram usadas de forma intensiva, com o objetivo de garantir uma maior precisão na análise e na interpretação dos resultados. Os estudos com temática em tecnologias enfatizam a maneira como o uso das fontes afeta a organização e a

disseminação da informação. Com base nos resultados, são prescritos tamanhos, formatos e tipos de materiais a serem incorporados ao sistema (FERREIRA, 1995).

Nas décadas de 1960, surgiram estudos de fluxo da informação e canais formais (estruturados) e informais (não estruturados), enfatizando o comportamento dos usuários. Em 1975, com a criação do *Centre for Research on User Studies – CRUS*, na Universidade de Sheffield, apoiados pela *British Library Research and Development Department*, a preocupação passou a ser o usuário e a satisfação de suas necessidades informacionais (ROLIM; CÉDON, 2013).

Na segunda fase, a abordagem cognitiva ou alternativa teve início no final da década de 70. Essa abordagem tem uma relação estreita com a comunicação e a semiótica: a informação é construída a partir de signos, voltada para o significado dos códigos e a preocupação com as formas. A informação toma outra interpretação, o sentido de coisa deixa de existir, “e o indivíduo proporciona vida, correlaciona, analisa, cria e confere sentido, incorporando essas novas informações aos seus esquemas interiores, alterando-os e atualizando-os constantemente” (FERREIRA, 1995, p. 5).

Um dos autores que contribuiu para consolidar essa abordagem foi Tom Wilson, considerado o principal precursor dos modelos de comportamento informacional. O seu estudo *On user studies and information needs*, de 1981, foi um marco nessa segunda abordagem, que tinha como fundamento mais importante o processo de necessidade, de uso e de busca de informação. Esse processo é caracterizado por etapas como: seleção, exploração, coleta, diferenciação, extração e verificação, determinada por uma dimensão cognitiva (ARAÚJO, 2017).

A década de 1980 foi marcada por uma virada cognitiva na Ciência da informação, pois surgiram estudos de usuários com uma abordagem alternativa que correspondia ao paradigma cognitivo de Capurro (2003). Essa abordagem tinha como característica a subjetividade humana, com uso de métodos qualitativos e indutivos nas pesquisas sobre comportamento informacional. A base conceitual relacionava o processo entre a necessidade e uso, busca e dimensão cognitiva. Essa abordagem estimulou o desenvolvimento de vários modelos direcionados para o usuário da informação, com pesquisas centradas no sujeito (BERTI; ARAÚJO, 2018; ROLIM, CEDÓN, 2013; GASQUE e COSTA, 2010).

A construção de modelos teóricos nos estudos de usuários é entendida por Sayão (2001 *apud* FURTADO, 2014, p. 43) como:

Uma definição ampla direcionada para a Ciência da Informação apresenta os modelos como representações simplificadas que permitem perceber características essenciais de determinada área do conhecimento. Na subárea Estudos de Usuários os modelos são importantes, visto que representam o ser humano como usuário e/ou parte de um sistema de informação e, também, suas relações de aquisição, interpretação, organização, e manipulação da informação.

Os modelos de comportamento informacional desenvolvidos na abordagem cognitiva foram definidos por Wilson (1999; 2000) como uma atividade na qual o indivíduo identifica uma necessidade de busca, uso e transferência de informação, para gerar novos conhecimentos; utiliza-se de canais e de fontes de informação, compreendendo a busca ativa e passiva. No Quadro 2, estão destacados os modelos mais estudados na abordagem cognitiva.

Quadro 2- Modelos de comportamento informacional de usuário

AUTORES	MODELOS
Belkin (1980)	Modelo Anomalous State of Knowledge (ASK) - Parte do princípio de que uma necessidade de informação surge a partir de uma anomalia reconhecida no estado de conhecimento do usuário, referente a um tópico ou situação. O estado do usuário é chamado de anômalo porque, muitas vezes, as inadequações podem ocorrer de diversas maneiras, como <i>gaps</i> , lacunas, incerteza ou incoerência.
Wilson (1981)	Modelo Wilson - Propõe que as necessidades surjam a partir de três fatores: fisiológicos, afetivos e cognitivos, sendo que os mesmos fatores que impulsionam a busca também funcionam como barreiras para o indivíduo.
Ellis (1989)	Modelo Ellis - Não apresenta um diagrama, comum aos outros modelos, mas uma série de categorias de atividades relacionadas à busca informacional. O modelo é relevante por resultar de pesquisa empírica e por ter sido testado em diversos estudos.
Brenda Dervin (1983)	Modelo Sense Making – O modelo proposto faz uma avaliação de como os usuários percebem, compreendem, interagem com as fontes informacionais e usam a informação, dando ênfase para a “Construção de Sentidos”, a partir das experiências sociais, culturais, políticas e econômicas. A fundamentação teórica desse modelo tem origem na ciência da cognição, na teoria crítica, na terapia psicológica e na teoria da comunicação.
Carol Kuhlthau (1991)	Modelo Information Search Process (ISP) - Neste modelo, os sentimentos são observados nos usuários em todas as fases do processo de busca de informação. Descreve a experiência afetiva de indivíduos envolvidos no processo de construção de significado, a partir das informações encontradas.

Fonte: Wilson (1999)

Ao final dessa fase, um avanço teórico e conceitual, na subárea do estudo de usuários, principalmente sob nova denominação de estudos de comportamento informacional, foi considerado por Gasque e Costa (2010, p. 31), quando afirmam que “esse novo enfoque evidenciava a necessidade de compreender os processos em uma perspectiva multidimensional”. Esses autores consideravam que o uso de um conjunto de fatores relacionados ao contexto cognitivo, social, organizacional e linguísticos é essencial para a construção do conhecimento.

Mudanças significativas, são identificadas, ao longo do tempo, com destaque para alguns pontos: pesquisas passaram a ter foco nos usuários, com grupos variados, incluindo aspectos tanto sociocognitivos como organizacionais; estudos qualitativos foram consolidados, com a utilização de múltiplos métodos; e fundamentação teórica mais consistente e multidisciplinar.

A inserção do paradigma social na Ciência da Informação evidencia o caráter construtivo da informação e do conhecimento. Os usuários são vistos a partir de contextos sociais e culturais e passam ser qualificados como sujeitos informacionais. Esse entendimento provavelmente colaborou para um novo olhar nos estudos de usuários com uma proposta fundamentada no social e no coletivo e uma compreensão direcionada em estabelecer uma relação com o conceito chave de interação, e, assim, conceber uma nova abordagem para o campo da Ciência da Informação (ARAÚJO, 2012).

As pesquisas voltadas para a Abordagem Sociocultural/Interacionista dos sujeitos foram apresentadas primeiramente no *International Conference on Conceptions of Library and Information Science I – CoLIS*, em 1991, evento científico que marcou historicamente o paradigma social na Ciência da Informação. Nele, foram discutidas novas propostas que contradiziam o que, naquele momento, era seguido, isto é, a apreensão dos sujeitos informacionais como seres isolados de um contexto social (ARAÚJO, 2010b).

Na literatura, Araújo (2010) destaca três autores que desenvolveram estudos direcionados para abordagem sociocultural, com críticas à abordagem alternativa. O primeiro foi Frohmann (2008), que destaca o regime de informação, no qual o sujeito não é um ser isolado, mas que está em constante interação com diversas dimensões, como políticas, sociais e culturais. Rendón Rojas (2005) é o segundo, em seu estudo reconhece que o indivíduo é um ser em permanente construção na busca de informação e que não pode ser considerado como mentalmente “vazio”. O terceiro

autor, Hjørland (2002), baseia seus estudos na análise do domínio, para postular que os critérios de julgamentos da informação são formados coletivamente e intersubjetivamente.

Em torno dessa abordagem, os sujeitos passam a agregar tanto o aspecto individual como o coletivo, em uma interação que gera um fortalecimento das pessoas tornando-as mais participantes e atuantes em múltiplos contextos, como o social, o cultural, o econômico, o político, o organizacional e o afetivo. É uma visão da informação além do cognitivo. Sua compreensão passa a ser vista com valor e relevância, com novas demandas e serviços, democratização e processos de informação para a cidadania (ARAUJO, 2012; GONZÁLEZ TERUEL, 2005).

Observa-se uma diferença nos sujeitos e nas temáticas das pesquisas dessa abordagem: hoje, fazem parte desses estudos de usuários: presidiários, profissionais do sexo, deficientes visuais, portadores de necessidades especiais, idosos, adolescentes grávidas, desempregados, feministas, indivíduos marginalizados da sociedade, ou seja, qualquer sujeito inserido socialmente em um tempo e espaço. Em razão dessa mudança, as fontes de informação também são outras (TANUS, 2014).

Neste sentido as discussões sobre grupos específicos e marginalizados ganham relevância como, a abordagem desenvolvida por esta pesquisa e outros estudos sobre o acesso e a permanência de estudantes quilombolas ao ensino superior. Esses estudos necessitam ser mais explorados na Ciência da Informação, tanto pela importância como pelo caráter social da área.

Destaca-se o papel dos estudos de Tuominen, Talja, Savolainen (2005, p. 331, tradução nossa), na construção do conceito de Práticas Informacionais, impulsionada pelo diálogo e pelo discurso, em direção a uma perspectiva sociológica mais ampla, para a compreensão da busca da informação. Os autores afirmam haver maior compreensão das teorias implícitas e das suas implicações, se forem adotadas novas abordagens na construção de pesquisas destinadas a apoiar as Práticas Informacionais na vida cotidiana das pessoas.

Nota-se que os estudos de usuários na Ciência da Informação ainda são um desafio para a geração de conhecimento, na perspectiva de influenciar ações voltadas para a sociedade. É percebida na abordagem tradicional e alternativa uma carência direcionada para a relação do indivíduo com os contextos social e cultural, elementos fundamentais na construção das ações. Sendo assim, a abordagem social faz das Práticas Informacionais um campo de atuação sociocultural com vistas a favorecer

uma maior compreensão do sujeito informacional, além da objetividade, incentivando-o a ser protagonista de suas ações (TALJA, 1996; BERTI; ARAÚJO, 2018).

3.1 Práticas Informacionais

As pesquisas sobre as Práticas Informacionais, na área da Ciência da Informação, foram traçadas a partir de vários conceitos e estudos acerca do sujeito social, cultural e suas ações no cotidiano. Araújo (2017, p. 218) salienta que as “práticas informacionais têm origem no quadro intelectual das ciências humanas e sociais tomadas como um todo, sob a influência de distintas escolas ou tradições de pesquisas”.

Notadamente, o conceito de Práticas Informacionais está sob a influência de várias áreas das Ciências Sociais, com diferentes abordagens teóricas. A sua inserção no campo de estudos de usuários da Ciência da Informação é caracterizada por uma abordagem social e cultural, com ênfase na análise do indivíduo dentro de um contexto. Desse modo, entende-se como “práticas informacionais, as abordagens vinculadas a interações estabelecidas entre sujeitos e informação, construídas coletiva e socialmente de forma contínua” (ROCHA, DUARTE, PAULA, 2017).

Marteletto (1995, p. 134) já recomendava a necessidade de uma análise mais exaustiva da informação no plano das Práticas Informacionais. Considerada como um elo entre o passado e o presente do indivíduo, a informação constituía o princípio da identidade humana. Logo, a preservação da memória histórica e cultural do indivíduo era o reflexo de como a disseminação da informação foi realizada. A autora reforça ainda que “[...] quando a informação é discutida no âmbito social, as práticas informacionais tornam-se um mecanismo na elaboração de significados e valores”.

Os primeiros autores que iniciaram discussões a respeito de Práticas Informacionais foram Savolainen (1995); Talja (1996) e Wilson (2000). Mesmo sendo um dos autores que mais investigou comportamento informacional de usuários, Wilson (2000) observa, em seus estudos, a importância e a influência do contexto na vida das pessoas. O autor identifica, como dificuldade na busca de informação, a falta de uma interação entre as ações do sujeito e o contexto. Ao considerar a “ação” como um elemento comum entre o processo de comportamento informacional e as Práticas Informacionais, ressaltou que existem bases que fundamentam cada um desses processos: a primeira base tem origem na Psicologia e a segunda no campo contextual da Sociologia (WILSON, SAVOLAINEN, 2009, SAVOLAINEN, 2012).

Savolainen, em 1995, foi o primeiro a discutir a abordagem de Práticas Informacionais na Ciência da Informação. Baseou-se no conceito de *habitus*, de Bourdieu, para enfatizar a importância das Práticas Informacionais, na descrição e na investigação de fenômenos relacionados à busca, ao uso e ao compartilhamento da informação, afirmando essa que corrobora para ressaltar a importância da abordagem no campo da Ciência da Informação.

Observa, ainda, a possibilidade de abordar os fenômenos de uso da informação, sob o olhar da prática da informação:

Do ponto de vista da “práxis da informação”, há um pressuposto de que toda ação prática relacionada à produção, ao armazenamento, à manipulação, à busca, à transferência, à avaliação e ao uso da informação tem lugar dentro de um contexto social que ocupa o espaço de um relacionamento ainda não especificado com esta ação prática (SAVOLAINEN, 2007, p. 124, tradução nossa).

De acordo com Bourdieu (1983), o princípio básico que estrutura as práticas e as representações é o *habitus*. A ideia do *habitus* colocado destaca o indivíduo construtor de suas práticas em sistemas estruturados (social) e estruturantes (mentes), na realização de ações e atividades do cotidiano. Nesse sentido, o *habitus* direciona as escolhas da vida cotidiana, fazendo um parâmetro entre o que deve ser natural ou necessário para uma classe social ou grupo social. Dessa forma, o conceito de *habitus*, para Bourdieu, seria:

Sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1983, p. 60-61).

A análise do conceito de *habitus*, de Bourdieu (1983), na Ciência da Informação, reforça a relevância das Práticas Informacionais, no sentido de permitir uma compreensão mais abrangente na concepção das ações pelos sujeitos no cotidiano. Além disso, o autor, caracteriza três modos de construir o conhecimento científico sobre a realidade humana e social, sob as óticas: **fenomenológica** (interacionista, simbólica e etnometodologia); **subjetivista** (marxismo e estruturalismo) e **praxiológica**, com a ideia de “práxis”, de como os sujeitos agem no mundo. **É o fundamento do conceito de “práticas”.**

Na concepção de Nunes (2014, p. 172), as práticas sociais são um conjunto de fenômenos discursivos, no qual os indivíduos interagem e compartilham informações de forma consciente e inconsciente, ressaltando a existência de um imbricamento com as Práticas Informacionais:

[...] o sujeito informacional é o principal protagonista de suas ações relativas à informação faz-se necessário focar naquelas ações ordinárias que se encontram diretamente relacionadas à informação, mas também atentar para o modo por meio do qual essas práticas são geradas e significadas, considerando os mais variados espaços socio interativos dos quais esses indivíduos participam direta ou indiretamente.

Nesse sentido, é válida a reflexão sobre a realidade humana e cultural em relação à informação e à vida cotidiana. Para a compreensão desse discurso, são apresentados autores como Heller (1992) e Courtright (2007). Heller (1992) sustenta sua posição sobre o cotidiano e resalta o “valor” como uma objetividade social, caracterizada por documentos, registros de conhecimentos, fontes, serviços e sistemas de informação. Da mesma forma que é compreendido pelas perspectivas das Práticas Informacionais, os elementos são datados de “valor”, a partir das “práxis” dos sujeitos, mergulhados nas distintas esferas que compõem a vida cotidiana, sendo, ao mesmo tempo, particulares e genéricos.

A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (HELLER, 1992, p. 17).

Para entender como os principais contextos e seus constituintes afetam a necessidade de informação, Savolainen (2012) identificou os seguintes contextos: **situação de ação**, relacionada a fatores temporais e espaciais, que contribuem na formação de um conjunto de circunstâncias; **desempenho de tarefas**, contexto mais perceptível, com objetivo na solução de problemas; e **diálogo**, o mais dinâmico dos contextos, que envolve um processo de troca entre a comunicação escrita e oral.

Igualmente, Courtright (2007) defende que, embora a vida cotidiana tenha uma influência cultural sobre as pessoas, os estudos voltados para essa temática devem ser expandidos para outros contextos comuns, nos quais o indivíduo desenvolva suas ações. O autor cita cinco concepções de contextos:

- **Contexto no sentido de contêiner:** conjunto de elementos objetivos e observáveis em torno do indivíduo, como condições socioeconômicas e tarefas que servem de base para as Práticas Informacionais;
- **Contexto como construção de significados:** tem como princípio analisar o contexto, a partir do ponto de vista do indivíduo, construtor da informação, ou seja, as maneiras como as pessoas percebem as influências;
- **Contexto como a construção das informações:** análise do discurso do indivíduo informacional e não simplesmente observação;
- **Contexto relacional:** o contexto não pode ser separado de seus participantes; é construído pelos fatores institucionais e tecnológicos integrados nas atividades informacionais produzidas pelos indivíduos nas interações sociais; e
- **Contexto dinâmico:** percepção do pesquisador do ponto de vista do indivíduo.

As abordagens concebidas por Courtright (2007) despontam para um melhor entendimento sobre o conceito de contexto, principalmente, na interação entre atividade humana/sujeitos/contexto. O autor constata a “influência dos aspectos históricos, econômicos, culturais e políticos sobre os indivíduos. Tais aspectos são inerentes à interação dos sujeitos e com tudo o que os cerca, inclusive com a informação” (ROCHA, GANDRA, 2018, p. 578).

É perceptível a necessidade de uma atenção maior às ações do cotidiano, para o desenvolvimento de Práticas Informacionais. Essa afirmativa ratifica o pensamento de Ferreira (2019), quando destaca que a compreensão da informação pelo sujeito se dá a partir da prática e da ação, gerando um processo que relaciona a vivência individual e coletiva, e, à medida que suas ações forem desenvolvidas, elas podem provocar uma mudança no cenário no qual estão inseridas (FERREIRA *et al*, 2019, p.31).

Essa dualidade entre o individual e o coletivo também é percebida no discurso subsequente:

A relação do sujeito com o mundo é sempre uma relação mediada por outras pessoas. Ele apreende a realidade e a representa de acordo com referenciais que são construídos coletivamente, mas que são redefinidos de acordo com a subjetividade de cada um. Esse movimento dialético deve ser levado em

consideração ao se estudar como os usuários se relacionam com a informação (ROCHA; GANDRA, 2018, p. 570).

Além disso, ainda é observado nas investigações um acentuado discurso sobre os fatores que diferenciam as Práticas Informacionais de outras abordagens. Dentre eles, destaca-se a valorização da prática cotidiana como formadora de conhecimento e das realizações diárias das pessoas, caracterizadas pelas ações, motivações e habilidades coletivas dentro de um contexto. O que reforça o paradigma socioconstrucionista em que se fundamenta essa prática.

Desse modo, a necessidade, a busca e o uso da informação relacionam-se diretamente com as Práticas Informacionais, incluindo os mais variados contextos, “pautada na relação informacional influenciada pelas interações sociais, de modo que compreende os usuários e a informação em espaços diferentes, independentes, porém recíprocos”. O modelo ELIS faz uma interpretação mais plural do sujeito, abordando várias maneiras do “controle da vida”, “proporcionando uma compreensão das instâncias propriamente simbólicas que se relacionam aos fenômenos informacionais” (ARAUJO, 2017, p.228).

Esta pesquisa identificou na literatura quatro modelos de Práticas Informacionais, *Modelo Everyday Life Science*, proposto por Savolainen (1995); Modelo Bidimensional de Práticas informacionais, de Pamela Mckenzie (2003); Versão estendida do modelo de McKenzie por Yeoman (2010); e o modelo de criadores digitais, por Mary Ann Harlan (2012).

De acordo com Rocha, Duarte e Paula (2017, p.55), os modelos identificados seguem o conceito de informação na vida cotidiana, com uma abordagem socioconstrucionista, mas em ambientes distintos. As Práticas Informacionais “são executadas por sujeitos ativos que constroem a informação, a partir de interações sociais situadas em comunidades”.

a) Modelo Everyday Life Information Science (ELIS)

Savolainen elaborou, em 1995, o modelo *Everyday Life Information Science - ELIS*, em busca de informação no cotidiano. Este modelo enfatiza temas relacionados ao contexto *newwork*, ou seja, fora do ambiente de trabalho. Contudo, faz uma advertência: a sua compreensão não deve ser uma oposição aos processos de busca de informações, e, sim, uma somatória na aprendizagem dos elementos cognitivos e expressivos, nos quais os indivíduos se baseiam para resolver os problemas de sua

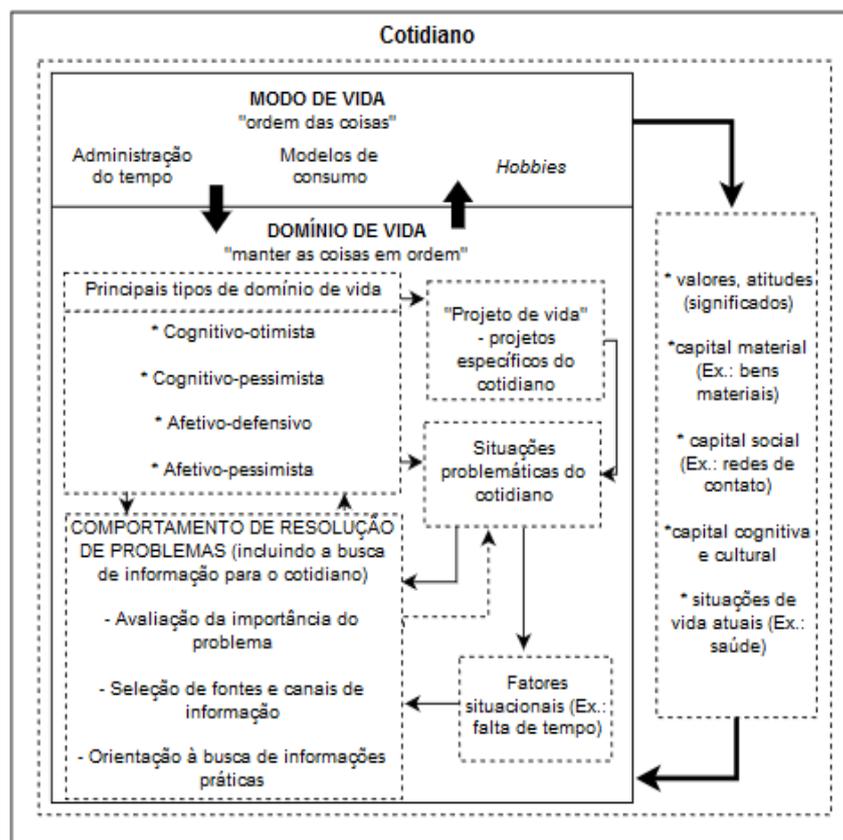
vida cotidiana. O modelo também colabora para demonstrar como os fatores sociais e culturais interferem nas escolhas das Práticas Informacionais. O autor conceitua o modelo ELIS como:

A aquisição de variados elementos informacionais (cognitivos e expressivos), empregados pelas pessoas para orientar seus problemas indiretamente ligados ao desempenho de questões ocupacionais, Tais problemas poder ser associados a várias áreas do cotidiano, por exemplo: consumo e cuidados com a saúde (SAVOLAINEN, 1995, p. 266, tradução nossa).

Para identificar como o indivíduo busca a informação, o modelo ELIS relaciona dois conceitos básicos: “o modo de vida”, que indica as escolhas dos indivíduos em relação à sua vida cotidiana, destacando os aspectos sociais e culturais. Em resumo, é a descrição do discurso da prática do *habitus*; e o “domínio de vida”, que se refere ao ato de cuidar, apoiado por um planejamento, para enfrentar os problemas do cotidiano, sem desprezar os valores individuais.

Ocasionalmente, o ‘domínio de vida’ pode ser apresentado de forma ativa (ameaça) e passiva (satisfação). As dimensões analisadas para a resolução dão origem a quatro tipos de domínio de vida: **cognitivo-otimista**, com a perspectiva de obter resultados positivos para resolução de problemas; **cognitivo-pessimista**, caracterizado por uma cautela, pois tem a possibilidade de não resolver o problema da maneira esperada; **afetivo-defensivo**, com visões otimistas quanto à solução de problemas e à busca de informação, mas com uma tendência a evitar riscos de falhas; e **afetivo-pessimista**, no qual há uma falta de confiança em suas habilidades para resolver problemas da vida cotidiana (SAVOLAINEN, 1995) .

Figura 3 - Modelo *Everyday Life Information Science* - ELIS cotidiana



Fonte: Savolainen (1995) adaptado por Rocha; Duarte; Paula (2017)

Os dois domínios apresentados por Savolainen (1995) não são os únicos a serem considerados para caracterizar a relação do sujeito com a informação. O autor estruturou a sua pesquisa em dois grupos de sujeitos, apropriando-se de outros fatores para responder questões relacionadas à interferência de aspectos sociais e culturais na escolha de fontes de informação para suprir necessidades informacionais individuais ou coletivas, em diferentes contextos. Em síntese, o modelo ELIS propõe certa complementaridade entre a dimensão formal (do trabalho, da ciência, da indústria) e as rotinas diárias da vida (os afazeres domésticos, o lazer). Considera que a compreensão do sujeito deva ser mais plural, aproximada de sua realidade.

b) Modelo Bidimensional de Práticas Informacionais

Mckenzie (2003) constrói um modelo bidimensional de Práticas Informacionais, adaptado do modelo ELIS de Savolainen (1995). Baseando-se em várias tradições teóricas, ela faz uma análise do discurso construcionista, com a intenção de incorporar ideias de uma variedade de abordagens analíticas do discurso e de relatos individuais de busca de informações da vida cotidiana.

Destarte, o construcionismo social discutido no modelo de Mckenzie (2003) analisa a informação construída a partir de evidências e seu uso é percebido como uma ação discursiva. Eventualmente, pode ser estudada como um fenômeno do mundo real e não como uma abstração teórica. Nesse sentido, enfatiza a construção da realidade por meio de um diálogo (TUOMINEM; SAVOLAINEN 1997).

McKenzie (2003) considerou as ações de busca da informação, em qualquer contexto, em ações cotidianas que possibilitam desenvolver a noção de “*serendipity*”, isto é, em determinadas situações ocorrem descobertas importantes, por acaso, sem que necessariamente ocorra uma procura. O modelo foi estruturado em quatro fases: a busca ativa por informação, a varredura ativa, o monitoramento não dirigido (quando acontecem situações de *serendipity*) e a busca “por procuração”, em outras palavras, por intermédio de outros sujeitos.

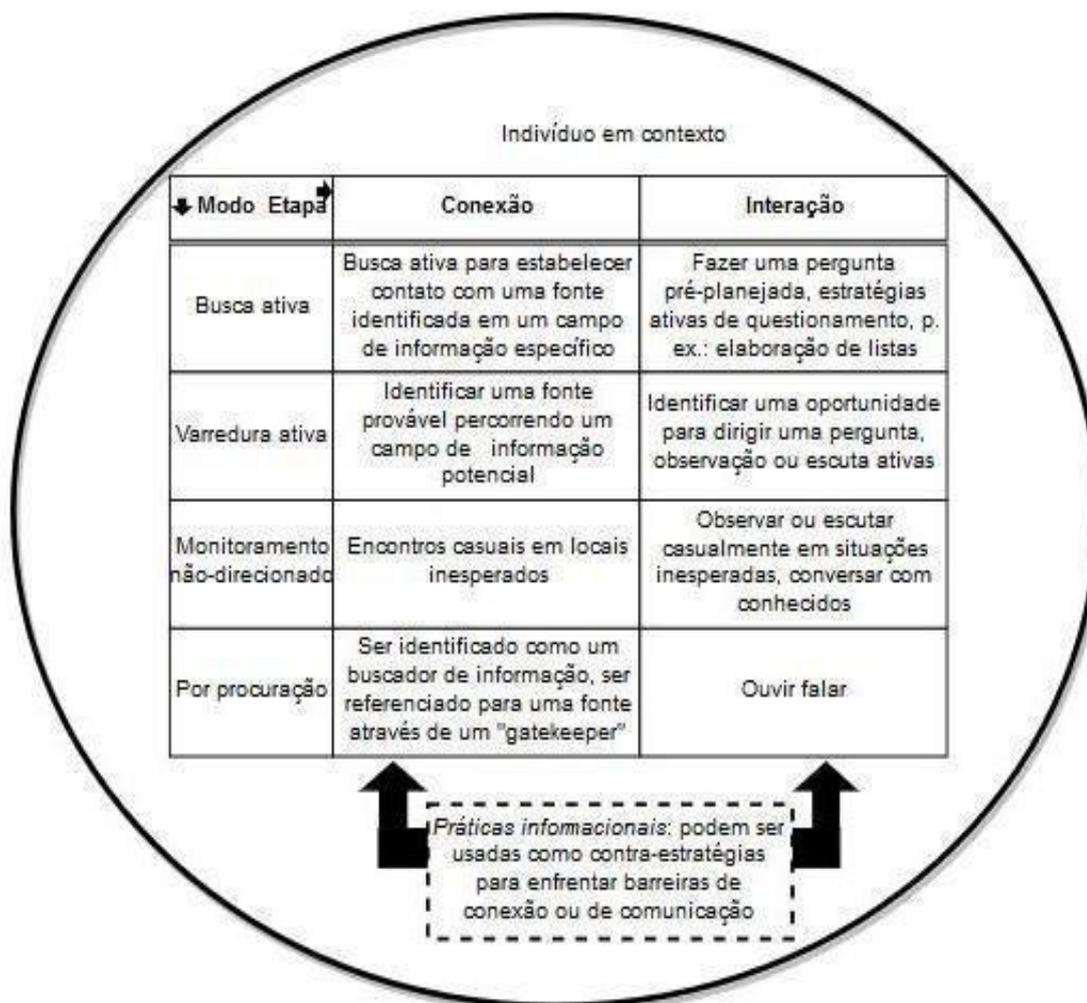
A busca ativa é o modo mais direcionado de prática da informação: como, especificamente, buscar uma fonte previamente identificada, conduzir uma pesquisa de itens conhecidos, fazer uma pergunta pré-planejada e planejar ou empregar estratégias ativas de questionamento (por exemplo, elaboração de listas).

A verificação ativa envolve práticas como navegação semidirecionada ou digitalização em locais prováveis (por exemplo, consultórios médicos ou livrarias), observação sistemática de características físicas ou comportamento.

O monitoramento não-direcionado envolve encontrar por acaso e reconhecer uma fonte em um local improvável, sem procurar informações, ou, durante o monitoramento, fontes de informação.

Por procuração refere-se àquelas ocasiões em que os participantes descreveram o contato ou a interação com as fontes de informação por iniciativa de outro agente.

Figura 4 - Modelo bidimensional de práticas informacionais



Fonte: Mckenzie (2003) adaptado por adaptado por Rocha; Duarte; Paula (2017)

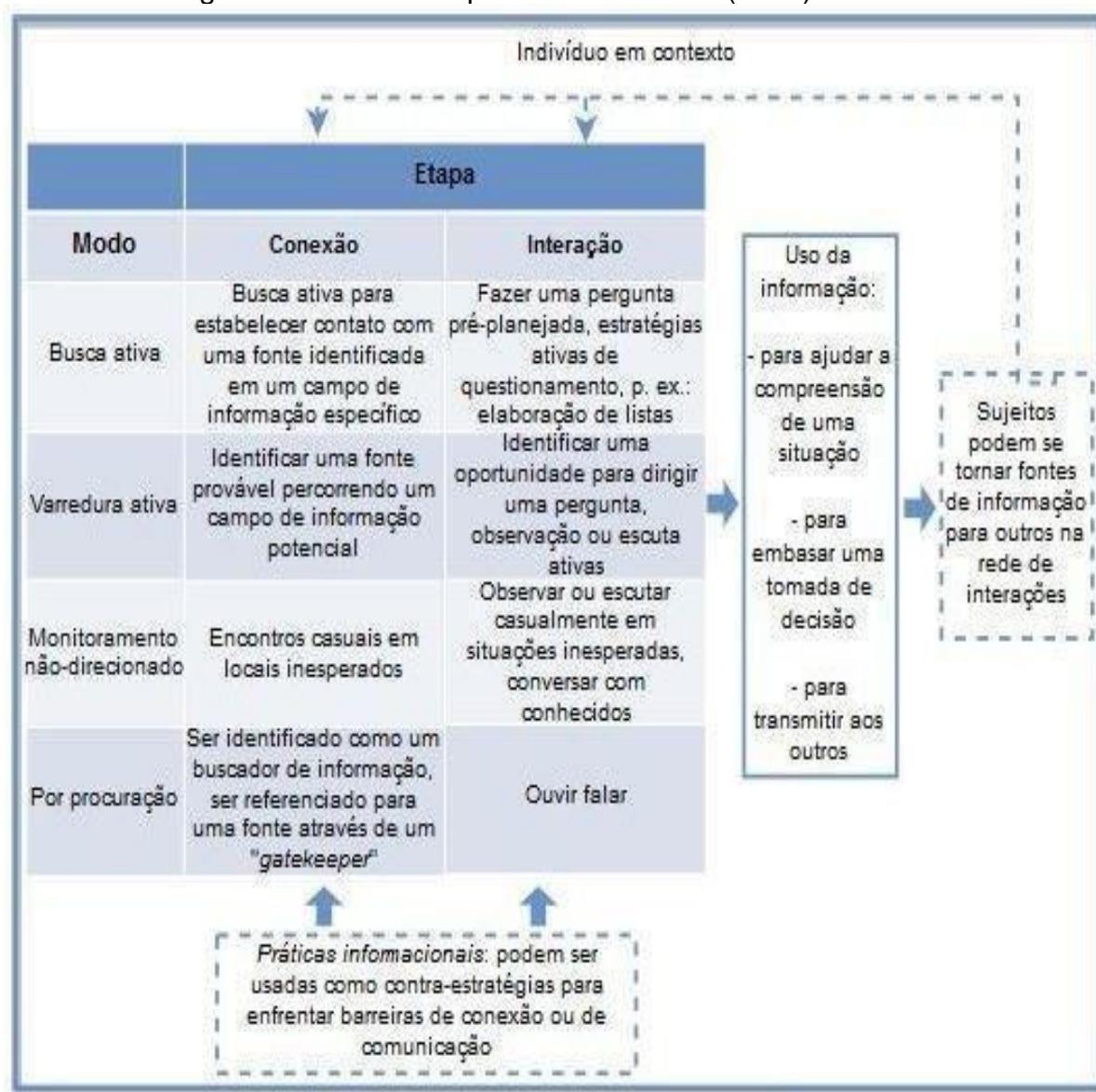
O modelo bidimensional de Mckenzie (2003) considera as dimensões casuais, em uma combinação dos modos de prática da informação com o estágio do processo de busca de informação. Desse modo, fica evidente o objetivo do estudo em descrever as Práticas Informacionais e a vida cotidiana do indivíduo. Em todo caso, a autora constatou que os sujeitos tinham comportamentos distintos do ponto de vista discursivo e recomenda explorar outros contextos para tornar o modelo bidimensional mais geral.

c) Versão estendida do modelo de McKenzie por Yeoman (2010)

É uma adaptação do modelo bidimensional de Mackenzie (2003), por ser considerado um modelo simples, com uma estrutura flexível que permite adaptações para outros contextos. O modelo de Mckenzie possibilitou o acréscimo de fatores como o uso e o compartilhamento da informação, a inclusão de um estágio em que o

sujeito pode se tornar uma fonte informacional e o aprofundamento de questões relativas às barreiras e às estratégias.

Figura 4 - Modelo adaptado de Mckenzie (2003)



Fonte: Yeoman (2010) adaptado por adaptado por Rocha; Duarte; Paula (2017)

d) Modelo de criadores digitais por Mary Ann Harlan (2012).

O modelo Harlan (2012) foi resultado de uma tese que explora as práticas de informação dos criadores de conteúdo para adolescentes, à medida que eles se envolvem em comunidades participativas digitais. A pesquisa utiliza a metodologia da teoria fundamentada em uma estrutura construcionista. A autora fez uma análise das teorias práticas de informações dos sujeitos estruturada em três descrições: a primeira relaciona as comunidades dos adolescentes na criação e no compartilhamento de conteúdo; a segunda é o relato de como os adolescentes

experimentam a informação; e a terceira são as ações de informação, como pensam, usam e compartilham conteúdo.

Os modelos de Práticas Informacionais apresentados descrevem fenômenos específicos dentro de cada contexto. Desse modo, verificou-se que o uso de um conjunto de categorias resultantes da análise de dados foi o ponto em comum entre os modelos, mas esse aspecto não estabelece um padrão ou uma sistematização a ser seguida, pois, ao contrário de outros modelos, a pesquisa de Harlan foi desenvolvida em um contexto diferente dos outros. Em relação à proximidade do conceito de Práticas Informacionais, o modelo adaptado de Yeoman (2010) destaca-se por incluir o uso e compartilhamento de informação (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017).

Após relacionar os modelos de Práticas Informacionais, considera-se que uma pesquisa não deve apenas ser delimitada por uma abordagem ou por um contexto específico, pois essa premissa pode induzir a resultados limitados. É indubitável que entender o “movimento dialético entre o indivíduo e a realidade social”, no sentido de identificar quais as “relações conflituosas e as diferenças sociais impostas por uma sociedade dividida em classes”, cria condições favoráveis à apropriação da informação pelos sujeitos (PINTO; ARAÚJO, 2012, p. 225).

Certamente a construção das Práticas Informacionais pelos sujeitos sociais é resultado de suas atividades desenvolvidas no cotidiano, logo “podem ser conceituadas como ações de recepção, geração e transferência de informação que se desenvolvem em circuitos comunicacionais que ocorrem nas formações sociais”. Por outro lado, a informação é um operador de relação, ou, ainda, um indicador de mediação que possibilita e é possibilitado pelas relações sociais (ARAÚJO, 1999, p. 155).

Sem dúvida que os aspectos citados podem ser ampliados na Ciência da informação, desde que os pontos de vista sobre os sujeitos informacionais sejam considerados, pois o exercício das práticas informacionais é:

[...] um trabalho permanente de contextualização do conhecimento diante de situações concretas, ou seja, o valor de uma informação não se define a priori, mas a partir de uma demanda situacional, de um determinado grupo, num determinado contexto ou situação sócio-histórica (AZEVEDO; MARTELETO, 2008, p.279).

Ao analisar o desenvolvimento histórico da Ciência da informação, observa-se que as contradições sociais impulsionam o campo a buscar respaldo na sociologia

prática para propiciar uma análise das Práticas Informacionais. A partir disso, torna-se possível abandonar modelos informacionais que generalizam apenas atitudes do sujeito, isto é, observam comportamento de busca, de apropriação e de disseminação da informação. Não se deve negar que a atual realidade caracterizada por uma demanda imensurável de informações representa um problema, entretanto, não é recomendável:

Deixar escapar a essência social e histórica da nossa existência, de como a vida em comunidade conforma nosso entendimento de mundo e nossas ações ao mesmo tempo em que também refletimos e atuamos sobre o mundo buscando, usando, criando, recriando e disseminando informações sobre absolutamente tudo o que nos rodeia (PINTO, ARAÚJO, 2019, p. 29).

Portanto, é necessário desenvolver pesquisas sobre práticas informacionais com uma abordagem comprometida em refletir o papel da informação e de sua ação sobre os sujeitos, principalmente, aqueles com trajetórias de vida marcadas por diversidades culturais, sociais e históricas, relacionadas a uma série de conflitos e desigualdades sociais. Esses estudos têm o enfoque de oferecer, acima de tudo, condições para que o indivíduo se reconheça como produtor de conhecimento e de saberes que impliquem em suas práticas informacionais e fortaleçam suas identidades culturais (AQUINO, 2008).

Estudos nesse sentido ocorreram no Brasil, em 2013, com a criação do Grupo Estudos de Práticas Informacionais de Cultura - EPIC, da Universidade Federal de Minas Gerais, liderado pelos pesquisadores Adriana Bogliolo Sirihal Duarte e Carlos Alberto Ávila Araújo. O objetivo do grupo era a consolidação de uma nova perspectiva de estudar os sujeitos e suas relações com a informação, centrada no contexto social e cultural do indivíduo.

Dentre as dissertações e teses do Grupo EPIC que abordaram a temática de Práticas Informacionais, algumas podem ser destacadas: Profissionais do sexo da zona boêmia de Belo Horizonte (SILVA, 2008); A relação entre ouvintes assíduos e o rádio: um estudo de usuários da informação a partir de uma perspectiva compreensiva (PESSOA, 2010); Inclusão digital na terceira idade: um estudo de usuários sob a perspectiva (GANDRA, 2012); Práticas informacionais na organização político-sindical dos professores da rede municipal de Belo Horizonte (PINTO, 2012); (In) Acessibilidade na web para pessoas com deficiência visual: um estudo de usuários à luz da Cognição situada (ROCHA, 2013); Tomada de decisão organizacional e subjetividade: análise das dimensões simbólico-afetivas no uso da informação em

processos decisórios (ARAUJO, 2013); A extensão universitária e o Sistema de Informação da Extensão (SIEX/UFMG): um estudo de usuários a partir de uma perspectiva compreensiva (TERTO, 2013); Comportamento informacional em tempos de Google (ANTUNES, 2015); Compartilhamento do conhecimento e o processo de orientação de discentes de pós-graduação *stricto sensu* (COELHO DE SÁ, 2015); Protagonismo nas Práticas Informacionais de mães de crianças alérgicas. (BARROS, 2016) e As práticas informacionais das clientes dos serviços de estética (VASCONCELOS, 2016).

As publicações atuais dos membros do grupo ressaltam a evolução das pesquisas, principalmente com a inclusão no grupo de dez pesquisadores de outros países, como Uruguai, Espanha, Argentina e Colômbia (ARAUJO, 2019).

De acordo com os trabalhos do Grupo EPIC e nas discussões expostas neste capítulo, os estudos de usuários tiveram um avanço no caráter teórico-metodológico e, nesse sentido, as Práticas Informacionais contribuíram com estudos voltados para temáticas relacionadas a grupos sociais anteriormente não abordados. Na concepção desses estudos, é observada a interação dos sujeitos em diferentes contextos sociais.

No entanto, a Ciência da Informação ainda tem muitos desafios e questionamento a serem enfrentados. Embora o campo tenha evoluído de uma perspectiva fisicista até uma abordagem sociocultural, essa evolução ocorreu mediante sintonia com os valores da UNESCO de inclusão, democracia, diversidade, paz, crítica, educação, caráter público e herança cultural (ARAUJO, 2019, p. 66).

A nova fase dos estudos de usuários tem como objetivo ver o indivíduo como parte de um todo, ou seja, a influência dos fatores históricos e socioculturais sobre suas ações constitui e promove a evolução do conhecimento na Ciência da Informação. Destaca-se o caráter ativo dos diferentes atores sociais, sua dimensão reflexiva, e possibilidades de aceitar, recusar, reelaborar e interpretar a informação (ARAUJO; DUARTE; DUMONT, 2019).

As fontes pesquisadas e as investigações sobre estudos de usuários apontam complementação entre o caráter individual do comportamento informacional e o coletivo das Práticas Informacionais. Em associação com o contexto sociocultural e a construção do aprendizado, ao longo da vida, as Práticas Informacionais têm a função de despertar nos indivíduos necessidades informacionais com pensamento crítico. Isso implica referência ao conceito de Competência Crítica em Informação, temática

que discute a relação da informação com os aspectos já citados, de forma eficiente e ética, sem descontextualizar da vida cotidiana.

4 COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO - CCI

As reflexões apresentadas nesta seção sobre a Competência Crítica em Informação, relacionam a dimensão, a abrangência, e as questões referentes à importância de acentuar a prática do pensamento crítico na Competência em Informação (ColInfo), elemento que corrobora para a adequação dessa temática ao acelerado avanço das tecnologias de informação e comunicação. Ressalta-se que os autores que abordam a Competência Crítica em Informação não rejeitam os estudos de ColInfo, mas incentivam o indivíduo a desenvolver uma Competência Crítica em Informação em complemento às atividades de busca, de uso da informação e da construção do conhecimento.

Vale destacar que a Competência Crítica em Informação está fundamentada na Teoria Crítica dos filósofos da Escola de Frankfurt e na Pedagogia Crítica de Paulo Freire. De acordo com Fleck (2017), a expressão Teoria Crítica aparece no artigo escrito por Horkheimer, “Teoria tradicional e teoria crítica”, considerado marco precursor dessa teoria e que foi publicado em 1937. No entanto o ano de 1931 é apontado como o momento culminante da teoria crítica, quando Horkheimer assume a direção da Escola de Frankfurt.

Pode-se dizer que a Teoria crítica é considerada como um projeto para contrapor a chamada teoria tradicional, não se limitava em apenas observar o mundo e seguir padrões, mas imaginar como o mundo poderia ser. A relação entre o sujeito e o objeto é o que diferencia a teoria tradicional da teoria crítica, pois esta última visa provocar mudanças e compreender o objeto, a partir de uma prática transformadora constituída de uma ação ética acrescida de liberdade e autonomia para a emancipação de qualquer forma de dominação (FLECK, 2017).

A Pedagogia crítica de Paulo Freire, está pautada em uma teoria educacional crítica e libertadora para conscientizar e capacitar o sujeito na compreensão crítica relacionada a produção de conhecimento direcionada a uma emancipação social. A contribuição da Pedagogia crítica tem como característica o desenvolvimento de uma consciência crítica, fazendo com que os estudantes se apropriem do controle de suas vidas e de seu próprio aprendizado, transformando-se em indivíduos ativos (TEWELL, 2015)

Entende-se que esses fundamentos teóricos críticos vão dar complementariedade à Competência Crítica em Informação e proporcionar uma

emancipação social com objetivo de despertar um valor moral, igualitário e autônomo aos cidadãos, ou seja, desenvolver uma percepção sobre como conduzir os debates sobre os conflitos e desigualdades sociais de diversos grupos e contextos da sociedade.

Em vista à desordenada produção de informações que são influenciadas por tecnologias que acentuam a exclusão das minorias ao acesso à informação com autonomia para exercer seus direitos. Face a esse panorama, entende-se que a Competência Crítica em Informação é um campo fértil para desenvolver ações práticas frente à realidade informacional hodierna.

A disponibilização da informação e do seu caráter efetivo na construção do conhecimento requerem do indivíduo um posicionamento que vai além das habilidades em utilizar ferramentas tecnológicas. Acima de tudo, faz-se necessário o desenvolvimento de um pensamento crítico que vai orientar a atenção e a seleção informacional. Dessa forma, a motivação e a capacitação técnica e intelectual induzem à apropriação da informação, despertando um interesse maior por informação qualificada (BEZERRA; SCHNEIDER; BRISOLA, 2017).

Nessa perspectiva, a CCI exige dos usuários e dos mediadores da informação um posicionamento crítico sobre as necessidades informacionais, ou seja, “requer uma problematização conceitual, psicológica e pragmática das necessidades informacionais” (BRISOLA; SCHNEIDER; SILVA JUNIOR, 2017, p. 7).

Em concordância com essas reflexões, a Competência Crítica em Informação defende uma sociedade mais independente e participativa, livre para se posicionar e refletir sem influências de outras, e, ainda, “promove um reencontro do indivíduo com o seu ser no mundo, seu potencial de modificar sua realidade e história” (BEZERRA; SCHNEIDER; BRISOLA, 2017; BRISOLA; ROMEIRO, 2018).

As discussões sobre a CCI estão direcionadas a uma crítica à concepção mais instrumental da Colnfo, sem, no entanto, desqualificar esses estudos, contribuindo para uma reflexão com vistas a superar os obstáculos semânticos que instrumentalizam os princípios da competência em informação, no sentido de alcançar o senso ético e político de liberdade e autonomia informacional de indivíduos (BEZERRA; SCHNEIDER; SALDANHA, 2019).

A expressão *Information literacy* surgiu em 1974, a partir do relatório submetido à *National Commission on Libraries and Information Sciences* – NCLIS, que recomendava um programa de letramento informacional. Esse documento foi

assinado por Paul G. Zurkowski e relacionava questões sobre a competência dos indivíduos em aprender técnicas e habilidades para utilizar uma grande demanda de ferramentas de informação. Em linhas gerais, era uma resposta ao excesso de informação que comprometeria a capacidade de seleção do sujeito, concepção difundida na área da biblioteconomia (DUDZIAK, 2003).

De acordo com Melo (2019), o conceito de Colnfo tinha uma relação muito próxima com o conceito de comportamento informacional, mas, com a expansão das tecnologias de informação e comunicação, esse conceito foi expandido e ganhou novos enfoques. Na atualização da *Association of College and Research Library – ACRL*, o conceito de *Information Literacy* “é um conjunto de capacidades integradas que englobam a descoberta reflexiva da informação na criação de novos conhecimentos e na participação ética nas comunidades de aprendizagem” (ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARY, 2015, p. 8, tradução nossa).

A ampliação dos conceitos da Colnfo popularizou estudos no campo profissional e de tecnologias da informação e da comunicação. À vista disso, a competência em informação não abrange somente o ensino dos recursos das bibliotecas, pois acredita que as pessoas ao longo da vida buscam e usam informação constantemente em vários canais e fontes. (DUDZIAK, 2003).

Os elementos críticos são mencionados na *Declaração de Alexandria sobre Competência informacional e aprendizado ao longo da vida* (2005) e as Recomendações da *International Federation of Library Associations and Institutions – IFLA sobre a Literacia Informacional e Mediática* (2011) e a *Moscou Declaration on Media and Information Literacy* (2012). Tais documentos ressaltam o caráter ativo da busca e a eficiência do acesso e acrescentam mais dois aspectos que são: componente crítico da avaliação e a postura ética da utilização da informação (BEZERRA, 2015).

Alguns trechos da Declaração de Alexandria fazem uma constante relação do aspecto crítico com o aprendizado ao longo da vida (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2005, p. 1, 2):

A competência informacional está no cerne do aprendizado ao longo da vida. Ele capacita as pessoas em todos os caminhos da vida para buscar, avaliar, usar e criar a informação de forma efetiva para atingir suas metas pessoais, sociais, ocupacionais e educacionais. É um direito humano básico em um mundo digital e promove a inclusão social em todas as nações.

Abrange as competências para reconhecer as necessidades informacionais e localizar, avaliar, aplicar e criar informação dentro de contextos culturais e sociais; é crucial para a vantagem competitiva dos indivíduos, empresas (especialmente as pequenas e médias), regiões e nações; vai além das tecnologias atuais para abranger o aprendizado, o pensamento crítico e as habilidades interpretativas cruzando as fronteiras profissionais, além de capacitar indivíduos e comunidades.

No Brasil, as investigações voltadas para as questões da ColInfo têm gerado vários estudos que fundamentam essa temática na Ciência da informação. De acordo com Dudziak (2016), uma das precursoras da Competência em Informação, os caminhos desenvolvidos a respeito dessa temática vão em direção a uma institucionalização, resultado do esforço de bibliotecários, docentes e estudantes que defenderam a consolidação de um modelo nacional, capaz de integrar agentes e ações educativas, sociais, empresariais, governamentais e políticas. Assim, a autora define Competência em Informação como:

A mobilização de habilidades, conhecimentos e atitudes direcionada ao processo construtivo de significados a partir da informação, do conhecimento e do aprendizado. Diferentes dimensões passam a ser consideradas: a dimensão das habilidades informacionais alcançadas pelo treino; a dimensão cognitiva de construção do conhecimento apropriação de conteúdos e processo reflexivo; e a dimensão das atitudes e dos valores, que diz respeito à construção dos aspectos críticos, políticos e éticos da ação dos homens (DUDZIAK, 2008, p. 42).

Nesse sentido, os caminhos traçados sobre os estudos de ColInfo expandiram-se para outros campos e evidenciam temáticas relacionadas à mídia, à cidadania, à tecnologia e à educação, e “[...]está inserida no processo de emancipação humana, é um diferencial de desenvolvimento socioeconômico e fator de promoção da inclusão social”. Além disso, a ColInfo destaca-se em projetos com abordagens voltadas e comprometidas em conceber uma “sociedade pluralista, equitativa e participativa, capacitando os cidadãos para tomar decisões críticas e proporcionando aos países sustentabilidade para o desenvolvimento político, econômico e social” (FURTADO, 2019, p.19 - 20).

Segundo Elmborg (2012) a compreensão da inserção da palavra crítica à Competência em Informação se deu por meio de dois fatores, o primeiro é relacionado ao desenvolvimento de novas práticas e o segundo é estabelecer uma ação crítica frente as atuais práticas de padrões de competência, que são relevantes, mas que impedem a formação de outras possibilidades, como ampliação dos sujeitos e dos contextos.

Diante disso, a CCI incorpora ao conceito tecnicista e instrumental da Competência em Informação outros elementos, como o pensamento crítico e o uso ético da informação. Em síntese, a Competência Crítica em Informação considera, além dos fatores sociais, culturais e econômicos, o cotidiano e não apenas o uso e a busca eficiente da informação.

Essa aplicação do pensamento crítico é apresentada por Schneider (2019), que estruturou a noção de Competência Crítica em Informação em sete níveis: concentração, competência instrumental, reflexão sobre a necessidade de gostos informacionais, relevância, credibilidade, estudo da ética em informação e conhecimento das teorias sociais críticas da informação. Para melhor compreensão, o Quadro 3 apresenta um resumo dos sete níveis.

Quadro 3 – Níveis de Competência Crítica em Informação

CCI/7	Diretrizes para mediadores e usuários da informação
1º. Nível da concentração	Suspensão da cotidianidade, foco de toda a atenção em um determinado problema ou conjunto de problemas, abstração da espontaneidade, do imediatismo, dos juízos provisórios, das generalizações, da mimese, dos preconceitos
2º. Nível instrumental	Conhecimento dos recursos informacionais existentes e domínio técnico das tecnologias de informação
3º. Nível do gosto	Problematização da noção de necessidade informacional, aliada ao estímulo à curiosidade intelectual e à formação do gosto pelo pensamento questionador e rigoroso
4º. Nível da relevância	Questionamento sistemático da relevância da informação e da própria noção de relevância, bem como dos mecanismos e dos critérios sociotécnicos de atribuição de relevância aos enunciados, aos dados e aos metadados
5º. Nível da credibilidade	Questionamento sistemático da credibilidade das fontes de informação e dos produtores de dados e metadados, bem como dos mecanismos e dos critérios sociotécnicos de atribuição de credibilidade às fontes, e aos produtores de dados e metadados
6º. Nível da ética	Reflexão séria e responsável sobre o bem ou o mal, resultante dos usos da informação, com ênfase nos problemas articulados da mentira, da opressão e do sofrimento, numa perspectiva intercultural, sem perder de vista as contradições entre o singular, o particular e o universal
7º. Nível da crítica	Articulação de todos os níveis anteriores em uma perspectiva emancipatória realista, bem como da própria noção de realismo, a partir do conhecimento das teorias sociais críticas e das teorias críticas da informação.

Fonte: Schneider, 2019, p. 109

Os níveis discutidos por Schneider (2019) são uma forma de entender a inflexão crítica presente na CCI, a partir da Competência em Informação. Em cada um desses níveis citados, os mediadores e os usuários de informação podem perceber o sentido crítico, possibilitando uma nova reflexão sobre as necessidades informacionais. A crítica ao caráter instrumental da Competência em Informação baseia-se no fato de que a habilidade no uso de instrumentos não habilita a uma CCI. O autor ainda ressalta a importância de atitudes questionadoras diante de fontes de informações, acima de tudo, procedimentos éticos com relação aos princípios e ao uso da informação, e, finalmente, o conhecimento das teorias críticas que irão respaldar a Competência Crítica em Informação.

Dentre as teorias analisadas por Schneider (2019), destaca-se as ideias de Bourdieu sobre a dominação simbólica e o *habitus*, e sua dominação e violência no sentido de expor o quanto a alienação pode subjugar os indivíduos, e como o pode ocorrer o enfrentamento diante dos problemas éticos informacionais, dos regimes de informação e da disseminação de informação sem filtros no meio de grupos sociais menos favorecidos.

Em meio a essa discussão estão presentes sujeitos historicamente oprimidos e excluídos de seus direitos por décadas, principalmente em relação ao acesso à educação. Estudantes quilombolas que atualmente têm acesso ao ensino superior sofrem de um descaso que hoje reflete em uma gama de dificuldades, como se adequar a um modelo conservador que é composto de padrões normativos e linguísticos vigentes.

Na narrativa de Santos *et al.* (2019), é observado que alunos quilombolas da Universidade Federal de Pará colocam em suas *escrevivências* uma postura crítica e política diante das estruturas dominantes, e buscam o fortalecimento e o empoderamento para suportar as opressões cotidianas se reunindo e organizando em conjunto a fim de elaborar estratégias para sua permanência no ensino superior com qualidade e equidade, conscientes de que o sentimento coletivo e unir a iguais é uma forma de luta e resistência.

Nesse sentido a reunião dos estudantes quilombolas na UFPA, seja em grupos ou por meio de associações são formas de enfrentamento que colaboram para o desenvolvimento de um pensamento crítico coletivo frente as informações que lhe são impostas.

A associação dos movimentos sociais com as Práticas informacionais e a Competência Crítica em Informação ressalta a importância da informação como meio de enfrentamento das desigualdades, e reverte em uma oportunidade de usar de forma crítica as informações que são disseminadas por classes dominantes que induzem a perpetuação das desigualdades dentro das instituições (MELO; ALVES; BRASILEIRO, 2019).

Assim, ao abordar nesta pesquisa essas duas temáticas: Práticas e Competência Informacionais e Competência Crítica em Informação foram observadas que elas buscam fundamentos teóricos na Sociologia Prática e na Teoria Crítica e apresentam um compartilhamento de ideias relacionadas a questões sociais, políticas e culturais. Além disso, ainda discutem a informação não somente como um processo de necessidade e de uso da informação, mas sob uma perspectiva de impulsionar o sujeito para um aprendizado contínuo, com a pretensão de estimular reflexão crítica e ética sobre as informações e a autonomia para interferir nas mudanças sociais.

Acredita-se que a partir desses conceitos teóricos surjam novas contribuições para que a Competência Crítica em Informação seja desenvolvida e assimilada pelos indivíduos visando um melhor uso das Práticas informacionais e assim imergir ações efetivas.

5. QUILOMBOLAS NO BRASIL: BREVE HISTÓRICO

Juridicamente, o termo quilombo passou a ser utilizado no Brasil, após a promulgação da Constituição Federal de 1988, artigo 68, que assegurava aos negros dessas comunidades os documentos e os sítios, suas reminiscências históricas dos quilombos. Existem outras terminologias para o termo quilombo, como Terras de Preto, Terras de Santo, Mocambo, Terra de Pobre (SILVA, 2019).

Diversas são as origens das comunidades dos quilombos localizadas no território brasileiro. A sua formação foi baseada em diversos fatores, dentre eles, o agrupamento de negros escravizados, fugitivos das fazendas de lavouras e da mineração, que ocupavam terras livres e isoladas, com estruturas grandes ou pequenas. O quilombo representava uma luta de oposição ao sistema escravocrata, no qual os negros traficados do continente africano eram escravizados e comercializados, pois seus “donos” tinham direito de vida e de morte sobre eles (SOUZA, 2012).

Os dados históricos indicam o século XVI como o início do tráfico de negros africanos para a América. Esses negros eram arrancados de suas casas e de suas famílias, transportados em condições desumanas nos navios. Ao chegarem ao Brasil, os membros de uma mesma etnia eram separados e vendidos para impedir uma organização e prevenir rebeliões. A partir desse momento, começava para o escravo uma vida de exploração e de crueldade, pois era obrigado a executar toda espécie de atividade no cativeiro. Além disso, as mulheres escravas eram vítimas de violência sexual, o que aumentou a população de mestiços na colônia. Outra forma de subjugar os escravos era a imposição à religião católica (SILVA, 2019).

A escravidão imposta aos negros despertava revoltas e fugas de forma individual ou coletiva, que resultariam na formação dos quilombos, “espaços de resistência cultural e de preservação da cultura e da identidade africana, nos quais os negros podiam voltar a falar a sua língua, manifestar suas práticas culturais e religiosas”. A localização dos quilombos dificultava o acesso para impedir as constantes expedições de captura (SANTOS, ROCHA, 2017, p.2).

De acordo com Silva (2014, p. 193), o significado da palavra:

“Quilombo” é de origem banto e quer dizer: acampamento ou fortaleza. Foi um termo usado pelos portugueses para designar as povoações construídas pelos escravos fugidos do cativeiro. No Brasil, esses espaços eram

chamados de arranchamentos, mocambos ou quilombos e seus membros eram conhecidos como Callombolas, quilombolas ou mocambeiros.

Em 1740, o Conselho Ultramarino¹, em comunicado ao Rei de Portugal, define quilombo como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados, nem se achem pilões neles” (MOURA, 1986, p.16). A definição de quilombo ainda pode ser discutida, por Moura (1992, p. 23), como um espaço de resistência mais representativo, constituindo-se como:

[...] uma fronteira social, cultural e militar contra o sistema que oprimia o escravo, e se constituía numa unidade permanente e mais ou menos estável na proporção em que as forças repressivas agiam menos ou mais ativamente contra ele. Dessa forma, o quilombo é o centro organizacional da quilombagem ².

A partir dessa concepção, a forma de organização sociopolítica dos quilombos está associada à ideia de resistência e abrangeu outras formas de luta, como o esforço do escravo em conseguir acumular dinheiro e comprar sua carta de alforria e a formação de irmandades religiosas, clubes de negros e formação de família. Além disso, o escravo no Brasil nunca foi um indivíduo passivo como a história tenta apresentar, pois resistiu e sobreviveu às dificuldades da vida cotidiana que lhe eram impostas.

As resistências dos quilombolas, suas ligações contínuas com grupos livres e cativos e as constantes fugas enfraqueciam o sistema escravista. Existia uma dinâmica de produção, troca ou venda entre os grupos, que refutava a noção de isolamento. Mesmo após a abolição, as resistências e os conflitos continuaram. O que mudou foi apenas a forma de conduzir os processos de lutas dos grupos, um deles, pela territorialização étnica (MIRANDA, 2013).

No que diz respeito à abolição da escravatura, em 1888, reitera-se que nenhum benefício foi assegurado ao escravo liberto. Consequentemente, teve início uma “trajetória de exclusão social e de invisibilidade que negou, na prática, os direitos dos

¹ Criado em 14 de julho de 1642, para se ocupar de todas as matérias e negócios de qualquer qualidade que fosse relativo à Índia, ao Brasil, a Guiné, às ilhas de São Tomé e Cabo Verde e todas as mais partes ultramarinas.

² Movimento de rebeldia permanente organizado e dirigido pelos próprios escravos que ocorreu durante o escravismo (Moura, 1992, p. 22).

afrodescendentes, e o não reconhecimento dos territórios quilombolas na estrutura agrária brasileira” (SILVA, 2019, p.38).

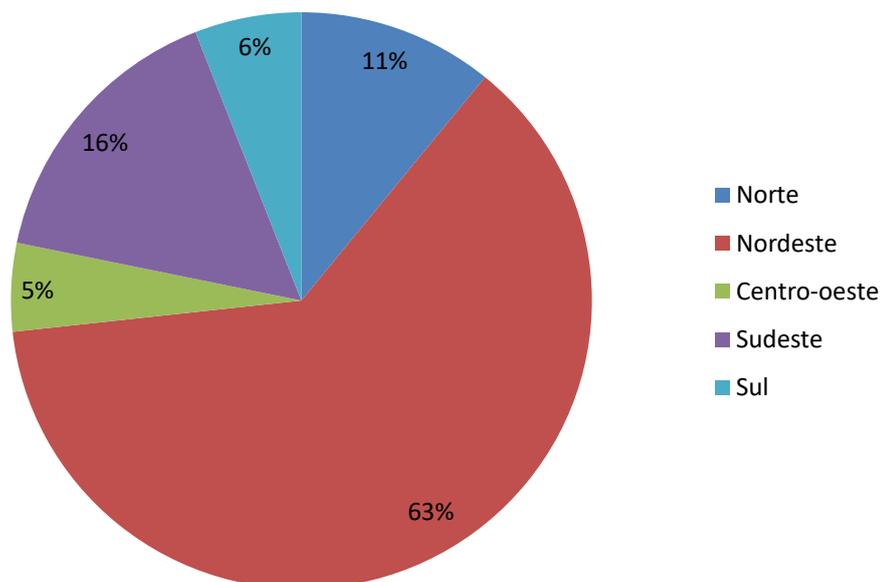
Essas diversas situações causadas pela pós-abolição fizeram com que os negros ocupassem espaços de florestas, em todo território brasileiro, e se dedicassem ao extrativismo e à prática de pequenas agriculturas. Assim, foi construída ao longo do tempo uma grande relação entre os quilombolas e a natureza: a terra representa sobrevivência em uma sociedade escravista. No entanto, hodiernamente, a luta por essas terras continua, pois tanto o governo como o setor privado consideram as terras habitadas secularmente pelos quilombolas como áreas disponíveis.

As comunidades dessas terras são chamadas de “comunidades remanescentes de quilombos”. Como citado no início deste capítulo, a Constituição Federal de 1988, no artigo 68, obriga o estado a emitir títulos definitivos de terras aos quilombolas, donos delas por direito e por justiça. Todavia, somente com o Decreto nº. 4.887, de 20 de novembro de 2003, passou a existir de fato uma legislação sobre a titulação dessas terras, e, no artigo 2, desse mesmo decreto, reconhece-se as comunidades remanescentes dos quilombos como:

Grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003, p. 4).

Com base nos dados da Fundação Cultural Palmares (2020), existem no Brasil 3.432 comunidades remanescentes de quilombos certificadas. Como se observa no gráfico 1, cerca de 63% estão na região Nordeste, o que representa 2.169 dessa população.

Gráfico 1- Comunidades Quilombolas por Região (certificadas até fevereiro de 2020)



Fonte: FUNDAÇÃO CULTURAL DOS PALMARES (2020)

Apesar de as comunidades quilombolas no Brasil terem conseguido algumas conquistas, como é o caso da titulação de terras, ainda são necessárias ações que agilizem esse processo, composto de várias etapas burocráticas e complexas, dificultando, assim, um mapeamento real dessas comunidades em todo o Brasil. Além disso, a demora em conseguir essa certificação favorece os interesses de grandes latifundiários pelas terras. A região Norte, terra de muitos conflitos por terra, de acordo com o Gráfico 1, tem um total de 366 comunidades certificadas. No Pará, foram emitidos 261 certificados.

5.1 Quilombolas no Pará

Os conflitos que aconteciam de norte a sul do território brasileiro, na época do período regencial, aumentaram as fugas de escravos, que viam nessas revoltas a divisão e a desmobilização dos senhores e das tropas. Muitos quilombos tiveram origem a partir dessa insurreição. No Grão-Pará, os quilombos eram construídos a beira dos rios, regiões que permaneciam alagadas grandes partes do ano (GOMES, 2015).

Embora a ocupação e a colonização do Grão-Pará tenham ocorrido bem depois de outras regiões do Brasil, o processo escravista não foi diferente: caracterizou-se pela luta dos escravos por liberdade e por muitos conflitos com seus senhores, o que tinha, como consequência, as fugas. Os escravos fugitivos se organizavam em

agrupamentos, dando origem aos quilombos. No século XVII, já havia indícios de quilombos na região do Grão-Pará. No entanto, Salles (2004, p. 84) afirma que:

Ao contrário do que afirmam certos historiadores, o Grão-Pará e Maranhão conheceu a escravatura negra a partir dos primeiros tempos da ocupação do território pelos europeus. Aonde ia o senhor lá ia também o escravo carregando as pesadas bagagens.

Com o fim da escravidão indígena, no início do século XVIII, houve um grande tráfico de negros para o Maranhão e para a Capitania do Pará. Os escravos assim que chegavam eram mandados para as lavouras de cana-de-açúcar, arroz, algodão, tabaco e cacau, uma vez que a mão de obra era um desafio nessa época, e a procura por escravos aumentava consideravelmente. A Coroa procurava facilitar a importação de escravos, e, por outro lado, incentivava o combate aos quilombos, pois a incidência de fugas era frequente, o que levou à organização de inúmeras expedições públicas e privadas, como forma de repressão. Esses esforços não conseguiram impedir a constituição de vários quilombos na região do Grão-Pará, na qual os escravos tomavam posse da terra e se dedicavam ao extrativismo e à agricultura de subsistência (TRECCANI, 2006).

Os principais mocambos da província do Grão-Pará, com expressiva população foram: Amapá (Oiapoque-Calçoene); Amapá (Mazagão); Pará (Alenquer); Pará (Óbidos); Pará (Alcobaça, hoje Tucuruí); Pará (Caxiú, rio Moju); Pará (Mocajuba); Pará (Gurupi (atual divisa entre o Pará e Maranhão); Maranhão (Turiaçu, rio Maracassumé); Maranhão (Turiaçu, rio) e Pará (Anajás) (SALLES, 2004, p. 97).

A Cabanagem foi uma revolução popular e social contra o governo central, ocorrida na Província do Grão-Pará, em 1835, no Período Regencial do Brasil. Teve participação ativa dos negros libertos e escravos, que aderiram ao movimento com o propósito de reconquistar a liberdade. A Cabanagem traiu as pretensões dos negros, e eles continuaram na condição de escravos. Em decorrência da queda do movimento, as fugas tomaram grandes proporções e notadamente os quilombos se multiplicaram (SALLES, 2004).

Salles (2004, 99) cita um mapeamento realizado pelo Centro de Defesa e Estudos do Negro no Pará – CEDENPA, que identificou 20 comunidades remanescentes do quilombo, cerca de 6.000 negros. Esses grupos descendentes de antigos quilombos estão distribuídos por várias regiões do Pará, como Baixo Tocantins, Arquipélago do Marajó e leste de Belém. Há indícios de uma grande

população de quilombolas em Macapazinho, no município de Castanhal. O núcleo mais próximo de Belém fica em Mosqueiro, uma aldeia com 72 famílias remanescentes dos quilombos.

A pesquisa documental revelou que os dados oficiais sobre as comunidades remanescentes de quilombos relacionam somente aquelas que foram certificadas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. No entanto, em 2019, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE fez um levantamento da população quilombola por região, estados e municípios, para o censo de 2021. Esses dados identificam os quilombolas por três tipos de localidades: os que pertencem a territórios oficialmente delimitados, os agrupamentos quilombolas e os quilombolas identificados por registros administrativos. O Estado do Pará tem um total de 529 comunidades, distribuídas por 64 municípios.

5.2 Educação quilombola no Brasil

Com o propósito de apresentar uma historicidade sobre os quilombolas, foram abordados, nas seções anteriores, estudos da trajetória de escravidão, de invisibilidade, de lutas, de exclusão social e de heranças, que se perpetuam até hoje. Esses fatores estimulam ainda mais os movimentos sociais a promoverem ações para reivindicar os direitos das comunidades remanescentes de quilombos, principalmente pela educação.

No Brasil, somente em 1930, foram criados o Ministério da Educação e Saúde e o Conselho Nacional de Educação. Esses órgãos elaboraram algumas mudanças na educação brasileira: uma delas foi a organização do ensino superior. Seguidamente, houve a publicação de um Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, propondo um novo perfil de ensino, novos ideais de educação e de modernização do sistema educativo e da sociedade brasileira (CARRIL, 2017).

Esse manifesto defendia um ensino profissionalizante, técnico e humanista com cursos de curta duração e processos adaptados que favorecessem a escolarização popular. Em sua essência, esse modelo de ensino fazia uma distinção entre quem deveria ter acesso a esses cursos. A escola pública não contemplava grande parte da sociedade, principalmente, o negro sem direito à escolarização (CARRIL, 2017).

A redemocratização do país iniciada, nos anos 80, também possibilitou a emergência de um novo perfil intelectual na abordagem de temas sobre as relações raciais, sobretudo no campo educacional. Essa questão ganhou atenção nas ações e lutas da população negra e se tornou uma das maiores reivindicações do movimento negro, no século XX. Este movimento ressalta que a educação unicamente não extinguirá todos os problemas, mas contribui em vários processos, como: “produção de conhecimento sobre si e sobre “os outros”, na formação de quadros intelectuais e políticos e é um critério usado pelo mercado de trabalho para selecionar e excluir pessoas” (GOMES, 2011, p. 112).

A universalização da educação é um processo lento, e, ao longo da história, não houve preocupação em reparar a discriminação e a exclusão dos povos quilombolas. O que se vê no campo educacional é a constante produção e reprodução de um quadro de desigualdades raciais. Não se admite o papel ideológico da escola em tratar os alunos, “como se todos fossem iguais, reproduzindo um ideal abstrato dos sujeitos, ao mesmo tempo, transmitindo uma neutralidade em seus conteúdos curriculares” (CARRIL, 2017, p. 551).

Dessa forma, a Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, o Parecer CNE/CP 03/2004 e a Resolução CNE/CP 01/2004 estabelecem como obrigatório no ensino fundamental e médio, oficial e particular, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Considera-se uma conquista em relação à educação em geral e para comunidades quilombolas. Uma ação que tem como objetivo de resgatar o sentimento de pertencimento étnico-racial e o reconhecimento de sua identidade, memória e cultura, reivindicadas pelo Movimento Negro e demais movimentos. BRASIL, 2004)

A aprovação da resolução nº. 8, de 20 de novembro de 2012, que definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a educação escolar quilombola na educação básica aponta avanços no processo de inclusão dessa comunidade, desde que os princípios das políticas afirmativas sejam planejados e colocados em prática, obedecendo:

Uma proposta de educação quilombola necessita fazer parte da construção de um currículo escolar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas. Isso significa que o próprio projeto político-pedagógico da instituição escolar ou das organizações educacionais deve considerar as especificidades históricas, culturais, sociais, políticas, econômicas e identitárias das comunidades quilombolas, o que implica numa gestão democrática da escola que envolve a participação das comunidades escolares, sociais e quilombolas e suas lideranças. Por sua vez, a

permanência deve ser garantida por meio da alimentação escolar e a inserção da realidade quilombola em todo o material didático e de apoio pedagógico produzido em articulação com a comunidade, sistemas de ensino e instituições de Educação Superior (BRASIL, 2012, p. 26).

A problemática em torno da educação de quilombolas requer uma compreensão maior sobre a historicidade e os estigmas que definiram a inserção da população negra na sociedade, conseqüentemente, no sistema escolar. Existe uma controvérsia entre a recomendação da legislação e a realidade de como funciona na prática esse processo. Observa-se uma carência de escolas nas comunidades ou a precariedade no funcionamento das escolas existentes (MIRANDA, 2012).

Com base na Lei nº. 10.639, o Conselho Nacional de Educação aprovou, em 17 de junho de 2004, a Resolução CNE/CP nº. 01, sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (Parecer CNE/CP nº. 03 de 10 de março de 2004), na qual são estabelecidas orientações de conteúdo a serem incluídos e trabalhados e as necessárias modificações nos currículos escolares, em todos os níveis e modalidades de ensino. Um dos objetivos estabelecidos nas Diretrizes são as divulgações e produções de conhecimentos, bem como de atitudes, de posturas e de valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns, para garantir a todos o respeito aos direitos legais e a valorização de identidade, na busca da consolidação da democracia brasileira (BRASIL, 2004).

O efetivo cumprimento dessa legislação dependerá da viabilização de várias questões: a localização da escola; os projetos político-pedagógicos; a formação de professores; as políticas educacionais e a mobilização da sociedade civil, a fim de que o direito à diversidade étnico-racial seja garantido no contexto escolar. Nesse sentido, a legislação deve estar em concordância com uma educação quilombola fundamentada nos contextos de uso do território, da etnicidade e das narrativas dos sujeitos, por conseguinte, oportunizar uma maior interação com a realidade local das comunidades. A exemplo disso, Carril (2017, p. 561) argumenta que:

A experiência da diversidade étnica e cultural, a exemplo dos quilombos, é a contrapartida da educação nos processos de reconhecimento que ampliam o valor das leis que foram aprovadas, e as escolas, professores e educadores são desafiados a buscar caminhos que levem a múltiplas culturas para dentro dos muros da escola e para além deles, incorporando outras fontes de sabedoria não presentes na educação formal. E, por fim, atribuir valor ético e político ao processo educacional para que se modifiquem não somente os currículos escolares, mas a cultura escolar.

Em decorrência das legislações aprovadas e das ações reclamadas pelos movimentos negros, foram desencadeados debates mais amplos sobre a educação de comunidades quilombolas. Esses documentos evidenciaram a necessidade de políticas educacionais comprometidas com a demanda dessa população, como incentivar a sua participação nos planejamentos de gestão orçamentária, de escolas ou na elaboração de diretrizes curriculares, com base nas representações simbólicas e materiais do cotidiano. Essas ações devem ter o compromisso de corrigir as injustiças sociais, e não apenas proporcionar acesso à escola, mas efetivar a permanência desse aluno no ciclo completo do ensino (ARRUTI, 2011).

A educação quilombola ganhou, por meio de instrumentos legais, o reconhecimento de sua importância, com a Lei nº. 10.639, de 2003. Entretanto, após 17 anos, sua implantação ainda não ocorreu de forma efetiva. São evidentes as situações de exclusão de alunos, seja pela falta de escolas, seja pela falta de projeto pedagógico elaborado em concordância com a realidade social, histórica, cultural, identitária e territorial. Nesse sentido, observa-se ausência de diálogo entre o que a lei determina, a realidade e a especificidade das comunidades quilombolas no Brasil e os órgãos públicos responsáveis. Quando não há comprometimento com as políticas públicas no ensino básico de qualidade, a possibilidade de acesso ao ensino superior por famílias quilombolas é quase improvável.

5.3 Acesso de quilombolas ao ensino superior

A reforma universitária ocorrida em 1968 foi marcada por mobilizações e debates estudantis de grupos sociais que exigiam do governo soluções para a crise na educação. A pauta de reivindicações da reforma universitária tinha como proposta: “aumentar a eficiência e a produtividade da universidade, colocar em evidência o sistema departamental, o vestibular unificado, o ciclo básico, o sistema de créditos e a matrícula por disciplina, bem como a carreira do magistério e a pós-graduação” (FÁVERO, 2006, p. 34).

De acordo com Lima *et al* (2015), as implementações da reforma universitária tinham duas conotações, uma autoritária e uma falsa democratização do acesso ao ensino. O que ocorreu, na verdade, foi a diminuição de recursos humanos e de materiais e o aumento de vagas no ensino privado, configurando-se, assim, um ensino excludente e elitista com grande intervenção do governo.

A trajetória das universidades públicas brasileiras, mesmo estruturadas em uma desigualdade social e sem equidade no acesso ao ensino superior, trouxe novas expectativas por parte dos grupos historicamente excluídos, mas com ânsia de pertencimento à universidade pública. Isto fez com que esse desejo possibilitasse a realização e o surgimento de políticas e de regulamentos em benefício dessas comunidades. Os grupos sociais engajam-se, assim, para o efetivo cumprimento dos direitos conquistados até o momento, em um esforço para garantir a democratização do ensino.

Com a Lei nº. 12.711, de 29 de agosto de 2012, às universidades públicas aderiram à nova política que dispunha sobre o regime de vagas para estudantes egressos do ensino público: pretos, pardos e indígenas passaram a ser considerados. Ainda que não exista nessa legislação uma especificação sobre o acesso de estudantes quilombolas, algumas universidades, no uso de sua autonomia, disponibilizam vagas para essas comunidades. A ação de movimentos sociais evidenciou a necessidade de discutir o direito de acesso ao ensino superior para todos, com a inclusão de forma justa de estudantes de todas as classes sociais e raças. Nesse contexto, o vestibular mostrou-se obsoleto em relação ao sistema hoje praticado pelo governo, Exame Nacional de Ensino Médio - ENEM e o Sistema de Seleção Unificada - SISU (CAMPOS, 2016; FERES JÚNIOR; DAFLON, 2014).

Salienta-se que as políticas de ações afirmativas são medidas fundamentais para combater a discriminação e exclusão social nas instituições públicas de educação superior e têm como funções:

“reparar o passado discriminatório, em que diferentes seguimentos estão inscritos, como medida compensatória; busca alcançar o campo da igualdade, em relação ao acesso a Universidade, tendo como objetivo corrigir desequilíbrio no campo educacional, além da construção de mecanismos que combatam a desigualdade social (LIMA et al 2015, p. 5).

A implantação da reserva de vagas para alunos quilombolas na UFPA foi realizada a partir de ações afirmativas. A Resolução nº. 4.309, de 27 de agosto de 2012, determinou a reserva de duas vagas para alunos quilombolas nos cursos de graduação da instituição. No entanto, para chegar a essa resolução, foram necessários vários debates, iniciados por volta de 2004, tendo à frente o Movimento Negro Paraense e a Pró-Reitoria de Ensino e Graduação da UFPA. Essas representações elaboraram uma proposta com ação afirmativa, a qual deliberou

garantias mais democráticas de acesso e de permanência dos grupos étnicos e discriminados aos cursos de graduação da UFPA.

- a) disponibilizar, por um período de 10 anos, 20% das vagas oferecidas no processo seletivo seriado da UFPA para estudantes negros, em todos os cursos oferecidos pela universidade.
- b) disponibilizar, por um período de 10 anos, uma vaga em cada curso para índios de tribos situadas na Amazônia Legal, assim como para quilombolas do território paraense, sempre como respostas às demandas específicas, de capacitação colocadas pelas nações indígenas e comunidades quilombolas, e apenas na medida em que contem com secundaristas qualificados para preenchê-las.
- c) apoio à escola pública: Implementar uma ação afirmativa de cunho social para alunos do ensino médio paraense através de um curso para negros e carentes das escolas públicas de ensino médio do Estado do Pará.
- d) apoio pedagógico aos professores da rede escolar de educação básica para dar cumprimento às determinações da lei 10.639/2003.98 (Ações de Acesso) (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, 2012).

Apesar de ter sido aprovado em 2012, o ingresso dos discentes quilombolas aconteceu de fato somente em setembro de 2013, quando ocorreu o primeiro Processo Seletivo Especial para quilombolas na UFPA, com início do ano letivo em 2014. Essa demora no cumprimento da resolução indica barreiras na realização dessas ações na UFPA. Contudo, é importante ressaltar que esse processo configura um avanço na política de acesso à Universidade (UFPA, 2012; LIMA et al., 2015; CAMPOS, 2016).

No decorrer da revisão da Seção 4, as questões levantadas, desde a reforma universitária de 1968 até os dias atuais, ressaltam as mudanças nas universidades no que diz respeito à responsabilidade social, à ampliação do número de vagas, ao acesso de estudantes quilombolas e indígenas e à abertura para discussões sobre ações afirmativas para essas comunidades, dentro das instituições. Essas são conquistas importantes, mas ainda são necessários outros avanços. Observa-se, no entanto, que o cenário político do Brasil faz surgir para todos um futuro incerto, dentro e fora das universidades, o que nos faz questionar se está ocorrendo um retrocesso, depois de décadas de lutas para a conquista dessas inclusões sociais. O prejuízo para as universidades é a perda de autonomia, e, para os quilombolas, é a quebra no processo de reparação de séculos de exclusão e de discriminação. Esses sujeitos agora têm acesso ao ensino superior, mas a universidade ainda invalida seus saberes e suas vivências.

6 PANORAMA DOS DISCENTES QUILOMBOLAS NA UFPA

A pesquisa documental ocorreu a partir de um levantamento solicitado ao Centro de Registro e Indicadores Acadêmicos - CIAC – UFPA, sobre os estudantes quilombolas, indagando como estavam distribuídos nos cursos de graduação, desde o ano de 2013 até o ano de 2020. Os dados desse documento contribuirão para identificar os sujeitos e para definir sua abrangência na Instituição. Conforme esse levantamento, existem 2148 alunos quilombolas ativos (matriculados), nos 12 (doze) Campus da UFPA, distribuídos em 69 cursos de graduação. A Tabela 1 detalha a quantidade de alunos por campus, polos³, núcleos⁴ e cursos na modalidade intensiva⁵. Belém, Abaetetuba, Cametá e Castanhal são os Campi com número de alunos acima de 100.

Tabela 1 – Distribuição de alunos quilombolas na UFPA

CAMPI/POLOS	ANOS								
	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	TOTAL
Abaetetuba	08	13	16	11	14	12	25	30	129
Acará ⁶	-	-	02	-	02	-	-	-	04
Barcarena ⁴	-	-	-	-	-	-	01	-	01
Altamira	-	-	02	01	04	08	12	16	43
Ananindeua	-	-	01	10	10	08	22	24	75
Belém	22	64	124	133	182	198	306	258	1287
Bragança	02	-	11	09	10	11	27	30	100
Santa Luzia do Pará ⁵	-	-	-	-	-	02	01	-	03
Breves	-	-	-	03	04	02	06	15	30
Curralinho ⁴	-	-	-	-	-	-	02	-	02
Portel ⁴	-	-	-	-	-	-	01	-	01
Cametá	02	05	12	20	16	17	27	25	124
Baião ⁴	01	01	04	02	02	02	-	-	12
Igarapé Mirim ⁴	-	-	-	01	-	-	-	-	01
Limoeiro do Ajuru ⁴	-	-	-	-	03	02	01	-	06

³ Pólo: Unidades fora do Campi do município sede

⁴ Núcleos: Unidades onde não há um Campi

⁵ Cursos na modalidade intensivo: por período intervalar

Mocajuba ⁴	02	-	-	04	02	02	08	-	18
Oeiras do Pará ⁴	-	01	-	01	02	06	-	-	10
Tomé Açu ⁴	-	-	-	01	04	02	02	-	09
Capanema	01	-	-	03	04	03	-	02	13
Castanhal	01	06	12	12	20	20	34	30	135
Curuçá ⁵	-	-	-	-	-	03	01	-	04
Mãe do Rio ⁶	-	-	-	-	-	02	-	-	02
Salinópolis	-	-	-	01	02	03	05	06	17
Soure	-	02	03	03	06	06	10	08	38
Tucuruí	01	08	11	10	10	10	18	16	84
TOTAL	40	100	198	225	297	319	509	460	2148

Fonte: UFPA/CIAC (2020)

De acordo com os dados do UFPA/CIAC (2020), alguns Campi têm suas atividades de ensino estendidas em outros municípios (Polos), exemplificados na tabela 1, com faixa na cor azul. Para uma melhor compreensão, foi realizada uma análise de cada município que tenha atuação da UFPA e verificada a representatividade dos estudantes quilombolas nos cursos ofertados. O campus de Abaetetuba, além de ofertar 12 cursos, abrange dois Polos nos municípios de Barcarena e Tomé Açu, com cursos de Matemática, Pedagogia, Educação do Campo e Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa.

O Campus de Altamira e Ananindeua não possuem polos. O primeiro reúne 08 cursos, sendo um dos mais antigos, com número de alunos baixo em relação à quantidade de cursos ofertados; o segundo, com apenas 08 anos de criação, possui 10 cursos e 75 alunos quilombolas.

O Campus Belém concentra a maior comunidade de alunos quilombolas, em 69 cursos de graduação, com crescimento acentuado, desde o ano de 2013. Os 11 cursos ofertados no Campus de Bragança atendem atualmente a 100 alunos quilombolas, sendo os cursos de Ciências Biológicas e de Engenharia de Pesca os mais requisitados.

Os dois cursos de graduação Ciências Naturais e Pedagogia pertencem ao Núcleo de Santa Luzia do Pará. Na análise do documento da UFPA/CIAC (2020),

esses cursos não são regulares, pois a oferta aconteceu somente no ano de 2018 para Pedagogia, e no ano de 2019 para Ciências Naturais.

O ingresso de estudantes quilombolas no Campus de Breves começou a partir de 2016, com a oferta de 11 cursos de graduação, sendo 05 de caráter intensivo. Curralinho oferta apenas um curso, Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa, iniciado em 2019, na modalidade intensiva. No Polo de Portel, ocorre a mesma situação do município anterior.

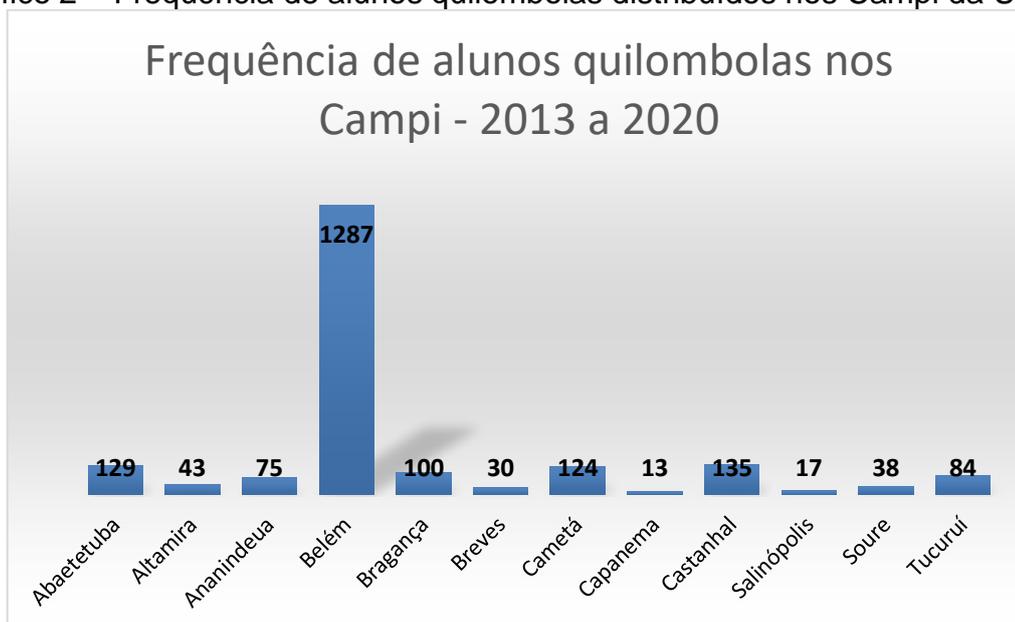
Cametá é o Campus que reúne quatro polos, Baião, Limoeiro do Ajuru, Mocajuba e Oeiras do Pará. A frequência de alunos quilombolas em Cametá é verificada desde 2013. O Campus oferece 19 cursos, sendo 09 na modalidade intensiva. A oferta nos polos citados é, na sua maioria, de cursos intensivos.

No Campus de Capanema, são observados 13 alunos, matriculados em 07 cursos. É um número pouco expressivo, se for considerada a quantidade de cursos ofertados desde 2013 e representaria uma média de menos de 02 alunos por ano. Ao contrário de Capanema, o Campus de Castanhal apresenta um índice de crescimento constante de ingresso de estudantes quilombolas nos 12 cursos ofertados. Além disso, a maioria dos cursos apresenta uma frequência superior a 10 alunos matriculados.

Os cursos ofertados no Campus de Salinópolis são voltados para Engenharia e Exatas, na modalidade regular. São apenas 03 cursos com 17 alunos. Tucuruí segue as mesmas áreas dos cursos de Salinópolis: são 06 cursos de engenharia, 01 de física e 01 de sistemas de informação. O Campus de Soure apresenta 07 cursos, em diferentes áreas do conhecimento, num total de 38 alunos.

Após a análise, ficou constatado que os municípios de Igarapé Miri (Polo); Curuçá (Núcleo), Acará e Mãe do Rio (somente curso intensivo) não possuem uma regularidade na ocorrência dos cursos, justificando-se, dessa forma, a baixa frequência de alunos quilombolas. O gráfico 2 mostra apenas a frequência dos alunos nos Campi.

Gráfico 2 – Frequência de alunos quilombolas distribuídos nos Campi da UFPA



Fonte: CIAC/UFPA (2020)

O panorama mostrado na tabela 1 reflete um quantitativo de estudantes considerado alto para análise desta pesquisa. Dessa forma, optou-se por fazer um recorte e delimitar os sujeitos apenas ao Campus Belém, no período de 2017 a 2020, totalizando 872 alunos quilombolas ativos (matriculados). A tabela 2 mostra a distribuição desses alunos nos cursos do Campus Belém e evidencia os cursos com maiores demandas de alunos quilombolas: Pedagogia, com 30; Administração, com 26; Direito, com 25; Ciências Biológicas, com 25; e Ciências Contábeis, com 24. Ainda indica o ano de 2019 com maior número de alunos que ingressaram no Campus Belém e um decréscimo de 15% de ingressos em 2020.

Tabela 2– Distribuição dos alunos Quilombolas por curso no Campus Belém

CURSOS	ANOS				
	2017	2018	2019	2020	TOTAL
Administração	6	6	10	4	26
Arquitetura e Urbanismo	4	4	8	4	20
Arquivologia	2	2	4	4	12
Artes Visuais	2	2	4	4	12
Biblioteconomia	4	4	8	4	20
Biomedicina	1	1	2	2	06

Biotecnologia	1	2	4	4	11
Ciência da Computação	1	1	3	2	07
Ciências Biológicas	3	6	10	6	25
Ciências Contábeis	4	6	8	6	24
Ciências Naturais	3	1	7	4	15
Ciências Sociais	3	4	8	8	23
Cinema Audiovisuais	-		3	4	07
Comunic. Social Jornalismo	-	2	4	3	09
Comunic. Social Publicidade	2	2	3	4	11
Conservação e Restauro	-		2	4	06
Dança	-	2	4	4	10
Desenvolvimento. Rural	-	1	4	3	08
Direito	6	6	6	7	25
Economia	1	4	2	4	11
Educação Física	2	2	2	3	09
Enfermagem	4	4	2	2	12
Engenharia Biomédica	2	1	3	4	10
Engenharia Civil	2	3	7	6	18
Engenharia Computação	2	2	3	2	09
Engenharia Alimentos	1		4	4	09
Engenharia Bioprocessos	-	2	2	4	08
Engenharia Telecomunicações	2	4	3	4	13
Engenharia elétrica	2	2	4	3	11
Engenharia Ferroviária	1	2	3	4	10
Engenharia Mecânica	4	4	7	2	17
Engenharia Naval	2	2	3	4	11
Engenharia Química	1	2	4	2	09
Engenharia Sanitária	3	3	4	2	12
Estatística Bacharelado	-		1	2	03
Farmácia	2	2	2	3	09

Filosofia	1	2	8	2	13
Física	3	5	7	6	21
Fisioterapia	2	2	2	2	08
Geofísica	1		2	4	07
Geografia	3	4	7	3	17
Geologia	1	2	4	4	11
História Bacharelado	-		3	1	04
História Licenciatura	2	4	4	1	11
Letras Alemão	-		4	4	08
Letras Espanhol	1	2	4	4	11
Letras Francês	-	2	2	4	08
Letras Inglês	3	4	4	4	15
Letras Libras intensivo	1	1	3	4	09
Letras Língua Portuguesa	4	4	5	8	21
Licenc. Int. Ciências Matemática	3	1	8	3	15
Matemática	3	3	8	4	18
Medicina	1	2	2	2	07
Meteorologia	2	2	3	4	11
Museologia	1	2	3	4	10
Música	-	2	4	3	09
Nutrição	4	2	2	2	10
Oceanografia	-	2	3	4	09
Odontologia	4	3	4	4	15
Pedagogia	8	8	7	7	30
Produção. Multimídia	2	1	4	4	11
Psicologia	4	4	5	2	15
Química	1	2	7	4	14
Química Industrial	1	1	2	4	08
Serviço Social	4	6	8	5	23
Sistemas de Informação	2	1	4	4	11

Teatro	2	2	1	4	09
Terapia Ocupacional	-	2	2	2	06
Turismo	4	3	8	4	19
TOTAL	141	172	302	257	872

Fonte: UFPA/CIAC (2020)

A distribuição dos estudantes quilombolas nos 13 institutos da UFPA ocorre de maneira discrepante. No entanto, algumas situações devem ser consideradas, pois existem Institutos que possuem 13 cursos e outros com apenas 01 curso. É o caso do Instituto de Ciências Jurídicas, com o curso de Direito, que é o terceiro curso que mais aprova estudantes quilombolas. Todavia, nos 13 cursos do Instituto de Tecnologia, apenas o curso de Arquitetura e Urbanismo chega a ter 20 alunos quilombolas; os outros cursos ficam abaixo desse número. Portanto, ao observar a Tabela 2, na qual estão registrados os dois Institutos com maior número de alunos quilombolas, devem ser ponderadas as situações mencionadas, assim como a criação de novos cursos.

Tabela 3 – Distribuição de alunos quilombolas por Instituto/UFPA

INSTITUTO	ANOS				
	2017	2018	2019	2020	TOTAL
Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares – INEAF	-	01	04	03	08
Instituto de Ciências da Arte - ICA	07	11	23	27	68
Instituto de Ciências Biológicas – ICB	05	11	18	16	50
Instituto de Ciências da Educação – ICED	10	10	09	10	39
Instituto de Ciências Exatas e Naturais – ICEN	14	14	39	30	97
Instituto de Ciências Jurídicas- ICJ	06	06	06	07	25
Instituto de Ciências da Saúde- ICS	17	17	16	17	67
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA	25	31	48	31	135
Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMCI	03	01	08	03	15
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH	13	18	35	17	83
Instituto de Geologia – IG	04	06	12	16	38
Instituto de Letras e Comunicação – ILC	11	17	29	35	92

Instituto de Tecnologia – ITEC	26	29	55	45	155
TOTAL	141	172	302	257	872

Fonte: UFPA/CIAC (2020)

Ao fazer a análise do documento do UFPA/CIAC (2020), dois dados importantes foram percebidos. O primeiro refere-se aos alunos que cancelaram a matrícula ou que se evadiram, representado na tabela 3. Com esse demonstrativo, foi possível concluir que, em relação ao total de 872 alunos matriculados, a taxa de evasão ficou em torno de 8%, no intervalo, de 2017 a 2020. O segundo dado é que não foram identificados concluintes no período em questão.

Tabela 4 – Situação de Evasão dos Estudantes quilombolas UFPA

ANO	CANCELADOS/EVADIDOS⁶
2017	40
2018	23
2019	04
2020	01
TOTAL	68

Fonte: UFPA/CIAC (2020)

O quantitativo de alunos que ingressaram e a taxa de evasão no período especificado desta pesquisa mostram a importância do desenvolvimento de ações afirmativas na Universidade. Estimular o acesso a todos os cursos, por meio de ações, pode resultar em uma representatividade maior dos quilombolas na UFPA.

De acordo com Oliveira, Beltrão e Ribeiro (2013), o direito de acesso ao ensino superior não significa que as Universidades cumpriram totalmente o compromisso social. Pelo contrário, iniciam-se outros processos e outras demandas, como a permanência e a conclusão do percurso acadêmico do estudante quilombola. No nosso entendimento, a democratização do ensino superior e da informação ainda tem muitos caminhos a percorrer.

⁶ Esse é o termo usado pelo Centro de Registros e Indicadores acadêmicos – CIAC/UFPA, para evasão de alunos.

7. OS DESAFIOS DOS ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UFPA

A abordagem ora desenvolvida incide sobre o registro dos dados que foram coletados do questionário do *google forms* para identificação dos sujeitos e das entrevistas semiestruturadas. Esses dados serão analisados com base na Análise Crítica do Discurso de Norman Fairclough, em vista disso, as análises discorreram sobre oito categorias que serão relacionadas ao referencial teórico da pesquisa. Na sequência serão apresentadas as articulações entre os resultados das análises das subcategorias com os preceitos de Hegemonia e de Ideologia.

Com a finalidade de otimizar a análise, optou-se por dividi-la em etapas: 1. Análise das subcategorias de acordo com o referencial teórico, 2. Reflexões acerca da análise das subcategorias com as dimensões das Práticas sociais, Hegemonia e Ideologia, e por fim, 3. Relações entre esses resultados com as Práticas Informacionais.

7.1 Formação do universo pesquisado

A partir da análise do panorama dos discentes quilombolas na UFPA e considerando o momento pandêmico, onde preconiza-se o distanciamento físico, optou-se por realizar a captação dos sujeitos por meio de um formulário produzido no *Google forms* (Apêndice A), com questões relacionadas à identificação dos sujeitos, como: e-mail, gênero, idade, comunidades de origem, curso, Campus, Polo ou Núcleo que estuda, ano de ingresso, se pertence à Associação ou Grupos representativos dentro da UFPA e o aceite ou não em participar da segunda etapa da pesquisa, que seria a entrevista.

Com as atividades acadêmicas suspensas, foi enviado o link do formulário para as lideranças representativas dentro da UFPA como: Associação de Discentes Quilombolas da UFPA-ADQ; Projeto Conexões e Saberes ICSA/UFPA; Projeto Indígenas e Quilombolas - Conhecimento e Resistência-IQ; Professores e Grupos de *WhatsApp* de alunos, para serem repassados para os sujeitos ou outros grupos que tivessem a possibilidade de contactar os discentes quilombolas.

Toda essa mobilização resultou em 44 formulários respondidos, as dificuldades em contactar os sujeitos fez com que o questionário ficasse disponível de 20.10.20 a 30.11.20. A partir dessa data, iniciaram-se as análises das informações contidas nos formulários recebidos e foi verificado que 14 formulários deveriam ser descartados, pelos seguintes motivos: respondentes em duplicidades, negativa em

aceitar participar da segunda etapa da pesquisa e um sujeito que não se adequava ao critério de estudante quilombola. Desse modo, 30 estudantes estavam aptos para a segunda etapa.

As informações obtidas com essa ferramenta, possibilitaram fazer algumas análises preliminares. Em relação ao gênero, 99% dos respondentes são femininos e 1% do masculino. Em termos de moradia, todos ainda vivem em suas comunidades, e tem que se deslocar para o Campus Belém ou para o Campus do município mais próximo. Quanto à idade, verificou-se a predominância de uma faixa etária de 21 a 30 anos, diferente dos estudantes não-quilombolas que ingressam nas universidades brasileiras com uma faixa etária de 18 a 24 anos, considerada “idade escolar típica” (ANDIFES, 2019).

Foram identificados discentes de 18 comunidades quilombolas no estado do Pará. Embora a distância e a moradia sejam fatores negativos para a permanência desses discentes na vida acadêmica, o Campus Belém ainda é uma escolha predominante para os estudantes. Os cursos somaram 13, com destaque para os cursos do ICSA, Serviço Social, Biblioteconomia e Arquivologia foram os mais citados. Além disso foi observado que três Institutos não foram mencionados, Instituto de Geociências, Instituto de Ensino de Matemática e o Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares.

Quadro 4 – Discentes por curso de graduação

CURSO DE GRADUAÇÃO	DISCENTES	INSTITUTOS DA UFPA
Arquivologia	01	ICSA
Biblioteconomia	02	ICSA
Serviço Social	03	ICSA
Turismo	01	ICSA
Pedagogia	01	ICED
Direito	01	ICJ
Psicologia	01	IFCH
Engenharia Sanitária	01	ITEC
Ciências Biológicas	01	ICB
Licenciatura Letras – Inglês	01	ILA
Licenciatura Matemática	01	ICEN
Enfermagem	01	ICS
Licenciatura em Dança	01	ICA

Fonte: Elaborado pela autora, com dados da pesquisa

Entre os sujeitos participantes desta pesquisa, foi mencionada a atuação de associações representativas que apoiam os estudantes quilombolas no contexto da UFPA, desenvolvendo ações de enfrentamento perante as dificuldades acadêmicas. Verificou-se que 50% dos participantes têm vínculos com essas representações.

A partir dessas informações iniciaram os contatos por e-mail e por *whatsapp* com os discentes que aceitaram ser entrevistados. O agendamento seguiu de acordo com a disponibilidade de dia e horário de cada discente, uma vez que, eles encontravam-se em suas comunidades, localizadas em outros municípios fora da cidade de Belém.

Após a confirmação do agendamento foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, elaborado pelo *Google forms* para que fosse devidamente preenchido e aceito. No entanto, nesse processo surgiram obstáculos, inicialmente os 30 discentes que aceitaram participar da entrevista, apenas 18 confirmaram o agendamento, sendo que dois não foram entrevistados por problemas com a internet e contaminação pelo coronavírus, não houve a intenção por parte desses sujeitos em remarcar a entrevista.

Desta forma 16 entrevistas foram realizadas, seguindo um roteiro semiestruturado com 12 questões relacionadas aos objetivos da pesquisa, como as Práticas Informacionais e a uma visão histórica e cultural do cotidiano dos sujeitos.

7.2 A voz dos quilombolas estudantes de graduação da UFPA

Para análise dos resultados obtidos nas entrevistas, utilizou-se a Análise Crítica do Discurso – ACD (FAIRCLOUGH, 2001a) como metodologia de análise de dados para identificar e para compreender as Práticas Informacionais dos discentes quilombolas da UFPA. É importante esclarecer que a teoria tridimensional da ACD é constituída de três dimensões: a Análise textual, a Análise da prática discursiva e a Análise da Prática social. Para as discussões das análises desta pesquisa, utilizou-se a terceira dimensão da ACD, a Prática social.

Considera-se a Análise da Prática social uma abordagem que investiga fenômenos discursivos relacionados a contextos sociais e culturais e é constituída de duas categorias centrais da ACD: Hegemonia e Ideologia. A hegemonia relaciona questões de dominação na esfera econômica, política, cultural e ideológica, e se apresenta em forma de poder sobre um grupo social. A ideologia contribui para as práticas discursivas e são apresentadas como ideias, crenças, construções ou

significados da realidade, transmitidas no discurso consistindo nos debates das lutas hegemônicas que colaboram para produção e para reprodução de poder (MAGALHÃES, 2001).

Nesse sentido, a ACD de Fairclough (2001a) apresenta o discurso como constituinte social no qual os valores e as identidades são tratados de forma particular, assim como, tornam visíveis os aspectos dos textos que possam indicar a existência de ideologias, hegemônias e práticas discursivas de poder. A partir dessas observações será possível promover reflexões críticas comprometidas com as práticas sociais.

A análise de dados não se limitou em descobrir somente a percepção dos sujeitos em relação às Práticas Informacionais, mas compreender como sua trajetória histórica/cultural e experiências ao longo da vida influenciaram o seu desenvolvimento cognitivo, considerando que estes, configuram-se como fatores determinantes para o seu posicionamento como indivíduo perante a sociedade.

Após a transcrição das entrevistas foi realizada a sistematização dos dados para que fosse possível fazer uma leitura exaustiva dos discursos e então destacar trechos mais representativos. Em seguida foram criadas as categorias e subcategorias relacionadas a temática das práticas informacionais. Com a categorização definida teve início a análise e interpretação dos dados de modo a articular as falas dos sujeitos com o referencial teórico.

Para preservar o anonimato dos 16 participantes da pesquisa eles foram identificados como: D1, D2, D2, D3, D4, D5, D6, D7, D8, D9, D10, D11, D12, D13, D14, D15, D16.

As comunidades quilombolas a qual cada sujeito pertence estão identificadas no quadro 4. São 12 comunidades, localizadas em 11 municípios do Estado do Pará, sendo que dos 16 entrevistados apenas 1 não estuda na UFPA/Campus Belém.

Quadro 5 – Identificação das Comunidades Quilombolas

MUNICÍPIO	COMUNIDADE QUILOMBOLA	SUJEITOS DA PESQUISA
Abaetetuba	Médio Itacuruçá	01
Acará	Itacoazinho	02
Acará	Baixo Itacuruçá	01
Ananindeua	Abacatal	02
Arari	Santana	01
Barcarena	São Sebastião do Burajuba	01
Bujaru	São Sebastião	01
Cachoeira do Piriá	Bela Aurora	01

Concordia do Pará	Nossa Senhora das Graças	01
Moju	Nossa Senhora da Conceição	01
Ourém	Mocambo	03
Salvaterra	Mangueira	01

Fonte: Elaborado pela autora, com dados da pesquisa.

No Quadro 5, destaca-se a temática central da pesquisa – Práticas Informacionais, a dimensão da ACD – Prática social e suas categorias Hegemonia e Ideologia, e por fim as subcategorias, definidas como: Preservação e memória histórica e cultural; Formação histórica cultural relacionada ao ensino superior; Transferência de conhecimento; Preconceito e discriminação; Representatividade; Acesso à Informação; Identificação das Práticas Informacionais e Percepção do pensamento crítico.

Quadro 6 – Categorização dos resultados

TEMÁTICA	DIMENSÃO	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
PRÁTICAS INFORMACIONAIS	PRÁTICA SOCIAL	Hegemonia	Preservação e memória Histórica e Cultural
			Formação histórica/cultural relacionada ao ensino superior
			Transferência de conhecimento
			Preconceito e discriminação
		Ideologia	Representatividade
			Acesso à Informação
			Identificação das práticas informacionais
			Percepção do pensamento crítico

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

A seguir serão apresentadas cada subcategoria, e os discursos dos sujeitos, ressaltando que nem todas as falas coletadas nas entrevistas estão expressas. Cabe destacar que na transcrição das falas procedeu-se uma correção mínima, mas necessária para manter o entendimento dos discursos dos sujeitos.

7.2.1 Preservação e memória histórica e cultural

A subcategoria “**Preservação e memória histórica e cultural**” é referente à memória e vivência dos sujeitos enquanto remanescentes de uma comunidade

quilombola, neste sentido, verificou-se as falas dos entrevistados quanto à preservação e à perda de suas tradições e como esse aspecto pode influenciar a sua identidade e o reconhecimento de suas origens. Nascimento e Marteleto (2004) enfatizam a importância da historicidade como elemento de ligação entre o passado e o presente dos indivíduos para constituir a sua identidade humana.

Neste cenário, entende-se que as dimensões históricas, culturais, econômicas, tecnológicas, sociais e políticas são pré-condições para o entendimento da 'informação'. Assim, a informação deve ser referenciada à historicidade dos sujeitos, ao funcionamento das estruturas e das relações sociais e aos sujeitos que executam ações. Isto é, a potencialidade de se ver a informação constituída como problema da sociedade, configurado como um fenômeno da ordem cultural e da humanidade.

Os discursos mostram o processo de perda das tradições dos sujeitos, e o quanto isso demonstra a sensação de descaso com as tradições que formaram o seu povo, e apontam alguns pontos causais para essa negligência, como por exemplo, o desenvolvimento das cidades que comprimem as comunidades mais próximas dos centros urbanos e as Tecnologia de Informação e Comunicação.

D1: “[...] A nossa cultura e muitas coisas se perderam, devido as mudanças que foram ocorrendo [...]”

D4: “[...] É uma comunidade pequena o inchaço das cidades tá diminuindo o território, devido às grandes invasões [...] o meio de tentar manter viva a nossa tradição, é através da nossa igreja que foi um símbolo da nossa luta e que nos ajudou a conseguir o documento que comprovasse que aqui era um quilombo remanescente”

D6: “[...] a vivência histórica é muito importante pra gente, muitas coisas hoje, eu considero que passaram por uma reforma e não foram preservadas [...] É... Acho que é importante a gente preservar nossa cultura, a gente preservar nossas origens. [...] Eu pelo menos não quero que se modernize e acabe com toda a nossa cultura que a gente tem”.

D7: “[...] com a chegada da tecnologia, energia elétrica, as coisas mudaram muito na comunidade, principalmente na questão dos jovens. [...] uma questão muito debatida foi que a internet influencia muito no jovem, a internet, tem seu lado bom e tem seu lado ruim. Então, uma coisa que tirou muito a cultura da comunidade, eu acredito que foi isso, a chegada da tecnologia por um lado facilitou muita coisa na comunidade. Mas, por outro lado, a gente perdeu a nossa cultura [...]”

D10: “Essa cultura na minha comunidade não acontece mais, ficou de lado, foi acabando aos poucos”

Ainda com relação aos aspectos histórico/cultural foram observadas as relações com as crenças, a religião, as datas comemorativas que constituem um conjunto de conteúdo simbólico e afetivo relacionado às experiências sociais e pessoais de cada sujeito. Marteleto (1995) enfatiza que essas marcações simbólicas podem ser utilizadas como justificativa para a validação das relações de opressão.

D1: *“Então muitas coisas ainda se perderam, mas algumas coisas com o Círio lá da comunidade Santíssima Trindade ainda ocorre todo ano no mês de outubro, no terceiro final de semana, essa festividade lá que é esse ano foi realizado o 33º Círio na cidade que a Padroeira da comunidade. Já tiveram outras tradições, e outras festas tradicionais.”*

D2: *“[...] preservamos os costumes, as crenças e as nossas vivências em comunidade quilombola.”*

D6: *“[...] A minha comunidade tem uma vivência histórica muito importante. [...] Um exemplo é a nossa igreja, uma igreja que tinha, desde 1988 que existia essa igreja na nossa comunidade, mas ela passou por uma reforma total e praticamente já foi reestruturada totalmente.”*

D7: *“[...] mas o que eu tenho a contar de anos atrás foi que a gente ainda viveu muito sobre a cultura quilombola na minha comunidade, no caso na religião, na comunidade mesmo não temos a religião umbanda que é, que faz parte mesmo da cultura dos quilombos. Na minha comunidade não tem, só a católica, são católicos e evangélicos”*

D11: *“[...] conversavam hoje em dia, dentro das escolas, os professores tentam fazer esse processo de reafirmação pra trazer a nossa cultura, mas acredito que poucas coisas, que foram mantidas [...] se chega alguém lá de fora, não consegue identificar como uma comunidade quilombola, porque já foram perdidas muitas das nossas tradições. Conseguem identificar somente como uma comunidade rural.”*

D13: *“[...] Sobre as nossas tradições, a gente continua cultivando e passando de geração a geração. Inclusive a gente temos nossa festa tradicional do Dia da Consciência Negra”.*

D15: *“Assim, a minha vivência dentro da minha comunidade, é a minha família que vem de um lar evangélico e nós enquanto eu vivi dentro da minha comunidade a gente sempre participou de atividades na igreja evangélica, culto, cerimônias na igreja, assim nunca a gente saiu da igreja e sempre desenvolvíamos um papel dentro da igreja”*

D16: *“[...] as crianças depois de ser batizada, é claro. Aí começa o estudo pra primeira eucaristia. A nossa religião aqui, a maior parte são católica. E com isso, fazemos a primeira eucaristia, logo em seguida eles dão perseverança [...] em maio, a coroação de Nossa Senhora de Santa Maria, que é a nossa padroeira da comunidade Quilombola do Bocão. Aí, várias crianças fazem homenagem. Aí, depois temos aqui no mês de junho a nossa tradição do dia vinte e em novembro também, que é nossa feira Consciência Negra”*

Os entrevistados pertencem à 12 comunidades quilombolas diferentes e foram mencionadas as religiões católica e evangélica, não houve referência às religiões tradicionais de matriz africanas, uma vez que esse aspecto religioso reforça a afirmação da identidade étnica. Além da religiosidade, outros elementos culturais aparecem de maneiras e percepções distintas nas narrativas de cada sujeito. Nessas circunstâncias, a construção e a vivência do conteúdo histórico/cultural originada de um coletivo, provavelmente tem uma leitura particular para cada indivíduo.

Mediante as falas dos entrevistados ainda é possível fazer uma relação com as reflexões de Aquino (2008) na qual o reconhecimento da diversidade cultural e da identidade de grupos sociais, requer discussões sobre os valores, as tradições, os saberes e as etnias, especificamente na abordagem da população negra brasileira, herdeira de uma colonização que foi devastada historicamente e culturalmente. Essa herança ainda hoje faz com que os movimentos sociais reivindiquem direitos e reconhecimento para os descendentes dos escravos do Brasil. Os remanescentes quilombolas buscam preservar a sua identidade e o reconhecimento de seus direitos, assim Calheiros e Stadtler (2010, p. 138) explicam:

A aceitação de uma identidade permite ao indivíduo colocar-se de forma diferente perante a sociedade, individualmente ou como grupo. Denominar-se ou reconhecer-se como quilombola resulta de uma identidade construída socialmente, em um contexto que demarca relações de poder e em que resistem a uma posição estigmatizada, desde a escravidão até a atualidade.

Desta forma tiveram discursos que indicaram que nem sempre existe a necessidade de se identificar como quilombola, outros com uma compreensão superficial, e por fim foi percebido que a maioria dos sujeitos não tem problema em se autodeclarar quilombola.

D1: *“[...] a gente faz somente o que é para fazer nossas atividades, frequentamos todos os espaços da UFPA, vamos pra aula, não temos esse comportamento, a gente age normal a gente não fica todo tempo dizendo que é quilombola e tal, não é dessa forma que a gente faz... [...] quando vai para algum evento, quando a gente se comunica com alguém sempre a gente tem essa coisa de se autodeclarar como quilombola eu tenho o maior orgulho de ser quilombola, eu nunca vou negar a minha ancestralidade”.*

D4: *“Em relação a nossa tradição, a nossa história, eu falando por mim mesmo, eu tento não esconder de ninguém, eu digo minha origem... [...] e a gente não tenta esconder. No caso, eu ensinava algumas tradições da gente pra alguns colegas meus, tinha uns que não gostavam, outros sim, mas eu nunca escondi minha identidade”.*

D7: “[...]Eu, por exemplo, sou uma, sempre vou com a minha camisa, dizendo quem eu sou, sempre vou com meus cordões, meus brincos e sempre tentando demonstrar que eu sou uma quilombola lá dentro, porque muitos vão pra se esconder, mas tem muitos também que vão pra se mostrar até por meio de preconceito, se escondem.”

D11: “[...]a comunidade ela é declarada desde 2008, mas teve muito tempo, sempre houve um preconceito muito grande em identificar como quilombola. Quando os nossos começaram a passar na universidade, aí quando essas pessoas tinham acesso à universidade, elas conseguiam entender como é, o que é ser quilombola, o nosso processo de luta e voltavam pra escutavam, conversavam hoje em dia, dentro das escolas, os professores tentam fazer esse processo de reafirmação pra trazer a nossa cultura...[...] Aí hoje em dia aqui já tem associação e eles tentam fazer isso. Eu, por exemplo, como quilombola, eu fui me entender como quilombola, quando eu entrei na universidade, que eu fui ver o meu papel, na minha comunidade.”

Existe a percepção que a identidade e o reconhecimento em ser quilombola está associado a preservação histórica/cultural, e ao território (CARVALHO; LIMA, 2013). Assim, os sujeitos que vivenciam práticas históricas e culturais no cotidiano das comunidades, conseguem transportá-las para o contexto acadêmico. Mesmo que isso represente geração de preconceito e discriminação. Sobre as memórias de sua ancestralidade, são repassadas por familiares mais velhos ou por alguma tradição que ainda conseguiu ser preservada.

7.2.2 Formação histórica e cultural relacionada ao ensino superior

Esta subcategoria tem a perspectiva de entender as experiências individuais relacionadas ao meio acadêmico e como sua formação histórica/cultural influencia seu cotidiano e sua permanência no ensino superior. Nesse sentido é necessário retomar as discussões sobre as políticas de diversidade da educação pública brasileira, no que diz respeito a ações como forma de dar visibilidade a grupos socialmente menos desfavorecidos.

De acordo com Lima (2015), foram elaboradas medidas compensatórias e reparatórias, empregadas para diminuir as disparidades étnico-sociais no acesso ao ensino superior, principalmente de negro(as) quilombolas. Do mesmo modo as ações afirmativas sobre o acesso de grupos tradicionais ao ensino superior idealizada pela UFPA, abre perspectivas de debates para identificar quais mudanças ocorreram a partir da conquista das diretrizes étnicas.

Assim com base nas falas dos discentes quilombolas podemos observar expectativas de um futuro melhor para a comunidade a partir do acesso ao Ensino Superior, foi comum ouvir as expressões “*melhorar minha comunidade*”, “*levar conhecimento para minha comunidade*”, “*ajudar minha comunidade*”. As entrevistas também mencionaram outras dificuldades enfrentadas pelas comunidades quilombolas.

D1: “*Então o que significa para mim que eu quero me formar, creio quero ir buscar novas perspectivas, pretendo fazer mestrado e fazer doutorado crescer na minha profissão para poder investir na minha comunidade. Temos alguns problemas dentro da nossa comunidade tanto com mulheres, com homens e crianças que devemos buscar soluções, pretendemos terminar meu curso e buscar políticas públicas para minha comunidade que possam melhorar minha comunidade no sentido assim que sei lá, tentar buscar o que foi nosso dado no passado pelos nossos avós, e é isso eu sempre penso em buscar e conseguir algo melhor para nossa comunidade sempre tentando lutar. Hoje a nossa luta maior é a nossa busca do objetivo de conseguir uma ação coletiva, porque nossa comunidade ainda não tem uma titulação reconhecida⁷ por Palmares⁸, somos 16 comunidades na região de Salvaterra e dessas 16 apenas duas ainda estão com estudos mais avançados em busca da titulação*”.

D2: “*Levar conhecimento para a minha comunidade, realizar projetos na minha área, e isso representa uma vitória para a minha comunidade, pois nosso povo sofrido, no passado não tiveram acesso a escola e a mesma sorte que temos hoje de ter um ensino superior.*”

D4: “*Eu faço Engenharia Sanitária Ambiental, só que com um tempo pra cá a gente sofreu um duro baque que foi a contaminação de rejeito pelas mineradoras, aí eu vi o igarapé, no qual era a única diversão da gente na nossa comunidade se desfazer, no local de água clara já veio água barrenta, contaminação, e eu me senti na necessidade de tentar fazer esse curso pra poder aprender mais, porque a gente vive com um esgoto a céu aberto, todo o esgoto que vem da vila dos cabanos desagua no nosso Rio Murucupi, de onde meus avós tiravam o seu sustento. Ai o meu curso ele vem ajudar muito nessa questão que tem que ter um daqui pra tentar uma solução, para estar por dentro que tá acontecendo pra não repassar coisas erradas pras pessoas, porque aqui a gente ouve muitos mitos, ai não tem ninguém pra dizer aqui se é verdade ou se é mentira, tendo alguém que tá estudando, é melhor pra no caso esclarecer isso pra outras pessoas*”.

D8: “*perspectiva que tenho é que através de minha formação enquanto pedagoga, seja possível aplicar uma nova forma de ensino, mais direcionada às necessidades e dificuldades da nossa população local.*”

⁷ Processo administrado pelo Estado, etapa fundamental para garantia do direito à terra, ao respeito ao vínculo com a cultura e ancestralidade.

⁸ Fundação Cultural voltada para promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos dos negros.

D11: “E é um, é uma esperança, digamos assim, entrar no nível superior, porque é uma oportunidade de fazer tudo diferente, tem de não ser necessário vir pessoas de outros lugares, prestar aquele tipo de trabalho, prestar aquele tipo de serviço pra comunidade, que muitas vezes não conhece a realidade da comunidade e se alguém um de nós puder fazer isso, seria melhor ainda.”

D12: “Bom, o processo de cotas pelo qual nós fomos inseridos na UFPA, que é o PSE, processo especial, processo seletivo especial pra indígenas e quilombolas, ele é nada mais, nada menos, que um direito nosso, um é como se fosse uma retratação do governo brasileiro para com nosso, nossos antepassados que foram, que aqui foram explorados, porque vieram da África sendo livres e aqui se tornaram escravos. Então, essa retratação é tardia, mas é válida.”

D13: “O processo seletivo especial foi uma luta muito grande, eh no início do do processo seletivo especial a nossa comunidade não sabia, aí depois a gente foi se comunicando, que foi tendo acesso mais a internet, as informações sobre a faculdade foi aonde a gente teve acesso a esse a essa informação que tinha o processo seletivo especial, que dava direito aos quilombolas indígena, ribeirinho a ter uma vaga na faculdade.”

Os discursos deixam transparecer que o conhecimento recebido no meio acadêmico será uma forma de melhorar as condições sociais, econômicas, educacionais e políticas da comunidade, igualmente lutar pela preservação da terra. A maioria sente-se privilegiada em estar no ensino superior. Observou-se um pensamento coletivo que o acesso à universidade é um reconhecimento por anos de negação a uma educação de qualidade. Por outro lado, conscientizar os mais novos das comunidades de que o PSE é um direito, e que eles podem cursar uma graduação, mesmo aquelas mais elitizadas.

As questões levantadas pelos entrevistados D1 e D4, tem um sentido de trazer para si a responsabilidade de lutar por direitos da comunidade que estão sendo retirados e a informação é mencionada ainda que implicitamente como elemento transformador. Neste sentido, o ponto de vista de Ferreira (2019), as ações desenvolvidas pelo indivíduo têm o poder de provocar mudanças desde que as informações sejam compreendidas com o exercício da prática e da ação.

A inserção da formação histórica/cultural é outro ponto discutido nesta análise, os entrevistados ressaltam que esse tema é pouco explorado na vida acadêmica. A maioria menciona que não há um interesse nesse sentido, apesar da atuação da instituição. Existem muitos problemas de adaptação, principalmente em relação ao ensino precário recebido desde a infância, o que reflete no desempenho das

atividades curriculares da graduação. Citam a ADQ como mediadora dos conflitos nesse contexto.

Como comentado apresentado no Capítulo 5 desta dissertação, a Resolução 4.309 de 27.08.2012, direcionada a reserva de vagas para os quilombolas, trouxe melhorias, mas certamente levanta a problemática de como esses estudantes vão se adaptar a um contexto muito diferente, que exige um ensino do qual eles não tiveram acesso.

É inquestionável que são estudantes vindos de uma educação precária, tanto pela falta de recursos, como por políticas públicas, acentuando mais as ideologias de integralização. “Este modelo educacional tinha o objetivo de assimilar a cultura desses povos a de outros, considerados legítimos por ser dominante, ocasionando a desigualdade social e provocando a exclusão social” (LIMA *et al.* 2015).

Além disso, foram observadas as lutas desses estudantes em valorizar e inserir a sua cultura no meio acadêmico, as narrativas a seguir foram carregadas de muita emoção, pois eles sentem a diferença violando a sua identidade.

D3: *“A trajetória histórica e Cultural ela é inserida como um ponto positivo na vida acadêmica é a nossa história que nos impulsiona a seguir em frente a nossa mobilização se refere em ‘juntos somos mais fortes’”.*

D6: *“Como que assim, eu posso tá falando, no meu curso de biblioteconomia, os professores, alguns perguntam quem são quilombolas. Realmente, quando eu cheguei na universidade, eu tava muito crua, não sabia nem mexer no computador, aí eu consegui fazer um curso de informática para alunos quilombolas que a UFPA ofereceu, mas assim, no meu curso, eu creio que... Não sei, mas eu acho que deveria ter... Porque é biblioteconomia. FABIB que é a nossa faculdade, acho que teria que ter alguma coisa voltado pra esses alunos... Quando a gente chega na universidade... Não sei, é porque nossa realidade é muito diferente sabe?”.*

D7: *“Mas dentro da universidade a gente tem a nossa associação que é a ADQ. Temos nosso espaço e essa associação ela é exatamente pra manter a nossa tradição lá dentro, tipo, entra um quilombola, às vezes, a gente passa por preconceitos, tipo, a gente é deixado de lado e exatamente essa associação serve pra isso, pra quando a gente entrar no nosso espaço que temos lá, a gente se sente abraçado e ainda e praticar nossos movimentos, a gente pratica os movimentos culturais, manifestações quando a gente procura os nossos a gente se manifesta”.*

D8: *“Bem, de acordo com minha vivência ao longo desses 2 anos estudando na UFPA campus Abaetetuba, posso dizer que nossa trajetória tanto histórica quanto cultural, fica cada vez mais limitada de se usar, já que não são dadas tantas oportunidades para que nós façamos isso”.*

D9: “Dentro da universidade não tem muito essa relação de procurar saber sobre as origens dos estudantes quilombolas, pouco se fala nisso na verdade, não tem muito interesse em preservar dentro da faculdade mesmo, essa cultura, essa história dos povos quilombolas, não tem muito isso na universidade”.

D11: “Bom, eu acredito que nós como quilombolas estando lá, a nossa cultura poderá estar lá, estará lá de algum modo. Só que na hora de cultivar, de manter, como a uma Cultura digamos muito sensível, até por questões institucionais, de intolerância, de racismo, se dentro das nossas comunidades, em muitos momentos a gente acaba perdendo essa cultura a gente sai, é muito mais sensível, entende? E quando chega na universidade, sempre existe aquele choque, por, como eu te falei, existem professores, existem diretores, secretários que não entendem, digamos assim, a realidade de cada um. A gente entende que cada pessoa é uma pessoa e cada pessoa tem uma realidade, mas nós, enquanto grupo de quilombolas, existe, digamos assim, deixar de lado em muitos momentos”.

D12: “O tempo que eu convivo lá dentro eu posso afirmar que todos nós levamos a nossa identidade de dentro pra fora, de dentro do território, pra lá, pra UFPA, e somos sim representantes do nosso território lá, todos nós estamos engajados em fortalecer as nossas lutas e lá é um lugar que a gente percebe que é um, um grande, uma grande possibilidade de expandir esse nosso anseio de buscar parceiros pra nossa luta que a gente a gente vive hoje em dia”.

D13: “Na minha instituição, não só na minha, mas eu, a gente sempre faz uma, uma assembleia com todos os universitários aqui, nossa comunidade, a gente debate muito sobre esse assunto, de nós termos respeito, de nós sermos respeitado e também respeitar as diferenças e indiferenças das pessoas. Não só nos os quilombolas, como os de indígenas e ribeirinho. Porque nós somos povos tradicionais, e temos menos oportunidades que outros”.

D15: “Hoje dentro da UFPA é sim preservado né nós temos a ADQ associação dos discentes remanescentes quilombolas tanto na UFPA de Belém como de Abaetetuba, que é o campus que eu estou, a gente participa de reuniões e oficinas que nos instiga a preservar nunca deixar morrer as nossas raízes e sempre manter avivada, dentro lá da universidade, nós temos um espaço tanto em Belém que nos foi cedido pela UFPA, e também no campus de Abaetetuba”.

D16: “Na escola de teatro e dança da UFPA, lá eles são mais acolhedores, então tipo, sempre que tinha seminário sobre dança, eu pesquiso algo que encaixe aqui da minha cultura e levo pra fazer minha apresentação. Então, lá, eu tô sendo bem acolhida, entendida e tipo, sim, a minha vivência de daqui pra lá, os professores respeitam, me deixam, assim, tipo, com livre arbítrio pra que eu tô estudando. Se der pra encaixar, eu posso fazer de boa. Eu tô sendo bem entendida, só que a maioria dos quilombolas tão passando, passam por alguns, muitos preconceitos e que lá na parte acadêmica praticamente tem que esquecer de onde você veio.”

Mesmo diante das dificuldades, são grandes as expectativas sobre o ensino superior, notamos que cursar uma graduação em uma universidade pública está relacionado às lutas e reivindicações por direitos para a sua comunidade. A preocupação com o coletivo é visível nas falas dos entrevistados, mas, não foi possível deixar de observar o quanto a falta de uma educação básica de qualidade traz como consequência alunos acadêmicos com uma base educacional muito precária.

Conforme Bourdieu (1988), o capital cultural está diretamente ligado à quantidade e à qualidade de conhecimento que cada indivíduo carrega ao longo da vida. Nesse sentido, verifica-se que os estudantes quilombolas sofrem essas avaliações de aprendizagem. O meio acadêmico ainda está pouco preparado para receber os povos tradicionais com sua formação histórica e cultural.

Entende-se que reconhecer a necessidade de informação, a busca do conhecimento, das habilidades e atitudes para lidar com os produtos informacionais, está diretamente ligado ao desenvolvimento da Competência Crítica em Informação, demonstrando a importância dessa abordagem na formação dos sujeitos pesquisados. Brisola e Romeiro (2018, p.3), ressaltam a “necessidade do fomento à CCI para formar cidadãos participativos, autônomos no exercício de sua cidadania e ética”. A fala dos entrevistados demonstra a existência de uma demanda para investimentos pela universidade em cursos de nivelamento, por exemplo: produtos informacionais, competência em informação e oralidade, que seriam destinados para esses discentes, podendo ser estendidos para outros grupos tradicionais dentro da instituição.

7.2.3 Transferência de conhecimento

Foram observadas ocorrências de transferência de conhecimento adquirido ao longo da vida nos diálogos dos entrevistados, mostrando a ideia de preocupação com a preservação e continuidade das tradições. Ao mesmo tempo é possível reconhecer que os conhecimentos adquiridos na vida acadêmica já estão sendo aplicados nas comunidades.

Miranda (2009, p. 3), considera que os saberes culturais, experiências transmitidas de geração em geração são consideradas como “conhecimento tradicional, pois reflete a construção sociocultural própria de cada grupo étnico, no modo de ver, entender e representar o mundo”. Nesse sentido é coerente presumir que o conhecimento é gerado como uma construção de coletividade, que só passa a

existir a partir de um processo de interação entre as pessoas e a realidade (ROCHA; GANDRA, 2018). Mediante as falas dos sujeitos nota-se o círculo familiar como disseminador do conhecimento tradicional para gerações .

D4: “[...] os pais também tentam passar algumas coisas que eles viviam há muito tempo atrás no caso dos avós, a gente tem algum muitas crianças no cultivo de hortaliças... [...] no caso a própria Manicuera ,ela cede os açucares, tem um gosto peculiar e no caso todo o tempo de safra, a gente vai repassando pras crianças para manter a tradição, a gente sempre deixa uma árvore a mais pra não perder também a planta, que com o tempo foi sumindo, porque aqui é muito conhecida a Manicuera, e a tradição também de fazer maquinaria, os pais ensinam pros filhos pra tentar manter, a maioria das nossas tradições”.

D13: “Inclusive a gente temos nossa festa tradicional do Dia da Consciência Negra, onde os mais velhos costumam passar todos os conhecimentos sobre dança, apresentações, algumas coisas mais da ancestralidade pra que não acabe essa tradição de nossa remanescência, assim passamos de geração em geração.”

D14: “A nossa comunidade ela tem até um livro que foi escrito aqui que é da professora Rosa, ela é professora da UFPA. E aí que fez com que a gente tivesse mais, a gente tivesse mais informação, porque muita coisa era só contada e esses documentos que comprovavam isso. Mas aí, agora, os idosos que contavam as histórias pra gente, eles estão, eles estão partindo né? Aí agora a gente tá tentando documentar tudo e fazer um documentário”.

D11: “Eu busquei me envolver naquilo que me tentasse me ligar minha comunidade. No meu caso eu trabalho em prol eu participo de projetos que tem justamente essa temática, porque trabalha com os quilombos daqui de Castanhal, justamente pra que eu não me distancie tanto da minha comunidade”.

É importante evidenciar que as comunidades desenvolvem ações para dar continuidade às suas tradições, assim como, para o enfrentamento das diversidades, por meio da preservação de museus, igrejas, discursos orais, livros e documentos, como registro histórico dos conhecimentos tradicionais. Os projetos, eventos e datas comemorativas são iniciativas que tem os objetivos de transmissão e conscientização sobre os saberes dos quilombolas. O relato de uma aluna exemplifica a aplicação de seu conhecimento acadêmico para dar continuidade ao conhecimento tradicional de sua cultura, mostra o sujeito agindo de forma individual no interesse da coletividade contribuindo para mudanças do contexto social ao qual está inserido.

7.2.4 Preconceito e discriminação

Não sendo possível ignorar as desigualdades e preconceitos que ainda hoje marcam as experiências sociais de grupos étnicos, foi necessário levantar questões

sobre práticas discriminatórias vivenciadas pelos discentes quilombolas no contexto acadêmico, tema presente nos discursos dos sujeitos. Quando perguntado sobre a existência de preconceito e discriminação no contexto da UFPA, todas as respostas foram afirmativas, alguns afirmaram que não sentiram, mas presenciaram de forma explícita ou velada. Esses preconceitos relatados são relacionados à raça, ao acesso no ensino superior pelo Processo Seletivo Especial e as dificuldades em acompanhar o conteúdo da disciplina. Então, professores e alunos são mencionados como pessoas que manifestam o preconceito. E a Associação de Discentes Quilombolas - ADQ é caracterizada como mediadora desses conflitos.

O preconceito racial na fala dos entrevistados:

D4: *“Há preconceito sim, pelo fato da gente ser quilombola, entrar pelo processo seletivo diferente, a gente é taxado como os sem capacidade, porque no caso eu já sofri preconceito lá.”*

D8: *“Com toda certeza esse preconceito e essa discriminação existem sim, e isso na grande maioria das vezes ocorre desde o momento que nos autoidentificamos e nós reconhecemos como pessoas negras, quilombolas e descendentes de quilombos...[...] Minha visão é que esses temas precisam urgentemente ser tratados com mais importância e frequência nas universidades, que não sejam temas que venham ser trabalhados apenas em dias como o da consciência negra ou algo do tipo, é necessário desenvolver métodos para que se entenda a real importância de respeitar a nossa história e a nossa cultura”.*

D11: *“Bom, acredito que, infelizmente, a gente vai ter uma luta muito grande até que possa dizer não existe mais racismo, mas por, por enquanto, sim, existe muito preconceito dentro da universidade, existe racismo na universidade, apesar da Universidade Federal do Pará, ser uma das universidades que mais tem políticas, que mais fala, que vamos dizer, é reconhecida, até por isso.”*

A fala da entrevistada **D8** chama atenção para a urgência em discutir os temas preconceito e discriminação de forma constante e consistente dentro das universidades, não apenas em datas comemorativas ou simbólicas, a fim de que sejam realizadas medidas cabíveis na proporção em que essas situações ocorrem no cotidiano desses alunos, pois assim, possibilita uma melhor convivência na vida acadêmica. Em conformidade com essas reflexões Lima et al. (2015), ressalta que a UFPA deve estar preparada para receber os alunos quilombolas e que o acesso ao ensino superior por esse grupo social, enfrenta não somente a barreira do preconceito dentro da instituição, mas também a necessidade de políticas que assegurem vencer todas as dificuldades e não somente a garantia de acesso ao ensino superior.

Em decorrência desses relatos é possível pensar na necessidade de superação dos processos de exclusão desses povos ao longo de séculos, pois o preconceito racista ainda é vigente na sociedade. No entanto, os estudantes quilombolas são conscientes de seus direitos, nesse sentido o entrevistado D12, faz um discurso muito apropriado:

D12: *“Bom, o processo de cotas pelo qual nós fomos inseridos na UFPA, que é o PSE, processo especial, processo seletivo especial pra indígenas e quilombolas, ele é nada mais, nada menos, que um direito nosso, é como se fosse uma retratação do governo brasileiro para com nosso, nossos antepassados que foram, que aqui foram explorados, porque vieram da África sendo livres e aqui se tornaram escravos. Então, essa retratação é tardia, mas é válida. E o que representa pra nós, enquanto comunidade, é uma pequena vitória. Porque a gente, a gente percebe, a gente vem lá da comunidade, procurar ingressar os nossos, os nossos irmãos em vários, em várias áreas diferentes de conhecimento da UFPA.”*

Como **D12** afirma o sistema de cotas e reserva de vagas para estudantes quilombolas da UFPA, é uma ação válida, no entanto o cotidiano desses alunos esbarra em várias dificuldades, que contribuem para a sua permanência no ensino superior. Sofrer discriminação pelo fato de ter sido aprovado por um processo especial, corroboram por perpetuar a negação de direito à educação de qualidade. A questão apontada pelos entrevistados, reflete que essa problemática é fruto do percurso educacional pelo qual esses alunos passaram.

D1: *“Dos meus colegas que já concluíram tinha muita dificuldade de fazer trabalho, às vezes não tinham afinidades com outro pessoal, principalmente nos cursos mais elitizados né, então tem esse preconceito sim, mas só que hoje, a partir do momento que eu entrei, tu podes não perceber algumas discriminações”.*

D7: *“Olha, nessa questão posso dizer, assim, que existe... [...] aliás, eu acho que, na verdade hoje em dia, nós, assim, quilombolas, estamos sofrendo mais preconceito dentro de uma universidade, é um pouco de ensino que a gente tem, por exemplo, eu sou de um baixo ensino, vamos dizer assim, aqui na minha comunidade, eu estudei, desde do ensino educação infantil até a quarta série por professoras da comunidade, vamos dizer assim, professores que não, não tinham aquele conhecimento, não eram formadas sim concursadas.”*

D10: *“Existe preconceito dentro da universidade, principalmente dentro da sala de aula, muitos alunos quilombolas que são excluídos pelos outros alunos.”*

D13: *“Existe muito essa indiferença por conta disso, por outras pessoas que entraram pelo processo seletivo, não especial, não de forma específica da forma do processo seletivo especial, eles querem se denominar uma pessoa de uma classe mais elevada, digamos assim querendo se denominar mais inteligente do que nós que entramos pelo processo seletivo especial”.*

D15: “por sermos quilombolas, por nos autodeclararmos, porque as pessoas elas sempre acham que a gente entrou lá caiu de gaiato no navio, está lá porque nos foi dado algo que a gente nem merece estar lá, eles acham não deveríamos estar lá”.

D16: “Então, sim, preconceito existe, em todo lugar. O nosso não seria diferente. algumas pessoas ainda não aceitam, tipo, nós entrarmos pra UFPA através dessas cotas, mas assim, no meu curso, igual eu tô falando pra você, eu fui bem acolhida, os professores sentiram os alunos, explicam a real o real motivo, né? A real importância, de como é bom ter nós quilombolas na faculdade e que é importante ter a paciência. De ver que a nossa realidade é cruelmente diferente da deles e que a gente, é vem com uma cultura muito forte, enfim, né? De outro mundo praticamente, diferente do deles, que chegaram lá através de cursinho, enfim. Mas na UFPA tem bastante preconceito lá, são os assuntos bastante abordado, só que assim, o preconceito, se você não aprendeu quando criança, a importância de respeitar o outro, quando é adulto, você pode ouvir o que for, passar meia hora ou o dia todinho ouvindo sobre o preconceito, o respeito, o racial, a etnia, enfim, mas você não ouve. Como nós falamos aqui, entrou pelo ouvido e sai pelo outro. É tipo, olhou, olhou de um certo modo que já tá discriminando tudo e fala, sabe? Não aceito, tipo não quero esse tipo de pessoa perto de mim ou então não usa essas palavras, mas é como se fosse Tu é burro, não consegue fazer esse seminário, tu não consegue explicar isso...[...] Pega uma apostila dessa, um assunto desse, você não sabe abordar na frente do seu professor, pra compartilhar com seus colegas, é assim dolorido. Lá na nossa associação teve alguns já, que desistiram por não aguentar, que a pressão foi forte. Então, tipo, eu não vou sair do meu quilombo onde estou bem pra ficar passando humilhações aqui. Então, algumas pessoas elas já desistiram devido isso, tanto é que a gente se une na ADQ pra apoio com psicólogo, quem tá estudando em psicologia, essas áreas sabem da saúde mental, aí tem um certo dia, um certo horário que é pra ter a conversa com o psicólogo, pra amenizar todas essas partes chatas, né? De que passamos na sala. Porque tem professores que são qualificados no papel, mas presencial, eles não são qualificados pra receber os alunos quilombolas com essas dificuldades toda, ele acha que chegou lá, é meu bem, acorda, você chegou numa instituição dessa, então você tem que estar à altura de tudo que está aqui. E passa muita apostila e quer que a pessoa defenda com tudo. Só que temos nossas dificuldades. Eu, quando cheguei na faculdade, eu fiquei com muita dificuldade de explicar o seminário, entendeu? De fazer seminário. A minha voz praticamente não saía e eu não conversava quase com ninguém. Então, tipo, foi muito difícil eu me ver ali, tipo, num ambiente totalmente diferente, as pessoas não foram muito acolhedoras no início e eu queria desistir. Falei pra minha irmã que se um em um mês não melhorasse a situação, eu não iria mais. Aí depois que eu fui conhecer o outro quilombola...[...] Eu fui conversando aí, os professores foram me acolhendo, né? Aí as amizades já foram se entrosando, enfim, foi que fortaleceu, graças a Deus. E eu permaneço lá.”

De acordo com os discursos dos entrevistados a ADQ é considerada como uma mediadora dos conflitos e problemáticas enfrentado pelos discentes quilombolas da UFPA. É uma liderança que incentiva e mobiliza a luta dentro da universidade, e suas

ações podem ser considerada como uma estratégia de enfrentamento. A sua criação é sem dúvida “uma iniciativa importante na luta do movimento quilombola pela efetivação de direitos na universidade , que se organiza frente às dificuldades e aos dilemas enfrentados na trajetória acadêmica (CAMPOS, 2016, p.102).

Diante dessas questões sobre preconceito e discriminação na UFPA, entende-se que é um desafio da instituição elaborar estratégias e ações que colaborem com a luta pela igualdade racial e a extinção do preconceito. Considerando que a educação é um instrumento de formação e não de discriminação de indivíduos seja qual for o gênero, a universidade deveria ter o papel de assegurar a permanência e a legitimidade dos grupos historicamente excluídos (CAMPOS, 2016).

As falas dos entrevistados revelam o quanto é desafiador a vida acadêmica, uma vez que, o preconceito e a discriminação é uma realidade dentro da UFPA, além disso traz como consequência prejuízos, como sofrimento e baixa estima vivenciado cotidianamente. Essas adversidades são ainda fortalecidas por uma educação precária recebida pelos quilombolas, que mascara ainda hoje um racismo sociocultural.

7.2.5 Representatividade

Esta subcategoria visa ressaltar por meio dos discursos dos entrevistados a representatividade e a percepção sobre as ações afirmativas direcionadas a estudantes quilombolas na UFPA, optamos por discutir esses dois temas conjuntamente, pois acredita-se que eles convergem para uma mesma perspectiva, que é o reconhecimento dos quilombolas no espaço acadêmico.

Dentro de uma análise quantitativa 11 entrevistados responderam que se sentem representados de alguma forma dentro da universidade, 05 negaram qualquer tipo de representatividade. Os cursos de graduação no qual os estudantes apontam representatividade, seja de pessoas ou bibliografias dos cursos, são Arquivologia, Biblioteconomia, Serviço Social, Licenciatura em Letras- Inglês, Dança, Direito, Engenharia Sanitária e Engenharia Sanitária.

No entendimento de Santos (2018, p. 6), refletir sobre as ações afirmativas é tornar visível os grupos sociais e as práticas locais e globais que ainda permanecem desvalorizadas. Além disso, “tem destaque na implantação da diversidade, da representatividade e no direcionamento da própria sociedade”. No entanto é necessário olhar com atenção as falas dos entrevistados desta pesquisa, a respeito

da representatividade, uma vez que, o acesso ao ensino superior cresce consideravelmente na UFPA.

D2: *“Sim, me sinto representada, por alguns professores, principalmente de história da arte e cultura. Também existem alguns autores negros que são falados nas bibliografias”.*

D4: *“Eu me sinto representada na UFPA, pela professora, ela é da ADQ, , e em relação ao meu curso, não, eles não têm uma abordagem diretamente, é mais tradicional do curso mesmo, ainda não tive uma referência, nada de livro, nada, até o momento”.*

D5: *“Sim, temos autores que são muito bons, e suas obras são usadas na educação.”*

D6: *“É, no nosso curso, as biografias, eles não têm assim né, não é só autores negros ou autores comuns, é mais misturado sabe. Assim, pra tá falando se eu me sinto representada, eu me sinto por uma pessoa, que eu me sinto muito representada lá na UFPA, é pela Zélia Amador, ela é um dos nossos representantes mais fiéis sabe? Que defende muito a causa e tá sempre lá com a gente... [...] é uma conquista ter uma mulher que nos representa realmente, ela é a personificação de tudo aquilo que a gente defende”.*

D12: *“Sim, por alguns professores de vários cursos, são professores que na maioria das vezes conhecem as nossas lutas e nossa realidade, pessoas sensíveis com a causa dos outros. Mais não é uma unanimidade na instituição. Quanto aos autores negros, não conheço não muitos, somos carentes nesse quesito, precisamos de mais referências.”*

D13: *“Sim, me sinto representada por saber que não só a minha comunidade, mas também outras comunidades quilombolas estão sendo contempladas...[...], me sinto muito representada, sabendo que temos a doutora Zélia Amador, dentre outros profissionais que não me lembro os nomes agora e já vejo muita graduação de quilombolas, de certa forma, me sinto muito representada sim com isso,...[...] E também é muito prazeroso ver que cada vez mais temáticas sobre assuntos, medicamentos, essas coisas estão sendo pesquisadas, estão sendo cada vez mais explorados em comunidades quilombolas, em Aldeias Indígenas, em comunidades ribeirinhas, a extensão de pesquisas estão sendo cada vez mais voltadas a esse povos. Então, é uma representatividade muito grande e uma forma de sentir todo mundo incluso.”*

D16: *“Então, nós temos algumas representatividades bem legais lá, uma delas é professora Zélia Amador, ela é quilombola, então ela é uma referência muito, muito importante lá pra gente, pra nós quilombola. E sim, tem algumas bibliografias, na minha na minha área. A professora costuma trazer bastante, sabe? Um pouco da cultura indígena, quilombola e as demais, tipo, clássico, né? as outras áreas que não abrange tanto, tipo, que tanto sobre o negro, mas é bem ressaltado...[...] além da Zélia Amador, temos, temos outras, né? Outras pessoas também nos representando, só que a Zélia é uma das principais.”*

Esses discursos mostram a importância da representatividade para os alunos quilombolas dentro da UFPA, haja visto, que a representatividade está diretamente ligada formação da identidade e da subjetividade do indivíduo. Assim como, colabora para a inclusão de minorias de forma igualitária na sociedade (VENÂNCIO; FARBIARZ, 2016)

Considerando os discursos dos entrevistados de como eles percebem a representatividade nos espaços da UFPA, relacionados a professores, temáticas e bibliografias, conclui-se que a maioria das respostas afirmam uma baixa representatividade. No entanto, eles consideram como uma referência muito forte a Profa. Zélia Amador, discente da Instituição. A discente D13, ressaltou que se sente representada por saber que outros quilombolas terão acesso ao ensino superior, ela afirma que isso é uma forma de representatividade. Nessa perspectiva a representatividade dos quilombolas nos eixos do ensino superior está vinculada ao desenvolvimento de políticas afirmativas, como é o caso da reserva de vagas da Resolução nº 4.309 de 27 de agosto de 2012 (UFPA, 2012), que determinou o acesso de quilombolas ao ensino superior na UFPA.

Embora tenham entre os entrevistados aqueles que não reconheçam nenhuma representatividade no universo acadêmico. Existem ações afirmativas que apontam a existência outras representatividades, como a criação da Associação de Discentes Quilombolas que desenvolve atividades para esses estudantes e O Projeto de Extensão IQ- Conhecimento e Resistência.

Acerca das percepções dos estudantes em relação a ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para quilombolas, as respostas deram a entender que existe pouco conhecimento relativo a essa temática, nesse sentido os discursos são:

D1: *“Então, eu acredito que as políticas afirmativas devem crescer mais, por exemplo, se tivesse pelo menos um estudo dentro da universidade, mais aprofundado da história do quilombo, acho que que seria muito importante no meu curso”.*

D2: *“Acho que as ações afirmativas ainda passam por muitas burocracias para a gente conseguir algo .Mas tem o projeto IQ indígenas e quilombolas que eu acho muito bom , pois eles ajudam de verdade a gente , eu até já fiz curso gratuito lá de várias coisas que tinha dificuldade na parte de tecnologia, ele é muito bom”.*

D4: *“Na minha opinião, a universidade tá de parabéns em relação a isso, no meu ver, não há necessidade de ter mais ações afirmativas, porque essas que já tão, é muito importante”.*

D6: *“Tem umas coisas que eu já fui beneficiada e muitos alunos quilombolas já foram beneficiados também na UFPA. Curso de informática pra alunos quilombolas e indígenas, lá que eu me integrei muito e conheci outros alunos indígenas, já fiz várias amizades com outros alunos quilombolas que a gente se enturmou e aprendemos muito fazendo esse curso de informática. Outra coisa legal é o auxílio que eles disponibilizam para os alunos se manterem, acho que se não existisse esse auxílio, dificilmente a gente ia conseguir se manter aqui na cidade”*,

Foi observado que apenas um entrevistado citou o PSE, principal ação afirmativa desenvolvida pela UFPA para o acesso de quilombolas ao ensino superior, de acordo com a Resolução 4.309, de 27 de agosto de 2012. Ainda foram apontados pelos entrevistados questões relativas a **auxílio financeiro**:

D9: *“e eu vejo como muito boa essa ação afirmativa pela UFPA, além de amparar bastante a gente financeiramente, tem a questão dos auxílios, eu acredito que seja, que o que já tem já é muito bom.”*;

D15: *“As ações referentes aos auxílios têm nos ajudado bastante, é muito bom, se nós não tivéssemos esses auxílios, de grande importância para nos manter nos cursos.”*

Em relação a **preconceito**:

D12: *“Em minha opinião, a UFPA tem desenvolvido ações bastante eficazes dentro dos seus limites para coibir as práticas de racismo, ou qualquer outro tipo de preconceito direcionado aos seus discentes, professores e alunos já foram punidos por essas práticas no passado e isso já é um grande avanço, considerando anos anteriores. São essas ações que fazem com que sejamos mais reconhecidos”*.

Ao sentimento de **respeito pela cultura**:

D6: *“Muito difícil sabe? A gente vem de um lugar totalmente diferente pra morar aqui em Belém, é um choque cultural sabe, as políticas afirmativas da universidade, elas têm que servir pra isso, pra nos manter lá dentro, nos ajudar, nos auxilia.”*

Estas questões que foram abordadas pelos entrevistados estão relacionadas as principais reivindicações da organização de indígenas e quilombolas da UFPA (SANTOS, 2019).

A análise demonstra que a opinião dos acadêmicos em relação a representatividade e as ações afirmativas precisam ser discutidas com a participação dos estudantes quilombolas, considerando que a compreensão sobre essas ações passa por elaboração de medidas para combater discriminação étnicas raciais, econômica e de gênero, aumentando a inserção de minorias na política de acesso à

educação (FERES JUNIOR, 2014). Desta forma, por meio dos resultados encontrados, evidencia-se a importância de informações a respeito das ações afirmativas implementadas na UFPA, necessitando de ações práticas que ressalte os objetivos, como a desigualdade social e a inclusão.

7.2.6 Acesso à Informação

A informação no contexto da Ciência da Informação foi recebendo ao longo do tempo diferentes abordagens, Capurro (2003), cita três momentos: Físico, Cognitivo e Social, estes foram abordados no cap.3 dessa dissertação. Para a análise dos dados será mencionada a abordagem sociocultural, que tem fundamentos no paradigma social, na qual os usuários são vistos a partir de contextos sociais e culturais. Além disso, a compreensão da informação está relacionada a diversas situações em que ela é produzida (ARAÚJO, 2012). Ainda de acordo com esse autor a relevância da informação se apresenta como suporte para a cidadania.

Para entender qual a perspectiva dos entrevistados em relação à informação, foi questionado qual a sua importância. Os discursos sugerem que a desinformação e *fake news* são obstáculos que compõem os problemas informacionais.

D1 relata que os meios de comunicação eram inacessíveis para a comunidade, então a informação só era recebida:

“se tivéssemos um rádio, sem isso tínhamos perdido informações do mundo, vamos supor, fiquei perdendo as coisas que tavam acontecendo fora. Então, eu acredito que devido a essa situação, a informação mantém as pessoas informado.”

D4: *“A informação é muito importante, com esse tempo agora de muitas fake News, a gente tem que buscar fontes confiáveis, pra não se enganar, mas as pessoas desinformadas... é muito complicado, eu já passei por isso, de ficar sem informação, já tive vários danos, não digo só psicológicos como financeiros, por informações erradas, então é muito importante no que a gente vive, não importa como chega as informações, se for de fontes confiáveis é bem-vindo.”*

D6: *“A informação hoje em dia, informação de forma correta, sem ser fake news, ela é muito importante pra gente se manter atualizada, pra gente saber ter um lado crítico, pra gente saber o que tá se passando nesse mundo. A informação hoje, é a ponte que liga nós mesmos ao conhecimento, e creio que é isso sabe?..[...] Vejo que ela pode tá inserida de várias formas no nosso cotidiano, antes eu não conseguia enxergar e agora eu estou enxergando, e trazendo isso, trazendo o meu curso pra dentro da minha comunidade... Que incrível...[...] De levar, tá levando a informação para nossas comunidades, tá servindo de ponte pra acesso informação dessas comunidades. Hoje em dia,*

muita gente se mantém muito informado pelas redes sociais, mas nem tudo o que tá lá é verídico.”

D8: *“Posso dizer que quando as informações são verídicas elas são cruciais para se chegar ao conhecimento, quanto menos informações você absorve acerca de um assunto, certamente menos conhecimento você irá obter. Logo é de suma importância que estas sejam repassadas e também buscadas pelo máximo de pessoas possíveis”.*

Os comentários atribuem um valor expressivo a informação, no entanto ainda é percebido uma dificuldade em falar sobre a sua importância. Os comentários dos entrevistados são observados uma influência muito forte com cotidiano no qual eles estão inseridos, pois eles ressaltam a necessidade de compartilhamento das informações com sua comunidade, e a preocupação com as *fakes news*. Essa ideia é reforçada por Araújo (2012) e Ferreira (2019) na qual a dinâmica sociocultural pode influenciar as percepções, comportamentos e práticas no modo de acessar, buscar e utilizar a informação no cotidiano, nesse processo o indivíduo tem a perspectiva de alterar a sua realidade.

Nas respostas dos entrevistados **D11** e **D13**, é observado um pensamento crítico sobre as informações que são acessadas e compartilhadas *“Bom, acredito que a informação, como vai ser receptiva, ela nos dá poder e sem informação, é impossível aprender, é impossível evoluir e poder melhorar. O conhecimento ele te torna mais crítico e mais criterioso na hora de suas escolhas e de dar as suas opiniões.”* A entrevistada **D13** afirma que o seu interesse em buscar e acessar informações proporcionou o acesso ao PSE. Nesse sentido **D16** relata:

A importância de estar informado, é essencial, aqui, tanto aqui no quilombo, como na UFPA, por não estar a par das informações os alunos daqui do quilombo foram bem depois de outros pra UFPA porque nós não tínhamos o conhecimento dessa cota para os quilombolas, então quando fomos descobrir já era 2017, já tinha muitos quilombolas lá e nós não sabíamos. E assim, em termos da saúde sabemos que através de algumas leis, cada cidade ou o estado, enfim, tem alguns direitos a mais. E assim, a importância de tá informado é essencial, porque ainda tem muitas pessoas que não tem o conhecimento e vive na assim, em estado muito precário. Uma saúde bem precária, a alimentação, então tipo, é difícil. Então, assim, seria, seria bem melhor se os representantes das nossas cidades deixassem claro as informações.

Essas questões concordam com a concepção de Nunes (2014) a respeito de que as práticas sociais independente dos espaços estimulam o compartilhamento das informações de forma consciente ou inconsciente. Por outro lado, observou-se uma

grande dificuldade de acesso as informações pelos quilombolas a respeito das próprias conquistas, como pode ser exemplificado pelo **D16**, que não tinha informação sobre o PSE da UFPA. Entre os discursos analisados é possível destacar que a partir do ingresso de quilombolas ao ensino superior, as informações passam a ter uma conotação de inclusão e de conhecedores de seus direitos, assumem o compromisso de serem mediadores para levar as informações até as suas comunidades.

Em relação a disseminação de informação verídicas ou não, 12 entrevistados falaram que não repassam essas informações, e tem a preocupação de verificar a sua procedência, no entanto 04 respondentes afirmaram que já repassaram informações falsas e que não tinham esse cuidado.

D1: *“Eu procuro ver se a informação verídica, procuro pesquisar pra ver se é verídica, a postagem ou, qualquer um assunto. Então, é isso que eu procuro sempre informar pra poder repassar, principalmente se for aqui do nosso estado que todo mundo. De todo país, eu procuro sim me informar bem, me informar da situação para repassar, não, repasso coisas assim que eu recebo assim no ato e vou aprofundar se é real ou não.”*

D4: *“Sim, eu checo as informações, eu não repasso pra ninguém sem saber se são de fonte confiável, eu não gosto de compartilhar coisas duvidosas, coisas que eu não tenho conhecimento, se alguém compartilhou uma mentira falsa, eu vou lá e desminto, mas eu converso com a pessoa, digo que o link não é confiável e só, A gente tenta orientar pros nossos familiares não cometerem erros, porque como sabemos agora que tá tendo acesso a celular, que a gente acessa internet, que antes era uma realidade distante, e como ela tá chegando, as pessoas não sabem a procedência, e vão compartilhando a gente tenta sim orientá-los, pra não fazerem isso.”*

D13: *“Sim, não só eu, mas como todos os, os universitários aqui da minha comunidade, a gente costuma qualquer tipo de informação relevante para a comunidade universitária a gente faz uns debates no grupo e algumas pessoas procuram, a gente se divide em partes pra gente saber a fundo sobre a informação que foi, não só sobre em relação a universidade, mas sim sobre quaisquer informações que a gente adquire e absorve de forma duvidosa. A gente costuma e fazer umas elaborações, umas análises se de fato a informação tem veracidade.”*

De acordo com essas falas a desinformação constitui uma outra problemática para os povos quilombolas, que já tem tão pouca informação, pois ela serve tanto para compreender como para deturpar as desigualdades sociais

Com base nos dados, conclui-se que seja essencial desenvolver medidas de acesso à informação para a população quilombola, tanto por meio das TICs, como por divulgação e conscientização sobre a grande demanda informacional

7.2.7 Identificação das Práticas Informacionais

Os entrevistados descreveram as fontes e estratégias informacionais utilizadas nas atividades individuais ou coletivas, são elas: Biblioteca, Internet, Jornais, livros, Televisão, Bases de dados, Redes sociais, Centro acadêmico, Superintendência de Assistência Estudantil- SAEST, ADQ, Professores e amigos.

Os entrevistados **D1**, **D2**, **D5**, **D7** e **D11** relataram que sentem dificuldades em acessar os recursos informacionais oferecidos pela universidade, como biblioteca e os serviços *on line*. Os impedimentos relatados são a falta de disponibilidade de internet e o pouco conhecimento em usar os equipamentos e os serviços oferecidos, essas questões são reflexos da carência de TICs no cotidiano das comunidades. Mesmo o acesso à internet sendo um dos problemas citados pelos estudantes quilombolas, ela configura-se como principal meio para obter a informação.

D1: *“Eu não acesso muito a biblioteca, eu acesso mais o meu e-mail no centro acadêmico, eu não sei manusear muito o computador, mas eu consigo fazer uma pesquisa, é lá que eu mantenho informada, olho algumas informações no Google, mas assim, eu não tenho, eu pouco acesso a biblioteca, eu nunca fui, na biblioteca central. Mas, assim, eu não, lá na UFPA como diz, eu não vou na biblioteca”.*

D5: *“Para me manter informada eu gosto de assistir o jornal. Eu acesso o site oficial da UFPA pela internet, depois que consegui o chip. Ainda não foi possível acessar, ainda não sei acessar a biblioteca de forma virtual, mas vou pesquisar sobre isso. Gosto muito de ler, vai ser bom. Os outros recursos informacionais não conheço, mas acho que seria muito importante para o nosso aprendizado um treinamento para estudantes quilombolas conhecerem outros recursos, antes de entrar na UFPA a maioria de nós não tinha acesso à internet, fica difícil saber usar recursos que nunca vimos.”*

D8: *“Para me manter informado eu procuro o máximo de fontes possíveis, faço isso através de livros, trabalhos acadêmicos, pesquisas feitas com equipamentos eletrônicos (celular, computador), particularmente eu não tenho dificuldade em acessar esses recursos, posso dizer que sempre que preciso obter um conhecimento, esses recursos são bem úteis”.*

D11: *“Então, hoje a informação ela tem um fluxo muito grande, principalmente pelas redes sociais. Então, quanto ao que acontece na minha comunidade, eu me informo, pois na maioria das vezes atendo meus familiares, por ligação grupo de WhatsApp e Facebook. Quanto a informação, vamos lá, dizer de um cunho maior, da nossa região, do nosso país, do nosso estado, da política. Eu procuro sites de confiança, e no Facebook e no WhatsApp aparecem algumas coisas de desinformação eu procuro checar se aquela informação é verdadeira. Procuro também sites de confiança a todo tempo jornais que são confiáveis. Quanto aos recursos da UFPA eu sinto que ainda não me alcança muito bem, entende? Mas acredito que é por questões de como funcionam as redes sociais, que eu não sei muito bem como funciona. até porque, tenho um*

celular que é única coisa que me possibilita ter essas informações que já é de baixa qualidade, então o meu alcance de informação torna limitado por isso. E ainda tem o problema de equipamentos e a dificuldade em conhecer certos recursos que são disponibilizados na biblioteca”.

D16: *“Então, sim, no cotidiano a gente usa WhatsApp, Redes sociais, enfim, e também temos vários grupos. Então, quando tem um conhecimento vai logo compartilhando um com o outro. Também fazemos várias reuniões lá na UFPA, na sala da ADQ e lá é sempre repassado todas as atualizações, que possa nos ajudar ou prejudicar. Então conseguimos essa sala, tem alguns computadores disponível pra nós alunos, pra estudarmos se informarem, já que estamos lá, vamos ganhar conhecimento e compartilhar também. Então, aqui no quilombo através das redes e tal, mas assim, é sempre através online, dos grupos, de Facebook, Instagram e enfim. Estamos conectados assim. E tá, lá na UFPA também fazemos pesquisa na biblioteca e que fica disponível pra gente, mas a maioria das coisas é tudo online mesmo”.*

Nessas falas os entrevistados ressaltaram as lideranças ADQ e SAEST que apoiam no enfrentamento diário e assumem o papel de fontes de informação e de mediação para tornar menos problemático o acesso às informações. Nesse sentido Araújo (2017, 221) descreve as práticas informacionais como sendo um movimento constante entre as disposições coletivas e individuais de como se relacionar com a informação, o que significa “reconhecer uma ou outra fonte de informação como legítima, correta e atual”. Em vista disso, os estudantes quilombolas ao reconhecerem as lideranças como fonte de informação se fortalecem individual e coletivamente no sentido de reduzir as discriminações e a invisibilidade geradas pela falta de informação.

As situações em que os entrevistados assistem televisão, participam de reunião na ADQ, recebem notícias de eventos por meio de grupos sociais, são ações de “encontros casuais” da informação, é a busca por acaso, relacionada ao modelo bidimensional de Práticas Informacionais (MCKENZIE, 2003), essas casualidades descritas na vida cotidiana dos estudantes quilombolas contribuem para o seu aprendizado acadêmico, considerando as demandas apresentadas diante das adversidades enfrentadas, como racismo, preconceito étnico-racial e as dificuldades trazidas do ensino básico.

Na questão sobre como as informações acadêmicas vão contextualizar com a realidade das comunidades, foram verificadas atuações que caracterizam as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas em um fluxo de compartilhamento, ações de recepção, geração e transferência de informações, Savolainen (2007), se baseia nesses aspectos para conceituar as práticas informacionais. Assim foi identificado nas

entrevistas uma série de atividades que são desenvolvidas no contexto da universidade e das comunidades.

D4: *“Em relação às informações do meu curso que eu tenho aqui na comunidade, como no caso as pessoas que moravam aqui, elas foram expulsas, elas vivem com esse medo, e de vez quando , se surgem questões sobre a gente daqui, depois que eu comecei a fazer o curso e ir em palestra e essas coisas, eu entendi melhor a parte sobre as leis que tem, e eu já repasso pra eles pra tranquilizar. Eu acredito que eu posso contribuir bastante com a minha comunidade, eu ajudo bastante no caso, com melhorias. A minha comunidade é muito carente com informações assim, eu ajudo bastante na questão ambiental também, e como melhorar o que a pessoa já produz, como é a pessoa utilizar uma área que era muito grande e ai de uma hora pra outra ficou pequena, eu tento ajudar as pessoas. E também, em relação às crianças daqui, eu ajudo bastante, no caso eu ensino como a separação do lixo para a coleta seletiva, no caso, ensinando eles o que não pode fazer, repassando o pouco que eu posso do jeito que dá pra eles entenderem, porque nem todas tem uma linguagem culta, pra cada pessoa tem que ser uma situação de linguagem. Inclusive eu estou com um projeto que a gente está buscando apoiadores, e está quase saindo do papel, que é pra reciclagem de materiais, no caso com garrafa PET, com plástico, e eu estou querendo montar uma cooperativa com as mulheres pra no caso ajudar o meio ambiente, e ajudar as famílias também.”*

D6: *“Eu acho que pra ajudar minha comunidade, a melhor forma é levar informação, usar a informação através do livro e se fosse fazer uma aplicação, seria construir uma biblioteca comunitária sabe? Eu vejo tanta biblioteca comunitária em vários bairros daqui, tem uma no Guamá, tem uma que eu já visitei em Outeiro. Acho que um dos meus objetivos maiores. Sabe, tem tantos livros legais, livros da nossa cultura quilombola, livros por escritos por vários autores, que fazem parte de Pontas de Pedras, Dalcídio Jurandir também é um autor, que ele escreve poesias, e várias outras coisas sobre o Marajó, livros da literatura, livros infantis, coisas que agregam Primeiro, se todos os cidadãos tivessem a consciência de tentar entender a nossa história, a gente não seria tão alienado, nós como seres humanos a gente deveria saber sobre a nossa história, da nossa cultura, da nossa origem, só assim a gente quebra barreiras, a gente tem que superar tudo o que tá acontecendo, tanto do racismo, tanto da desigualdade, e o livro e qualquer outra informação por meio de periódico, ou informação através da rádio, tem que ser informação que vá agregar as pessoas.”*

D7: *“Bem , as informações adquiridas ao longo do meu curso serão muito uteis com certeza, hoje vejo que a pedagogia na educação quilombola é aplicada de uma forma descontextualizada com a realidade local, então eu pretendo usar o meu conhecimento para mudar essa realidade. Por exemplo utilizando atividades que sejam realmente colocadas em prática no amplo espaço quilombola que possuímos, valorizando assim a cultura e a nossa história. Infelizmente muitos professores por serem de fora da comunidade acabam excluindo um pouco esse tipo de prática pedagógica da rotina deles.”*

D15: *“Em relação ao meu curso eu acredito que as políticas sociais que a gente tem aprendido acredito que eu vou poder ajudar é levar para minha comunidade, muitas das coisas que a gente tem aprendido do que é direito nosso, e dever daquele que está à frente de um de uma prefeitura de um de um de um órgão do governo do que a gente hoje a gente pensava que era dado não isso é direito nosso. Eu acredito que essas informações que a gente tem adquirido que está levando para o nosso povo... [...]São coisas que antes a gente achava que era dada, muita das vezes é o vereador ele vai lá e se aproveita dizendo que por exemplo foi ele que deu, não é direito do cidadão, muitas das vezes os políticos acabam se aproveitando disso por exemplo pra quando chegar uma eleição hora que eu te ajudei com isso, então olha é aquele bolsa família lá foi eu que dei pra ti, eu que te ajudei, não é verdade é direito nosso, entendeu. Então acredito que todo conhecimento que eu tenho adquirido é pra levar pra nossa comunidade. E no meu curso enquanto estudante de serviço social eu creio que poderei contribuir muito tanto com informação como com o meu trabalho dentro de alguma instituição lá na minha comunidade”*

D16: *“Eles estão ensinando como usar o que já tem na comunidade e não deixar ser esquecido. Então, me ensinaram a pegar o que eu já tenho, a ampliar, tipo, a cultura nossa dança, a deixada pelos nossos ancestrais, né? O boi bumbá, quadrilha, enfim, tipo, como é que eu chego nas crianças, como me comportar com as crianças e explicar pra ela a real importância dessa cultura grandiosa aqui na comunidade, então eu aprendi também isso, a passar pra eles, dar explicar, de bom, mostrar que o que nós temos é muito lindo, além de nos fazer muito feliz. Então, eu acho muito gratificante poder aprender tudo isso e poder passar pra eles aqui”.*

Podemos destacar nos discursos uma produção de práticas informacionais, como: Reuniões da ADQ, meio de buscar informações; Reuniões de grupos de quilombolas para compartilhamento de informações, Reuniões com jovens e crianças da Comunidade para transmissão de conhecimento, participação em palestras, Elaboração de projetos para serem aplicados na comunidade, aplicação na prática do aprendizado no curso de graduação para a preservação histórica e cultural. Todas essas Práticas informacionais que estão sendo desenvolvidas é uma contextualização da informação adquirida no meio acadêmico em consonância com a realidade dos quilombolas. No entanto os discursos analisados colocam a informação como elemento de mudança social, mas também discriminatório na avaliação do capital cultural, a falta de informação narrada pelos quilombolas sobre o PSE, os recursos informacionais da biblioteca e o acesso as TICs enfatizam que ações precisam ser desenvolvidas antes mesmo do acesso desses estudantes ao ensino superior.

Nesse contexto Aquino (2008) faz uma reflexão apropriada sobre o papel da informação na vivência da trajetória de grupos marcados por desigualdades sociais e

culturais, é de se identificar como produtor de conhecimento e de saberes para a construção de práticas informacionais que assegurem a sua identidade cultural.

7.2.8 Percepção do Pensamento Crítico

Para identificar as percepções do pensamento crítico, foi questionado se a informação tem o poder de transformar as atitudes frente à violência e as desigualdades sociais, esse questionamento faz uma relação com a Competência Crítica em Informação, segundo Bezerra; Schneider e Brisola (2017), o pensamento crítico está relacionado com o cognitivo que vai orientar a ação e a seleção informacional, desenvolvendo a compreensão da capacidade técnica e intelectual para a apropriação da informação, além disso contribui para estimular atitudes questionadoras nos sujeitos informacionais com objetivo de modificar sua realidade e história.

D1: *“Sim, a informação é capaz disso, dessa mudança da sociedade para mundo melhor, pra vivermos melhor. Temos sim, a partir do momento que todos e todas decidirem numa mesma posição, numa mesma direção, com objetivo de melhorias de igualdade, para todos e todas, independente de classes, de raças, de enfim, de tudo que que nós tivemos na nossa sociedade, eu acho que a informação a partir desse momento, ela pode sim fazer total diferença na nossa, nossa vivência, na nossa sociedade.”*

D4: *“A informação é muito importante, porque no caso, aqui na nossa comunidade, a gente não tinha conhecimento do PSE, por anos e anos não tivemos nenhum dos nossos representantes na universidade e tentávamos, mas nunca conseguimos pelo PS normal, só esse ano que tivemos uma pessoa que passou no PS normal, mas eu fui entender a importância depois disso que depois que eu soube, eu fui repassando pra outras pessoas, agora tem mais jovens se interessando, que podem mudar a sua vida através dos estudos”.*

D5: *“Sim pessoas informadas são mais conhecedoras do mundo, da sociedade e das lutas dos negros. Se conhecemos a história do outro é que criamos empatia pelo outro. Acho que as pessoas que têm essa informação, que sabe que a trajetória dos negros foi difícil, são menos preconceituosas, menos racistas, mais empáticas.”*

D6: *“Primeiro, se todos os cidadãos tivessem a consciência de tentar entender a nossa história, a gente não seria tão alienado, nós como seres humanos a gente deveria saber sobre a nossa história, da nossa cultura, da nossa origem, só assim a gente quebra barreiras, a gente tem que superar tudo o que tá acontecendo, tanto do racismo, tanto da desigualdade, e o livro e qualquer outra informação por meio de periódico, ou informação através da rádio, tem que ser informação que vá agregar as pessoas. A informação ela tem esse poder, é por isso que muitas pessoas não têm acesso à informação, é porque quem tá no poder, não quer que elas consigam abrir o olho ao que está acontecendo,*

a informação ela é muito importante, e o livro ele está ai pra quebrar todas as barreiras. Eu já falei muito sobre biblioteca aqui, mas eu vou continuar batendo na tecla também, imagine uma biblioteca no lugar onde o nível de criminalidade é muito alto, e essas crianças, que são muitas vezes influenciadas, levadas no mundo do crime, claro que tem diversos fatores nisso, mas ela tendo contato com o livro, ela tendo contato com outras culturas, por meio do livro, tendo contato com a sua cultura por meio do livro, porque o livro, ele pode mudar a visão de muita gente”.

D8: *“Sim eu considero, se soubermos utilizar essas informações da maneira correta, de forma a fazer com que um indivíduo realmente absorva a importância de determinada temática, e reflita em cima desse conhecimento, isso poderá despertar nele um possível desejo de mudança. Vamos tirar como exemplo o tema preconceito, uma das melhores formas de acabar com o preconceito ou até mesmo de amenizá-lo na sociedade, é você conscientizar a população sobre a importância do respeito ao próximo, é levando informações que você mostrará que independentemente de cor, raça ou etnia é possível todos viverem com harmonia, é através dessa conscientização que muitos que possuem práticas discriminatórias e preconceituosas, refletirão e procurarão rever suas posturas”.*

Os Depoimentos denotam que mesmo carentes de informação, existe uma conscientização sobre o poder da informação na transformação dos indivíduos. Mesmo de forma tímida a Competência Crítica em Informação está presente nas relações de preconceito, discriminação, econômica, social e cultural imposta pela sociedade. É interessante observar o caráter coletivo que aparecem nos discursos, colocando a informação sempre na melhoria da comunidade, como fortalecimento da trajetória cultural e conhecimento de seus direitos.

D11: *“Acredito que todo o nosso processo de luta, ele pode acontecer através de informação, pessoas puderam se unir, através de informação... [...] a informação ela nos trouxe hoje leis e nos torna cientes quanto cidadão. Então, acredito, sim, que a informação, ela tem poder de mudar nossa opinião, de nos tornar livres, de nos tornar donos dos nossos direitos.”*

D14: *“Primeiramente a gente tem que fornecer educação de qualidade pros pequenos. A gente tem que educar desde o começo. Educação de qualidade para crianças. Então, se a gente educar as crianças, ensinar, o que é certo que é errado, falar sobre preconceito, sobre a discriminação, até mesmo sobre a questão de sexualidade. A gente vai conseguir fazer com que quando essas crianças sejam adultas, elas tenham respeito uma com as outras. Informando, não é influenciando.”*

D16: *“Assim, aqui no quilombo já teve o poder dessa informação, além de ter mudado nossa realidade. Que já podemos, já começamos ir para o ensino superior, da saúde, a conquista e também através de diversas de informações nós podemos repassar para as comunidades vizinhas que eles achavam, os*

nossos conhecimentos, fazendo uma troca de informações. Em algumas coisas eles achavam que não tinham direito”.

Os questionamentos dos estudantes quilombolas estão centrados na falta de compreensão sobre uma informação de qualidade e de recursos informacionais ou tecnológicos para acessá-la, a viabilidade desses aspectos facilitaria a interação entre o meio acadêmico e as comunidades de origem.

7.3 As subcategorias sob ótica da Hegemonia e da Ideologia

Mediante o que foi apresentado, buscou-se compreender as reflexões das análises das subcategorias com os fundamentos da ACD, especificamente as categorias Hegemonia e Ideologia que por meio da Prática social colaboram para promover mudanças sociais. Acredita-se que essas observações encontradas nas análises dos discursos dos entrevistados e que serão discutidas produzirão argumentos valiosos para o objetivo da pesquisa, analisar dentro de um contexto histórico, cultural e social as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas da UFPA, com intuito de contribuir para a elaboração de ações práticas que desenvolvam a Competência Crítica em Informação.

7.3.1 Hegemonia

A partir dos discursos emitidos foi possível levantar resultados que serão discutidos sob o enfoque da Hegemonia, são temas referentes à trajetória, memória e formação histórica e cultural, tradição, identidade, preconceito e discriminação, educação, desigualdade social e cultural articulados com o ingresso dos estudantes quilombolas ao ensino superior. Foram identificados nos discursos dos entrevistados manifestações de poder, política, econômica, social e cultural.

Dentro desse contexto a hegemonia na visão de Fairclough (2001, p. 122), “é uma liderança tanto quanto dominação aos domínios econômicos, políticos, cultural e ideológico de uma sociedade”. Além disso, essa categoria da prática social é apontada como foco de uma constante luta que está ligada às esferas sociais, gerando uma instabilidade direta ou indireta, que por sua vez afeta a economia, a política e as relações sociais. É por meio do discurso que a hegemonia se relaciona com a oralidade e a escrita na ação de reprodução e negociação das relações de poder e nos processos ideológicos.

Os discursos sobre a **Preservação e memória histórico/cultural dos estudantes quilombolas** (subcategoria 1) das práticas sociais, podem ser relacionados com as reflexões de Fairclough (2001a), o qual apresenta como uma possibilidade de o indivíduo expressar e entender as representações do mundo, uma vez que estas estão particularmente relacionadas à formação de ideologias e de identidades.

A compreensão da identidade quilombola observada nos discursos dos entrevistados, está relacionada a preservação das tradições, crenças, história e culturas. Esses elementos formam um conjunto de conteúdos simbólicos, experiências sociais e pessoais para serem compartilhados com a sociedade. Nas questões relatadas foi possível verificar a luta pela preservação das comunidades quilombolas, configurando-se como tentativas de não absorção da identidade hegemônica. No passado a luta e a resistência construíram a identidade quilombola, mas atualmente a invisibilidade e a negação da existência desses sujeitos enquanto quilombolas ainda é uma ameaça a sua identidade (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014).

Fairclough (2001a, p. 93) entende que as identidades sociais são redefinidas e reconstruídas por meio de um processo dialético entre o discurso e as estruturas sociais. “Assim, a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está intimamente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas. Com base nessas reflexões é possível questionar como os discursos dos entrevistados tem contribuído para promover as mudanças sociais contra a hegemonia presente nas narrativas de quem exclui dos quilombolas o acesso à direitos, como a terra, educação e cultura.

A **formação histórica e cultural relacionada ao ensino superior** (subcategoria 2), levantou questões sobre a educação dos quilombolas, que revela uma realidade severa pela falta de ética de professores e colegas de sala de aula que avaliam esses estudantes como desqualificados e com capacidade intelectual inferior. É um discurso de poder baseado no fato de que os estudantes quilombolas só conseguiram acesso ao ensino superior porque se beneficiaram de um Processo Seletivo Especial, configurando-se em relação de poder. De acordo com Chouliaraki e Fairclough (2001), essa prática é uma tentativa de naturalizar as convenções

discursivas, tornando um mecanismo extremamente eficaz na perpetuação e reprodução de dimensões culturais e ideológicas da hegemonia.

É possível observar ainda que a **Transferência do conhecimento** (subcategoria 3) está estritamente ligada às crenças, identidade e culturas, desse modo determinados costumes ou conhecimento tradicionais estão relacionados com a memória social de grupos específicos. Assim, esse conhecimento armazenado vai interferir nos valores e nas práticas sociais reacendendo o modo de viver da coletividade. Por outro lado, o conhecimento referente a inovação e habilidades em aplicar os novos conhecimentos nas práticas do cotidiano é definido por Fairclough, (1999), como um recurso de mudança social. Portanto os recursos para a preservação das tradições por meio da transmissão de conhecimentos tradicionais das comunidades quilombolas é considerada como uma prática de mudança social e cultural.

As falas dos entrevistados sobre **Preconceito e Discriminação** (subcategoria 4) no contexto da UFPA, apontam a existência de racismo, discriminação social e educacional, nesse sentido a hegemonia manifesta-se para reforçar o papel do discurso no estabelecimento e na manutenção das relações de dominação, uma vez que a naturalização das representações particulares é fundamental para a permanência das articulações baseadas no poder (RESENDE, 2008).

A reflexão sobre a trajetória acadêmica dos estudantes quilombolas, levanta a problemática sobre o desempenho na aprendizagem, agravada por uma prática hegemônica produzida de modo consensual por ideologias que se propõem a dar continuidade a uma dominação exercida por elites, instituições ou grupos que ressaltam as desigualdades sociais. Em resumo, a Hegemonia na visão de Fairclough (2001, p. 122) reflete o “poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamental em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável'”. Além disso, pode ser considerada a construção de alianças e uma integração que vai além da dominação de classes socialmente menos favorecidas.

Essas reflexões e análises baseadas na categoria Hegemonia no contexto das práticas sociais, permitiram uma compreensão dos discursos dos entrevistados e a identificação de pontos que relacionam as desigualdades sociais que são usadas para justificar continuidade a um poder hegemônico presente no meio acadêmico. Nesse

caso o acesso dessa comunidade ao ensino ainda necessita de discussões com a participação principalmente dos estudantes quilombolas.

7.3.2 Ideologia

Mediante o que foi apresentado nas subcategorias, Representatividade; Acesso à informação; Identificação das Práticas Informacionais e Percepção do pensamento crítico serão feitas algumas considerações relacionadas a categoria Ideologia no contexto das Práticas Sociais. As ideologias são significações e construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas e sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (Fairclough, 2001a, p. 117).

Fundamentado na ACD foi observado na análise dos discursos, uma baixa representatividade dos quilombolas em diversos aspectos da vida acadêmica na UFPA (subcategoria 5), entendemos que políticas assertivas estimulam a visibilidade e a formação acadêmica, no entanto ainda existe uma cultura dominante, resultado de um capital cultural que reforça uma ideologia de não reconhecimento da identidade histórica e cultural dos sujeitos em questão, essa negação da instituição estimula a perpetuação da desigualdade e da discriminação. Somente o acesso ao ensino superior não possibilita a igualdade social. A discussão e implantação de ações afirmativas são medidas compensatórias para essa discussão. Estes fatos contribuem com o entendimento de Fairclough (2001a) sobre a ideologia, no qual ela se apresenta de diversas maneiras durante vários momentos da vida social.

Na subcategoria 6, de Acesso à informação, os discursos apresentados relatam uma grande dificuldade em acessar, buscar e usar as informações, pois enfrentam e vivenciam um contexto socioeconômico diferente dos demais. A comprovação da demanda informacional é uma realidade que separa e discrimina grupos, sustentada por tecnologias, que representam muito mais do que o direito ao acesso à informação, pois ressalta uma ideologia de que existe uma democratização da informação. Dessa forma os discursos ideológicos influenciam o conhecimento, os saberes, as crenças, atitudes e as informações. Significa dizer que a ideologia baseada na ACD propõe privilegiar grupos em detrimento de outros de forma institucionalizada e natural (FAIRCLOUGH, 2001).

Assim a busca por cidadania, educação e informação pelos alunos quilombolas remete a agir de forma contrária a ideologia que já está enraizada nas instituições de ensino superior. No entanto esse posicionamento dos estudantes em lutar por seus direitos, mesmo de forma moderada, o coloca como sujeitos sociais.

As Práticas Informacionais (subcategoria 7) identificadas mostram um perfil dos estudantes que estão cientes de sua condição de indivíduo que tem todo direito de ser reconhecido como sujeito ativo na sociedade, melhorando suas perspectivas de vida por meio do ensino superior, além disso atuar como disseminador de conhecimentos em benefício da sua comunidade. As ideologias insinuadas nas entrevistas, refletem as ideias de Fairclough (2001a), pois se assemelham a uma prática de dominação que influenciam as relações discursivas, como prática educacional e prática econômica.

Destaca-se o ponto de vista de Magalhães (2017), onde a autora assinala que os discursos ideológicos podem disseminar informações de forma globalizada que vão influenciar de modo negativo a sociedade. Nesse sentido as análises demonstram a preocupação dos estudantes em relação a veracidade das informações. O entendimento a percepção do pensamento crítico reflete dados que podem ser vistos como um posicionamento contrário à ideologia de poder das informações que são disseminadas sem critério de autenticidade e à falta de divulgação de informações de interesse da sociedade que muitas vezes são mascaradas ou negadas.

Dessa forma, a ação de contribuir com o coletivo na apropriação da informação, faz com que esses estudantes procurem eliminar por meio das práticas informacionais as situações ideológicas se colocando na sociedade como produtor de material informacional e não somente como consumidor dessas informações.

Os discursos dos entrevistados desta pesquisa, são considerados como prática social, pois refletem , os pontos de vista, as atitudes e perspectivas dos estudantes quilombolas sobre as questões sociais. Nesse sentido a “prática social tem a sua própria dinâmica e se posiciona de forma contrária aos interesses ideológicos vivenciados na sociedade” (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, P. 113)

Em atenção aos estudos das Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas apresentados em contextos associado a memória histórico/cultural; a formação histórica/cultural relacionada ao ensino superior; transmissão de conhecimento; preconceito e discriminação; representatividade; acesso à informação; identificação das Práticas informacionais e percepção do crítico, faz-se uma reflexão

da dimensão da Prática social da ACD com os resultados da coleta de dados, em vista a complementar a análise.

Diante disso, é importante primeiramente ressaltar a compreensão de Fairclough (2001) sobre a prática social, o autor descreve como uma constituição discursiva de uma sociedade que pode ser entendida como ações desenvolvidas no seu cotidiano, relacionando atividade produtiva, meios de produção, valores culturais e semioses que se relacionam de forma dialética. Então, podemos sugerir que as Práticas Informacionais Identificadas nesta análise, como: Reuniões com jovens e crianças da Comunidade para transmissão de conhecimento, Palestras, Elaboração de projetos para serem aplicados na comunidade, são exemplos de prática social, pois são atividades que dialogam e produzem representações de outras práticas.

Tendo como base as reflexões de (FAICLOUGH, 2001), os discursos como processo de construção de significados podem ser entendidos como uma prática social, desde que, o contexto histórico seja incluído nas reflexões a respeito dos indivíduos para estimular uma interação. No cenário da formação e preservação histórica e cultural dos estudantes quilombolas, a perda desses elementos se constitui como um problema social, pois esses exercem um papel fundamental na construção da identidade desse grupo, além disso, considerar as tradições culturais no meio acadêmico é reparar a invisibilidade atribuída aos quilombolas e ao mesmo tempo proporcionar uma prática social na educação.

Nos resultados das análises é possível observar a prática social como uma representação do discurso orientada ao preconceito e a discriminação. Foram descritas falas de preconceito vivenciadas no ambiente acadêmico por estudantes quilombolas, a intolerância praticada era de natureza étnico-racial, de aprendizado e de acesso pelo PSE, são condutas que evidenciam as práticas discriminatórias que os estudantes ainda vivenciam na UFPA. Essas questões têm uma correlação com a baixa Representatividade de quilombolas na universidade, esse panorama tende a mudar no aspecto do acesso ao ensino superior, mas reflete em outra problemática, que é a permanência. Nesse sentido Fairclough (2001, p. 91), argumenta:

O discurso contribui para a constituição das estruturas sociais, que direta ou indiretamente moldam ou restringem suas próprias normas e convenções, como também as relações, identidades e instituições, enfim, o discurso é uma prática e não apenas uma representação do mundo.

A prática social tem como característica a evolução, com o tempo são observadas mudanças tecnológicas e novos procedimentos. E uma nova estrutura é criada a partir dos aspectos culturais de cada geração.(MAGALHÃES; MARQUES; RESENDE, 2017, p. 111), em concordância com essa reflexão, o acesso à informação está em constante evolução. No entanto, nem todos tem acesso a tecnologias que estão sendo disponibilizadas, existe um processo de exclusão no plano informacional para os estudantes quilombolas da UFPA, as dificuldades narradas nas entrevistadas revelam uma situação sem equiparação de direitos, no acesso a informação, A democratização da informação como prática social, ainda enfrenta discursos ideológicos.

Ainda na compreensão da prática social, fez-se uma relação com a percepção do pensamento crítico dos entrevistados com a produção de informação, foram identificadas reflexões acerca das dificuldades de acesso às TICS e o poder transformador que informação exerce sobre o indivíduo e a sociedade. A análise observou elementos de conscientização na fala dos quilombolas que denotam um sentimento de mudar a realidade imposta por uma prática discriminatória exercida sobre esses grupos. Diante desses posicionamentos Fairclough, (2001) aborda que “a prática social transforma os sujeitos e reestrutura as lutas de poder na sociedade”. Além disso, na prática social, existem discursos que são mais dominantes que outros, nesse caso a análise estrutural tem a função de perceber as ideologias de poder presentes no discurso (TILIO, 2010).

Ao discutir os resultados da análise sob a perspectiva da prática social, dimensão da ACD, buscamos argumentar a possibilidade de um diálogo com as subcategorias criadas. Cabe destacar, que anteriormente foi realizado o cruzamento dos dados empíricos com as categorias Hegemonia e Ideologia para corroborar como significado dessa análise em estabelecer que o discurso como prática social cria vários sentidos no cotidiano dos estudantes quilombolas.

8 COMPETÊNCIA CRÍTICA EM INFORMAÇÃO X PRÁTICAS INFORMACIONAIS: a realidade dos estudantes quilombolas na UFPA

Para verificar como as Práticas Informacionais identificadas na coleta de dados desta pesquisa se relacionam com a Competência Crítica em Informação na vida dos estudantes quilombolas da UFPA, fez-se uma análise, tendo como base o referencial teórico das temáticas centrais e os resultados da análise crítica do discurso. As discussões traçam narrativas sobre as necessidades informacionais dos estudantes, suas interações em diferentes espaços de vivência e sua visão crítica em relação a esses posicionamentos.

Primeiramente é significativo mencionar as relações conceituais entre as duas temáticas, Práticas Informacionais e Competência Crítica em Informação. Foram observados por ocasião da construção do referencial teórico que as duas abordagens promovem a compreensão do valor da informação e sua influência sobre os indivíduos em qualquer contexto, assim como, um aprendizado informacional autônomo e independente ao longo da vida por meio do desenvolvimento de ações que produzam mudanças sociais.

As Práticas Informacionais inserem e discutem questões de discriminação social, contexto, geração de conhecimento a partir de crenças práticas interpretativas compartilhadas de forma individual ou coletiva, por comunidades e grupos específicos em um fluxo que relaciona o sujeito com a informação (OLSON, 2009; ARAÚJO, 2017), esse pensamento se assemelha aos resultados observados na luta pela preservação das tradições, memória e formação história/cultural dos quilombolas, a perda desse conteúdo simbólico é uma forma de dominação dos direitos na busca da construção de sua identidade cultural.

A dificuldade em transmitir as tradições para as gerações futuras e a falta de ações que incentivem um diálogo entre a história cultural dos estudantes e o meio acadêmico, colaboram para que as desigualdades sociais permaneçam interferindo nas práticas sociais dos estudantes. As Práticas informacionais dos estudantes quilombolas da UFPA, podem ser analisadas sob o conceito de *Habitus* de Bourdieu (1983), pois traduz uma percepção que relaciona estilo de vida, julgamentos políticos e morais, os meios de ação que irão permitir desenvolver estratégias individuais na geração de herança social ou acúmulo de bens simbólicos. Além disso, a ideia de *Habitus* coloca o indivíduo na sociedade em uma posição que lhe permite pensar, ver e agir um ser autônomo em suas ações e atividades. Quando os estudantes buscam

inserir o seu conhecimento acadêmico na comunidade, como forma de amenizar as dificuldades diárias, na conscientização direitos e de saberes que vão melhorar a vida cotidiana dos moradores, ele está desenvolvendo ações procedentes do conceito de *habitus*.

Entendendo que o conceito de *Habitus* pode ser abordado tanto nas práticas informacionais como na Competência Crítica em Informação, pois fazem referência a diferenças de classes sociais, econômica e política que influenciam na formação do indivíduo ou na maneira de perceber o mundo. Assim, a falta de ações afirmativas pode influenciar no desenvolvimento de aprendizagem dos entrevistados, como já foi citado, a política de acesso ao ensino superior por si só não termina com as desigualdades educacionais, o capital cultural ainda será responsável por uma política de avaliação desfavorável para os quilombolas, sobretudo no contexto acadêmico em que as diferenças de uma educação de qualidade ficam mais visíveis.

As entrevistas relatam a necessidade que os quilombolas sentem em cursar o ensino superior, que consideram como uma prática de reconhecimento de seus direitos e de melhoria de sua comunidade, mesmo que tenham que enfrentar conflitos diários de preconceitos e discriminação no meio acadêmico. Nesse sentido, a representatividade, tem um papel fundamental na interação dos estudantes com o campo social, e assim despertar nos estudantes a Competência Crítica em Informação em relação a situações adversas.

Reunir esforços para desenvolver ações que favoreçam a representatividade e a construção da identidade dos estudantes é papel da universidade, para minimizar problema citados pelos entrevistados como: a falta de conteúdo relacionado a formação histórica e cultural; a adaptação ao “campo universitário”; permanência no ensino superior; preconceito e discriminação na sala de aula (relacionado à dificuldade na oralidade e no conteúdo das disciplinas). Para essas questões a CCI visa desenvolver nos sujeitos o olhar crítico e reflexivo, com o intuito de torná-los participativos e autônomos no exercício de sua cidadania, com base no critério de relevância e da contextualização. Em meio a essas concepções, é necessário que o sujeito informacional inicie uma relação com a informação dialógica e dialética, a fim de associar a informação às vivências e conhecimentos anteriores, seja para confrontá-los, complementá-los ou confirmá-los (BRISOLA; ROMEIRO, 2018, p. 77)

De acordo com Bourdieu (1983, p. 65), o campo social é um espaço simbólico no qual são desenvolvidas as ações, representações e interações sociais. No contexto

desta pesquisa dois campos surgem como espaço de interação: as comunidades quilombolas e a UFPA. São nesses campos que os estudantes buscam, acessam e produzem informações, para serem disseminadas. No entanto, os recursos informacionais disponibilizados para toda a comunidade acadêmica, como o Portal de Periódicos da CAPES e o acesso à biblioteca *on line* ou mesmo física não tem o alcance pretendido, muitos dos entrevistados ou tem dificuldade em acessar ou não conhecem. A ausência de interação das informações histórico/culturais dos estudantes com o contexto universitário, pode ocasionar uma inibição em participar de ações, acessar e compartilhar informações.

Para entender como os contextos influenciam nas necessidades informacionais dos entrevistados, buscou-se os contextos identificados por Savolainen (2012): **Situação de ação**, estão incluídos fatores temporais e espaciais; **Desempenho de tarefas**, tem como objetivo a resolução de problemas; **Diálogo**, é um processo de troca entre a comunicação escrita e oral.

A situação de ação, identificada nas entrevistas está relacionada a ação afirmativa, que aprovou a resolução para a realização do PSE para quilombolas. O acesso a essa informação no contexto das comunidades era desconhecida para alguns entrevistados. Nesse caso, o tempo, o espaço e a situação colaboraram para que essa necessidade informacional não fosse concluída, pois o espaço entre o local de origem da informação, a UFPA, fica distante – geográfica, cultural e socialmente, do receptor, o processo de disseminação da informação foi realizado pelos componentes das comunidades quilombolas.

O contexto de desempenho de tarefas, é comparado às atividades acadêmicas dos estudantes quilombolas, o sucesso da busca por informações, está condicionado ao conhecimento e interação com os recursos informacionais e às TICs, a disponibilidade dos professores e ao suporte que a ADQ oferece a esses alunos, para a conclusão das necessidades informacionais. Outro ponto que influencia o desempenho das tarefas, se baseia nas experiências que cada aluno quilombola teve na educação básica, sendo esse, um dos principais problemas no seu aprendizado acadêmico.

O contexto Diálogo apontado por Savoleinen (2012), é observado na fala dos entrevistados, quando: a atividade de recuperação dos conhecimentos tradicionais dos povos quilombolas são disseminados oralmente para seus descendentes; organização e preservação de documentos históricos da comunidade; transmissão de

conhecimentos apreendida no contexto universitário, por meio de palestras e reuniões para os membros da comunidade, as informações procuradas na ADQ e no IQ.

Conforme as análises, não é recorrente no contexto acadêmico inserir a trajetória e a formação histórica e cultural dos estudantes quilombolas na vida acadêmica, mesmo fazendo parte de suas tradições, raízes e vivências ao longo do tempo. Sendo assim, cria-se uma lacuna de informações e um abismo de comunicação com outros estudantes que não sejam quilombolas, esse contexto contraria a percepção de Nunes (2014, p. 172), sobre o sujeito informacional, no compartilhamento e na interação da informação.

As Práticas Informacionais possibilitam acessar e utilizar variadas fontes e canais de informação, do qual os sujeitos informacionais participam e interagem em diversos contextos (NUNES; CARNEIRO, 2018). Assim, as entrevistas mostraram as diversas fontes e recursos informacionais que os estudantes usam para se manter informado, entre elas, bibliotecas, livros, revistas, Internet, Grupos sociais e ADQ.

Essas ferramentas informacionais, servem de suporte para as pesquisas acadêmicas e nas comunidades. Se faz necessário destacar as várias citações sobre a ADQ, como uma fonte de informação, fica evidente o papel da associação dentro do espaço acadêmico. Apesar da carência no acesso às TICs, os recursos ligados a internet foram os mais indicados e o uso de redes sociais tem relevância para os estudantes quilombolas, quando se trata de comunicação e acesso à informação.

A variedade de contexto para a ocorrência da interação entre o indivíduo e a informação está associado ao conceito de práticas informacionais. Assim, estas análises dos resultados podem ser associadas a duas concepções de contextos de Courtrigh (2007), sendo: **contexto como construção social e contexto relacional**. O critério na escolha de apenas duas concepções de contexto deste autor, é fundamentado na relação de aproximação com o conteúdo e os resultados da pesquisa.

O contexto relacionado à construção social, são interações em comunidades específicas no desenvolvimento das práticas informacionais, geram o compartilhamento de compreensão de fenômenos informacionais sob o ponto de vista social. Sendo assim, as Práticas Informacionais que os estudantes desenvolvem nas comunidades, aplicando o seu conhecimento acadêmico em ações de preservação da cultura e de meio ambiente para a melhoria e socialização da comunidade, representa adequadamente o contexto de Courtrigh (2007).

Contexto como construção social, é um processo dinâmico, em que o contexto e o ator social se comunicam sob a influências externas, como os fatores sociais e tecnológicos integrados nas atividades informacionais (COURGTRIGH, 2007). Nesse contexto são descritas situações de busca e uso e interação das informações por meio de tecnologias, pesquisas em sites, bibliotecas, palestras desenvolvidas pelos estudantes.

Para inserir reflexões sobre Competência Crítica em Informação, procedeu-se relações entre as análises e o aprendizado ao longo da vida, definido como um “processo contínuo de internalização conceituais, atitudinais e de habilidades necessárias à compreensão e interação permanente com a dinâmica universo informacional” (DUDZIAK, 2003, p.6) acrescidos de desafios tecnológicos, econômicos , sociais e culturais. Nesse sentido, a CCI requer um posicionamento crítico e ético sobre as necessidades informacionais.

De acordo com os discursos analisados, as necessidades informacionais dos estudantes quilombolas tem uma preocupação individual e coletiva, com prioridade para a busca de informações no acesso ao ensino superior. A fala dos entrevistados ressalta o compromisso de aplicação do conhecimento adquirido na vida acadêmica em benefício das comunidades, para mudar a realidade do cotidiano dos seus. A busca por informações relevantes para as comunidades, se configura também como uma necessidade de informações sobre seus direitos como cidadão.

A CCI, associada ao aprendizado ao longo da vida não ocorre apenas em espaços formais como, a escola, universidade ou trabalho, se desenvolve também em espaço informais que servem de suporte à classes discriminadas da sociedade (MELO, 2019). A Associação de Estudantes Quilombolas e o Projeto de Extensão IQ- Conhecimento e Resistência são exemplos de espaços informais, foram mencionados nas entrevistas, como lugar de representação, além de exercer um papel de mediador no repasse de informações necessárias sobre direito, ensino e aprendizado para os estudantes. Pelo posicionamento de alguns entrevistados percebeu-se que esses espaços têm ainda a função de conscientizar esses alunos para se posicionarem criticamente em relação as informações e aos conflitos diários.

As atitudes tomadas no enfrentamento à violência, desigualdades sociais, culturais e econômicas orienta para o desenvolvimento do pensamento crítico. A prática questionadora que faz parte do pensamento crítico, foi identificada nas análises como situações de preconceito, discriminação, falta de representatividade,

adaptação e permanência no ensino superior. A legitimação desses estudantes que sofrem com exclusão histórica requer mais que ações políticas de informações.

Para finalizar essas discussões, buscou-se inserir os resultados das análises desta pesquisa aos sete níveis da Competência Crítica em Informação de Schneider (2019) e assim observar o sentido crítico das vivências informacionais dos estudantes quilombolas da UFPA.

1º nível Concentração: a necessidade informacional está em adquirir informações e conhecimentos em um curso de graduação para superar barreiras e discriminações, possibilitando para a sua comunidade novas oportunidades. Como foi citado nas entrevistas, o uso da internet é o principal recurso utilizado, mesmo com todas as dificuldades, então, em meio ao volume informacional pode ocorrer a inibição de necessidades informacionais mais relevantes.

2º nível Instrumental: capacidade de lidar com os recursos informacionais e TICS, foram citados a dificuldade com ensino remoto, que foi comentado por todos os entrevistados, as dificuldades em acessar as informações e a falta de conhecimento com equipamento e plataformas virtuais, eleva as desigualdades sociais e amplia a dificuldade de inserção no contexto universitário.

3º nível Gosto: as necessidades informacionais estão vinculadas a formação histórica/culturas e as experiências ao longo da vida, influenciam o capital cultural dos estudantes quilombolas, fruto de uma educação discriminatória refletida no aprendizado acadêmico. O ensino modular oferecido não incentiva o gosto pelo conhecimento. Então a inclusão desses alunos na pesquisa induz a produção de informações.

4º nível Relevância: preocupação em verificar a origem das informações e como essa informação podem prejudicar as pessoas, os estudantes desempenham um papel importante no fluxo da informação da comunidade, pois de acordo com alguns relatos, eles vão em busca da informação, interagem, e depois repassam as informações corretas para os membros da comunidade, entendem que a relevância e a confiabilidade de determinadas informações é uma forma de conscientização dos membros da comunidades para que os mesmos não sejam enganados. Sem o critério de relevância das informações leva ao desenvolvimento de práticas informacionais nem sempre apropriadas.

5º nível Credibilidade: é a busca de fontes de informação de confiáveis, os estudantes relataram que procuraram associações, palestras para verificar a

veracidade de informacionais que haviam repassado para a comunidade. Em meio ao grande fluxo de informações que estão sendo disponibilizadas, eles procuram verificar quais fontes que geraram as informações, conscientizam seus familiares do uso correto das redes sociais, para não repassarem informações duvidosas.

6º nível Ética: as práticas informacionais efetivas são influenciadas pela forma como os estudantes recebem as informações na sala de aula físicas ou virtuais, De acordo com estudantes os conteúdos ofertados e os professores não consideram a historicidade e a cultura; o ensino básico, o aspecto social e econômico, todos em um em um mesmo nível são situações que devem ser combatidas por meio de ações afirmativas. Os pontos ressaltados pelos alunos sobre o ensino remoto, demonstra um desequilíbrio que não os favorece no conteúdo das disciplinas, nas TICs, a não familiaridade a plataformas virtuais, nos ambientes inadequados e na distância dos centros urbanos.

7º nível Crítica: Ao analisar todos os outros níveis, não é possível verificar uma articulação satisfatória em todos os níveis, a emancipação informacional dos estudantes quilombolas ainda conta com vários obstáculos. Observou-se nos discursos um pensamento crítico, questionamentos, reconhecimento da informação como elemento transformador nas desigualdades sociais e preocupação com as fontes de informação. No entanto essas práticas necessitam ações para o desenvolvimento de Competência Crítica em Informação.

As percepções sobre os resultados dessa pesquisa esclarecem que essas temáticas abordadas, não somente colaboram com a emancipação informacional dos estudantes quilombolas, como também incentivam o empoderamento por meio de valores sociais na luta pela inclusão. É importante destacar nas falas dos estudantes a importância das associações, projetos e ações no empenho em valorizar a formação histórica e cultural dos quilombolas na UFPA, são práticas que estimulam a autoestima na busca e superação das desigualdades sociais.

Conforme o que foi apresentado procurou-se identificar as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas da UFPA e sua influência para a construção da Competência Crítica em Informação, com base na análise crítica do discurso. As práticas descritas configuram-se como ações para o enfrentamento das adversidades impostas desde o ensino base ao ingresso na universidade.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada faz uma identificação e uma análise das Práticas Informacionais e das suas influências na construção da Competência Crítica em Informação dos estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará relacionados aos desafios do ingresso ao ensino superior e à vivência no meio acadêmico. Por meio de relatos sobre a trajetória histórica/cultural foi possível compreender a influência que essa formação traz ao contexto acadêmico.

Para tanto, os estudos foram ancorados em cinco objetivos: Analisar dentro de um contexto histórico, cultural e social, as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas da UFPA, com intuito de contribuir para a elaboração de ações práticas que desenvolvam a Competência Crítica em Informação; Sistematizar o referencial teórico acerca das temáticas da pesquisa; Identificar os estudantes quilombolas de graduação da UFPA; Verificar as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas; Compreender como a Competência Crítica em Informação, dentro do contexto pesquisado, pode influenciar as Práticas Informacionais.

O referencial teórico possibilitou fazer uma trajetória histórica dos quilombolas no Brasil, a luta da educação quilombola no Brasil, assim como, o processo que concedeu o acesso de quilombolas ao ensino superior pelo sistema de cotas e seu ingresso na UFPA. Com base na pesquisa documental foi possível conhecer o panorama dos estudantes quilombolas na UFPA, para delinear a coleta de dados e posteriormente a Análise Crítica do Discurso. Os resultados foram relacionados as temáticas Práticas Informacionais e Competência Crítica em Informação.

Sendo assim, para a identificação e as análises das Práticas Informacionais, fez-se primeiramente questionamentos a partir da trajetória e da formação histórica/cultural dos estudantes quilombolas e a relação com o ensino superior, e assim compreender como a formação dos sujeitos podem colaborar com os resultados da pesquisa. Nos assuntos abordados pelos entrevistados foram identificadas expressões sobre: racismo, preconceito, discriminação, identidade, tradição, cultura e crenças, essas marcações simbólicas demonstram que essas questões precisam ser trabalhadas no contexto acadêmico.

Conforme as respostas dos entrevistados, a perda das tradições históricas e culturais influenciam na construção da identidade, na preservação das crenças, na manutenção do território e no reconhecimento étnico-racial. Além disso, o estudante quilombola quando ingressa na universidade traz toda essa vivência de perdas e de

negações que se somam a questões evidenciadas no âmbito acadêmico como: o preconceito e a discriminação; a adaptação a um local completamente novo, a falta de acolhimento, o aspecto econômico e social são alguns dos problemas que afetam a permanência desses estudantes no ensino superior.

O percurso acadêmico para os quilombolas torna-se um desafio pela falta de representatividade, de conteúdos de aprendizado que tenham relação com a historicidade e de ações afirmativas que visem não somente o ingresso desses alunos, mas também a permanência e o pertencimento deles na instituição. Os dados indicam que de 2013 a 2020 o número de alunos quilombolas que ingressaram na UFPA é de 2148 (UFPA, 2020), esse é um ponto relevante para que a instituição avalie a necessidade de elaboração de políticas afirmativas.

Por tudo que foi exposto e pela proposta da pesquisa buscou-se analisar não somente as Práticas Informacionais, mas o contexto social dos sujeitos e da instituição, nesse sentido, o acesso à informação ainda passa por impedimentos, como falta de disponibilidade de internet e o pouco conhecimento em usar os equipamentos e o acesso aos serviços oferecidos, essas questões são reflexos da carência de tecnologias no cotidiano das comunidades.

Em meio as dificuldades, as fontes informacionais e os recursos informacionais citadas pelos entrevistados: Biblioteca, Internet, Jornais, livros, Televisão, Bases de dados, Redes sociais, Centro acadêmico, Superintendência de Assistência Estudantil- SAEST, ADQ, Professores e amigos. Alguns desses recursos são usados com alternativa para o acesso à informação. A atenção que foi dada a ADQ demonstra uma estratégia de enfrentamento e de resistência aos problemas enfrentados no contexto acadêmico

Diante das entrevistas foram identificadas algumas Práticas Informacionais, como: Participação em Reuniões da ADQ, meio de buscar informações; Reuniões de grupos de quilombolas para compartilhamento de informações, Reuniões com jovens e crianças da Comunidade para transmissão de conhecimento, participação em palestras, Elaboração de projetos para serem aplicados na comunidade, aplicação na prática do aprendizado no curso de graduação para a preservação histórica e cultural. Essas são algumas formas encontradas pelos estudantes quilombolas para estabelecer uma interação com a informação desenvolvendo Práticas Informacionais coletivamente com a sua comunidade.

Vale destacar que as experiências relatadas pelos estudantes apontam que o capital cultural herdado e o quadro de exclusão impactam na construção de Práticas Informacionais. Nessa concepção, os espaços associativos dentro da universidade foram descritos pelos estudantes como locais de acolhimento atuando como mediadores de informações, em vista disso, acredita-se que esses locais possam incentivar a reflexão crítica dos estudantes quilombolas.

A respeito dos recursos informacionais e das TICS, é uma realidade que não contempla a maioria dos alunos, e nesse cenário de pandemia, a exclusão tende a aumentar. O ensino remoto e suas dificuldades foi uma questão unânime nas entrevistas .

Os resultados indicam que o pensamento crítico identificado nos discursos, em relação à informação, aos conflitos, aos preconceitos e à discriminação enfrentados pelos estudantes remetem a um questionamento sobre as necessidades informacionais, influenciada pelo aprendizado ao longo da vida, em uma interação do indivíduo com a informação, não somente por meio de tecnologia, mas também nos aspectos sociais e econômicos.

Portanto, para responder ao último objetivo, fundamentado nas análises e nos resultados desta pesquisa são apontadas algumas influências e relações entre duas temáticas. A Competência Crítica em Informação influencia a busca e o uso da informação; a diversidade de contextos, compartilhamento de ideias, questões sociais, políticas e culturais, mudanças sociais, todos esses aspectos colaboram para a autonomia informacional do sujeito, deste modo, a construção de Práticas Informacionais adequadas requer o desenvolvimento de Competência Crítica em Informação.

Esta pesquisa configurou-se como um desafio para a autora, que acredita na potencialidade da informação como um elemento transformador na vivência de grupos historicamente excluídos. O desenvolvimento da pesquisa possibilitou um conhecimento a respeito dos estudantes quilombolas da UFPA, em relação as desigualdades educacionais, culturais, sociais e econômicas, fatores que contribuem para seu desempenho de aprendizado no ensino superior.

É importante salientar que a democratização da informação não apenas objetiva o acesso à suportes tecnológicos pelos sujeitos da pesquisa, a formação histórica/cultural deve ser considerada para minimizar as desigualdades e aumentar as oportunidades educacionais. Logo, a informação de qualidade precisa transitar

entre a população de quilombolas para promover um diálogo com outros grupos sociais e culturais.

Conclui-se que as ideias desenvolvidas nesta investigação contribuem principalmente para a concretização de ações práticas relacionadas ao desenvolvimento da Competência Crítica em Informação para os quilombolas e outros grupos discriminados socialmente em suas Práticas Informacionais. E assim, apoiar o processo de construção do conhecimento ratificando o caráter social da Ciência da Informação e a pertinência da expansão de estudos para grupos sociais de raça e de gênero, além de reafirmar e de promover uma política de inclusão informacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daniela Pereira dos Reis de. Paradigmas Contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição**, v.6, n.1, p.16-27, 2007. ISSN:1807-8281. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/reic/article/view/745>. Acesso em: 19 jan. 2020.

ANDIFES. Pesquisa do perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras, 5, 2018. Brasília, DF.: FONAPRACE, 2019. Disponível em: <https://www.andifes.org.br/wp-content/uploads/2019/05>. Acesso em: 23 jan. 2021

ANGROSINO, Michael V. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Bookman/Artmed, 2009.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. A inclusão de afrodescendentes nas políticas de informação: por uma compreensão da diversidade cultural. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 9, São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/view/3059/2185>. Acesso em: 22 mar. 2020

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 23-39, jul./dez. 2010a. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/>. Acesso em: 19 mar. 2020.

ARAÚJO, C. A. Ávila. Abordagem interacionista de estudos de usuários de informação. **Ponto de Acesso**, Revista do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, v. 4, n. 2, p. 2-32, set. 2010b. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/>. Acesso em: 10 fev. 2020

ARAÚJO, C. A. Ávila. O que são “práticas informacionais”? **Informação em pauta**, Fortaleza. v. 2, n. esp., p. 217-236, out. 2017. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655/31068>. Acesso em: 12 nov. 2019

ARAÚJO, C. A. Ávila. Dos estudos de usuários da informação aos estudos em práticas informacionais e cultura: uma trajetória de pesquisa. **Informação em Pauta**, v. 4, n. Especial, p. 121-135, 13 maio 2019. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/41209>. Acesso: 22 mar. 2020

ARAÚJO, C. A.Ávila de; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal; DUMONT, Lúgia Maria Moreira. As perspectivas de estudos sobre os sujeitos no PPGCI/UFMG. **Perspectivas em Ciência da Informação**, n. Especial, v. 24, p. 85-101, 2019. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/> . Acesso em: 22 mar. 2020

ARAÚJO, C. A. Ávila. Paradigma social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 22, n.1, p. 145- 159, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/91416>. Acesso em: 23 maio 2020.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Informação, sociedade e cidadania: gestão da informação no contexto de organizações não-governamentais (ONGs) brasileiras. **Ciência e Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 155-167, mai./ago. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid>. Acesso em: 29 maio 2020.

ARRUTI, J. M. Da 'educação do campo' à 'educação quilombola' Raízes: **Revista De Ciências Sociais E Econômicas**, v.31, n.1,164-179, 2011 <https://doi.org/10.37370/raizes.2011.v31.325>. Acesso em: 25 maio 2020.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). Framework for information literacy for higher education. Association of College and Research Libraries, a division of the American Library Association, 2015. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework> : Acesso em: 22 jul. 2020.

AZEVEDO, Marco Antônio de; MARTELETO, Regina Maria. Informação e segurança pública: a construção do conhecimento social em ambiente comunitário. **TransInformação**, Campinas, v. 20, n. 3, p. 273-284, set./dez., 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: Congresso Nacional de Educação, 10. Curitiba: UFPR, 2011. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf. Acesso em: 12 fev 2021

BAPTISTA, S. G.; CUNHA, M. B. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. *Perspect. Ciênc. Inf.*, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, ago. 2007. <https://www.scielo.br/pdf/pci/v12n2/v12n2a11> : Acesso em: 19 dez. 2019.

BAUER, Martin W. ; GASKELL, Georg (org.) **Pesquisa qualitativa com texto e imagem e som**: manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008.

BERTI, I. C. L. W.; ARAÚJO, C. A. Ávila. Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando? . **Informação e Informação**, Londrina, v. 22, n. 2, p. 389-401, maio/ago., 2017. Disponível em: www.uel.br/revista/informação. Acesso em: 22 jan. 2020.

BERTI, I. C. L. W.; ARAÚJO, C. A. ÁVILA. Pressupostos da Teoria Ator-Rede para os estudos das práticas informacionais. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 28, n. 2, 28 ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/38024>. Acesso em: 22 jan. 2020.

BEZERRA, Arthur Coelho. Vigilância e filtragem de conteúdo nas redes digitais: desafios para a competência crítica em informação. In: **Anais do XVI ENANCIB -**

Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. João Pessoa: ANCIB, 2015.

BEZERRA, Arthur Coelho. Teoria Crítica da Informação. In: BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo M.; SALDANHA, Gustavo Silva. **Ikritika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019. p. 15-72

BEZERRA, Arthur Coelho; SCHNEIDER, Marco; BRISOLA, Anna Cristina. Pensamento reflexivo e gosto informacional: disposições para competência crítica em informação. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 27, n. 1, p. 7-16. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

BEZERRA, Arthur Coelho.; SCHNEIDER, Marco; SALDANHA, Gustavo Silva. Competência crítica em informação como crítica à competência em informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 29, n. 3, 30 set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/47337>. Acesso em: 29 jun. 2020

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.46-81.

BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (org.). **A Sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D'ÁGUA, 2003. p. 39-72.

BRASIL. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003a, p. 01. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 1 jul. 2020

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília/DF, SEPPIR, 2004. CNE/CP Resolução 1/2004. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020

BRASIL. Resolução CNE/CEB n. 8, de 20 de novembro de 2012. Define as Diretrizes Curricular Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF: MEC/CNE/CEB, 21 nov. 2012. Seção 1, p. 26. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/diretrizes_nacionais_educacao_escolar_quilombola.pdf. Acesso em: 4 jun. 2020

BRISOLA, Anna Cristina; ROMEIRO, Nathália Lima. A competência crítica em informação como resistência: uma análise sobre o uso da informação na atualidade. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, n. 3, v. 14, p. 68-87, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/100164>. Acesso em: 11 jul. 2020

BRISOLA, Anna Cristina; SCHNEIDER, Marco SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco. Competência crítica em informação, ética intercultural da informação e cidadania global na era digital: fundamentos e complementaridades. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18, Marília, SP. 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/>. Acesso em: 17 jul. 2020.

BUFREM, Leilah Santiago; SANTOS, Sandra de Fátima. Ciência da informação e uso metodológico da etnografia. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 11, n. 1, p. 148-174, 23 dez. 2009. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/>. Acesso em: 22 jan. 2020

CALHEIROS, F. Peres; STADTLER, H. H. Coraciara. Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras. *Rev. katálysis* [online]. v. 13, n. 1, vol.13, n.1, p.133-139, 2010: Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590>. Acesso em: 20 fev. 2020

CAMPOS, Laís Rodrigues. **Do quilombo à universidade**: trajetórias, relatos, representações e desafios de estudantes quilombolas da Universidade Federal do Pará-Campus Belém quanto à permanência. 2016. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2016.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 19 nov. 2019.

CARVALHO, R. M. A.; LIMA, G. F. C. Comunidades quilombolas, territorialidade e legislação no Brasil: uma análise histórica. **Revista de ciências sociais-política e trabalho**, v. 2, n. 39, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/>. Acesso em: 18 fev. 2021

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, SP, Revista Brasileira de Educação v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-22-69-0539.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2020.

CHAVES, Mayco Ferreira. **A biblioteca deveria estar do nosso lado**: com/sobre quilombolas e indígenas e suas relações com a biblioteca universitária. 2018. Dissertação (mestrado) em Ciência da informação da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999. Disponível em <https://www.researchgate.net/m>. Acesso em: 10 jan. 2021.

COURTRIGHT, C. Context in information behavior research. **Annual Review of Information Science and Technology**, Malden, v. 41, n. 1, p. 273-306, 2007.

DE MASI, Domenico. **O futuro chegou**. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. Cap. 15: O modelo brasileiro.

DUDZIAK, E. A. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n.1, p. 23-25, jan./abr. 2003. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1016>. Acesso em: 14 jul. 2020

DUDZIAK, E. A. Os faróis da sociedade de informação: uma análise crítica sobre a situação da competência em informação no Brasil. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.18, n.2, p. 41-53, maio/ago. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1704/2109>. Acesso em: 14 jul. 2020.

DUDZIAK, E. A. Políticas de competência em informação: leitura sobre os primórdios e a visão dos pioneiros da information literacy. In: ALVES, F. M. M.; CORRÊA, E. C. D.; LUCAS, E. R. O. **Competência em informação**: políticas públicas, teoria e prática. Salvador: EDUFBA, 2016.

ELMBORG, J. Critical Information Literacy: Definitions and Challenges. In: C. Wilkinson (Ed.), **Transforming Information Literacy Programs**: Intersecting Frontiers of Self, Library Culture, and Campus Community, 2012, Disponível em: https://iro.uiowa.edu/discovery/fulldisplay/alma9983557574202771/01IOWA_INST:ResearchRepository. Acesso em: 10 nov. 2020

FAICLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Trad. I. Magalhães. Brasília, DF.: UNB, 2001a.

FAICLOUGH, N. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michael. **Methods of Critical Discourse Analysis**. London: SAGE Publications, 2001b. Versão para o português Iran Ferreira de Melo.

FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educ. rev.** [online]. n.28, p. 17-36, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602006000200003&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 1 jun. 2020.

FERES JUNIOR, João; DAFLON, Verônica Toste. Políticas da Igualdade Racial no Ensino Superior. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, n. 5, 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cdf/article/>. Acesso em: 10 jun. 2020

FERREIRA, E. G. A.; ABREU, F. F.; LIMA, G. M. C. DE; SÁ, J. P. S. DE. A construção do conceito de Práticas Informacionais pelos pesquisadores do EPIC. **Informação em Pauta**, v. 4, n. Especial, p. 26-43, 13 maio 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/41077>. Acesso em: 23 jan. 2020.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas e novos usuários de informação. **Ciência e Informação**, v. 25, n. 2, 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/>. Acesso em: 4 dez. 2019.

FIGUEIREDO, Nice. Estudos de uso e usuários da informação. Brasília: Ibict, 1994. Disponível em:

FLECK, Amaro. Afinal de contas, o que é teoria crítica? **Princípios**: Revista de Filosofia, Natal, v. 24, n. 44, p. 97-127, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/12083/pdf>. Acesso em: 6 abr. 2021.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete and TURATO, Egberto Ribeiro. **Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas**. Cad. Saúde Pública [online]. 2008, vol.24, n.1, pp.17-27. ISSN 1678-4464.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Comunidades remanescentes dos quilombos**: certificação quilombola http://www.palmars.gov.br/?page_id=37551. Acesso em: 26 abr. 2020.

FURTADO, M. Brasil; PEDROZA, R. L. Sucupira; ALVES, C. Beatriz. Cultura, identidad y subjetividad quilombola: una lectura a partir de la psicología cultural. **Psicol. Soc.** [online]. 2014, v.26, n.1, p.106-115, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100012>. Acesso em: 10 mar. 2021.

FURTADO, R. L. **A competência em informação no cenário arquivístico: uma contribuição teórico-aplicada**. 2019. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/180950>. Acesso: 11 jul. 2020

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; COSTA, Suely Maria de Souza. Evolução teórico-metodológica dos estudos de comportamento informacional de usuários. Ci. Inf. [online]. 2010, vol.39, n.1, pp.21-32. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ci/v39n1/v39n1a02.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Atlas, 2008
GOMES, Flávio dos Santos **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil /Flávio dos Santos Gomes. 1a ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015. (Coleção Agenda brasileira)

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas. **RBPAE**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 109-121, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/19971/111602>. Acesso em: 1 jun 2020.

GONZÁLEZ TERUEL, A. **Los estudios de necesidades y usos de la información**: fundamentos y perspectivas actuales. Gijon, Espanha: Trea, 2005.

HARLAN, M. A. **Information practices of teen content creators: the intersection of action and experiences - a grounded theory study.** Tese – Doutorado em Sistemas de Informação. Queensland: Queensland University of Technology, 2012. Disponível em: https://eprints.qut.edu.au/57125/1/Mary_Harlan_Thesis.pdf. Acesso em: 25 mar. 2020.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

IBGE. **Base de informações sobre indígenas e quilombolas.** 2019. Disponível em: <https://mapasinterativos.ibge.gov.br/covid/indeg/>. Acesso em 13 de jun. 2020

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. Declaração de Alexandria sobre competência Informacional e aprendizado ao longo da vida. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/wsis/Documents/beaconinfsoc-pt.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2020

LIMA, Aline Tarcila de Oliveira; ARAÚJO, Izabel Cristina de; SILVA, Walkiria Maria Sousa da; PORTELA, Roselene de Souza. A trajetória das políticas de ações afirmativas para indígenas e quilombolas na Universidade Federal do Pará. In: **Jornada Internacional de Políticas Públicas**, 8. 2015.

MAGALHÃES, Izabel (org.). **Reflexões sobre a análise crítica do discurso.** Belo Horizonte: Fale UFMG, 2001.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André R.; RESENDE, V. de Melo. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa [on line].** Brasília, DF.: Editora UNB, 2017.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTELETO, Regina. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 89-93, jan./abr. 1995. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/613>: Acesso em: 25 mar. 2020.

MARTINEZ, Luiz Carlos Pérez, ALCARÁ, Adriana Rosecler, MONTEIRO, Silvana Drumond. A etnografia na ciência da informação: um método para espaços virtuais. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 24, n. 56, p. 01-23, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2019.e58685/40792>. Acesso em: 26 de maio 2020

MATTOS, C.L.G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., org. **Etnografia e educação: conceitos e usos [online].** Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/> . Acesso em: 7 mar. 2020

MCKENZIE, Pamela J. A modelo f information practices in accounts of everidday life information seeking. **Journal of Documentation**, v. 59, n. 1, p. 19-40, Feb. 2003. Disponível em: pdfs.semanticscholar.org. Acesso em: 12 nov. 2019.

MELO, Daniela Alves. **Práticas informacionais e a construção da competência crítica em informação**: um estudo na Bambidelê – Organização de mulheres negras da Paraíba. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2019.

MELO, D. A. et al. Práticas informacionais das mulheres negras. **Revista Folha de Rostto**, v. 5 n. Especial, n. Especial, p. 5-23, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136573>>. Acesso em: 19 jan. 2021

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves de; SOUZA, Edinilsa Ramos de (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 108 p. (Coleção temas sociais).

MIRANDA, Carmélia /aparecida Silva. Comunidades quilombolas no Brasil. **Cordis. Revoluções, cultura e política na América Latina**, São Paulo, n. 11, p. 253-279, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/19805>. Acesso em: 2 de jun. 2020.

MIRANDA, M. L. Cavalcante de. A organização do etnoconhecimento. *Revista África e africanidades*. v. 1, n. 4, fev. 2009. Disponível em: <https://africaeaficanidades.net/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MIRANDA, Shirley Aparecida. Educação escolar quilombola em Minas Gerais: entre ausências e emergências. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n50/v17n50a07.pdf> : Acesso em: 28 maio 2020.

MOURA, Clóvis. **Quilombos**: resistência ao escravismo. São Paulo: Ática, 1987

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NASCIMENTO, D. M.; MARTELETO, R. A “informação construída” nos meandros dos conceitos da teoria social de pierre bordieu. **DataGramZero**, v. 5, n. 5, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/>>. Acesso em: 10 mar, 2021.

NUNES, J.; CARNEIRO, B. L. Dos estudos de usuários à noção de práticas informacionais. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 9, n. 2, p. 150-168, 29 out. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/134406>. Acesso em: 19 abr. 2020.

NUNES, Jefferson Veras. **Vivência em rede: uma etnografia das práticas sociais de informação dos usuários de redes sociais na internet**. 2014. 307 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

OLIVEIRA, Assis da Costa; BELTRÃO, Jane Felipe; RIBEIRO, Patrick Henrique. Etnodesenvolvimento: prática pedagógica na formação universitária de povos e comunidades tradicionais. **Revista Exitus**, v. 3, n. 2, p. 109-121, jul/dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5531/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

OLSSON, Michael. Gently to hear, kindly to judge: the affective information practices of theatre professionals and journalists. **Information Research**, v. 18, n. 3, 2013. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/183/colis/paperC22.html>. Acesso em: 22 mar. 2020.

PEDROSA, C. E. Faye; OLIVEIRA, D. M. O.; DAMASCENO, T. M. S. Souza. Caminhos teóricos e práticos em análise crítica do discurso. **Cadernos CNLF**, v. 14, n. 2, t. 1, 2010. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo. Acesso: 6 mar. 2021

PEREIRA, Cleyciane Cássia Moreira Pereira; BARREIRA, Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira. Mediação da informação em comunidades quilombolas. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17 ENANCIB, 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2016/2>. Acesso em: 12 mar. 2020.

PINTO, F. M.; ARAÚJO, C. A. A. Contribuição ao campo de usuários da informação: em busca dos paradoxos das práticas informacionais. **Transinformação**, Campinas, v. 24, n. 3, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tinf/v24n3/a06v24n3.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2020.

PINTO, Flávia Virgínia Melo; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: quais as diferenças entre os conceitos comportamento informacional e práticas informacionais? **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 3, p. 15-33, jan. 2019. ISSN 2358-0763. Disponível em: <http://seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/8037/680>. Acesso em: 22 jan. 2020.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil**. 2008. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/>. Acesso em: 10 fev. 2021

RESENDE, V. de Melo; RAMALHO, V. C. Vieira Sebba. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, v. 5, n. 1, p. 185-207, jul/dez.

2004. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br>. Acesso em: 10 fev. 2021.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; GANDRA, Tatiane Krempser. Práticas informacionais: elementos constituintes. **Informação & Informação**, v. 23, n. 2, p. 556-595, maio/ago, 2018. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/11099>. Acesso em 28 jan. 2020

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; GANDRA, Tatiane Krempser; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. **Práticas informacionais**: nova abordagem para os estudos de usuários da informação. **Biblios**, n. 68, 2017. Disponível em: <https://biblios.pitt.edu/ojs/index.php/biblios/article>. Acesso em: 12 dez. 2019.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas. **Revista Iluminuras**, v. 9, n. 21, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301/0>. Acesso em: 16 mar. 2020.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira; DUARTE, Adriana Bogliolo Sirihal, PAULA, Claudio Paixão Anastácio de. Modelos de práticas informacionais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 36-61, jan/abr. 2017. Disponível: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/67014>. Acesso em: 12 dez. 2019.

ROLIM, Elizabeth Almeida; CENDÓN, Beatriz Valadares. Modelos teóricos de estudos de usuários na ciência da informação. **DataGramZero Revista de Informação** v.14 n.2 abr/13. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2017/03/pdf. Disponível em: 23 mar. 2020.

SALLES, Vicente. **O Negro na formação da sociedade paraense**: textos reunidos. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SANTOS, Eslania Correia dos; ROCHA, Joallan Cardim. As comunidades quilombolas no Brasil: a luta pelo acesso a terra. In: ENCONTRO NACIONAL, 4. FORUM ESTADO, CAPITAL E TRABALHO, X. Aracaju, 2017. Disponível: <https://engpect.files.wordpress.com/2017/10/gt2-11-as-comunidades-quilombolas-no-brasil.pdf>. Acesso em: 29 maio 2020.

SANTOS, Hermes B. da S. et al. Escrevivências indígenas e quilombolas: letrando resistências e políticas públicas na Universidade. In.: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 9, São Luís. Universidade Federal do Maranhão, 2019.

SANTOS, Thais Calixto. Diversidade e representação: os (as) quilombolas no Ensino superior. In.: CONGRESSO BRASILEIRO DE PENSADORES NEGROS. (Re)sistência intelectual negra e ancestral. Uberlândia, MG. 2018. Disponível em: <https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/>. Acesso: 5 de jan. 2021.

SAVOLAINEN, R. Conceptualizing information need in context. **Information Research**, Lund, v. 17, n.4, 2012. Disponível em: <http://InformationR.net/ir/17-4/paper534.html>. Acesso em: 4 out. 2019

SAVOLAINEN, Reijo. Everyday life information seeking approaching information seeking in the context of “way of life”. **Library & Information Science Research**,

Amsterdam, v. 17, n. 3, p. 259-294, 1995. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0740818895900489>. Acesso em: 4 out. 2019.

SAVOLAINEN, Reijo. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, Chicago, v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.

SCHNEIDER, Marco. CCI/7: competência crítica em informação (em 7 níveis) como dispositivo de combate à pós-verdade. In: BEZERRA, Arthur Coelho Bezerra; SCHNEIDER, Marco; PIMENTA, Ricardo M.; SALDANHA, Gustavo Silva. **IKrítika: estudos críticos em informação**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2019. p. 73

SILVA, Giselda Shirley da; SILVA, Vandeir José da. Quilombos brasileiros: alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil. **Revista Mosaico**, v. 7, n. 2, p. 191-200, jul./dez. 2014 <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view>. Acesso em: 31 maio 2020.

SILVA, Elma Vital da. Memórias e trajetórias formativas de jovens universitários da comunidade quilombola Ilha de São Vicente, em Araguatins/TO. 2019. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2019. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SOUZA, Laura Oliveira Carneiro. **Quilombo: identidade e história**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012

TALJA, Sanna. Constituting “Information” and “User” as Research Objects: A Theory of Knowledge Formations as an Alternative to the Information Man – Theory. In: VAKKARI, Perti; SAVOLAINEN, Reijo; DERVIN, Brenda (Eds). *Information Seeking in Context*. Londres: Taylor Graham, 1996, p.67-80.

TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. Enlace entre os estudos de usuários e os paradigmas da ciência da informação: de usuário a sujeitos pós-modernos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**. São Paulo, v. 10, n. 2, p. 144-173, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/290>. Acesso em: 22 maio 2020.

TEWELL, E. A decade of critical information literacy: a review of the literature. *Communications in Information Literacy*, 2015, 9 (1), pp. 24–43. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1089135.pdf>

TILIO, Rogério. Revisitando a análise crítica do discurso: um instrumental teórico-metodológico. **E-escrita**. Revista de letras da UNIABEU. Nilópolis, v. 1, n. 2, maio/ago. 2010. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/>. Acesso em 10 jan. 2021.

TRECCANI, Girolamo Domenico. **Terras de Quilombo: caminhos e entraves do processo de titulação**, 2006

TUOMINEN, K; TALJA, S.; SAVOLAINEN, R. The social constructionist viewpoint on information practices. In: **Theories of information behavior**. Edited Karen E. Fisher, Sanda Erdelez, Lynne McKechnie, 2005. 328.

TUOMINEN, Kimmo; SAVOLAINEN, Reijo. A social constructionist approach to the study of information use as discursive action. In: Proceedings of an international 131 conference on Information seeking in context. Taylor Graham Publishing, 1997, p. 81-96. D

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Centro de Registro e Indicadores Acadêmicos. **Alunos quilombolas na UFPA**. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Instituto de Ciências Sociais. Projeto IQ-Conhecimento e resitência. Belém. Disponível em: <https://projetoqaadiq.wixsite.com/projetoiq>. Acesso em: 15 dez 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Resolução n. 4.309, de 27 de agosto de 2012 fica aprovada a reserva de 2 (duas) vagas, por acréscimo, em favor dos quilombolas, no Processo Seletivo (PS) para ingresso nos cursos de graduação da Universidade Federal do Pará. Disponível em: <http://www.proeg.ufpa.br/images/Artigos/Normas/resolu%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 12 maio 2020.

VENÂNCIO, Milena de A. P.; FARBIARZ, Alexandre. A importância da representatividade na cultura pop. In.: INTERPROGRAMAS, 2, Brasília, DF. 2016. Disponível: <https://portalrevistas.ucb.br/>. Acesso em: 10 mar. 2021

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977/6250>. Acesso em: 18 fev. 2021.

WILSON, Thomas Daniel. Human information behavior. Information science reseatch, v. 3, n. 2, 2000.

WILSON, T.D. Models in information behaviour research. **Journal of Documentation**, v.55, n.3, p. 249-270, 1999. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228784950_Models_in_Information_Behaviour_Research. Acesso em: 12 dez. 2019.

WILSON, Thomas Daniel; SAVOLAINEN, Reij o. The behaviour/practice debate: a discussion prompted by Tom Wilson's review of Reijo Savolainen's, "Everyday information practices: a social phenomenological perspective". **Information Research**, Lund, v. 14, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.informationr.net/ir/14-2/paper403.html>. Acesso em: 22 jan. 2020.

YEOMAN, Alison. Applying McKenzie's model of information practices in everyday life information seeking in the context of the menopause transition. Information Research, Lund, v. 15, n. 4, dez. 2010. Disponível em: <http://informationr.net/ir/15-4/paper444.html> disponível . Acesso em: 22 jan. 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO- GOOGLE FORMS

Perguntas Respostas 44

Seção 1 de 2

Práticas Informacionais de estudantes quilombolas dos cursos de graduação da Universidade Federal do Pará

Prezados Estudantes,
Este questionário refere-se a uma pesquisa acadêmica, objeto de uma dissertação de mestrado intitulada "PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DE CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UFPA", do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará, cujo objetivo é realizar uma análise, dentro de um contexto histórico, social e cultural, das Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas de cursos de graduação da UFPA. O presente instrumento, é a primeira fase da pesquisa e visa especificamente reconhecer esse grupo de estudantes. As informações prestadas serão utilizadas exclusivamente no âmbito desta pesquisa. Os dados são confidenciais. Mantendo-se o sigilo das informações individuais. Tais procedimentos visam o estabelecimento de uma relação séria, ética, profissional e transparente.
Desde já agradeço sua colaboração e saliento que sua participação é fundamental para o sucesso dessa pesquisa.
Caso queira entrar em contato por qualquer motivo (dúvidas, curiosidades, críticas) poderá enviar um e-mail para ivomcost@gmail.com
Atenciosamente,
Maria Ivone Maia da Costa

Seção 2 de 2

IDENTIFICAÇÃO

Descrição (opcional)

Com qual gênero você se identifica? *

Feminino

Masculino

Prefiro não dizer

Outros...

Qual sua idade? *

16 a 20

21 a 30

30 a 40

40 a 50

+ 60

Qual seu Quilombo de origem – nome da comunidade e cidade *

Texto de resposta longa

Qual seu curso de Graduação? *

- Administração
- Arquitetura e Urbanismo
- Arquivologia
- Artes Visuais
- Biblioteconomia
- Biomedicina
- Biotecnologia
- Ciência da Computação
- Ciências Biológicas
- Ciências Contábeis
- Ciências Naturais



- Comunic. Social Jornalismo
- Comunic. Social Publicidade
- Conservação e Restauro
- Dança
- Desenvolvimento. Rural
- Direito
- Economia
- Educação Física
- Enfermagem
- Engenharia Biomédica
- Engenharia Civil
- Engenharia Computação



Qual Campus, Polo ou Núcleo você estuda? *

- Abaetetuba
- Acará
- Barcarena
- Altamira
- Ananindeua
- Belém
- Bragança
- Santa Luzia do Pará
- Breves
- Curralinho
- Portel



Qual o ano de ingresso na Instituição? *

2015

2016

2017

2018

2019

2020

Outros...

Você faz parte de algum grupo ou associação, dentro da UFPA? *

Sim

Não

Se sim, quais?

Texto de resposta longa

Você aceitaria participar da segunda fase desta pesquisa? *

Sim

Não

Se sua resposta for sim. Indique o melhor canal:

Whatsapp

Google Meet

Ligação telefônica

Skype

Outros...

Caso tenha interesse em participar da próxima fase da pesquisa, nos informe seu nome para que entremos em contato.

Texto de resposta curta

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

CONFORME A SUA RESPOSTA DE ACEITE EM PARTICIPAR DA SEGUNDA FASE DA PESQUISA "PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UFPA", ESTAMOS ENVIANDO ESTE TERMO DE CONSENTIMENTO PARA QUE POSSAMOS REALIZAR A ENTREVISTA.

***Obrigatório**

1. Endereço de e-mail *

2. Nome: *

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Fui convidado(a) a participar da pesquisa PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UFPA, cujo objetivo principal é analisar, dentro de um contexto histórico, social e cultural, as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas da UFPA.

A minha participação na referida pesquisa será no sentido de fornecer informações sobre a experiência como estudante de graduação, mais precisamente informações sobre as relações da minha vida acadêmica e minha trajetória histórica, social e cultural como remanescente quilombola tendo como foco os processos de busca, uso e troca de informações e de conhecimentos.

Fui alertado(a) de que, pela pesquisa a se realizar, não podem ser esperados benefícios financeiros ou práticos; porém, minha participação pode ajudar a conhecer um pouco da realidade dos estudantes de graduação que, como eu, pertencem a comunidades quilombolas.

Como se trata de uma pesquisa, estou ciente de que os resultados positivos ou negativos serão obtidos somente após a sua realização.

Assim, salvo a minha identidade, a pesquisa não oferece qualquer risco à minha integridade física, emocional e/ou psicológica.

Fui informado(a) pela pesquisadora que minha identidade será preservada por meio do uso de pseudônimo, ou seja, de que meu nome e dados referentes aos meus documentos pessoais serão mantidos em absoluto sigilo.

Também fui informado(a) de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e que se desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

Foi-me esclarecido, igualmente, que não haverá contato presencial em razão da pandemia que estamos vivenciando e que para desenvolvimento da pesquisa serão utilizados recursos tecnológicos como: chamada telefônica, e-mail; Skype; Google Meet; WhatsApp e outros recursos que possibilitem a troca de mensagens, sejam elas textuais, sonoras e/ou audiovisuais.

A pesquisadora responsável pela referida pesquisa é Maria Ivone Maia da Costa, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Instituto de Ciências Sociais (ICSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), orientada pela Profª Drª Renata Lira Furtado (UFPA), e com elas poderei manter contato pelos seguintes meios:

• Ivone Costa: ivomcost@gmail.com; mivone@ufpa.br (91)98456-7512

• Profª Drª Renata Lira Furtado: renatalira@ufpa.br (91)98222-4765

Em caso de descumprimento do que foi informado neste Termo, poderei encaminhar reclamação para PPGCI/ICSA/UFPA- ppgci@ufpa.br

É garantido a mim o livre acesso às informações, bem como a esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação, respeitando, porém, a privacidade dos demais participantes.

Diante do presente Termo, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e os objetivos da referida pesquisa, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar em razão da minha participação.

APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRURADA

. ROTEIRO DE ENTREVISTA

Esta é uma pesquisa sobre as PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UFPA, cujo objetivo principal é analisar, dentro de um contexto histórico, social e cultural, as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas da UFPA e sob a responsabilidade da mestrandia MARIA IVONE MAIA DA COSTA do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/ICSA/UFPA, orientada pela Profa. Dra. Renata Lira Furtado

2ª PARTE DA PESQUISA: PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UFPA

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

APÊNDICE D: ENTREVISTAS DOS 16 DISCENTES QUILOMBOLAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Esta é uma pesquisa sobre as PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UFPA, cujo objetivo principal é analisar, dentro de um contexto histórico, social e cultural, as Práticas Informacionais dos estudantes quilombolas da UFPA e sob a responsabilidade da mestranda em Ciência da Informação/ICSA/UFPA Maria Ivone Maia da Costa, orientada pela Profa. Dra. Renata Lira Furtado.

2ª PARTE DA PESQUISA: PRÁTICAS INFORMACIONAIS DE ESTUDANTES QUILOMBOLAS DA UFPA

DISCENTE 1

Entrevista em 08.12.2020 às 14 horas

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

A nossa cultura é muitas coisas se perderam, devido às mudanças que foram ocorrendo, então muitas coisas ainda se perderam, mas algumas coisas como Círio lá da comunidade Santíssima Trindade ainda ocorre todo ano no mês de outubro, no terceiro final de semana, essa festividade lá que é esse ano foi realizado o 33º Círio na cidade que a Padroeira da comunidade. Já tiveram outras tradições e outras festas tradicionais em que ocorriam. Tem algumas festas que ainda mantém essas essas culturas de mastros, corrida de cavalo e brincadeiras, várias atrações que temos então, ainda são poucas coisas que acontecem hoje, na nossa comunidade, muitas coisas perderam. Quanto a nossa alimentação na nossa comunidade não tem mais, o cultivo da roça como existiam com outras famílias, hoje é mais as plantações individuais dos seus próprios quintais da família que produzem pra si. A gente compra nossos alimentos, e vai buscar na cidade, arroz. Na nossa comunidade mesmo a gente ainda tem frutas, algumas frutas que produz plantações. Mas farinha não fazemos mais, na nossa comunidade. Mas ainda existem comunidades que ainda fazem farinha ao redor da minha comunidade, ainda é produzida essa cultura e continuam fazendo a mesma coisa dos nossos antepassados.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

No caso para mim significou muito quando eu passei no meu curso de serviço social, porque era tudo que eu buscava era ter uma graduação, na minha comunidade já temos mais ou menos 2, 3 ou quatro formados, não me lembro muito bem, mas acho que é isso são quatro formados, eu passei no ano passado, e esse ano entraram outras pessoas da minha comunidade. Então o que significa para mim que eu quero me formar, creio quero ir buscar novas perspectivas, pretendo fazer mestrado e fazer doutorado crescer na minha profissão para poder investir na minha comunidade. Temos alguns problemas dentro da nossa comunidade, tanto com mulheres, com homens e crianças que devemos buscar soluções, eu meus colegas que estamos lá, pretendemos terminar meu curso e buscar políticas públicas para minha comunidade que possam melhorar minha comunidade no sentido assim, que sei lá, tentar buscar o que foi nós dado no passado pelos nossos avós, e é isso, eu sempre penso em

buscar e conseguir algo melhor para nossa comunidade sempre tentando lutar. Hoje a nossa luta maior é a nossa busca do objetivo de conseguir a ação coletiva, porque nossa comunidade ainda não tem uma titulação reconhecida por Palmares, somos 16 comunidades na região de Salvaterra e dessas 16 apenas duas ainda estão com estudos mais avançados em busca da titulação, só que como esse “momento” que estamos vivenciando, ela se torna mais distante na nossa situação, mas enfim, a gente não devemos perder nossas esperanças futuramente conseguir nossa titulação.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

Na minha sala são 05 quilombolas, quando a gente fala um pouco sobre a nossa comunidade, os professores pedem para gente falar, só que a gente não tem essa esse negócio assim de fazer mobilização, tipo a gente não se manifesta, a gente se mantém normal como estudante normal entendeu, mas a gente se comporta assim como estudante normal, pois temos a Associação dos Quilombolas, e também tem IQ, que tá apoiando indígenas e quilombolas, é lá que quando a gente temos dificuldade com trabalhos e algumas atividades a gente procura eles para dar uma orientação para gente sobre como fazer eles nos ajudam lá quando a gente tá como dificuldade em alguma atividade. Mas, as mobilização a gente não faz, a gente faz somente o que é para fazer nossas atividades, frequentamos todos os espaços da UFPA, vamos pra aula, não temos esse comportamento, a gente age normal a gente não fica todo tempo dizendo que é quilombola e tal, não é dessa forma que a gente faz. Mas assim, quando vai para algum evento, quando a gente se comunica com alguém sempre a gente tem esse coisa de se autodeclarar como quilombola eu tenho o maior orgulho de ser quilombola, eu nunca vou negar a minha ancestralidade, inicialmente na minha turma somente eu e mais três se declarava como quilombola. Depois que uma moça apareceu se autodeclarando quilombola, sendo que a cor da pele dela era mais clara. Então eu acho que ela chegou falar para o nossos colegas quilombolas que ela não ser declarado porque ela era do ano anterior ao nosso, então ela não quis porque ela achou que ela como se autodeclarar como quilombola ela achava que ia sofrer preconceito, um dia a professora perguntou aí foi com meu colega me falou, falou que ele é, inclusive ele tinha da nossa turma quilombola ele é de Baião o ela daí então ele falou que ele tinha até então eu não sabia que ela era, Aí foi nesse dia que eu descobri que ela quilombola e agora ela já passou mais a se identificar sabe e tipo assim. Acho que ela viu que a gente falou mesmo que a gente não tem medo de se declarar que somos quilombola é tem alguma comunidade Quilombo quilombola então que acho que ela percebeu que temos orgulho de falar isso e como qualquer professor que vai para nossa turma ele ele vai apresentar né então a gente acaba falando realmente dá um jeitinho meio que falamos mesmo e eu acho que isso também deu um incentivo mais nela porque acredito que ela não pode vir aqui era sofrer para conseguir se ela falasse que era quilombola e a partir de Então acho que ela hoje em dia posso dizer que a gente tá um ano é então eu posso dizer que ela mudou mas o pensamento dela entende, ela não tem medo de se auto afirmar. Então é importante tu não negar tua ancestralidade. Então é isso que a gente fazemos se mais gente levantar o movimento lá a gente tem que participar, a gente participa da nossa da nossa Associação, dos eventos que ela realiza a gente trabalha e lá que a gente busca a nossa força também. Temos mais ou menos em torno de 200 ou 300 quilombolas na comunidade acadêmica.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Pra mim existe o preconceito, mas as vezes tu nem nem percebe o preconceito, tu só percebes no sentido assim, da forma como as algumas pessoas te olham, mas outros colegas depois que já falaram que eram quilombolas já tiveram piores momentos na graduação. Já tiveram um caso de gente que não querem fazer trabalho com eles pelo fato de achar que ele era o “menos inteligente” né, entre aspas do que do que eles daqui. Dos meus colegas que já concluíram tinha muita dificuldade de fazer trabalho, as vezes não tinham afinidades com outro pessoal, principalmente nos curso mais elitizados né, então tem esse preconceito sim, mas só que hoje, a partir do momento que eu entrei, tu podes não perceber algumas discriminações, mas acontece, na minha turma tipo, eu me sinto bem na minha turma e acredito que a turma é uma maravilhosa, assim eu não tenho todos os trabalhos sempre tem pessoas que querem fazer trabalho comigo até agora ainda não se afastarem de mim por conta, tipo assim, ficar sozinha sem ter com quem fazer, não todo mundo, todos nós que estamos na turma como eu falei que somos 05 alunos quilombolas na minha turma todos nós temos uma convivência boa na minha sala, na minha turma mas existe sim esse preconceito sim, tanto dos docente porque eu já tive um colega que ele falou que a gente não era para estar ali, porque pelo fato de entrado pelo processo do PSE, era pra gente voltar para nossa comunidade porque aquele lugar não era para nós, já aconteceu isso com uns colegas meus entendeu, ainda com certeza mas hoje a gente tenta, vamos assim dizer que é abafado, mais escondido já não tá aquele preconceito assim, então de cara se as pessoas te olhava assim você vê que tem isso né, mas comigo assim ainda não sofri uma coisa assim que me fizesse me deixar assim, muito mal assim lá, não até agora graças a Deus eu tenho meu dia lá foram maravilhosos.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Eu me sinto representada pela UFPA Sim. E acho que cada vez mais ela tá crescendo, como já tivemos no passado muito de racismo muito assim na UFPA e muita discriminação e acredito que isso tá mudando. Então, eu me sinto e representada sim e e tenho orgulho de tá na UFPA. E as políticas afirmativas, acredito que não não deu pra gente parar por aqui, porque como tivemos nosso ensino médio bom não, vamos supor ensino médio precário, né? Que sabe como é, nas comunidades.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Então, eu acredito que as políticas afirmativas devem crescer mais, né? Eh, por exemplo, se tivesse pelo menos uma estudo dentro da universidade um estudo, tipo, mais aprofundado das história do quilombo, acho que que seria muito importante e no meu curso eu vejo que as, as aulas, o, as, as disciplinas, é o que eu queria, é o, o, o, eh, é um dos cursos que eu tô me sentindo bem e tá falando exatamente dessa luta que da gente, a luta por melhorias, a luta pelo pelo fim desse dessa desigualdade. Então, a gente tá incluído nessa, luta né? Então, acredito que é estou nesse curso, tá sendo muito importante e na minha vida. E acredito que cada dia vai, cada dia que eu vou conhecendo mais, porque eu já ia, tô no terceiro semestre, né? E faltam coisas pra mim conhecer e futuramente a gente ainda vai, sou um pouco nova na sala, mas enfim, a gente vai buscando as melhoria sempre.

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

Acredito que a sem informação eh a gente fica meio que perdido, porque tipo eh na minha comunidade por exemplo, eh antes a gente não tínhamos celular aqui na comunidade, poucas pessoas que tinham. Bom, na verdade tem um período que ninguém tinha celular. Aí depois, começou a chegar o celular, aí já colocaram na minha comunidade telefone público. A nossa informação era mais por rádio, né? Por rádio, chegava a informação na nossa comunidade por cartas, né? Eh era cartas, aí de uns tempo pra cá, devido a evolução, né? E que passaram a ter seu aparelho de celulares, né? Que eram aqueles para poucas pessoas que tinham aqui, mas tinha condições, né? Então, a gente era meio que desinformado, muitas coisas tavam acontecendo fora da nossa comunidade e só sabíamos se tivéssemos um rádio, né? Se não tivesse, ficamos perdido no mundo, vamos supor, fiquei perdido sobre as coisas que estavam acontecendo fora. Então, eu acredito que devido a essa informação, a informação porque assim mantém as pessoas informadas, tirando mais aquela, acho que acredito que as pessoas conhecendo mais a nossa realidade, né? Cada vez mais, porque a gente precisa passar para as pessoas que é importante, a importância da informação, porque através disso, da informação, a gente precisa tá sabendo das coisas, porque, tipo assim, vamos supor, a gente tá num momento de pandemia, um momento de crise no Brasil, as coisas as coisas super aumentando. Então, aí que a gente precisa analisar, analisar as coisas que estão acontecendo, justamente pra futuramente, a gente, a sociedade, em si, quem sabe, querer mudança disso, do que a gente tá vivenciando pra um mundo melhor, porque, por exemplo, ah vamos supor, no momento dessa conjuntura, conjuntura que estamos vivendo, né? As pessoas olharem mais, olharem em que tá acontecendo, né? Olharem mais pro próximo, nossa sociedade que tá sofrendo com tudo isso, a maioria é os pobres, né? Nós pobres estamos sofrendo com essa, com esse, com tudo isso que tá acontecendo no nosso país. Então, acredito que a informação é mais, é uma ferramenta muito importante para que a tem. Esqueci a palavra pra falar, mas eh, é importante sim, informação, e sem a informação, eu acho que a gente se perde um pouco e não anda, né? Não anda pra frente, que a gente, eu acredito que a gente, a gente, a gente fica desinformado e não, acho que não acontece a transformação. Então, é preciso ter a informação, sim. E acredito que é importante termos ela na nossa sociedade.

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Eu não acesso muito a biblioteca, eu vou, eu acesso mais o meu centro acadêmico. Aí, então, quando eu vou eh, tipo, é mais lá que eu entro no meu, no meu email, é lá que eu uso computador, eu não tenho, eu não sei manusear muito o computador, né? Mas eu consigo fazer uma pesquisa, é lá que eu mantenho informada, ah sempre olho algumas informações, assim, no Google, mas assim, eu não tenho, eu tenho pouco acesso a biblioteca, eu nunca, vou na biblioteca, a biblioteca central, eu nunca fui, eu, como disse, eu já, eu vou mais no meu centro acadêmico, é lá que eu, se eu precisar de xerox, as coisas eu vou lá. E a questão, às vezes, eu pesquiso mais no meu celular também, eu entro pelo meu celular. Mas, assim, eu lá na UFPA como diz, eu não vou na biblioteca, até agora nunca. Eu já fui na naquela outra lá, na Biblioteca do ICISA, mas só que só pra uma reunião com os colega, mas em questão de chegar lá pra, pra eu ir estudar, eu nunca fui, sabe? Então eu quase não aproveito as coisas lá dentro da UFPA, que são disponibilizada lá, né?

Então, é isso, eu frequento mais o meu centro acadêmico, lá do meu curso, né? E também eu acesso pelo meu celular, as informações, assisto, e tipo pesquiso no meu celular, aí é isso. São esses os meios de informação.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

E tipo, assim, eu procuro ver se a informação verídica, procuro sim, antes de eu tem muitas coisas que as vezes a gente recebe, né? Que a gente não quer nem acreditar se aquilo é real mesmo, né? A gente até quer pensar que aquilo seja um fake, um assim, um fake não porque a partir do momento que a gente recebe tem cada coisas bizarra, né coisa acontecendo no nosso meio, na nossa sociedade, nosso mundo, que tem muitas coisas que, às vezes, não, não dá nem pra acreditar que aquilo é verdadeiro. A gente é, muitas coisas, a gente pensa, até torce pra que aquilo não seja verdadeiro, né? Mas, mas eu procuro sim saber se é aquela informação é verídica. É, quando eu recebo alguma coisa, principalmente, pelo *Whatsapp*, né, que, às vezes, tem muita montagem, muito fake News. Aí, então, às vezes, eu só tento passar, assim, pra alguém, se eu realmente saber se é real, mas se não é, se não for eu não faço aí essa prática, eu não, não passo, o que eu acredito que não seja verdadeiro, eu vou me formar, vou pesquiso, procuro pesquisar pra ver se é verídica, a postagem ou, qualquer um assunto que seja, até porque também a gente tem muitos e-mails, blogs, né? Muitos sites, as vezes de fake News, de hackers. Então, é isso que eu procuro sempre informar pra poder repassar, principalmente se for aqui do nosso estado que todo mundo, né? De todo país, eu procuro sim me informar bem, me informar da situação para repassar, não, não repasso coisas assim que eu recebo assim no ato e vou aprofundar se é real ou não.

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

Sim, assim, eu procuro sim passar pra minha comunidade, sendo que às vezes, tipo, quando a gente, a gente monta na nossa comunidade, às vezes, tem a reuniões de dos jovens, né? Então, a gente monta uma reunião, sendo que, às vezes, na nossa comunidade, tem muita gente que pensa assim, ainda tem aquelas pessoas ignorante, né? Sabe como, aquelas pessoas do nosso antepassado, assim, que às vezes acham assim, ah, porque, ah, porque, quer, quer ver, assim, os mais velhos as vezes eles dizem, e as vezes não querem acreditar naquilo que a gente tá falando assim, tá batendo naquela tecla daquela situação que pode acontecer na nossa comunidade, que a gente deve agir daquela maneira pra que isso não possa ocorrer, aí vocês já acha, ah, só porque ela tá na universidade na universidade, um dia desse entrou, aí acha que já sabe tudo. A gente, acontece isso lá na nossa comunidade, entendeu? Assim como, pra quem já se formou, que as vezes tem essas coisas, acontece isso até com os próprios, porque da minha comunidade tem muitos jovens, assim, que deixaram de estudar e as vezes a gente incentiva a estudar, voltar a estudar, a gente tem muitos jovens que não querem mais saber de estudo na nossa comunidade, muitos jovens mesmo. Então, muitas meninas novas que acabam engravidando cedo na nossa comunidade, então a gente procura levar a informação, pois procura dar informação disso, daquilo pra elas, mas elas, aí, a gente, tipo assim, a gente chama pra conversar, a gente diz que é dessa forma e tal, a gente procura incentivar eles pra virem pra uma universidade, virem estudar, mas só que como eu, como eu já falei, eles não, eles não acham que como a só porque a gente veio pra estudar, aí eles acham que a gente já tá metido, que a gente já quer saber tudo. Num dia desse é isso

que a gente recebe. Mas eu tento fazer no meu dia a dia, a forma como aprendi, por exemplo, assim estou aprendendo muito com meu curso, tipo, da forma como eu vejo o outro também, né? Eu já estou aprendendo muito essa parte assim, que a gente não devemos julgar o outro, porque a gente não sabe nunca o que a pessoa vive, né? e, principalmente, se ele tá passando por aquilo, não é, é pode ser porque não teve oportunidade, né? Mas nunca procurar outros meios de, de transformar aquele seu indivíduo, né? Não criticando não, eh achando que ele, que ele, que somos melhor que ele, claro que não, isso não existe. E a partir daí, desse ponto que eu vejo, eu vejo que assim, eu tento passar, eu tento passar que eu estou aprendendo no meu curso e eu acho que algumas coisas eu melhorei muito, o fato de ver o outro, entendeu? De ver que o outro e eu pertencemos a essa sociedade que uma sociedade de desigualdades, né? Que muitas vezes alguns tem a oportunidade, outros não. Então, eu, nesse momento, eu tento que repassar sim, porque da minha maneira, tento passar o meu conhecimento e que tá ocorrendo no meu aprendizado na UFPA.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Sim. Assim tem o poder sim, a partir do momento que eu acho que a, que todos pensarem naquele, naquela mesma ideia, naquele mesmo ideal, sim. Naquele mesmo posicionamento de mudança, de querer eh realmente mudar a sociedade, mudar o que que estamos vivenciando, né? Que eu, eu acho que a partir desse momento acredito que a partir desse momento sim, podemos ter uma reviravolta sim, a partir daquela, das pessoas de fazer uma avalanche de ideias para que através das informações, das informações a gente transformasse a sociedade. Eu sei, eu sei, eu sei, eu acredito que seja a informação é capaz disso, dessa mudança da sociedade pro mundo melhor, pra vivermos melhor. Temos sim, a partir do momento que todos e todas decidirem numa mesma posição, numa mesma direção, com objetivo de melhorias de igualdade, e para todos e todas, e independente de classes, de raças, de enfim, de tudo que que nós tivemos na nossa sociedade, eu acho que a informação a partir desse momento, ela pode sim fazer total diferença na nossa, nossa vivência, na nossa sociedade.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

Bom, assim, a pandemia, né? era tudo que eu não queria, tipo, mas em, mas aconteceu, né? Por que acredito que eu a gente né? Nesse momento, eh estamos estudando pela ferramenta de ensinios remoto, mas eu particularmente não, estou me sentindo bem com essas aulas, não estou é feliz com essas, com essas aula, eu acho que acredito que a UFPA foi muito egoísta nessa parte, não como, comigo, mas com todos em geral, porque tem muitos que não estão estudando, principalmente tem alguns quilombolas que estão parado por não terem muitos, não terem o acesso a nem a celular e nem principalmente a área de celular que às vezes nem dá em certas partes, para mim, eu não afetou muito a minha vida e tipo, eu não estou muito como posso dizer, eu tô muito desanimada, vamos supor. muito desanimada com tudo que estamos vivendo. Então, esses estudos estão afetando diretamente a minha vida, tanto é que pensei até não fazer, né? Até não fazer, esse estudo, né? Do remoto, estudo remoto, preferi não, nem fazer. Eu, eu queria, na verdade, não fazer, né? Só que alguns me falaram, ah, não sei o que, que depois a gente, porque vai ter oportunidade pra fazer novamente, né? Só que a maioria da minha turma fez, aí optei

por fazer também. Só que a minha comunidade as vezes eu acesso o Wi-Fi, mas nem toda vez o o wifi está disponível, porque às vezes ocorre de chuva, muita chuva, a internet falha e logo no início do, logo no início do ano, eu, como eu faço minha faculdade em Belém, eu fiquei, eu morava sozinha, então, isso foi muito, eu quase que fiquei muito abalada mesmo, aquilo me abalou profundamente no período que tava sozinha, mas que tu não podia nem viajar, principalmente pra ti, lá pra tua comunidade e eu fiquei praticamente quatro meses sem sair de casa, só na minha comunidade, isso minha comunidade não, só, aqui na casa, porque nem podia viajar, porque não poderia atravessar, que estava fechado os portos. Aí, então, eu fiquei um pouco distante da minha família, aí quando eu pude, eu fui pra lá, né? Só que agora como eu estou, Eu estou no estudo, estudo online, eu estou estudando lá, eu estou estudando lá, porque eu achei melhor ficar pra lá junto com a minha família, e é isso, eu que daqui pra frente que isso possa passar, porque eu prefiro tá assistindo aula presencialmente e quero terminar minha, minha faculdade, quero terminar o quanto antes, quanto antes não, né? Que ainda falta, mas eu preferia que tivesse um, tivesse presencialmente, mas enfim, né? E espero que daqui pra frente tudo possa passar pra gente voltar nas nossas vidas, pra retornar nossas, como eu posso falar nossos compromissos, e sim, é isso que eu quero, isso que eu busco, isso que eu espero que tudo passe logo para a gente voltarmos a ter a tudo normal.

DISCENTE 2

Entrevista Dia 10.12.2020 as 20:30

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Sim, preservamos os costumes, as crenças e as nossas vivencias em comunidade quilombola, exemplos: nossas festas de santo, ainda fazemos a farinha, cuidamos da roça e pescamos e trabalhamos na agricultura, também guardamos que achamos que eram de nossos antepassados, pote de água, baú e outras coisas.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

As minhas perspectivas é de um futuro, levar conhecimento para a minha comunidade, realizar projetos na minha área, e isso representa uma vitória para a minha comunidade, pois nosso povo sofrido, no passado não tiveram acesso a escola e a mesma sorte que temos hoje de ter um ensino superior, mesmo diante de tantas dificuldades, ainda assim é um privilégio de se formar e ter conhecimento. E espero me formar e ter uma melhor vida.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

Temos uma associação, na faculdade, mais quando chega em sala de aula , a diferença é muito grande, eu sofri preconceito, por ter um ensino de menos qualidade que outros alunos, sofro até hoje preconceito, ninguém quer ajudar, chamam de burra, que não sabe fazer nada. Só Deus sabe o quanto sofro com isso, não com todos os professores , e alunos, mais a metade da sala, sempre nós olha com indiferença, acham que não deveríamos ter esse acesso. A representatividade ainda é pouca vista.e também não vejo a preocupação em inserir a história de nosso povo no curso.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Existe sim, mas tem trabalhos e incentivo para diminuir esse tipo de discriminação, mas acho que isso sempre vai existir.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Isso sim, me sinto representada. Por alguns professores, por alguns professores, principalmente de história da arte e cultura. Também existem alguns autores negros que são falados.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Acho que as ações afirmativas ainda passam por muitas burocracias para a gente conseguir algo .Mas tem o projeto IQ indígenas e quilombolas que eu acho muito bom , pois eles ajudam de verdade a gente , eu até já fiz curso gratuito lá de várias coisas que tinha dificuldade na parte de tecnologia, ele é muito bom.

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

A importância da Informação pra mim é tudo, porque se não tivermos a informação correta as vezes acabamos caindo em coisas que não nos favorece, tipo a política, se não tivermos bem informados, com fortes afirmativas, caímos na Lábria de pessoas errada, e a faculdade tem me ajudado a ter e pesquisa a informação correta.

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Bem, eu uso a Internet, site confiáveis , e na faculdade, vejo no email da turma, no site da UFPA, as redes sociais, que a faculdade usa pra colocar as informações. Faço pesquisa na biblioteca, mas não uso base dados, eu prefiro livros

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Sim, sempre

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

As informações e o conhecimento que estou adquirindo vai fazer com que possa tratar os documentos de nossa comunidade, na restauração das nossas coisas, da nossa comunidade e no incentivo de ter cuidado com nosso patrimônio histórico.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Existem várias maneiras de levar as informações a transformar as atitudes de pessoas preconceituosas, acho que fazendo atos de protesto, fazendo campanhas, nós temos camisetas com frases sobre que somos quilombolas, lutamos por nossos direitos, também temos apoio da UFPA. Mas acho que algo mais precisa ser feito, sabe? mas eu mesma não sei explicar o que sinto, tipo me sinto muito prejudicada em relação a isso, acho que isso nunca vai ter fim infelizmente , sempre vai haver pessoas

que nos vê com outros olhos. Realmente nem sei explicar o que sinto direito em relação a isso. Mas acredito no poder da informação.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

A pandemia, me trouxe um pouco de prejuízo, pois só estou fazendo uma disciplina , terminaria ano que vem a faculdade, mais infelizmente não vai ser possível, outra coisa é o estudo remoto, isso é muito ruim, pois as vezes não temos os equipamentos adequado pra esse estudo, a faculdade me ajudou com a compra de um computador, mais sinto muita falta de estar em sala de aula presencial, conversar em grupo, pergunta as coisas na hora que temos a dúvida, agora tudo é por email, e se demora ter uma resposta, atrasa até mesmo o ensino, em casa também tenho muita dificuldade, pois tenho um filho, e preciso da todos os suportes, e estudar, no estágio estou tendo problemas com a renovação do contrato, porque a faculdade não tá funcionando, só no remoto e tão demorando assina meu documentos. Enfim me trouxe muito problemas. Espero voltar a minha rotina normal, terminar minha faculdade e volta pra minha comunidade, trabalhar e ajudar quem precisa de meus conhecimentos.

DISCENTE 3

10.12.2020 20:00

1-Fale sobre a sua vivência história /Cultural enquanto remanescente de uma comunidade quilombola

Nasci e me criei na comunidade de Itancoanzinho no Acara uma comunidade que se reconheceu quilombola em 2007 , desde então estamos na luta em busca de fortalecimento para todos. Temos uma vivência tranquila onde um ajuda o outro na verdade nos damos as mãos. Vivemos do plantio e da colheita de frutos, criações de galinhas, porcos e outros. Na parte Cultural com os festejos religiosos e esportivos.

2- Quais suas perspectivas em relação ao ensino superior e o que isso representa para você e para sua comunidade?

Espero com muita fé em Jesus ,em terminar meu curso e me formar , para mostrar as crianças e aos jovens que somos capazes de grandes conquistas, isso é muito gratificante pra mim e um grande exemplo pra comunidade.

3 - Como a trajetória histórica e Cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique.

A trajetória histórica e Cultural ela é inserida como um ponto positivo na vida acadêmica é a nossa história que nos impulsiona a seguir em frente a nossa mobilização se refere em" juntos somos mais fortes" .

4 - Existe preconceito e discriminação etnicos- raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses termos na instituição.

Sempre existiu preconceito e o que eu vejo é que existem pessoas que fazem o possível pra que essas barreiras sejam desfeitas , pois as Instituições são para formar cidadãos que reconheçam que todos são iguais com os mesmos direitos.

5 - Você se sente representado na UFPA por professores e /ou autores negros ou quilombolas por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Sim , sim os quilombos têm seus representantes dentro da Universidade e eu já tive conhecimento de pessoas que me representam, temáticas que abordam esse assunto.

6 - Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas .

É um trabalho super valoroso que resgata e estimula jovens e leva o conhecimento para além dos muros .

7 - Qual a importância da informação e pra você é pra sociedade?

Informação é tudo na vida de um ser humano. Pra mim é conhecer o desconhecido e pra sociedade é conhecer a verdade de verdade.

8 - Como você faz para se manter informado? E na UFPA quais os recursos informacionais que você utiliza? você tem dificuldades em acessar esses recursos.

Leio livros, revistas e assisto aos noticiários na televisão na UFPA busco periódicos através das plataformas digitais apesar das dificuldades em acessar e pouco conhecimento digital.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Sim, sempre mesmo porque sou estudante de biblioteconomia e tenho compromisso com a verdade que é destinada ao público.

10 - De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da Universidade.

Na maneira que começamos a ver as coisas com outros olhos uma nova ênfase construtiva.

11 - Você considera que as informações tem o poder de transformar as atitudes frente à, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Com certeza, quando desconstruímos atitudes irrelevantes e retorcidas através da verdade.

12 - Em relação a pandemia de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar ,trabalho e social .E quais as suas perspectivas?

Bem , afetou de forma inesperada, pois temos que ficar em casa para preservar nossas vidas e de nossos familiares e tivemos que abandonar algumas coisas . Mas é pro nosso bem e tenho a confiança de que tudo isso vai passar não importa o tempo que tivermos que esperar. Deus tem o controle de tudo.

DISCENTE 4

11.12.2020 15 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Eu moro aqui na comunidade de São Sebastião do Burajuba, é uma unidade que ela é... É uma comunidade pequena, que com inchaço das cidades tá diminuindo o território né, devido a grandes invasões, por ela ser situada numa parte da cidade,

onde fica a próxima empresas, a gente acabou perdendo uma boa parte do nosso território.

O nosso meio de tentar manter viva a nossa tradição, é através da nossa igreja que ela foi um símbolo da nossa luta, e o que nos ajudou a conseguir o documento que comprovasse que aqui era um quilombo, um remanescente de quilombo, a gente tenta manter a tradição do Círio, onde a gente percorre a comunidade com um mastro, tem uma festa dançante que a gente tenta manter ainda, os pais também tentam passar algumas coisas que eles viviam há muito tempo atrás no caso dos avós, a gente tem algum muitas crianças no cultivo de hortaliças, a pesca a gente não tem mais aqui que é um grande símbolo da gente, depois que veio aqui veio a indústria foi poluindo os rios, no caso a gente foi perdendo a tradição da pesca.

A marca mesmo do nosso quilombo é a Manicuera, eu não sei se você já ouviu falar, é parecido com a macaxeira, só que ao invés de fazer bolos essas coisas, se faz um mingau que a própria... no caso a própria Manicuera ,ela cede os açucares, tem um gosto peculiar e no caso todo o tempo de safra, a gente vai repassando para as crianças para manter a tradição, a gente sempre deixa uma árvore a mais pra não perder também a planta, que com o tempo foi sumindo, porque aqui é muito conhecida a Manicuera, e a tradição também de fazer maquinaria, os pais ensinam pros filhos pra tentar manter, a maioria das nossas tradições a gente tá perdendo, por conta mesmo da invasão, o território tá ficando pequeno, menor , e também era ela fica no meio urbano, ela é urbano-rural que ela tá se tornando, a gente já ta perdendo aquela tradição de como era antes, a não tem grandes terras pra fazer plantações, a gente tenta se manter com o pouco que a gente tem, a comunidade se junta num terminado no local pra fazer plantação de mandioca, pra fazer hortaliças.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

Eu faço Engenharia Sanitária ambiental, era meu propósito fazer Engenharia Florestal, era meu sonho, só que com um tempo pra cá a gente sofreu um duro baque que foi a contaminação de rejeito pelas mineradoras que aqui se encontram, aí eu vi o igarapé, no qual era a única diversão da gente na nossa comunidade, onde tinha crianças, avós, a gente fazia nossa confraternização, toda na beira do igarapé, de um dia pro outro, a gente viu tudo se desfazer, no local de água clara já veio água barrenta, contaminação, e eu me senti na necessidade de tentar fazer esse curso pra poder aprender mais, pra daqui no futuro tentar melhorar alguma coisa, sei que a engenharia em si não é pra parar alguma coisa assim, por exemplo a empresa vai fazer algo pra impedir aquilo, não, é pra gente dar uma solução para aquilo que já aconteceu, então eu fui pesquisar o curso e me apaixonei pela sua área, porque a gente vive um esgoto a céu aberto, todo o esgoto que vem da vila dos cabanos desagua no nosso Rio Murucupi, da onde meus avós tiravam o seu sustento, no caso da pesca e também um solo que ficou comprometido depois desse desgaste que teve, aí eu tento repassar também educação ambiental para as crianças, como elas podem melhorar um pouco, porque a gente mora perto do lixão também, e as crianças, elas não têm uma educação adequada onde a gente mora, aí eu tento passar pra elas, por mais que eu não seja graduada ainda, eu tento que passar ensinamentos de como ela deve proceder pra que ela se torne um adulto responsável, ai o meu curso ele vem ajudar muito nessa questão que tem que ter um daqui pra tentar uma solução, pra estar por dentro do que está acontecendo pra não repassar coisas erradas para as pessoas, porque aqui a gente ouve muitos mitos, ai não tem ninguém pra dizer aqui

se é verdade ou se é mentira, tendo alguém que tá estudando, é melhor pra no caso esclarecer isso para as outras pessoas.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique.

Em relação a nossa tradição, a nossa história, eu falando por mim mesmo, eu tento não esconder de ninguém, eu digo minha origem, eu digo que eu entrei pelo PSE, e há muito preconceito sim, porque eles pensam que só porque a gente entrou pelo PSE não tem capacidade de tá numa universidade se não fosse por esse processo seletivo especial, eu no início sofri muito preconceito, falaram agora que era pra gente inventar uma nova linguagem, porque a gente vem de uma realidade do mundo quilombola pra uma realidade de outras pessoas, porque realmente a gente não tem uma educação muito boa, então a gente tem que tentar dar o melhor da gente, e a gente não tenta esconder. No caso, eu ensinava algumas tradições da gente pra alguns colegas meus, tinha uns que não gostavam, outros sim, mas eu nunca escondi minha identidade, eu sempre gostei de manter, e dizem que sim, que ele pode, ele consegue mas ter que acreditar e ter perseverança é difícil,, mas eu acho que esquecer, deixar pra trás a nossa tradição, se tem é poucos, porque a maioria dos que eu conheço mostram, mostram o que é, da onde veio, não se escondem não, no caso a nossa tradição, a gente não começa do zero, pode ter alguns, mas os que eu conheço nunca esconderam suas origens nem suas tradições. A gente tenta se adaptar, mas não esquecendo nossas origens.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Há preconceito sim, pelo fato de a gente ser quilombola, entrar pelo processo seletivo diferente, a gente é taxado como os sem capacidade, porque no caso eu já sofri preconceito lá, mas a universidade ela tem ADQ, que ela trabalha muito com isso, tem uma pessoa que vai nas turmas, tentam explicar melhor, aí tem uma pessoas que não, que são de boas, mas tem, não são muitos, mas eu sei que tem porque eu já passei por isso.

Às vezes tem as rodas de conversa, no caso, que é discutido esses temas, a UFPA trabalha bem, como eu falei, existe o preconceito, só que a universidade também tem um papel fundamental, tem as associações lá que tentam amenizar.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Eu me sinto representada na UFPA, pela professora eu até esqueci o nome dela, ela é até da ADQ, eu não estou recordando do nome dela, e em relação ao meu curso, não, eles não tem uma abordagem diretamente, é mais tradicional do curso mesmo, ainda não tive uma referência, nada de livro, nada, até o momento.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Existe essas ações, realmente existe, são muito importantes, eu achei que eles deveriam abranger mais gente no caso, assim como eu, tem muitas pessoas que não conseguiram o auxílio, pra conseguir comprar ou computador ou tablet, alguma coisa pra tá estudando, a gente tá tendo uma dificuldade, só que eu acho muito importante porque tem muitas pessoas que conseguiram e que tão conseguindo se manter no curso, tem os auxílios também, que ajudam muitas pessoas a se manterem na

universidade, eu no caso, do meu ver, se não fosse o auxílio emergencial, ou o auxílio permanência, eu acho que eu não estaria mais indo pra faculdade porque eu não tenho condições nenhuma financeira pra arcar, então é de suma importância.

Na minha opinião, a universidade tá de parabéns em relação a isso, no meu ver, não há necessidade de ter mais ações afirmativas, porque essas que já têm, é muito importante, no caso, tem pessoas lá que não são também, no caso, quilombolas, indígenas ou estrangeiros que vivem quase a mesma realidade da gente, assim como a gente sofre, a gente se coloca no lugar dos outros também, na minha família a tradição diz assim, da nossa família, daqui do nosso quilombo, que a gente não deve pensar na gente, então se já tem essas coisas que têm nos ajudando a nos manter, então tá de bom tamanho pra gente.

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

A informação é muito importante, com esse tempo agora de muitas fake News, a gente tem que buscar fontes confiáveis, pra não se enganar né, mas as pessoas desinformadas... é muito complicado, eu já passei por isso, de ficar sem informação, já tive vários danos, não digo só psicológicos como financeiros, por informações erradas, então é muito importante no que a gente vive, não importa como chega as informações, se for de fontes confiáveis é bem-vindo.

8 - Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Eu fico informada através da internet, da televisão, dos jornais, e quando eu estou na UFPA, eu acesso lá também, eu vou nos computadores de lá, e quando eu não to lá, eu acesso mais a internet, e os jornais mesmo. Porque jornais antes era mais jornais em papel e com o tempo a gente não teve mais acesso, e agora não estou saindo muito, ficou mais difícil o acesso a esse material, mas em relação a UFPA eu utilizo a biblioteca sim.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Sim, eu checo as informações, eu não repasso pra ninguém sem saber se são de fonte confiável, eu não gosto de compartilhar coisas duvidosas, coisas que eu não tenho conhecimento, que eu não tenho certeza se é verdade, se é verdadeiro ou não, eu procuro não repassar, e eu investigo pra ver se aquilo é realmente verdade, se alguém compartilhou uma mentira falsa, eu vou lá e desminto, mas eu converso com a pessoa, digo que o link não é confiável e só, mas repassar eu não repasso.

A gente tenta orientar para nossos familiares não cometerem erros, porque como sabemos agora que tá tendo acesso a celular, que a gente acessa internet, que antes era uma realidade distante, e como ela tá chegando, as pessoas não sabem a procedência, e vão compartilhando uma para outras, a gente tenta sim orientá-los, pra não fazerem isso, e checar pra ver se são de fontes confiáveis.

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

Antes era muito difícil a gente ver quilombolas formados, hoje já se vê mais e também em relação às informações do meu curso que eu tenho aqui na comunidade, como no caso as pessoas que moravam aqui, elas foram expulsas, elas vivem com esse medo, e de vez quando , se surgem questões sobre, se alguém fala umas

informações erradas que vão tirar a gente daqui, isso ou aquilo, depois que eu comecei a fazer o curso e ir em palestra e essas coisas, eu entendi melhor a parte sobre as leis que tem, e eu já passo pra eles pra tranquilizar.

Eu acredito que eu posso contribuir bastante que a minha comunidade, eu já contribuo, eu ajudo bastante no caso, com melhorias, e a minha comunidade é muito carente com informações assim, eu ajudo bastante na questão ambiental também, e como melhorar o que a pessoa já produz, como é a pessoa utilizar uma área que era muito grande e ai de uma hora pra outra ficou pequena, eu tento ajudar as pessoas, por mais que eu não seja ainda graduada, o pouco que eu já sei eu tento repassar para as pessoas. E também, em relação às crianças daqui, eu ajudo bastante, no caso eu ensino como a separação do lixo para a coleta seletiva, no caso, ensinando eles o que não pode fazer, repassando o pouco que eu posso do jeito que dá pra eles entenderem, porque nem todas tem uma linguagem culta, pra cada pessoa tem que ser uma situação de linguagem. Inclusive eu estou com um projeto que a gente está buscando apoiadores, e está quase saindo do papel, que é pra reciclagem de materiais, no caso com garrafa PET, com plástico, e eu estou querendo montar uma cooperativa com as mulheres pra no caso ajudar o meio ambiente, e ajudar as famílias também.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

A informação é muito importante, porque no caso, aqui na nossa comunidade, a gente não tinha conhecimento do PSE, por anos e anos não tivemos nenhum dos nossos representantes na universidade e tentávamos, mas nunca conseguimos pelo PS normal, só esse ano que tivemos uma pessoa que passou no PS normal, mas eu fui entender a importância depois disso que depois que eu soube, eu fui repassando pra outras pessoas, agora tem mais jovens se interessando, que podem mudar a sua vida através dos estudos, no caso tinha pessoas que eram marginalizados, e uma pessoa se informando, foi repassando e ai levando essas pessoas a aprender mais, a querer ter um futuro, a querer ser alguém, e quando vê a gente passando, “olha vai pra faculdade”, aquelas crianças que não queriam nem estudar, agora inclusive a gente faz a inscrição deles no ENCEJA, a gente não sabia que tinha isso, ai poderia terminar o ensino médio, o ensino fundamental, através de uma prova que eu é parecida com o ENEM, ninguém sabia disso, há pouco tempo que a gente tá tendo essa informação, agora a gente tá pondo em prática.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

Pra mim foi meio complicada a readaptação, eu já enfrentava depressão, e com o isolamento, teve perdas, conhecidos, parentes, e no caso, tivemos que nos readaptar, mas eu tive forças pra mudar isso, eu não fui contemplada com o auxílio, eu busquei me reinventar, e eu tenho pressa de me formar, eu já me atrasei muito, estou muito atrasada, tá certo que o ensino remoto não é tão bom quanto o presencial, a gente enfrenta muita dificuldade, ainda mais pra gente que não tem computador, a gente que não tem uma internet de qualidade, um espaço adequado, mas eu creio que vá melhorar, que a gente vai conseguir voltar à vida normal, à rotina normal.

DISCENTE 5

14.12.2020 10:00 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

A minha comunidade tenta preservar o que conseguimos nossos antepassados, ainda vivemos da pesca e agricultura, tem a (*****) da minha comunidade tem um projeto para a recuperação da nossa história, como um museu . Ainda temos utensílios de barro , a minha comunidade é católica , nosso padroeiro é o são Domingos de Gusmão.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

Na minha comunidade só tem até a 6ª série, e para estudar eu precisava viajar de rabetá ou ônibus até a cidade mais próxima todo dia. Espero aprender muitas coisas no meu curso e ajudar a melhorar a educação da minha comunidade.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

É meu primeiro semestre , eu ainda não estudei muita coisa. Mas acho que sim, temos muitos escritores negros que são estudados na nossa literatura.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Na minha turma ainda não vi ou sobre com preconceito. Só que sim acho que existe por causa do nosso processo seletivo, tem pessoas que acham que é mais fácil para nós . E não percebem que nascer negro e em uma comunidade quilombola não é fácil. Acredito que o preconceito ainda vai demorar muito para acabar.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Sim, temos autores que são muito bons, e suas obras são usadas na educação, eu ainda não tive a oportunidade de conhecer a biblioteca para conhecer os livros sobre negros, então não sei se tem.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Acho muito bom, viajar da nossa comunidade para estudar longe de casa é difícil. Saber que a UFPA nos ajuda quando precisamos é muito reconfortante. Quando preciso de ajuda , eu tenho a (*****) para tirar as dúvidas e um grupo no whatsapp dos quilombos de Capanema. Ainda não conheço muito as ações da UFPA, pois sou de 2020, mas acho que acho que tem ações boas para os quilombolas.

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

A informação é importante , impede que você caia em fake news. De falar coisas que não é verdade, ajuda em não cair em golpes.

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Para me manter informada eu gosto de assistir o jornal. Eu acesso o site oficial da UFPA pela internet, depois que consegui o chip. Ainda não foi possível acessar ,

ainda não sei acessar a biblioteca de forma virtual, mas vou pesquisar sobre isso. Gosto muito de ler, vai ser bom. Os outros recursos informacionais não conheço, mas acho que seria muito importante para o nosso aprendizado um treinamento para estudantes quilombolas conhecerem outros recursos, antes de entrar na UFPA a maioria de nós não tinha acesso a internet, fica difícil saber usar recursos que nunca vimos.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Eu não gosto muito de passar informações em grupo, quase todos os meus grupos são de estudo. Mas eu checo a fonte primeiro, para ver se é verdade. Se não tiver fonte eu apago. Atualmente eu checo para ver se não é fake news. Já que aumentou muito na pandemia.

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

Quando eu for professora vou repassar tudo que eu aprendi para ajudar meus alunos, minha comunidade, que é muito carente, ensinamos sobre o preconceito e como lutar contra ele. Tudo que eu aprender que for de bom vou repassar para melhorar a realidade da comunidade.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Sim pessoas informadas são mais conhecedoras do mundo, da sociedade e das lutas dos negros. Se conhecemos a história do outro é que criamos empatia pelo outro. Acho que as pessoas que têm essa informação, que sabe que a trajetória dos negros foi difícil, são menos preconceituosas, menos racistas, mais empáticas.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

Quando começou a falar de pandemia e surgir os primeiros casos eu fiquei com muito medo, eu tenho asma, então nem saia de casa. Estava a procura de emprego, mas parei, parei e fiquei em casa . Não tinha aula , as aulas on line só começaram em setembro, acho, e me ajudou muito, pois estava desmotivada. Espero que encontrem mesmo uma vacina e que voltamos logo as aulas presenciais. E que possamos aprender alguma coisa com essa pandemia que sejamos melhores que antes, com respeito e higiene pública.

DISCENTE 6

ENTREVISTA 14.12.2020 19 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Moro na comunidade de Santana Arari, que fica localizada lá no Marajó, Ponta de Pedras. É... A minha comunidade tem uma vivência histórica muito importante pra gente, e muitas coisas hoje, eu considero que passou por uma reforma e não foram muito preservadas. Um exemplo é a nossa igreja, uma igreja que tinha desde 1888 que existia essa igreja na nossa comunidade, mas ela passou por uma reforma total e praticamente já foi reestruturada totalmente. Temos também a calha, a calha pra mim falar pra você, seria assim, um local onde armazenavam água, construído tudo

pedra, é uma coisa muito bonita e... Se você for passar por lá, pela Santana, ainda é preservada. E tem também a casa grande, a casa grande que ainda existe na nossa comunidade, ela está em ruína sabe? Ela está precária mesmo, já passou por reforma umas... Ela continua em ruína. E assim, o povo de lá já se modernizou muito sabe? É... A maioria das pessoas passa aquela transição, antigamente, e o mais fazer farinha e essas coisas, mas hoje em dia as pessoas estão mais comprando. Mas ainda tem pessoas que ainda fazem farinha lá também. Outra coisa importante que a gente ainda faz, a gente ainda pesca lá também, a gente pesca camarão, vários outros peixes, a gente também come caramujo. A nossa comunidade é uma comunidade bem grande, muito grande mesmo, e... Com o decorrer do tempo, ela se modernizou muito. Algumas coisas ainda são preservadas, outras não. Um exemplo é a dança cultural que a gente tem lá, que é a dança da farinhada. No qual a dança da farinhada que a gente diz, é assim, é... Uma representação... É... De vários objetos da farinha, tipiti... Faz uma dança simbólica representando todos os materiais que são usados pra fazer farinha. É... Acho que é importante a gente preservar nossa cultura, a gente preservar nossas origens, e... Com o tempo... Eu não sei, porque a gente... Eu pelo menos não quero que se modernize e acabe com toda a nossa cultura que a gente tem. É... Porque como eu estou morando já 3 anos aqui em Belém, que eu vim de lá, que eu faço curso de biblioteconomia, aí eu vim de lá em 2017, aí... Eu já estou morando aqui. Aí quando eu visito sempre lá, eu sempre busco minhas origens, eu sempre quando chego lá vou pescar, vou fazer coisas que eu sou acostumada a fazer quando estava eu lá, que aqui em Belém não tem como eu fazer. Como eu disse, a nossa cultura tá um pouco meio termo, um pouco preservada e um pouco não, é porque quando eu digo um pouco preservada, é que ainda tem muitas coisas da nossa cultura, que a gente ainda tem, como a dança da farinhada, é... Nossos costumes lá, mas outras... Quer dizer, também muitos monumentos que tinham lá, acabaram sendo demolidos, essas coisas assim.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

É... assim, quando eu entrei no curso de biblioteconomia, eu não... eu não sabia direito o que eu queria cursar. assim, eu sabia só que eu gostava de livros, queria entrar nessa profissão que é biblioteconomia pra ser bibliotecária mas, no decorrer dos anos que eu to estudando, de tudo mais, com cada aprendizado, acho que a perspectiva hoje, é que na minha comunidade não tem biblioteca, uma biblioteca comunitária, uma biblioteca que seja pra todo povo, pra tá consumindo a leitura, e eu quero me formar... eu quero ser bibliotecária, quero tá levando isso pra lá, pra minha comunidade. acho que assim, a leitura ela move o mundo sabe? e eu, na época que eu estudava no ensino fundamental, a gente tinha uma biblioteca muito defasada, muito pequena e não tinha quase livro no acervo. acho assim, que com a minha profissão, vou tá ajudando muito sabe? a minha comunidade... é uma coisa assim que... é uma meta sabe? pro futuro. tem tantos livros, é... de pessoas que doam livros bons e tudo mais, eu poderia tá levando pra minha comunidade, pra essas pessoas terem maior acesso, porque muita gente lá tem acesso mais à internet, internet já tem na comunidade, mas biblioteca que seria o essencial, tem uma pequena lá na escola.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique.

É... Abordado diretamente... Assim, não. É... Como que assim, eu posso tá falando, no meu curso de biblioteconomia, os professores, alguns perguntam quem

são quilombolas e quem não são, só pra ter uma ideia, nos primeiros períodos. Realmente, quando eu cheguei na universidade, eu estava muito crua, não sabia nem mexer no computador, aí eu consegui fazer um curso de informática para alunos quilombolas que a UFPA ofereceu, mas assim, no meu curso, eu creio que... Não sei, mas eu acho que deveria ter... Porque é biblioteconomia. FABIB que é a nossa faculdade, acho que teria que ter alguma coisa voltado pra esses alunos. Quando a gente chega na universidade. Não sei, é porque nossa realidade é muito diferente sabe? Muita gente que estuda aqui em Belém já sabe mexer no computador, já sabe formatar um trabalho bem bonitinho, já consegue fazer várias outras coisas que nós alunos quilombolas e até indígenas, a gente não tem a menor ideia sabe? A gente chega muito cru na universidade, eu acho que o curso em si. Acho que o curso de todas as gerações deveria oferecer algum suporte sabe? Pelo menos o de informática para esses alunos. Eu praticamente no início do semestre fiquei muito perdida porque eu não sabia muitas coisas, eu não sabia se eu ia ter colegas, graças a Deus que eu encontrei grandes pessoas, grandes amigos dentro da universidade que me auxiliaram muito sabem? Eles me ajudaram bastante, a mexer no word, a mexer no powerpoint, isso foi um aprendizado tão bom sabe? É porque a maioria dos professores passam as atividades e tudo mais, mas eles não têm aquela visão sabe? A nossa visão, esse outro lado.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Olha, eu sei que tem sim discriminação racial dentro da UFPA, eu nunca fui, sabe discriminada na minha faculdade, nem na UFPA. Por nenhum colega da faculdade, pelo contrário, eles me apoiaram muito e me apoiam até hoje sabe? Mas alguns colegas meus já tiveram experiências ruins sobre isso e teve um colega meu, que parece que é de Castanhal, não estou lembrando agora, ele foi até mencionado no grupo que a gente tem só dos alunos quilombolas, foi mencionado o que aconteceu com ele lá, ele sofreu uma discriminação muito horrível que começaram a escrever sabe? E pregaram, colocaram o nome dele chamando de macaco, chamando de várias outras palavras ruins sabe? Pregaram assim, lá na universidade, e assim, a ADQ, é uma da nossa associação dos alunos quilombolas da UFPA, estava tentando resolver isso, é assim, é uma discriminação que a gente sente sabe? mas, com o tempo a gente tem que ficar enfrentando tudo, enfrentando tudo isso e se Deus quiser, espero que tudo isso não possa mais existir, isso é tão horrível sabe?

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

É, no nosso curso, as biografias, eles não têm sabe? Assim né não é só autores negros ou autores banalizados, é mais misturado sabe? Assim, pra tá falando se eu me sinto representada, eu me sinto por uma pessoa, que eu me sinto muito representada lá na UFPA, é pela Zélia Amador, ela é um dos nossos representantes mais fiéis sabe? Que defende muito a causa e está sempre lá com a gente, e a semana do calouro. Eu fui levar os novos calouros né? Foi uma emoção muito imensa quando ela subiu no palco, e a gente chegou para aplaudir lá no Hangarzinho (CENTRO DE CONVENÇÕES) sabe? é uma conquista ter a mulher que nos representa realmente, ela é a personificação de tudo aquilo que a gente defende.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Tem umas coisas que eu já fui beneficiada e muitos alunos quilombolas já foram beneficiados também na UFPA. É Curso de informática pra alunos quilombolas e indígenas, lá que eu me integrei muito e conheci outros alunos indígenas, já fiz várias amizades com outros alunos quilombolas que a gente se enturmou e aprendemos muito fazendo esse curso de informática. Outra coisa legal é o auxílio que eles disponibilizam pros alunos se manterem, acho que se não existisse esse auxílio, dificilmente a gente ia conseguir se manter aqui na cidade, a gente tenta achar estágio, mas sabe como é, bem difícil sabe? E eu até tento procurar alguns estágios, já consegui alguns estágios, agora por enquanto estou sem estágio, mas o auxílio, ele ajuda muito, nós, alunos.

Com certeza a gente precisa de mais ações afirmativas que ajude a gente a se manter e ajude a gente sabe? No nosso desenvolvimento ao longo da universidade, acho que esse é o ponto chave, porque nós alunos quilombolas, a gente só quer tentar aprender, estudar, conseguir uma profissão, consegui nosso próprio dinheiro, nosso próprio sustento, é muito difícil sabe? A gente vem de um lugar totalmente diferente pra morar aqui em Belém, é um choque cultural sabe? E as políticas afirmativas da universidade, elas têm que servir pra isso, pra nos manter lá dentro, nos ajudar, nos auxiliar.

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

A informação hoje em dia, informação de forma correta, sem ser fake news, ela é muito importante para a gente se manter atualizada, pra gente saber ter um lado crítico, pra gente saber o que tá se passando nesse mundo. A informação hoje, é a ponte que liga nós mesmos ao conhecimento, e creio que é isso sabe? Eu como futuro bibliotecária, imagino assim, estando em uma biblioteca fazendo o possível do impossível pra está auxiliando os meus usuários, e é isso que eu penso sabe? A informação ela está aí, mas a gente tem que filtrar aquilo que serve pra gente, e aquilo que não serve a gente tem que despachar, e a biblioteconomia, ela é uma área tão ampla sabe? Vejo que ela pode estar inserida de várias formas no nosso cotidiano, antes eu não conseguia enxergar e agora eu estou enxergando, e trazendo isso, trazendo o meu curso pra dentro da minha comunidade... Que incrível. Não só eu, mas uma outra quilombola, (xxxxx), que é do meu curso também, a gente pensa a mesma coisa, ela é quilombola de uma comunidade que fica lá no Cametá, e lá não tem biblioteca também, então o que a gente pensa, de levar, tá levando a informação para as nossas comunidades, tá servindo de ponte pra acesso informação dessas comunidades. Hoje em dia, muita gente se mantém muito informado pelas redes sociais, mas nem tudo o que está lá é verídico, e o livro, ele tá aí pra ser consumido, livro, artigos, e a gente não tem que pensar que o livro tá só no físico, ele também tá no digital e a informação hoje, ela move o mundo.

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Acho que é... No nosso curso, como a gente faz muita pesquisa com base de dados, procurar artigos, eu estou muito bem informada, por plataforma, com o meio de achar informação, agora alunos de outros cursos, eu acho que ele se sente muito mais perdido. Normalmente, eu busco informação por artigos, livros da biblioteca central, eu acesso no consultório, base de dados pra tá sabendo melhor, e o resumo de tudo, como na biblioteconomia a gente aprende muito sobre as plataformas pra encontrar informação, fica "mais fácil" pra gente entendeu? Mas alunos quilombolas

de outros cursos tem muita dificuldade pra encontrar informação, e tem mesmo que eu conheço muitos, e eu até auxílio, quando estou disponível, quando dá, eu auxílio, mas assim, no geral, os alunos quilombolas sentem muita dificuldade.

É, a maioria das informações que eu pego é para estudo, agora outro tipo de informações eu até acesso redes sociais, mas eu sempre tenho que verificar se são falsas ou não.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Olha, fora da UFPA, eu tento buscar por meio da internet que eu tento me manter informada, tanto na parte do estudo né? Tanto na parte pra ser informada sobre outros temas, outras coisas que a gente tem que saber do dia a dia, como é, e a vacina já tá saindo, ou até mesmo sobre outro assunto. Creio que pela internet é porque eu coloquei internet em casa, mas é complicado pra quem não tem internet, porque imagine aqui em casa se de repente dá um apagão não tem internet, não tem nada, ai como é que eu vou, usar a informação.

Tem uma coisa que eu aprendi no curso é “não repasse informação” de jeito nenhum, tem que ter 100% de certeza, para poder repassar e se for de veracidade né? É porque na época da política muita gente começou a encaminhar muita mensagem muito falsa, muito falsa, são coisas que a gente olha e diz “meu Deus, não é possível de acontecer”, a gente pesquisa e é fake news, mas tem outras coisas que a gente pesquisa e é verdade, então por isso que a gente tem que ficar de olho, ver se aquela informação é verdadeira, se é concisa. E lá no meu curso, biblioteconomia, os professores sempre dizem para a gente não tá compartilhando nada, porque é meio complicado né? tá compartilhando as coisas assim, e eu pelo menos evito o máximo, em estar compartilhando qualquer tipo de informação, eu checo sempre. Durante essa pandemia, já me compartilharam, é pessoas do meu curso já compartilharam fake news sobre corona vírus, e eu já sabia que era uma fake news, mas eu mesmo assim eu pesquisei pra saber se era, mas eu também falei pra pessoa que aquilo era uma fake news, expliquei por que e tudo mais, mas eu tento não compartilhar informações, informações sérias. Hoje em dia a gente está na vibe do meme, mas compartilhar informações sérias assim é bem complexo, e a gente tem que saber o que compartilhar, separar aquilo, compartilhar aquilo que não deve ser compartilhado.

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

Acho que todo o conhecimento que eu adquiri lá, eu abri meus olhos, eu adquiri tanta coisa assim, que se eu tivesse só morando na minha comunidade, não ia ter noção entendeu, não ia ter noção desse conhecimento, eu acho que para ajudar minha comunidade, a melhor forma é levar informação, usar a informação através do livro e se fosse fazer uma aplicação, seria construir uma biblioteca comunitária sabe? Eu vejo tanta biblioteca comunitária em vários bairros daqui, tem uma no Guamá, tem uma que eu já visitei em Outeiro, o professor nos levou lá, uma biblioteca bonita, que aqui não aquela biblioteca padrãozinho, é uma biblioteca que ajuda, uma biblioteca que acolhe, ela acolhe a comunidade. Acho que um dos meus objetivos maiores sabe? Eu queria ter condições de fazer logo isso, mas é complicado ter um orçamento, mas quem sabe futuramente não consigo, a gente tem que sonhar, tem que sonhar mesmo. Sabe, tem tantos livros legais, livros da nossa cultura quilombola, livros por escritos por vários autores, que fazem parte de Pontas de Pedras, Dalcídio Jurandir também é um autor, que ele escreve poesias, e várias outros coisas sobre o marajó, livros da

literatura, livros infantis, coisas que agregam sabe? São livros que são importantes, eu acho assim que toda a comunidade quilombola, deveria ter sabe? Uma biblioteca comunitária, isso seria muito maravilhoso, isso seria revolucionário também, porque muitas comunidades têm acesso à internet, mas não tem uma biblioteca, não tem um lugar assim, para as crianças virem e lerem um livros, aprenderem mais sobre o mundo, e ver o mundo por outros olhos, viajar por meio dos livros, é isso que tá faltando.

Eu tenho vários sobrinhos, e eu tenho uma sobrinha que ela gosta de ler, ela gosta muito de ler, mas lá não tem uma biblioteca grande, com um acervo... A maioria são didáticos, e livros assim literários que fazem a pessoa viajar, livros infantis, livros renomados, livros de escritores que vão agregar muito sabe? Acho que é isso que falta nas comunidades, o governo deveria fazer projetos afirmativos desse jeito. Primeiro, se todos os cidadãos tivessem a consciência de tentar entender a nossa história, a gente não seria tão alienado, nós como seres humanos a gente deveria saber sobre a nossa história, da nossa cultura, da nossa origem, só assim a gente quebra barreiras, a gente tem que superar tudo o que está acontecendo, tanto do racismo, tanto da desigualdade, e o livro e qualquer outra informação por meio de periódico, ou informação através da rádio, tem que ser informação que vá agregar as pessoas

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Primeiro, se todos os cidadãos tivessem a consciência de tentar entender a nossa história, a gente não seria tão alienados, nós como seres humanos a gente deveria saber sobre a nossa história, da nossa cultura, da nossa origem, só assim a gente quebra barreiras, a gente tem que superar tudo o que tá acontecendo, tanto do racismo, tanto da desigualdade, e o livro e qualquer outra informação por meio de periódico, ou informação através da rádio, tem que ser informação que vá agregar as pessoas.

A informação ela tem esse poder, é por isso que muitas pessoas não têm acesso a a informação, é porque quem tá no poder, não quer que elas consigam abrir o olho ao que tá acontecendo, a informação ela é muito importante, e o livro ele tá aí pra quebrar todas as barreiras. Eu já falei muito sobre biblioteca aqui, mas eu vou continuar batendo na tecla também, imagine uma biblioteca no lugar onde o nível de criminalidade é muito alto, e essas crianças, que são muitas vezes influenciadas, levadas no mundo do crime, claro que tem diversos fatores nisso, mas ela tendo contato com o livro, ela tendo contato com outras culturas, por meio do livro, tendo contato com a sua cultura por meio do livro, porque o livro, ele pode mudar a visão de muita gente, porque ele tá informando, ele tá mostrando o que no nosso dia a dia a gente não vê, com o livro a gente chora, com o livro a gente agrega conhecimento, com o livro a gente se emociona,, é uma coisa assim... Que sabe? Eu amo demais, eu sou uma leitora muito assídua, acho que deu pra perceber, e imagine um mundo revolucionário, se em cada lugar, se em cada bairro, se em cada esquina tivesse um livro...meu deus, estou imaginando aqui né? A internet, muitas vezes vão só usar pra rede social, só usar pra disseminar o ódio, como vejo diariamente, várias coisas, as pessoas disseminando o ódio, mas imagina tirar a internet, e mandar as pessoas pra uma biblioteca, ler um livro que a pessoa goste, não precisa impulsionar um livro de ficção científica, tem que ser aquilo que a pessoa se agrada, como a lei de Ranganathan que cada livros teu o seu leitor, eu creio que aí tá o diferencial, a gente que tem acesso a livro, não quer que as pessoa de baixo, pessoas mais pobres

tenham, a informação, ela tá em todo canto, ela tá nos livros, ela tá fora dos livros, e eu creio que o mundo não tem que se desapegar disso, não só nos livros físicos tem os ebooks também, artigos, várias outras coisas, mas eu creio que assim, eu já vi várias ideias de biblioteca comunitária, muito bonitas, bem legais, que tem ar-condicionado, um sofá legal,, tem uma sala de jogos pra crianças, pra impulsionar as crianças a irem pra biblioteca pra consumirem livros, eu vou até fazer um projeto pra disseminação da informação, um projeto mesmo com a minha professora nesse semestre, é um cinebiblioteca, é só um projeto que a gente tem, a gente não sabe se vai tirar do papel, quem sabe futuramente, onde será exposto filmes baseados em obras literárias ta aí uma coisa legal pra bibliotecas comunitárias, bibliotecas do brasil inteiro, eu queria que os governantes olhassem por isso, pudessem fazer essas coisas, que muitos países desenvolvido tem, essa opção, e a gente não tem essas bibliotecas são maravilhosas, lindas em outras países, e que no Brasil a gente tem essa visão, do bibliotecário, do preguiçoso, a gente tem essa visão assim da gente, e a gente não é isso, a gente tá aqui, pra levar informação, a gente tentar levar mais leitura, a informação que tá no livro muda muito, ela me mudou muito. Muitos autores, eu comecei a ler sabe, ler senhor dos anéis, até Machado de Assis, a experiencia do mundo, conhecendo mais, e com as aulas da UFPA, a gente tem que ter empatia, a gente tem que ter amor na vida, eu acho que o livro ta aí pra isso.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

A pandemia afetou muito a vida acadêmica, no início da pandemia não tinha computador, agora que eu tenho computador, eu consegui comprar, e graças a deus, é com ele que eu estou estudando. Vivo com a minha irmã, com meu irmão, eles também são estudantes quilombolas da UFPA, meu irmão entrou esse ano, ele está fazendo aula online, e essa pandemia afetou bastante o psicológico, estava acostumada a todo dia ir pra UFPA, e depois mudar essa rotina, afetou muito, e com o tempo eu fui buscando outras maneiras de passar o tempo, comecei a ler livros, assistir séries, e foi que aos poucos eu voltei a ser eu mesma, porque no início eu estava muito depressiva, na minha vida acadêmica, minhas perspectivas, é futuramente construir meu TCC, decidir um tema, estou vendo ainda o que pode ser abordado no TCC, e quem sabe não pode ser voltado para as comunidade quilombolas, eu ainda estou fazendo o projeto, e tomara que esteja tudo okay, e que a vacina no brasil chegue logo.

DISCENTE 7

Entrevista em 15 e 22,12.2020 10:00 h e 19:00 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Sobre isso que eu tenho a dizer, é hoje em dia eu tô com vinte e três anos, eu sou já, sou, sou casada, união estável, tenho filho de três meses, mas o que eu tenho a contar de anos atrás foi que a gente ainda viveu muito sobre a cultura quilombola na minha comunidade, no caso é na religião, na comunidade mesmo não temos a religião umbanda que é, que faz parte mesmo da cultura dos quilombos. Na minha comunidade não tem, só tem é católico, católicos e evangélicos. E na parte da religião, na da cultura é pouco se vê hoje em dia. Na minha época a gente tinha danças que como se chama dança afro que era dança que eu fazia parte de um grupo de jovens que fazia essa dança, o mesmo, fazia movimentos culturais na comunidade era dança

afro ou era eh grupo de capoeira, eu cheguei a ser uma monitora do grupo de capoeira e que mais? Deixa eu falar, na parte de vivência do dia a dia. Hoje em dia a gente ainda tem como um modo de viver, de se manter, que é da agricultura, e, produção de roças, que a gente fala. E, fazer carvão, farinha deixa eu ver mais, e colheita de frutas, plantação, e aí o modo de viver ainda de muitas famílias aqui na comunidade é esse. Da agricultura na verdade, mas com a chegada da tecnologia, energia elétrica, as coisas mudaram muito na comunidade, principalmente na questão dos jovens, por quê, como a gente sabe, uma questão muito debatida foi que a internet influencia muito nos jovem, na questão de poder até levar, internet, tem seu lado bom e tem seu lado ruim. Então, uma coisa que que tirou muito a cultura da comunidade, eu acredito que foi isso, a chegada da tecnologia, não que não seja uma coisa boa, é ótimo. Por um lado, facilitou muita coisa na comunidade. Mas, por outro lado, a gente perdeu a nossa cultura, por quê? Hoje em dia, um jovem, um adolescente de doze, dez anos, tem um celular e com isso tem os jogos, tem redes sociais e acaba que ele se interessa mais nisso do que estar querendo aprender sobre o que é, o que é uma dança, afro, o que é capoeira, o que é coisas mesmo que que era, é da vivência de quilombo, entendeu? Então, o que que eu tenho a dizer? Que hoje em dia, infelizmente, a gente não tem a cultura como tínhamos antes. Não temos aquela, aquela vivência, de ter noites culturais, encontros grandiosos, era encontros de, de jovens, encontro de mulheres quilombolas, eram encontros muitos lindos, maravilhosos, muito mesmo.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

Eu faço biotecnologia, no caso. É, bom, desde o momento em que eu comecei fazer o processo seletivo indígenas e quilombolas, e eu pensava sempre pensei nesse, nessa possibilidade de fazer um curso que beneficiasse a minha comunidade. E não querer ir pra lá pra dentro da universidade a toa, e sim buscar algo novo, algo que pudesse mudar alguma coisa negativa ou influenciar, e tipo renovar alguma coisa positiva na comunidade, sempre foi pensando nisso. E biotecnologia pra mim era uns quatro anos atrás era desconhecida, tentei outros cursos e não conseguia ingressar, eu tirava nota boa e não conseguia ingressar na, no, na universidade e quando foi em dois mil e dezenove eu disse, não, tenho que pensar em um novo curso e outra coisa que eu consiga, que eu possa fazer, que eu consiga ingressar. E sempre eu tentava olha, nos anos anteriores, sempre tentava psicologia, que era a minha vontade mesmo, era fazer psicologia. Só que aí, como eu não conseguia ingressar, eu só vou ter que mudar de curso pra ver se é isso, se é um, se eu, se não é, ou se pra mim não é psicologia, se não for Deus vai colocar as minha, eu sempre penso assim, e que alguma coisa ia iluminar e eu ia conseguir ingressar e só que aí eu fui pelo lado, sempre pensando em alguma coisa que possa beneficiar a comunidade. Quando surgiu eu procurando e eu identifiquei a biotecnologia, e a biotecnologia nunca tinha visto falar nesse nome, não sabia do que se tratava. Foi que eu fui pesquisar, aí eu tive o conhecimento que na minha comunidade tenho, como eu falei anteriormente, muitas famílias ainda vivem do plantio de roças que falam. E muitas coisas acontece que a os moradores ainda não tem conhecimento de pragas na roça, outra coisa tem uma associação na comunidade de agricultores que trabalha pra Natura e tipo só trabalha na plantação e no cultivo, entendeu? Aí eu quero inovar, renovar isso, que como a gente tem onde plantar e tem como colher, eu acho que se tiver alguém que ensine a produzir os produtos, seria bem melhor até. Então, Sempre pensando nisso, eu penso assim em trazer e influenciar, na influência do meu estudo, trazer novos

saberes, de como lidar numa roça, como fazer adubação boa, como saber colher o, produto e saber produzir, fazer um, um óleo, fazer um perfume. É sempre pensando nisso, entendeu? Que em vez da gente pegar produtos e vender, seria melhor pegar os nossos produtos e a gente produzir e vender já aquilo a mais, entendeu? Sempre pensando nisso, e na questão também de trabalhar em laboratório, porque é cientista, né? E manda para ser mais pelo lado da natureza, no caso, mas por isso.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

Bom, no caso, dentro do meu curso mesmo, de biotecnologia, a gente não tem nenhum grupo, assim, que se diz fazer movimentos de quilombola dentro do meu curso, entendeu? Porque até que o curso é novo, né, chegou na Universidade Federal do Pará em dois mil e dez e poucos conheciam, acredito que não sei, acredito ainda não temos nenhum formado em biotecnologia né? Um quilombola. E se tiver, somos cinco quilombolas, eu acho dentro do curso que eu conheço, na verdade. Cinco quilombolas e dois que ingressaram em dois mil e dezessete e três que em dois mil e dezenove agora. Mas dentro da universidade a gente tem a nossa Associação que é a ADQ. Temos nosso espaço e essa associação ela é exatamente pra manter a nossa tradição lá dentro, tipo, entra um quilombola, às vezes, a gente passa por preconceitos, tipo, a gente é deixado de lado e exatamente essa associação serve pra isso, pra quando a gente entrar no nosso espaço que temos lá, a gente se sente abraçado, e ainda praticar nossos movimentos, a gente pratica os movimentos culturais, manifestações. Quando gente procura os nossos, a gente manifesta. Então, sempre querendo manter um pouco da gente, vamos dizer assim, lá dentro da universidade e é bom que a gente foi muito bem abraçado, muito fomos muitos bem abraçado pelo reitor, maravilhoso. Muitos elogios. E é isso. A nossa, nossa cultura é sempre tentamos levar por meio, por meio da nossa associação, sempre tentando mostrar, por exemplo, vestimenta, muito mais, ainda se veste no modo de dizer aqui, eu sou quilombola. Eu, por exemplo, sou uma, sempre vou com a minha camisa, dizendo que eu sempre vou com meus cordões, meus brincos e sempre tentando demonstrar que eu sou uma quilombola lá dentro, porque muitos vão pra se esconder, mas tem muitos também que vão pra se mostrar até por medo de preconceito, se escondem, não tem que ter medo não, tem que se mostrar, dizer quem são, é dizer que a gente tá, a gente tá lá dentro não por uma cotinha, por motivo, porque a gente passou fácil. Não, a gente está lá porque a gente batalhou pra conquistar o nosso lugar, a gente tem direito.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Olha, nessa questão posso dizer, assim, que existe, porque muitos colegas já me falaram, a gente já viu um monte de relatos, quando a gente se reúne na nossa associação lá, a gente ouve muitos relatos de colegas, que sofrem preconceito ainda dentro da universidade e é essa questão. Sempre olhando assim, a cor, tem gente que sofre, aliás, eu acho que, na verdade hoje em dia, o que, o que nós, assim, quilombolas, estamos sofrendo mais preconceito dentro de uma universidade, é um pouco de ensino que a gente tem, por exemplo, eu sou de um baixo ensino, vamos dizer assim, aqui na minha comunidade, eu estudei, do ensino educação infantil até a quarta série por professoras da comunidade, vamos dizer assim, professores que não, não tinham aquele conhecimento, não eram formadas e sim concursadas. E acaba que nisso eu tive um baixo ensino. E não tive aqui o mesmo ensino que é passado

em Belém, na comunidade não foi passado. Hoje em dia graças a Deus. estamos mais evoluídos, porque já temos professores de Belém, professores formados, a nossas professoras mesmo da comunidade se formaram. Hoje em dia temos professores, temos professores, temos pessoas da comunidade que estão estudando Pedagogia exatamente pra quebrar esse, essa, essa barreira, vamos dizer assim, do baixo ensino na comunidade, e tipo, é o que acontece, eu acho que o preconceito maior hoje em dia lá dentro é isso, porque questão de cabelo, questão de vestimenta, tá sendo muito predominado, tipo, aonde tu passa, aonde tu anda na universidade, tu já vê uma pessoa com um brinco diferente, um cordão, de um cabelo diferente e até porque cabelo agora dizem que virou moda, cabelo cacheado, cabelo afro, cabelo com tranças, virou moda, então eu acho que há menos preconceito enquanto a isso, mas no caso de a pessoa, por exemplo, é um quilombola. A primeira coisa que vão pensar não sabem nada, exclui, é excluído de grupos. Eu, por exemplo, sou uma no meu curso. Na verdade, dentro da minha, da minha turma dentro do meu curso eu tenho uma amiga e o resto, os outros alunos, tipo, só vem falar comigo se precisar de alguma coisa, se vamos ver que a universidade é isso, mas em questão mesmo eu me sinto assim, tipo, eu não sei muita coisa, então eu não sirvo pra muitos, entendeu? Nessa questão muitas vezes na formação de grupo, eles me excluem, aí já minha amiga já que é até a mais velha da sala. Tem uma amiga que ela é a mais velha da sala, ela já tem uma noção do que é isso, então eu acho que é a única, é por isso que ela é minha amiga. É ela que já me inclui nos grupos, já me dá uma força, tipo, porque eu eu tenho uma certa dificuldade, tem coisas que eu não aprendi e estou aprendendo lá, coisas que era pra mim aprender no meu ensino médio, coisas que era pra mim aprender ensino fundamental, tô aprendendo lá agora. Por, por ter essa carência de ensino, entendeu? Dentro da comunidade. E acredito que é o maior preconceito hoje em dia que a gente sofre dentro de uma universidade. Eu tenho muitos amigos que dizem que são excluído exatamente por causa disso, não é nem pelo modo de se vestir, nem, pelo modo do cabelo, mas sim por causa, por causa que do nosso, nossa dificuldade, do nosso maior dificuldade agora que é nosso baixo ensino. É certo que os que estão entrando agora que tiveram, que tem essa dificuldade, mas eu creio que lá na frente a gente já vai ter alunos melhores lá dentro, porque a gente tá buscando isso, essa melhora pra nossa comunidade e acredito que a gente vai formar daqui, vai sair muitos alunos que vão, vão tomar espaço, até porque tem, temos os esforçados, muitos.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Na questão da representação, no meu curso assim eu não vejo muito, é bem pouco. E onde é que eu não, na parte, desde o momento que eu ingressei lá eu não vi, não? E autores negros muito menos assim. Professores nada sobre. No meu curso eu acho que bem pouco abordado isso. E já na questão de outros curso eu acredito que tenha, mais já veio até professora da instituição, que é representante de quilombolas, de negros lá dentro, tem outros cursos já na parte de sociologia, na ciência, ciências sociais até na parte de pedagogia. Eu acho que é mais pelos outros cursos mais assim, tipo que leva é que leva a parte de quilombo, no meu curso é pouco, bem pouco eu vejo abordagem assim. Alguns professores que falam de conhecimentos que já tiveram, mas só que eles não falam como quilombola assim. Falam em áreas como interiores, floresta é mais isso, mas assim, em questão de representação entre uma no meu curso, eu não vejo muito não.

6- Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Tem sim, temos sim, tem associação na universidade, são exatamente pra ajudar na questão dos alunos que não tem aquele, aquela adaptação curso no não tem aquele ensino de acordo com o curso e pra ajudar nessa dificuldade, eu esqueci como é o nome, mas eu acho que é o IQ, que é chamado, uma Associação lá que é vinculada com a com a Associação dos Indígenas também, que é exatamente pra exatamente eles tão lá pra abraçar a nossa cultura, pra ajudar na nossa dificuldade, teve no ano de dois mil e dezoito, a gente formou um grupo aqui na comunidade, que a gente foi ter aula de redação, justamente nessa associação lá, que é, eu acredito, não estou lembrada, direito, era mais no final de semana. Tem o PCNA esse ano, ano passado eu estava entrando em contato com a coordenação do PCNA e eles estavam exatamente organizando, eu pedi ajuda, né? Na questão porque no IQ ainda não tinha né? E há aulas pra alunos de exatamente da mesma forma.

Não tinha, ensino pro curso de engenharias, aí eu entrei em contato com a coordenação do PCNA, e eles estavam exatamente organizando uma turma, querendo montar turmas para os quilombolas, entendeu? E eles queriam abraçar também esse lado, queriam dar essa ajuda. E temos outras é que eu conheço ainda só o IQ, mas acredito que tem outras também, que estão sendo formadas exatamente por quilombolas, exatamente quilombolas entre no seu curso, estão tentando formar. Tem a parte da psicologia, tem atendimento para quilombolas, engenharia da computação, estão tendo atendimento quilombolas também e é como se diz, são pequenas plantinhas que estão sendo eh colocadas, plantamos, colocamos sementes, estão sendo regadas, e com o tempo estou colhendo os frutos muito bom até porque e cada um no seu curso tentando puxar um pouco pro nosso, pro nosso lado, vendo a dificuldade que a gente tem e tentando puxar até mesmo lá dentro, puxar a plantinha pro nosso.

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

A informação é extremamente importante, quando precisamos abordar algum assunto do nosso interesse precisamos de informações sobre os mesmo, mas sempre tendo o cuidado do que é verdadeiro e o que é falso, é necessário consultar várias fontes e se são confiáveis.

8 - Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Eu utilizo jornal, internet, livros, algumas vezes vou a biblioteca, mas não o bastante, porque tenho pouco tempo. No caso eu vou pra minha faculdade e o horário que eu saio, já é horário de voltar pra casa, eu tiro de 2 a 3 dias na semana para ir no período da manhã para acessar a biblioteca. Por ter que pagar passagem nem todos os dias eu vou. Seria ótimo se eu pudesse acessar a biblioteca daqui da minha comunidade.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Sempre, sempre fui muito atenciosa e cuidadosa enquanto isso. As vezes quando sei que a tal informação que alguns dos meus amigos me passam não é verdadeira, eu aviso a pessoa que me passou.

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

O meu principal foco seria na área da agricultura, trabalhar com experiência, com plantas medicinais, aprimorar o conhecimento que sabemos , aqui no interior. E aproveitar a riqueza da nossa natureza, essa pode ser uma forma de aplicar o meu conhecimento em benefício da minha comunidade.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

A informação tem um impacto muito grande, você vê a diferença do modo de pensamento de um aluno depois que ele entra na universidade, ele traz sempre isso para a comunidade, ele procura passar as informações para outros da comunidade que não tem esse acesso, para que ele possa também saber das coisas e saber dos direitos dele.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

Bom, como acredito que muitas pessoas fizeram, eu fiz planos para esse ano de 2020, eu fui uma. Principalmente em questão da universidade. Essa pandemia foi algo que me afetou muito, não somente eu, mas também muitos outros alunos quilombolas, foi a aprovação do ensino remoto , porque não temos total condições de continuar os estudos pela internet.

Na vida familiar houve muita preocupação com todos da família . Algumas pessoas que se infectaram , e medo também pois eu estava grávida e continuo com medo por causa do meu filho.

Bom tenho a expectativa que tenham a decisão que seja melhor para todos que assim que for seguro voltar as atividades normais. Pretendo voltar aos estudos conseguir uma bolsa em algum laboratório, continuo buscando ajuda para novos alunos que estão com dificuldade.

DISCENTE 8

ENTREVISTA 15.12.2020 14 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Me chamo (*****), sou remanescente da comunidade Quilombola de Nossa senhora da Conceição, nasci e fui criada neste local, onde a maioria de minha família materna reside atualmente, hoje não resido fixamente nesta comunidade, já que tenho que me deslocar pra cidade de Abaetetuba, optei por alugar uma casa na cidade de Moju, assim no período de aulas presenciais me desloco todos os dias para outro município. O que posso dizer sobre minha vivência é que me sinto muito grata por fazer parte de um lugar que contribuiu significativamente para que fosse quem sou hoje, foi através das tradições, costumes, e saberes que recebi em minha comunidade que hoje sinto-me orgulhosa de dizer que sou uma mulher quilombola

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

Minhas perspectivas são as melhores possíveis, pois através de minha formação no ensino superior, sei que absorverei muito conhecimento onde certamente

farei questão de trazer e repassar para minha comunidade, outra perspectiva que tenho é que através de minha formação enquanto pedagoga, seja possível aplicar uma nova forma de ensino, mais direcionada as necessidades e dificuldades da nossa população local. Para minha comunidade o fato de eu e outros jovens conterrâneos, ingressarem em uma universidade pública, é um motivo de muito orgulho e de esperanças, já que muitos moradores não possuíram oportunidades para alcançar tal feito, devido terem que trabalhar muito precocemente para ajudar no sustento de sua família

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

Bem, de acordo com minha vivência ao longo desses 2 anos estudando na UFPA campus Abaetetuba, posso dizer que nossa trajetória tanto histórica quanto cultural, fica cada vez mais limitada de se usar, já que não são dadas tantas oportunidades para que nós façamos isso, Eu, particularmente tento fazer isso através dos trabalhos, debates em sala de aula e projetos, no entanto quase nem sempre é possível. Creio que as mobilizações elas existem dentro do campus, mas não recebem na maioria das vezes a devida atenção, por parte da população acadêmica em geral.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Com toda certeza esse preconceito e essa discriminação existem sim, e isso na grande maioria das vezes ocorre desde o momento que nos auto identificamos e nós reconhecemos como pessoas negras, quilombolas e descendentes de quilombos, seja através de um olhar para nossas roupas, seja através de comentários, tidos para os outros como “brincadeiras”, seja ao expor um ponto de vista que enfatize as suas raízes, enfim esse preconceito infelizmente se dá de diversas maneiras e vêm de todos os lados em um espaço acadêmico. Minha visão, é que esses temas precisam urgentemente ser tratados com mais importância e frequência nas universidades, que não sejam temas que venham ser trabalhados apenas em dias como o da consciência negra ou algo do tipo, é necessário desenvolver métodos para que se intenda a real importância de respeitar a nossa história e a nossa cultura.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Não me sinto representada, pois como disse anteriormente eu não vejo que isso seja uma realidade presente na UFPA campus Abaetetuba, pouco se vê professores que busquem nos inserir em suas aulas, metodologias, ou que indiquem autores que façam nos identificar de alguma maneira com os assuntos.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Em minha opinião, embora sejam poucas, elas são de suma importância, para avivar nossa história e cultura enquanto povo quilombola, e também para promover a união e fortalecer nossos laços.

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

Não entendi muito bem a que informações você quis se referir, mas de uma forma geral, no entanto posso dizer que quando as informações são verídicas elas

são cruciais para se chegar ao conhecimento, quanto menos informações você absorve acerca de um assunto, certamente menos conhecimento você irá obter. Logo é de suma importância que estas sejam repassadas e também buscadas pelo máximo de pessoas possíveis, para que o conhecimento não se torne algo cada vez mais escasso

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Para me manter informado eu procuro o máximo de fontes possíveis, faço isso através de livros, trabalhos acadêmicos, pesquisas feitas com equipamentos eletrônicos (celular, computador), particularmente eu não tenho dificuldade em acessar esses recursos, posso dizer que sempre que preciso obter um conhecimento, esses recursos são bem úteis.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Sim, sempre verifico se o que estou lendo é realmente verídico, pois caso não seja, isso certamente afetará não só a mim, mas também aqueles que eu compartilharei meu conhecimento.

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

Bem , as informações adquiridas ao longo do meu curso serão muito uteis com certeza, hoje vejo que a pedagogia na educação quilombola é aplicada de uma forma descontextualizada com a realidade local, então eu pretendo usar o meu conhecimento para mudar essa realidade. Por exemplo, utilizando atividades que sejam realmente colocadas em prática no amplo espaço quilombola que possuímos, valorizando assim a cultura e a nossa história. Infelizmente muitos professores por serem de fora da comunidade acabam excluindo um pouco esse tipo de prática pedagógica da rotina deles.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Sim eu considero, se soubermos utilizar essas informações da maneira correta, de forma a fazer com que um indivíduo realmente absorva a importância de determinada temática, e reflita em cima desse conhecimento, isso poderá despertar nele um possível desejo de mudança. Vamos tirar como exemplo o tema preconceito, uma das melhores formas de acabar com o preconceito ou até mesmo de amenizá-lo na sociedade, é você conscientizar a população sobre a importância do respeito ao próximo, é levando informações que você mostrará que independentemente de cor, raça ou etnia é possível todos viverem com harmonia, é através dessa conscientização que muitos que possuem práticas discriminatórias e preconceituosas, refletirão e procurarão rever suas posturas.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

Bem, a pandemia teve grande influência na vida de qualquer cidadão, e na minha não foi diferente, de uma hora pra outra vi todos os âmbitos da minha vida serem afetados, e minha rotina ser totalmente modificada. Minha vida acadêmica de

repente se viu parada, estudei aproximadamente uma semana em março e só agora em dezembro voltei a estudar com o ensino remoto, confesso que está sendo difícil me adequar a esta modalidade de ensino, devido eu estar residindo no interior e o acesso à internet ser um pouco precário aqui, no entanto venho tentando dar meu máximo para não ser reprovada. Se não fosse a pandemia, hoje eu estaria com aproximadamente 75% do meu curso concluído, no entanto isso não foi possível de se alcançar. No que se refere à minha família, a pandemia afetou muitos na questão da renda, pois muitos tiveram que parar de trabalhar em vista dos decretos que foram estabelecidos, havia também uma preocupação com os membros que faziam parte do grupo de risco, meus avós principalmente. Graças a Deus nenhum familiar meu faleceu por causa do vírus, no entanto desejo que tudo isso passe logo, para que nossas vidas possam voltar à normalidade de antes.

DISCENTE 9

15,12.2020 15:00 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Eu ainda moro na comunidade, e muitos dos costumes são preservados até o dia de hoje, tem algumas danças culturais, tem algumas brincadeiras que também são preservadas, como é daqui a ciranda, no caso que é as mulheres que dançam e o boi bumbá que desde os antepassados sobrevive até os dias de hoje.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

Eu tenho uma perspectiva muito boa né? Porque antes quase ninguém conseguia entrar daqui, no ensino superior, da comunidade, e atualmente são várias pessoas inclusive eu, em um curso muito elitizado da UFPA, então é muito gratificante e é muito bom ter essa oportunidade de entrar no ensino superior como estudante quilombola.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique.

Dentro da universidade não tem muito essa relação de procurar saber sobre as origens dos estudantes quilombolas, pouco se fala nisso na verdade, não tem muito interesse em preservar dentro da faculdade mesmo, essa cultura, essa história dos povos quilombolas, não tem muito isso na universidade.

Eu acredito que deveria ter um pouco mais de interesse da instituição para preservar esses costumes e tradições, como por exemplo, no dia 20, que é um feriado aqui na cidade, é o feriado municipal pra gente, e dentro da universidade não tem esse feriado, em período letivo normal a gente não pode vir pra cá, nem deixar de levar a falta por exemplo, se tiver algum trabalho tu vai perder, porque dentro da universidade não tem uma liberação assim, nada a respeito que nos proteja de certa forma, que nos dê oportunidade de vir pra nossa comunidade e prestigiar este dia aqui, são feitas várias realizações, eventos em prol do nosso povo, das nossas memórias, por exemplo, nesse dia, dia 20, não tem na UFPA, nenhuma liberação, algo em torno, que nos ajude, nesse caso.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Eu acredito que atualmente, tenha evoluído um pouco, e tenha diminuído um pouco do preconceito, mas existe sim ainda muito preconceito dentro do curso, tipo na minha sala mesmo, eu percebo que existe preconceito com as pessoas, com nós, estudantes indígenas e quilombolas, existe preconceito por parte de algumas pessoas, claro que não são todas, mas por parte de alguns ainda existe muito preconceito por achar que a gente não merecia estar ali, não merece né? talvez seja isso, mas existe atualmente preconceito ainda com relação a gente.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

É... Em questão dos professores, a gente percebe que quase não tem, por exemplo, até hoje quase não tive um professor assim considerado negro, ou professora por exemplo. E duas disciplinas trataram questões muito legais e muito relevantes para a população negra assim, quilombola indígena, foi no primeiro e no segundo semestre, mas foram só. E dos autores, pouco indicados os autores são negros por exemplo, que tratam da questão negra, muita pouca representatividade do curso nessa questão também.

Na biblioteca sim, tem bastante autores negros, ou pode encontrar também que tratam da temática, que abordam bastante o assunto, na biblioteca sim, a gente encontra biografias e autores negros, nessa questão é positivo, pelo menos a gente encontra, se for fazer uma procura particular por temas que te interessam, por exemplo a questão negra, tudo pode encontrar nas bibliotecas da UFPA, tanto na biblioteca central como no ICJ.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

As ações afirmativas são muito boas pra nós, não só da minha comunidade mas como de outras eu acredito, abrem assim, um amplo alcance pra gente, pra melhorar o nosso conhecimento e a visão de mundo assim como perspectivas com o mercado de trabalho, e eu vejo como muito boa essa ação afirmativa pela UFPA, além de amparar bastante a gente financeiramente, tem a questão dos auxílios, eu acredito que seja, que o que já tem já é muito bom pra gente, mas não vejo o que já poderia melhorar por exemplo, mas o que já tem é muito positivo todos os estudantes indígenas e quilombolas no geral assim, porque tem esse diferencial do PSE, e tem além disso um auxílio próprio pra essa população, eu acredito que seja muito positivo já, porque eu já acho que faz ensinar, ligado a questão quilombola e indígena.

Eu também vi poucos dias atrás, uma notícia, não sei se era de pós-graduação ou mestrando pela faculdade de direito da UFPA, que eram 12 vagas pra alunos indígenas ou quilombolas, eu achei bem interessante que era destinado justamente pra esses povos.

7 - Qual a importância da informação para você e pra sociedade?

A informação é uma das coisas mais essenciais, pra toda uma sociedade, em questão individual, pra ti poder saber o que tá acontecendo, se o que a imprensa diz é verdade, se o que uma determinada pessoa assim com alto poder aquisitivo diz é verdade, se determinado assunto tá correto, se tá sendo tratado de maneira correta pela imprensa, se não tão omitindo ou colocando mais coisas do que deveria, então a informação, ela é muito importante pra cada cidadão, todas as pessoas que puderem estar informadas, é muito bom que elas consigam isso, e elas vão meio que se libertar

de um pensamento mais fechado, vão ter uma visão mais ampla, muito importante isso.

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Pra me manter informado, eu procuro seguir nas redes sociais, ou qualquer outro tipo de sites ou páginas, das próprias instituições, por exemplo, página da UFPA, site relacionado à UFPA, site do ICJ, da faculdade de direito, várias páginas e mídias sociais, porque geralmente lá eles postam os assuntos relevantes. Dentro da UFPA, a questão acadêmica, tem a biblioteca física e também a virtual, que eu sempre procuro acessar, para acessar periódicos, livros, artigos, coisas do tipo, para que eu possa ler, ter informação, sempre também procuro acessar sites da própria UFPA como o site da SAEST, sites desse tipo, sites oficiais da instituição.

Pra acessar esses sites eu tenho notebook, e eu consigo acessar com um pouco de facilidade os conteúdos relacionados à UFPA e ao meu curso, consigo acessar sem muita dificuldade.

Eu consigo acessar esses sites quando estou na comunidade, e recentemente passaram uma internet de fibra ótica, a maioria das casas nesse final de ano conseguiram colocar internet nas suas residências, boa parte das residências agora tem internet, e acredito que dá pra acessar os sites que tu queiras, eu particularmente consigo acessar daqui da comunidade mesmo. Porém antes era muito difícil porque não tinha internet e o sinal de operadora pra cá era muito ruim, tipo com dados móveis era muito difícil pra acessar, agora não tanto aqui na comunidade, mas acredito que seja uma realidade de difere de outras por exemplo, mas aqui na comunidade eu consigo acessar esses sites facilmente.

Eu não nunca fiz o curso do Portal de Periódico CAPES, porque eu particularmente não tenho muita dificuldade de acessar sites na internet, porque eu já fiz um curso de computação básica e avançada, e também quando eu entrei na faculdade, eu entrei no curso de ciência da computação, fiquei pouco menos de um ano, e depois troquei de curso, fiz o MOBAF e troquei de curso. Eu não tenho particularmente não tenho dificuldade pra acessar sites na internet ou no manuseio de meios eletrônicos.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Sim, eu quase nunca compartilho assim, notícias que não seja de perfis confiáveis, por exemplo, uma notícia que seja de um perfil que eu nunca vi, eu vou procurar, ver se ele é autêntico, se ele é um perfil de credibilidade por exemplo, e eu nunca compartilho nada que eu tenho certeza é verdade, sempre procuro pesquisar em mais de um site por exemplo, notícia que é do g1, que mandam num grupo do whatsapp, eu procuro em outro site pra ver se tem, ou no próprio g1 mesmo, pra ver se é verdade aquela notícia, porque hoje em dia tem muito mesmo muita notícia falsa, principalmente esses links que as pessoas compartilham em grupos de whatsapp.

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

Acredito que pode melhorar na questão de informações legais, que eu digo jurídicas pra pessoas que precisam no dia a dia, principalmente idosos, na questão de empréstimo que muitos fazem aqui, não tem conhecimento talvez, e muitas coisas

mais, da própria associação aqui, questão de informações de cunho geral que podem ajudar e auxiliar as pessoas daqui da comunidade, acredito que seja um pouco disso.

A comunidade tem o título de remanescentes quilombolas, conseguiu o título em 2012, e ela assim, é mais ou menos bem estruturada diria, tem associação, tem tudo legal, e ela tem a certificação.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Eu acredito sim, que essa transformação pode ter um impacto muito grande na vida das pessoas, qualquer informação às vezes as pessoas nem acreditam se é certo ou errado, se é verdade ou não, e elas acreditam de certa forma, e talvez seja necessário usar essa informação, usar a mídia para ajudar as pessoas a combater mais a violência, deveria ser usado as mídias como meio de informação para que impactassem as pessoas, e sensibilizassem todas as pessoas, que tentassem diminuir a violência e a discriminação como um todo assim, deveria ser usado mais a mídia, todas as elas de forma a impactar as pessoas, ou pelo menos sensibilizar que a violência e a discriminação não são meios legais de ser viver, de se conviver em sociedade.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

Nesse momento de pandemia, eu residi em Belém pra cursar meu curso, e quando começou a pandemia eu vim pra minha comunidade por causa da minha mãe e estou aqui até o dia de hoje, fiz todo o ensino remoto daqui da minha casa, não saia muito, ficava mais em casa com a família, e por parte de estar com a família foi boa, mas a questão do ensino assim não foi a mesma coisa, alguns professores não foram tão bons na questão do e prejudicou um pouco o ensino, é nessa questão que eu espero que após passar a pandemia, se deus quiser vai passar, que a questão do ensino presencial volte pra que o ensino tenha mais qualidade, porque acredito que algumas disciplinas, pelo menos no meu caso, não foram assim tão excelentes quanto costumavam ser, e tem a questão também de poder usar a biblioteca, porque eu usava muito pra emprestar livros, pra ler livros lá, e espero que possa retornar essas atividades normais que eu fazia.

DISCENTE 10

15.12.2020 15 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Essa cultura na minha comunidade não acontece mais, ficou de lado, foi acabando aos poucos.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

As minhas expectativas são muitas , principalmente quero terminar o ensino superior, ser uma boa profissional e bem qualificada para ajudar a minha comunidade , ajudar muitas pessoas que moram lá que precisam de uma psicóloga, ajudar fazer projetos e tudo que tiver ao meu alcance pra já ajudar minha comunidade.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

Bem eu ainda não senti isso porque agora que eu estou no primeiro semestre então ainda não senti que os professores abordam sobre histórica dos povos quilombolas na vida acadêmica mais conheço, conheço outros professores que tem um projeto nessa área que é um boa, mas ainda não na minha turma ou no meu curso ainda não senti, acontece que também estou no primeiro semestre então é assim , mas as primeiras matérias do primeiro semestre porque eu não sei daqui pra frente né.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Sim , já ouvi falar muito sobre preconceito dentro da universidade. Principalmente dentro da sala de aula com muitos alunos quilombolas que são excluídos pelos outros alunos.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Ainda não, representar entre aspas, mais em discussão, nas minhas disciplinas ainda não. Devido ao meu primeiro semestre.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Eu conheço alguns projetos e bolsas são boas , mas tem algumas que são muito poucas pra nós , como auxílio moradia. Eu agora faço parte do projeto conexão e saberes. Eles dificultam um pouco para nós conseguirmos algumas bolsas, mas as ações precisam ser ampliadas.

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

Temos que sempre estar bem informado para que possamos entender o que tá acontecendo na sociedade, principalmente agora em tempo de pandemia ser informado de tudo que acontece é muito importante nos dias de hoje.

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Peço ajuda de amigos e até para os próprios professores, vou no google , pelo whasapp, jornal etc. Ainda não tive a oportunidade de usar a biblioteca como pesquisa, os meios de comunicação da UFPA , são satisfatórios, e também uso email e facebook.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

As vezes sim e as vezes não

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

Ainda não consigo responder essa pergunta, principalmente porque o meu primeiro semestre começou com ensino remoto.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Eu acho que sim, mas muitas pessoas ainda não possuem as informações certas por falta de condições financeiras, como não tem dinheiro para comprar celulares ou televisão, as vezes fico informado por outra pessoa, acho que falta mais ações públicas e políticas públicas para pessoas de baixa renda. A informação para todos ainda não é real.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

A pandemia afetou muito a minha vida, principalmente a vida acadêmica por aqui quem estava na expectativa de ir para a universidade ver meus amigos ver professor ter aquele âmbito de sair dar uma parada, e estudar em casa pra mim que tenho filho está sendo um pouco complicado porque o moleque chora pra lá pra cá e aquela confusão. Aí não pode tá falando muito, ligar áudio porque criança está perturbando (entre aspa) pra mim isso ficou muito, muito complicado mesmo, a minha vida ficou de perna pro ar, porque eu estou estudando, mas não consigo conciliar as aulas em casa aí é muito estudo, muita leitura, pra mim tá sendo muito difícil, mas estou seguindo em frente porque eu não quero perder minha turma e meus amigos que eu já conheço. E a vida social até aqui não porque eu não sou de estar saindo muito de casa mesmo, difícil eu sair, só saio quando é obrigado, é isso. Espero que daqui pra frente que isso logo passe, que eu quero voltar à vida o normal sair de casa um pouco mais, sair para levar minhas filhas para passear, quero é sair sem medo de acontecer alguma coisa, da gente ser contaminado eu tenho fé em deus que tudo isso vai passar porque eu quero voltar pra universidade, quero ver meus amigos, ver meus professores, muitos professores estão sofrendo muito com isso, parece que as aulas não são as mesmas, parece não. As aulas não são a mesma parece que estão falando sozinho com a tela do computador, está muito complicado para ambos os lados, tenho fé em deus que tudo isso vai passar.

DISCENTE 11

16.12.2020 15 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Na minha comunidade a gente sempre teve um, vamos dizer, a questão da cultura quilombola muito deixada à mercê, principalmente por questões religiosas a igreja principal é católica e existe outras igrejas protestantes de, eu não sei como se refere. Enfim, aí por causa dessas questões, sempre houve muito preconceito com questão disso, por exemplo, acho que a comunidade ela é no papel, ela é declarada desde dois mil e oito, mas teve muito tempo, sempre houve um preconceito muito grande em se identificar como quilombola. Acredito que já começaram a entender melhor lá pra dois mil e quinze, quando muitos dos nossos começaram a passar na universidade, aí quando essas pessoas tinham acesso à universidade, elas conseguiam entender como é, o que é ser quilombola, o nosso processo de luta. E voltavam pra comunidade, conversavam hoje em dia, dentro das escolas, os professores tentam fazer esse processo de reafirmação, pra trazer a nossa cultura, mas acredito que a única coisa, foram poucas coisas, que foram mantidas, com a questão da nossa cultura mesmo. Se chega alguém lá de fora, não consegue identificar como uma comunidade quilombola, porque já foram perdidas muitas das

nossas tradições. Consegue identificar somente como uma comunidade rural. Aí hoje em dia aqui já tem associação e eles tentam fazer isso. Eu, por exemplo, como quilombola, eu fui me entender como quilombola, quando eu entrei na universidade, que eu fui ver o meu papel, a minha comunidade, quem eu sou, a minha origem, tudo isso. Só que já, em função da universidade, eu acabei me mudando pra cá, pra castanhal, no caso, pra cidade de Castanhal e por aqui estou, acredito até terminar o curso e depois disso eu não sei qual vai ser meu rumo, mas é pouco provável que eu acabe retornando pra comunidade.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

O ensino superior é realmente uma vitória muito grande, não existe igual? A comunidade depositou uma confiança muito grande dentro dessas pessoas que que ingressaram na universidade, acho que os primeiros lá que ingressaram foi em dois mil quinze e já estão voltando pra lá, conseguem emprego, dão aula lá, alguns que são formados em professores, como professores. E é uma, é uma esperança, digamos assim, entrar no nível superior, porque é uma oportunidade de fazer tudo diferente. Para não ser necessário vir pessoas de outros lugares, prestar aquele tipo de trabalho, prestar aquele tipo de serviço pra comunidade, que muitas vezes não conhece a realidade da , e se alguém um de nós puder fazer isso, seria melhor ainda. Todos pensam assim em voltar, a maioria pensa em voltar pra lá, pra nossa comunidade, pra poder, pra poder dar continuidade a sua vida profissional lá, poder devolver tudo isso que a gente tá conquistando, entende? Enquanto dentro da universidade, muitos momentos, por exemplo, aqui em Castanhal, têm que falar pela realidade que tá aqui. E cheguei a ver como meio que decepcionante, porque em alguns momentos existem aquele processo seletivo especial, principalmente de discriminação com alunos que que são quilombolas, que ingressaram pelo processo seletivo especial, principalmente, a direção das faculdades, não dão devido suporte, os professores são, vamos dizer até mais rudes com esses alunos e acaba desmotivando. E o que eu observo é que isso também é uma interferência muito grande no rendimento acadêmico, porque esses alunos já acabam não se envolvendo em muita coisa, se restringem as disciplinas, em muitos momentos, que os alunos que acabam sofrendo mais. E em alguns momentos eu mesma já, já sofri, já sofri isso, só que eu tentei, vamos dizer, eu busquei me envolver naquilo que me tentasse me ligar minha comunidade. No meu caso, eu trabalho em prol, eu participo de projetos que tem justamente essa temática, porque eu trabalho com os quilombos daqui de Castanhal, justamente pra que eu não me distancie tanto da minha comunidade.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

Bom, eu acredito que nós como quilombolas estando lá, a nossa cultura poderá estar lá, estará lá de algum modo. Só que, na hora de cultivar, de manter, como a uma Cultura digamos muito sensível, até por questões institucionais, de intolerância, de racismo, se dentro das nossas comunidades, em muitos momentos a gente acaba perdendo essa cultura, a gente sai, é muito mais sensível, entende? E quando chega na universidade, sempre existe aquele choque, por, como eu te falei, existem professores, existem diretores, secretários que não entendem, digamos assim, a realidade de cada um. A gente entende que cada pessoa é uma pessoa, e cada pessoa tem uma realidade, mas nós, enquanto grupo de quilombolas, existe, digamos

assim, deixar de lado em muitos momentos, vamos dizer que a gente só é visto quando, quando é cabível, quando é conveniente.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Bom, acredito que, infelizmente, a gente vai ter uma luta muito grande até que possa dizer não existe mais racismo, mas por, por enquanto, sim, existe muito preconceito dentro da universidade, existe racismo universidade, apesar da Universidade Federal do Pará, ser uma das universidades que mais tem políticas, que mais fala, que vamos dizer, é reconhecida, até por isso, né? Existe sim, isso é inegável, porque a gente sente, eu sinto meus colegas, sentem e te digo, eu sempre discuto com os meus colegas, até em pesquisa sobre nós, que no grupo que eu participo, a gente foi pesquisar com com a maioria dos alunos quilombolas daqui do campus e no final, eles podia, podiam dar um depoimento e tinha depoimento muito triste, assim, de sofrer de questões como professor, sofrer questões sobre presença de mulher negra dentro da universidade, vamos dizer, até não somente também por ser negra, porque acarreta e vem tudo junto, ser negro, ser mulher, em alguns casos, né? Ser mulher, negra e pobre, ser negra e pobre aí tudo vai embolando e digamos aumenta e multiplicando ainda mais e as situações racista e preconceituosas. E bom, acredito que dentro da universidade todas as vezes que acontece algo do gênero, por mais que a pessoa corra atrás pra entrar, tentar desenvolver um processo, tentar fazer, fazer valer a lei, tudo tem é algo administrativo, né? Então, acaba acontecendo muita impunidade dentro da universidade.

No caso, por exemplo, eu faço matemática, é muito importante, porque eu tento focar todos os meus estudos e minhas leituras pra etnomatemática, a etnociência, a etnoeducação de modo geral, ela explica muito isso.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Bom, quanto a faculdade de matemática, em nenhum momento eu me sinto representada dentro da faculdade, porque eu não tenho nenhum professor negro, eu não tenho nenhuma professora negra, ou autores que são indicados pelos textos e não temos nenhuma até o momento, nenhum professor indicou nenhum autor negro e quanto a questão dos eventos existem alguns eventos, fora que a gente é convidada a participar que acabam envolvendo a tá? Como a gente fala pela Etnomatemática, acabam chamando para participar. E quanto a Universidade Federal do Pará, como um todo, eu acredito que tenha assim muitos eventos, que são feitos por alguns professores, até pelos próprios estudantes. Por isso que a gente acaba fazendo, eu acabo fazendo uma migração, eu acabo indo participar de grupos de outras faculdades, nos quais eu possa me desenvolver academicamente de alguma forma, sem me distanciar tanto do meu eu, quilombola. É isso.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Bom, a UFPA, como já foi dito aqui, ela no Brasil, ela acaba sendo referência com relação a ações afirmativas, eu digo que porque eu já vi, já fui em outras universidades lá dentro eu vi que não existe, inclusive uma universidade que tem em seus estados, tem um número alto de comunidades quilombolas, aí pra ter o processo seletivo, pra ter a bolsa de permanência, que são todas afirmativas para que o aluno permaneça na universidade. Mas o que eu sempre vi dentro da UFPA, que apesar de

que tudo isso ia ser maravilhosa com relação a isso, é que acaba sendo que dentro de todo o processo, existe um descaso contra os alunos um descaso pra sair o resultado, existe um descaso quando esse aluno chega na universidade, pra ele poder ser recebido, existe um descaso quanto a não dar importância a esse aluno, tanto quanto os demais alunos que passaram pelos demais processos seletivos. Acredito que a gente vai ter uma luta muito grande até poder trabalhar de igual pra igual, todo mundo ser definitivamente igual pra igual a ali dentro, mas acredito que a universidade tá no caminho certo, ainda tem algumas coisas que podem ser feitas pela universidade, mas isso eu já digo mas administrativamente para que não haja ou para que diminua, né? O racismo institucional e acreditou que é isso

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

Bom, acredito que a informação, como vai ser receptiva, ela nos dá poder. É, sem informação, é impossível aprender, é impossível evoluir e poder melhorar, né?. O conhecimento ele te torna mais crítico e mais criterioso, né? Na hora de suas escolhas e de dar as suas opiniões.

8 - Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Então, hoje a informação ela tem um fluxo muito grande, e principalmente pelas redes sociais. Então, quanto ao que acontece na minha comunidade, eu me informo, pois na maioria das vezes falo com meus familiares, por ligação ou grupo de WhatsApp e Facebook. Quanto a informação, vamos lá, dizer de um cunho maior, da nossa região, do nosso país, do nosso estado, da política. Eu procuro sites de confiança, e Facebook e no WhatsApp. Aparece algumas coisas, informação eu procuro checar se aquela informação é verdadeira. Procuro também sites de confiança a todo tempo, jornais que são confiáveis.

E quanto aos recursos da UFPA, eu sinto que isso ainda não me alcança muito bem, entende? Mas acredito que é por questões de como funcionam as redes sociais, que eu não sei muito bem como funciona. E até porque ,tenho um celular que já que é única, ou a única coisa que me possibilita ter essas informações que já é de baixa qualidade, então o meu alcance de formação se torna limitado por isso. E ainda tem o problema de equipamentos e a dificuldade em conhecer certos recursos que são disponibilizados na biblioteca.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Sim, sim, eu sempre verifico em outros sites confiá-los ou como dizem, eu dou um Google pesquisando pra ter alguma noção, mas na dúvida se eu não conseguir saber nada, não compartilho, se eu não puder pesquisar, não compartilho.

10- De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

Bom, pela nossa grade curricular, nem um pouquinho, não existe nenhuma disciplina que é relacionada além da disciplina de etnomatemática, só que é uma disciplina optativa e que a gente tem, no nosso campo a gente não escolhe disciplinas optativas. A direção manda pra gente e a gente faz. Bom, no caso, a gente tem que correr atrás, no caso, como eu quero me tornar uma profissional que trabalho com o texto de cada um, eu faço a minha parte, busco, pesquisar em artigos, desenvolvidos

por essas pesquisas, em periódicos pra meu próprio conhecimento. Ai eu consigo recuperar textos que abordam essa contextualização na minha área.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Acredito que todo o nosso processo de luta, ele pode acontecer através de informação, pessoas puderam se unir, através de informação. Ah, fulano também precisa disso, eu também preciso disso, então a gente vai se unir pra ir contra aquilo, vamos de cara isso. E a informação ela nos trouxe hoje leis e nos torna cientes quanto cidadão acredito. Então, acredito, sim, que a informação, ela tem poder de mudar nossa opinião, de nos tornar, nos tornar livres, de nos tornar donos dos nossos detentores, dos nossos direitos.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

Bom afetou drasticamente, porque a gente perdeu membro da família, e nos deixou sem uma renda extra pra gente tirar o sustento, tirou o trabalho autônomo, fazendo trabalhos autônomos, E deixou essa estrutura emocional. Vários distúrbios de ansiedade, deprimidos, afetou o nosso rendimento, na pessoa., no trabalho fixo. Pois gente, eu espero que a gente possa ser mais valorizado quanto cidadão, como quanto ser humano. E, sinceramente eu espero muito isso que a gente seja visto, entende? Que todas as pessoas têm direitos e que merecem ser tratadas bem. Espero que um dia eu possa dizer que o racismo não existe. Eu sei que isso vai demorar muito, porque a gente vai lutar muito pra isso, mas espero que esse dia chegue, espero que que nos tornemos mais humanos depois da Pandemia.

DISCENTE 12

18.12.2020 11:00 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Bom, a nossa comunidade tem mais de trezentos anos de existência, né? Na verdade, é um quilombo de herança, que a gente tem, e documentos datados de mil setecentos e dez, temos eles preservada no arquivo da comunidade e a nossa associação é fundada desde oitenta e oito, e fundada ainda foi fundada em oitenta e oito com poucos moradores que aqui existiam e desde então a gente vem lutando pra conseguir manter a nossa sobrevivência na comunidade, resistência. Está certo que as lutas de antes eram menos intensas que a de hoje. Antes a gente brigava contra um, uma, uma porcentagem pequena de, vamos dizer assim, de inimigos. Hoje não, hoje a situação é muito diferente, então hoje a luta de hoje se torna muito mais, muito mais forte que a de oitenta e oito, oitenta e nove, quando houveram as primeiras derrubadas de casa dos nossos, particularmente, meu sentimento de quilombola, é de resistência, né? Porque hoje em dia tá muito difícil pros negros, pros índios, mas é particularmente falando, o ataque maior que a gente sente é da parte do Governo, né? O Governo que está posto, não nos representa, isso é uma unanimidade pra todos nós, de comunidades tradicionais, povos indígenas, na minha, no meu, na minha veia corre sangue dos dois lados, tanto indígena quanto quilombola. É, indígena por parte da minha mãe, quilombola por parte do meu pai. E não deixa de ser revoltante a situação que nós vivemos hoje em dia. Estar numa frente de luta bem, bem mais complexa, porque lutar contra uma pessoa é ruim, agora lutar contra o Governo é

bem mais complexo, e o Governo tem aliados. E a gente se alia do jeito que pode, né? Com a nossa arma, é só o nosso conhecimento, a nossa história. E o Governo não, os governos têm armas, falando não, literalmente, né? A arma a principal arma do governo hoje em dia é a caneta que a gente sabe que infelizmente ele, ele tem o poder, né? E isso daí deixa um sentimento de revolta pra nós, tanto pessoal, quanto racial assim, é revoltante, revoltante mesmo, hoje mesmo a gente estava vendo uma situação que o indígena não pode assumir a sua nomeação que foi eleito, né? Então, fica muito revoltante para meus parentes ter que submeter e recorrer à justiça, para exercer um cargo para o qual foi eleito.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

Bom, o processo de cotas pelo qual nós fomos inseridos na UFPA, que é o PSE, processo especial, processo seletivo especial pra indígenas e quilombolas, ele é nada mais, nada menos, que um direito nosso, é como se fosse uma retratação do governo brasileiro para com nosso, nossos antepassados que foram, que aqui foram explorados, porque vieram da África sendo livres e aqui se tornaram escravos. Então, essa retratação é tardia, mas é válida. E o que representa pra nós, enquanto comunidade, é uma pequena vitória. Porque a gente, a gente percebe, a gente vem lá na comunidade, procurar ingressar os nossos, os nossos irmãos em, em vários, em várias áreas diferentes de conhecimento da UFPA, temos alunos, vários em biologia, temos uma da comunidade cursando direito, entrou em dois mil e dezessete, temos em geografia, temos em administração, temos em pedagogia, matemática, história, inglês, espanhol. Então, diversificadas áreas do conhecimento, né? Nós temos representatividade do quilombo de Batatal na comunidade, lá na UFPA. E a expectativa nossa são as melhores possíveis pra gente, a gente tem, tinha, quando a gente reuniu pra entrar na UFPA, o pensamento principal é, buscar conhecimento pra fortalecer a luta aqui, no território. Então, a gente tem a missão ir buscar o conhecimento lá na UFPA, formar e fazer uma barreira de frente aqui na comunidade pra fortalecer a luta. Então, o pensamento inicial é de fazer frente de luta contra, que quaisquer que sejam os adversários, mas sabendo do que a gente vai enfrentar, adquirindo o conhecimento necessário pra enfrentar esse adversário. De novo, eu não sei se eu contemplei a sua resposta.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

O tempo que eu convivo lá dentro eu posso afirmar que todos nós levamos a nossa identidade de dentro pra fora, de dentro do território, pra lá, pra UFPA, e somos sim representante do nosso território lá, todos nós estamos engajado em fortalecer as nossas lutas e lá é um lugar que a gente percebe que é um, um grande, uma grande possibilidade de expandir essa nosso anseio de buscar parceiros pra nossa luta que a gente a gente vive hoje em dia. Então, a gente leva sim, até porque tem uma, uma associação lá dentro, né? Que é a ADQ que é a associação de discentes quilombolas da UFPA e tem a dos indígenas também que é bem ao lado da ADQ, que é a associação de indígenas dos povos indígenas na, na, na UFPA, estrangeiros também, então a gente correlaciona ali naquele espaço, né? Não fica no pavilhão C, lá no profissional, então a gente se correlaciona. Os indígenas, os quilombolas e os, os estrangeiros, a gente ganhou uma representatividade maior na gestão do então, reitor Emanuel Tourinho e isso é bem, é bem fortalecedor pra nós, pra continuar nessa nossa resistência, né? De anseios por respeito a nossa história, aos nossos direitos

e eu acho que tá bem, tá bem representado e a gente tem essa esse anseio, assim, comum de lá dentro da UFPA.

4- Existem preconceitos e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na instituição?

Existem sim, os dois, porém a instituição está atenta e focada em eliminar esses tipos de atitudes por parte de quem quer que seja. É óbvio que nem tudo está ao alcance das autoridades responsáveis dentro da UFPA.

5- Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas?

Sim, por alguns professores de vários cursos, são professores que na maioria das vezes conhecem as nossas lutas e nossa realidade, pessoas sensíveis com a causa dos outros. Mais não é uma unanimidade na instituição. Quanto aos autores negros, não conheço não muitos, somos carentes nesse quesito, precisamos de mais referências.

6- Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Em minha opinião, a UFPA tem desenvolvido ações bastante eficazes dentro dos seus limites para coibir as práticas de racismo, ou qualquer outro tipo de preconceito direcionado aos seus discentes, professores e alunos já foram punidos por essas práticas no passado e isso já é um grande avanço, considerando anos anteriores. São essas ações que fazem com que sejamos mais reconhecidos.

7- Qual a importância da informação para você e para a sociedade?

É sempre bom estarmos informados, assim todos estaremos cientes dos acontecimentos que poderiam nos favorecer ou não. Sem informação não podemos lutar por nossos direitos.

8- Como você faz para se manter informado? ENA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldade em acessar esses recursos?

Eu estou sempre procurando me manter informada através de canais de informações seguros, e também através de pessoas confiáveis as quais tem maiores possibilidades de obterem mais informações verídicas. Na UFPA, nós temos vários canais de informações, como os centros acadêmicos que dispõem de computadores com internet gratuita para os alunos e visitantes, e outros canais específicos, e também a ADQ. Eu não, não tenho dificuldade em acessar os recursos informacionais que a universidade oferece.

9- Você costuma verificar a veracidade das informações?

Sim, eu não costumo disseminar informações duvidosas.

10- De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

As informações adquiridas dentro da universidade, em muitos casos servem de base para enfrentar os vários problemas que algumas comunidades estão

enfrentando, assim que uma pessoa decide entrar na universidade, ela precisa decidir qual curso ela irá cursar e assim poder retribuir a sua comunidade no futuro.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente a violência, preconceito e desigualdade sociais? De que forma?

Sim, pois se a pessoa não tem conhecimento de algo, logo ela não pode defender ou atacar, se as pessoas se preocupassem mais em saber as causas ou os motivos dos acontecimentos alheios eu acredito que muitos fatos desagradáveis seriam poupados. Eu acredito que a informação é sim um método eficaz de combater os males que temos em nossa sociedade.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social? E quais as suas perspectivas?

A pandemia afetou principalmente a minha vida acadêmica, já que moro em comunidade, e aqui quero continuar morando, essa situação dificultou mais ainda o assimilar do conteúdo que nos é repassado, muitas das vezes não temos boa internet, nem todos temos celulares modernos, capazes de armazenar os trabalhos acadêmicos que os professores designam. Com relação a vida familiar, ela ficou muito mais forte por estarmos mais tempo juntos. Com relação ao trabalho, eu não trabalho só estudo. Já a vida social fez falta sim, senti falta dos encontros com os meus amigos mais próximos, aqueles que iam em casa pro almoço de finais de semana.

DISCENTE 13

18.12.2020 18:30 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Primeiramente boa tarde. A gente já tem acesso à internet aqui em nossa comunidade. Sobre as nossas tradições, a gente continua cultivando e passando de geração a geração. Inclusive a gente temos nossa festa tradicional do Dia da Consciência Negra. Onde os mais velhos costumam passar todos os conhecimentos sobre danças, apresentações, algumas coisas mais da ancestralidade pra que não acabe essa tradição de nossa remanescência assim passamos de geração em geração.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

O processo seletivo especial foi uma luta muito grande, e no início do processo seletivo especial a nossa comunidade não sabia, aí depois a gente foi se comunicando, que foi tendo acesso mais a internet, as informações sobre a faculdade foi aonde a gente teve acesso a esse, a essa informação que tinha o processo seletivo especial, que dava direito aos quilombolas indígena, ribeirinho a ter uma vaga na faculdade. É, sem dúvida nenhuma, nossa comunidade se sente muito privilegiada em ter vários estudantes em graduação, em várias áreas como eu faço enfermagem, no direito, aí tem a (XXXX) também que faz direito, tem muitos outros em outros em outros polos, temos estudante em Bragança e em Castanhal e no polo de Belém. A gente se sente muito privilegiado em saber que vamos ter futuros profissionais especializados em nossa comunidade, para poder então ter mais acesso a todo tipo de informação e conhecimento, e nós que estamos graduando pretendemos não só graduar como muitas pessoas, os professores relatam que muitos estudantes ao

concluírem o curso não querem mais voltar a sua comunidade. Eu falando por mim, particularmente, eu sinto um nó no meu coração que a minha comunidade me ajudou muito, minha família, que quando eu concluir meu curso, terminar minha graduação, não irei continuar estudando se Deus, assim permitir e pretendo ajudar minha comunidade com todos os meus conhecimentos adquirido, não vou abandonar de forma nenhuma minha comunidade, assim todos nós prometemos que quando fomos submetida a fazer essa prova, eles falaram que se nós tínhamos a responsabilidade e o dever de voltar a nossa comunidade depois de graduado. Aí todos nós concordamos que sim, e também temos uma graduanda em dança, ela está terminando a graduação dela em dança, ela já tá já tá dando sua contribuição pra comunidade, ela dá, passa algumas aulas de dança, isso é uma contribuição muito grande pra nossa comunidade sendo que nós temos algumas danças típicas e só tá ajudando bastante no desenvolvimento pra que a nossa ancestralidade, pra que nossa ancestralidade da nossa cultura, não pare, isso é um fator muito importante, eu assim como futuro enfermeira se deu se Deus assim permitir, quero voltar a minha comunidade com intuito de conseguirmos um posto para nossa comunidade. não só com o egoísmo de atender, somente a nossa comunidade, mas sim todos aqueles que se sentirem mais próximos e se sentirem por necessidade em querer estar, em precisar de do nosso posto, estaremos lá de portas abertas pra receber qualquer tipo de pessoas pra ter o melhor cuidado de todos a nossa população.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

E na minha instituição, não só na minha, mas eu, a gente sempre faz uma, uma assembleia com todos os universitários aqui, nossa comunidade, a gente debate muito sobre esse assunto, de nós termos respeito, de nós sermos respeitado e também respeitar as diferenças e indiferenças das pessoas. Não só nossos quilombolas, como os de indígenas e ribeirinho. E porque nós somos um povos tradicionais, cujo temos tem mais oportunidades que outros, tem uns que tem mais acessos que outros cujo tudo isso a gente vê um respeito e um diálogo muito grande entre os docentes e os discentes. Isso a gente debate muito em nossas reuniões, que a gente costuma fazer em nossa comunidade, depois de cada fechamento de semestre, a gente costuma realizar essa assembleia pra que possamos discutir o que tá faltando e o que tá sendo bem colocado para melhor desempenho dentro da instituição. E está sendo muito satisfatório esse resultado sobre essa relevância de sermos respeitado e termos aprendido primeiramente a respeitar, né? Porque quando a pessoa se diz ai respeito. Não adianta uma pessoa pedir respeito, pedir pra ser tratado de uma forma boa, sendo que ela não trata. Então, a gente passa esse respeito, esse carinho para receber então a nossa contribuição também da mesma forma. Então, está sendo um resultado muito satisfatório.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

A gente percebe muito que a gente é notado com indiferença por conta da gente ter entrado na faculdade por conta de um processo especial, um processo seletivo especial a gente vê que é visto de uma maneira com carência, como se a gente não tivesse o mesmo empenho de passar por um processo seletivo dito normal, como pelo ENEM, entre outros. Existe muito essa indiferença por conta disso, por outras pessoas que entraram pelo processo seletivo, não especial, não de forma específica da forma do processo seletivo especial, eles querem se denominar uma pessoa de uma classe

mais elevada, digamos assim, querendo se denominar mais inteligente do que nós que entramos pelo processo seletivo especial. E em relação a isso, eu no meu, no meu psicológico, eu não me deixo abalar em momento algum por uma pessoa querer se achar mais inteligente do eu, porque nós nunca sabemos de tudo, nós estamos no mundo pra aprender e o mundo ensina muito, de várias formas. A gente aprende não só na faculdade, não só nas escolas, mas a gente aprende muito também no dia a dia e isso eu aprendi e cultivo muito por conta disso pra não abalar o meu psicológico, porque eu vejo muita eh os indígenas, eu tenho quatro amigos indígenas que estudam enfermagem junto comigo e eles tem dificuldade em falar o português Isso acontece, eles são denotados quando na hora de uma apresentação a gente percebe aqueles, aquelas risadinhas de deboche por conta dele não falar um português claro, aí eles acham que os eles estão falando erradas, como se fosse analfabetos, mas não. Essas indiferenças existem sim, como na UFPA é uma comunidade muito diversificada, temos povos estrangeiros, temos povos tradicionais, dentre outros uma comunidade bem diversificada. E enquanto a isso é essa conotação que eu percebo, só esse tipo de indiferença mesmo.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Sim, me sinto representada por saber que não só a minha comunidade, mas também outras comunidades quilombolas estão sendo contempladas em ter a oportunidade de pôr membros de sua comunidade e fazendo parte das, da família UFPA. E de forma uma, muito, é um privilégio muito grande em ser, me sinto muito representada, sabendo que temos a doutora Zélia Amador, dentre outros profissionais que não me lembro os nomes agora, e já vejo muita graduação de quilombolas, de certa forma, me sinto muito representada sim com isso, é uma força muito grande que a gente ganha em ver que povos tradicionais também, apesar de ter muitas dificuldades como as outras pessoas, não só os povos tradicionais, tem também, mas é uma forma da gente firmar e ter força, coragem e aumentar mais ainda a fé, sabendo que a dificuldade existe em tudo, em qualquer lugar, não só nos estudos, mas em outros âmbitos também, uma forma da gente ver que uma pessoa lá na frente conseguiu. Por que você não vai e irá conseguir? Você também pode conseguir o que você almeja. Isso é uma forma de representatividade sim. Me sinto muito privilegiada em fazer parte da família UFPA e me sinto muito representada. Inclusive, no primeiro semestre, os povos tradicionais, nós fomos muito bem acolhido pela professora do ICB, (XXXX), e ela fez uma representatividade muito grande, acolhimento com os povos ribeirinhos, quilombolas e indígenas. Foi muito bom, muito gratificante, muito acolhedor e fortalecedor também. Como forma de persistência pra gente lutar pelos nossos objetivos e ideais.

E também é muito prazeroso ver que cada vez mais as temáticas sobre assuntos, medicamentos, essas coisas estão sendo pesquisas, estão sendo cada vez mais explorados em comunidades quilombolas, em Aldeias Indígenas, em comunidades ribeirinhas, a extensão de pesquisas estão sendo cada vez mais voltadas a esse povos. Então, é uma representatividade muito grande, e uma forma de sentir todo mundo incluso. Ah, a gente vai pesquisar em tal canto, porque lá tem um campo mais amplo, mais, não, graças a Deus agora tamo sendo incluídos em tudo, tanto no nos âmbitos de pesquisa, em tudo. E tem um destaque maior por conta das suas plantas medicinais, né? Então, eles têm uma visão bem ampla, estão sendo bem explorado e nós quilombolas também temos essa, essa tradição de plantas

medicinais, essas coisas também. Então a gente tá tendo esse reconhecimento e isso tá muito, isso tá sendo muito fortalecedor, enriquecer dentro do, da minha área.

6- Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

E o sim de fato o PSE é uma ação afirmativa muito importante não só para os quilombolas como para também os outros povos tradicionais que isso de forma levou uma relevância muito grande em disponibilizar acesso a nós povos como a renda per capita muito pequena, de certa forma, eu particularmente, jamais é uma palavra muito forte, né? Mas assim, uma graduação em enfermagem eu não sei se eu ia ter outra possibilidade a não ser por esse meio. E também é de forma muito gratificante que eu vejo não só o PSE, mas também outras formas de inclusão, que eu acho uma coisa muito importante e admiro muito, são os estudantes especiais que tem suas deficiências, porque tem muitas pessoas que tem deficiência e não são inclusos, nem em escolas, e aí eles não vão ter como serem incluídos nas escolas, eles não tem acesso a não vão ter, não vão ter oportunidade de ter acesso a uma universidade também. Então, é uma importância, uma coisa muito bonita que eu acho essa inclusão. E eu acho lindo o respeito também da universidade sobre esses deficientes, essas pessoas especiais. E não só deficiente físico, como deficiência visual, mental Eu acho muito lindo, muito lindo e admiro muito essas pessoas que não desistam por ter uma deficiência de estarem ali lutando por seus ideais, e eu achei melhor, mais lindo ainda, a universidade, abrir a portas e dar essa oportunidade não só para os quilombolas, mas também pra essas pessoas especiais.

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

E como a senhora colocou a informação hoje em dia, infelizmente por algumas pessoas não é aproveitada de forma positiva. Infelizmente as pessoas tem acesso à informação, mas não tem o interesse de buscar saber de fato se aquela informação é verdadeira ou não, se de fato aquela informação vai ter alguma relevância positiva no seu futuro, no seu desempenho. E a informação pra mim é uma coisa muito importante tanto que eu busquei sempre logo no início que a gente teve acesso à informação do PSE, eu estava no finzinho do ensino médio, no terceiro ano do ensino médio e foi de forma muito relevante e positiva para o meu intuito e meu desempenho, tanto que a vontade da gente fazer uma graduação, ingressar num curso superior, no ensino superior, é uma coisa tão pessoal que, de certa forma, tem pessoas que, ah, eu vou só terminar o ensino médio por, por terminar, porque minha mãe fica enjoando, fica em cima de mim falando, toda hora no meu ouvido, porque tem muitos adolescentes que a gente, infelizmente, ainda ouve muito isso, esse tipo de argumento que só tá estudando porque a mãe quer, a mãe obriga, sendo que o conhecimento não vai ser uma arma pra mãe, vai ser pra si próprio. A minha família sempre me diz que o estudo que eu estou adquirindo vai contribuir muito pra família toda, mas vai contribuir mais ainda pra mim, no meu empenho, na minha área de atuação, vai ser uma forma de devolver a informação que eu tive de forma importante, cuidando das pessoas. Então, a informação que eu adquiri é uma coisa muito importante pra mim, no meu ponto de vista, sendo que eu tive a de que eu tinha a oportunidade que eu tive, né? A oportunidade em ter uma graduação e fui atrás, consegui a vaga pra mim fazer a graduação e eu tenho uma expectativa muito grande de poder também, de certa forma, no futuro, retribuir essa, passar também informações sobre o meu conhecimento para as pessoas, não só da minha comunidade, como da minha cidade

e de quem mais precisar de mim. Estarei apta a passar todas as minhas informações que outras pessoas passaram suas informações pra mim.

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

É assim, no geral, como eu coloquei, a gente procura, a gente agora tem acesso a várias plataformas de, de mídias sociais. Então, essa é uma das formas de que eu utilizo muito via WhatsApp e Facebook e na UFPA. Temos na minha turma, não só na minha, mas em todas acredito que tenho representante de turmas, eles costumam passar algumas informações muito relevante pra gente e também temos a associação ADQ que representa muito bem a comunidade quilombola dentro da universidade, as comunidades quilombolas, né? Dentro da universidade e também a gente tem o nosso grupo do WhatsApp daqui da nossa, só os membros daqui da nossa comunidade e também temos um grupo também de quilombolas da área da saúde, e também temos um grupo geral de quilombolas. Então, lá quem tem acesso a informações vai jogando nos grupos, a gente vai se mantendo informado, a gente faz um compartilhamento de informações. Então, no geral, a gente se mantém mais informado, assim, via rede social, WhatsApp, sobre as vias de computação, eu tenho curso de computação básica, não tenho computação avançada, mas sei e consigo acessar alguns tipos de informações em plataforma de computador.

E sobre como nós fazemos pra adquirir conhecimentos e novas informações, a gente busca leitura, jornalismo, que também a gente tem Graças a Deus já tenho acesso a internet.

E utilizo sim, tanto na biblioteca da faculdade, quanto em bibliotecas virtuais, eu graças a Deus consigo ter acesso, infelizmente alguns colegas não tem acesso por conta de não ter acesso a internet e também de não saber usar as plataformas, eu consigo não conseguia antes, mas agora eu consegui me adaptar mais ainda. E utilizo alguns meios de plataformas e bibliotecas virtuais e estou conseguindo me desempenhar e elaborar alguns trabalhos acadêmicos dentro dessa plataforma de bibliotecas virtuais. Já tive muita dificuldade nos primeiros semestres, mas agora já está bem melhor, mais já está, já estou bem mais estabilizada em relação a isso.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Sim, não só eu, mas como todos os universitários aqui da minha comunidade, a gente costuma trazer, tipo uma informação relevante para a comunidade universitária, a gente faz uns debates no grupo e algumas pessoas procuram, a gente se divide em partes pra gente saber a fundo sobre a informação que foi, não só sobre as informações em relação a universidade, mas sim sobre qualquer informação que a gente adquire e absorve de forma duvidosa. A gente costuma e fazer umas elaborações, umas análises se de fato a informação tem veracidade.

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

E sim, nós estamos tendo toda essa preparação pra gente sermos um profissional bem equipado, bem, bem com uma dinâmica bem ampla. A gente não tá sendo pra ser somente um enfermeiro, a gente pode ser um futuro professor, a gente pode ser um futuro enfermeiro, a gente pode ser o futuro agente da Vigilância Sanitária pode ser um futuro palestrante, levar diversas informações a outros povos, não só no

Brasil como em outros lugares, com uma diversidade bem grande a gente tá tendo sim esse apoio, esse acesso a contextualidade de que a gente não está sendo capacitado pra ser somente uma espécie de profissional, acordo com a diversidade e dinâmica que existe, a gente pode atuar em diversas áreas que a gente deseja atuar, a gente tá sendo sim capacitado para levar essas informações e não só essas da nossa área, como outras também, a gente vai sair se Deus quiser bem apto a levar informações e contribuir para todos e para todas.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

E a informação ela é uma arma muito poderosa e inclusive ela pode ter efeitos positivos, negativos, e pode colaborar para desencadear nesses panoramas no qual a estamos mentiras, depende muito da forma de como ela vai ser jogada nas mídias e também de forma como ela vai ser absorvida pelas pessoas que vão ter esse acesso a elas. Isso muito nesse tipo de comportamento no qual as pessoas vão desenvolver depois dessa informação, de absorver essas informações, que a informação ela pode, ela é muito importante, mas se uma informação mal dada, mal informada, ela pode trazer muitos malefícios pra uma pessoa, pra uma sociedade, pra uma comunidade em si.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

E de forma acadêmica ela afetou de uma maneira muito grande, sendo que a gente tá perdendo muita aula prática, a gente tá tendo acesso somente através do remoto, tendo somente aula teórica e isso tá sendo de uma forma muito prejudicial, não só pra para graduando em enfermagem, mas pra tantos outros que não estão podendo ter os seus estágios, suas aulas práticas. Então isso tá sendo muito prejudicial em relação a minha família graças a Deus, na minha família não teve nenhum caso, espero que não tenha nenhum exame positivo em relação a covid19. E então tá sendo prejudicial assim, a gente não pode estar visitando as famílias. E na vida social, afetou de forma que a gente não pode estar tendo um lazer como a gente tinha, a gente não pode estar saindo, né? Então, está sendo prejudicial assim, mas como é pro bem das pessoas , de si próprio e da família e dos amigos, a gente tá mantendo essa forma. Em relação ao trabalho eu, a minha faculdade é integral, então não tenho tempo de trabalhar, infelizmente esse é um ponto negativo. Então, de certa forma não me prejudicou tanto no trabalho, porque eu não tive a oportunidade de trabalhar por conta do meu curso ser integral.

E espero que essa vacina dê tudo certo para que as nossas vidas possam voltar ao dia do normal, né? Que dia normal não tem nada, a gente vive na correria, vive no alvoroço do dia a dia, mas espero que esse cotidiano volte de forma que a gente possa estar todos juntos de novo, como sempre foi, para que possamos ter todo a liberdade que a gente tinha, de sair, de ver os amigos, estar junto da família, que infelizmente eu estava vendo umas análises de pesquisa que mostram alguns idosos, não só idosos como crianças também foram mais prejudicadas em relação ao corona por conta de não terem acesso a família, como eles tinham antes visita de netos, netos visitando os avós, avós visitando os netos. E eu quero que tudo isso acabe para que o psicológico, não só das crianças e dos idosos, como de todos nós. Fica muito abalado, psicológico, por conta do medo que a gente adotou, de estar querendo ir visitar uma pessoa mas não ter de fato relevante uma coragem pra ir, com medo de

prejudicar a saúde, não só da gente como da pessoa, né? Eu quero que tudo isso acabe com fé em Deus, nós vamos sobreviver desse fato releva.

DISCENTE 14

18.12.2020 19 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Bom, a minha comunidade ela é formada, ela foi formada por um conde que teve três filhos, três Marias e deixou essa terra pra três filhas dele, como herança. aí eu tenho bastante contato com a com a história da minha comunidade porque o meu avô sempre contava pra gente a história, meu avô, meus tios, eles sempre contavam a história, aí com o tempo a gente percebeu que estava se perdendo. A nossa comunidade ela tem até um livro que foi escrito aqui que é da professora Rosa, que ela também é professora da UFPA. E aí que foi que fez com que a gente tivesse mais, a gente tivesse mais informação, porque muita coisa era só contada e elas conseguiram documentos que provavam isso. Mas aí, agora, os idosos que contavam as histórias pra gente, eles estão, eles estão partindo né? Aí agora a gente tá tentando documentar tudo, fazer documentário, mas isso tudo é uma questão de processo, né? E é lento, porque a gente busca parceiros, mas a gente tá caminhando pra conseguir guardar toda essa história, além da cabeça, né? No caso aí com tudo isso a gente está tentando resgatar a cultura da comunidade, porque muita coisa se perdeu, porque nossa comunidade ela é uma comunidade que ela vive, ela é muito próxima da cidade, então ela sofre muito de influência. E hoje graças a Deus a gente está conseguindo resgatar a nossa cultura, as atividades, na comunidade.

Bem, a comunidade quilombola de Abacatal, ela fica localizada no município de Ananindeua, aqui na região metropolitana de Belém. Nós estamos localizados na Estrada do Aurá, no quilômetro oito. Fica bem pertinho do centro e muitas pessoas não conhecem, apesar de ser tão próximo da cidade, mas poucas pessoas conhecem.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

Essa conquista, nossa, eu não consigo mensurar o quão foi importante, porque a gente sabe que é muito difícil pra nós que não temos condições financeiras de frequentar um cursinho, de nós estudamos sempre em escola pública, o ensino da escola pública ele é muito precário. E essa conquista de nós conseguirmos entrar dentro de uma universidade federal, de uma universidade pública, nossa, eu não, eu queria ter palavras pra te descrever o quanto isso foi importante, porque hoje, apesar de poucos terem formado, poucos, são duas alunas da comunidade que já formaram, nós, como discente, nós já estamos contribuindo pra nossa comunidade, sabe? A gente já ensina que a gente tem, que ainda é pouco, porque muitos estão começando, mas a gente já consegue contribuir, nós já conseguimos dar retorno pra comunidade, sabe? E isso não tem nada que pague isso, sabe? Porque a nossa comunidade, ela está sofrendo, ela sofre muito com os impactos, impactos do progresso. Então, a gente precisa estar se respaldando de tudo, da ciência e a gente só ia conseguir isso estando dentro da universidade, ocupando esse espaço que é nosso por direito.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

Quando eu entrei em dois mil e dezessete eu não via tantas coisas assim pra preservar, mas aí logo eu entrei, logo em seguida foi instaurada a associação dos discentes quilombolas, aí eu fui vendo que com luta a gente tá conseguindo fazer com que as nossas, a nossa cultura, ela seja preservada dentro da universidade. E uma coisa que eu acho, cara, eu acho muito importante, é que o atual reitor nossa, ele, ele apoia muito, sabe? Eu vejo assim, né?.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Eu, particularmente, eu nunca sofri, né? Nenhum tipo de preconceito, nenhuma, nenhum tipo de discriminação, graças a Deus. Mas a gente sabe que tem, né? Eu conheço, eu tenho colegas que já sofreram preconceito não só por parte dos alunos, como dos professores também. E a gente sabe que tem aquele preconceito velado também, casos de pessoa fala mal dos alunos quilombolas e o aluno ter que responder, sabe? É uma coisa, eu nunca passei, mas eu sinto muito por quem passa. Consigo ver que a gestão, né?, ela se preocupa bastante com isso, mas eu acho que deveria ter mais, mais debates sobre o assunto, porque os casos de preconceito, Deus tem aumentado, né? Não só, eu falo da questão, não só da, da universidade, né? Então, a gente tem que, eu acho assim, que a gente tem que cuidar dos nossos como uma instituição, pra que essas pessoas não saiam por aí sendo esses outros, né? Esses agressores. Então, eu acho que sim, deveria ter, mas, deveria ter mais, mais debate sobre o assunto.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Queria muito ter no meu instituto. Queria muito mesmo. Só que eu não consigo ver alguém assim, não tenho, mas fora tenho a professora Zélia, professora Zélia Amador, que pra mim, uma mulher é uma deusa, sabe? Eu admiro muito tenho como inspiração. Meu sonho de é ser metade do que a professora Zélia é.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Acho que precisa de mais ações, mais ações com debates.

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

A Informação é super importante, né? E principalmente nos dias de hoje, em que a gente vive rodeado por fake News, né? Onde as pessoas manipulam, manipulam as notícias, manipulam fatos pra colocar do jeito em que elas acham que deveria ser, pra distorcer as coisas. Então, informações bem passadas, sem manipulação, eu acho que é muito importante pra todos, não só pra mim, mas como pra sociedade em geral. Para que nós possamos realmente ter progresso.

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Na universidade eu utilizava a biblioteca? Agora a gente não pode, não tá frequentando muito a biblioteca, era assim o que eu mais utilizava. Mas eu agora só as redes sociais, né? O portal da UFPA e as redes sociais que têm Instagram, e eu particularmente pra mim informar, eu assisto televisão, assisto o jornal, né? E por através da internet, porque aqui não pega muito sinal de telefone, mas a gente

conseguiu uma internet que dá aqui. Então, a gente pode não conseguir fazer ligação, a gente consegue ter acesso, é precário. É porque quando chove, para de funcionar, mas quando tá tudo bem, funciona, quando o tempo está bom, funciona. Mas é assim.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Sinceramente antes eu não fazia, eu não tinha cuidado com isso, mas agora de um tempo pra cá eu faço, porque vou ser bem sincera, a partir de quando começou a candidatura do Bolsonaro foi algo assim, sabe? Que eu vi uma disseminação de mentira, ditas fake news. Que era algo que me incomodava. Então, antes eu, Ellen, falar qualquer coisa, de ler uma reportagem e falar de aquilo, tenho que saber se aquilo é verdade. Então, eu procuro ir além do que me mandam, eu procuro ver em outros locais, sites de confiança, jornal, essas coisas pra eu poder repassar, porque senão vou estar sendo a mesma coisa do que eu não gosto.

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

Eu acredito que sim, na verdade já utilizo né? Do conhecimento que é adquirido, em lutas da comunidade, eu acredito que sim. Em questão do que eu vá contribuir, eu acredito tenho muita vontade de buscar, fazer com que as pessoas utilizem comecem a utilizar novamente dos remédios, caseiros, né? Que a gente sabe que são muito importantes. Então eu quero muito trabalhar isso, eu acho que como bióloga eu vou poder ajudar dando orientação na minha comunidade pra trabalhar com as crianças, trabalhar com jovens, com os adultos, fazer com que tomem consciência do dos seus direitos, dos seus deveres como cidadãos, em benefício do meio ambiente, e nas coisas nossa tem tantos plantamos.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Primeiramente a gente tem que fornecer educação de qualidade pros pequenos. A gente tem que educar desde o começo. Educação de qualidade para as crianças, porque como um dos meus avós, é do pequeno que se faz o grande. Então, se a gente educar as crianças, ensinar, o que é certo que é errado, falar sobre preconceito, sobre a discriminação, até mesmo sobre a questão de sexualidade. A gente vai conseguir fazer com que quando essas crianças sejam adultas, elas tenham respeito uma com as outras. Informando, não é influenciando, não, a informação não influencia, ela te dá conhecimento. pra mim é isso, né? Pelo menos pra mim. É. Você entende, eu tinha uma ideia sobre assunto e você vai criar sua própria ideia sobre aquilo, então eu acho que é assim.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

Foi muito difícil porque a gente iniciou, né? Com tudo isso, depois de muito tempo, a gente iniciou o ensino remoto e está sendo, muito difícil que a gente tem a dificuldade da internet de acessar, né? Porque como eu te disse, É geralzão, cai a internet, aí a gente tem que gravar aula pra apresentar, coisa que a gente nunca fez, sabe? E aí a gente vai aprendendo a fazer e as trancos e barrancos, mas tá indo. E isso foi muito difícil, porque tem alguns, alguns casos, em que o professor só joga e não dá aquele apoio que ele dá na sala de aula. Porque ele acha, não sei, está difícil, né? Está sendo muito difícil essa questão.

Eu espero que as pessoas se valorizem. Valorizem a ciência, valorizem o ensino. Porque coisa que a gente vê que muitas pessoas não valorizam hoje são essenciais. Então eu quero, é isso, eu quero que a nossa vida útil normal, que tudo se encaminhe. E é isso, eu acho que é isso. Igualização, reconhecimento pra todos e respeito acima de tudo.

DISCENTE 15

28.12.2020 15:00 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Boa tarde, é assim a minha vivência , é dentro da minha comunidade, é a minha família vem de um lar evangélico e nós enquanto eu vivi dentro da minha comunidade a gente sempre participou de atividades na igreja evangélica, é cultos, cerimônias na igreja, assim nunca a gente saiu da igreja e sempre desenvolvíamos um papel dentro da igreja, e a minha mãe trabalhava com assistência para ajudar algumas famílias com cestas básicas, roupas esse sempre foi um trabalho que a gente tinha, questão de trabalho na comunidade a minha mãe e o meu pai em relação a nosso sustento, para se manter era a questão do açaí, meu pai também trabalhava na olaria, mas agora essas práticas em relação a olaria se diminuíram. Mas a gente está no açaí, é em relação ao açaí, cultivo do açaí, plantio, depois a questão do apanhamento, apanhamos e vendemos para conseguir nos manter. E na comunidade a gente continua com esse mesmo papel em relação a atividade cristã, ao longo disso tudo a minha vivência dentro sempre foi um lar evangélico, a minha família também . A gente nunca teve experiência , a gente fazemos outra coisa, isso não nunca tivemos, estudávamos em escola em Itacuruça, de uma comunidade remanescente quilombola e conclui meus estudos de ensino médio, estudo modular, muito quebrado, com a falta de professores. Ficava sem aula. Essas foram as minhas vivências.

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

Olha a nossa entrada na universidade ela significa muito para a nossa comunidade, uma vez que nós não tinham essa oportunidade, uma vez que nós não temos um ensino médio adequado, que nos ajude. Foi com muita dificuldade e muita luta que a gente conseguiu entrar nesse PSE, especial ele é uma conquista muito grande dentro da nossa comunidade quilombola, é pra todos os remanescentes, é uma felicidade tamanha, que agente que leva de saber um orgulho muito grande de saber que a gente vai tirar o nível superior, saber que vai poder retornar e dar um retorno pra nossa comunidade, dizer que os nossos estudos não valem só pra gente, ele é um coletivo, não é só pensando em nós , enquanto individuo, mas pensando no coletivo que ele vai fazer com que muitas pessoas vão se beneficiar dele, e com objetivo que a gente volte e ajude aqueles que precisam e também mostrar que eles podem entrar , dizer que eles tem total autonomia pra chegar onde eu estou agora. É o que planejo, são objetivos que quando a gente entra passa a traçar na nossa vida.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

Olha hoje dentro da UFPA é sim preservado né, nós temos a ADQ associação dos discentes remanescentes quilombolas tanto na UFPA de Belém como de Abaetetuba, que é o campus que eu estou , agente participa de reuniões e oficinas

que nos instiga a preservar nunca deixar morrer as nossas raízes e sempre manter acesa, dentro lá da universidade, nós temos um espaço tanto em Belém que nos foi cedido pela UFPA, e também no campus de Abaetetuba, uma sala que nós temos vários objetos que nos fazem lembrar tudo aquilo que já vivemos e já passou e um pouquinho da nossa comunidade dentro da universidade, temos sim movimentos para que as pessoas venham a saber e conhecer nosso papel dentro da universidade por que nós chegamos, como nós chegamos esse papel é muito importante para não parecer que isso foi algo nos dado de mão beijada, entendeu, isso não foi, foi a partir de muita luta, muito esforço, foi através de nossos ancestrais, de uma grande luta que nós conseguimos chegar onde nós estamos hoje.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Eu vivi e tenho conhecimento que outros colegas também que viveram preconceito lá dentro, por sermos quilombolas, por nos autodeclararmos. Porque as pessoas elas sempre acham que a gente entrou lá caiu de gaiato no navio, está lá porque nos foi dado algo que a gente nem merece estar lá, eles acham não deveríamos estar lá, mais só nós sabemos o quanto nós lutamos, os nossos ancestrais lutaram. Nós temos algumas rodas de conversa é abordado sobre preconceito étnico-racial dentro da UFPA, porém tem muitos que nos julgam, tem outros que nos estendem a mão, são amigos são solidários e abraçam a nossa causa, estão junto com a gente, lutam com a gente, mas tem outros que não, tem outros que simplesmente nos olham com olhar totalmente diferente, totalmente julgador.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Eu me sinto muito representada por alguns professores é uma das professoras é a professora Zélia Amador, tem mais uma professora que eu estou esquecendo o nome agora não lembro o nome dela, a professora Zélia não me deu aula, mas a outra professora sim, acabei esquecendo o nome dela no momento, elas são as pessoas que mais levam a sério mesmo a nossa identidade, nós deixam muito felizes e nos sentimos muito representados sim com algumas professoras e professores da UFPA.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

As ações referentes aos auxílios tem nos ajudado bastante, é muito bom, se nós não tivéssemos esses auxílios, de grande importância para nos manter nos cursos porque se nós não tivéssemos esses auxílios por exemplo nosso auxílio moradia, mas eu não tive este ano, está sendo mais dificultoso para mim, eu não consegui ganhar, eu fui indeferida por falta de documento que eu acabei esquecendo de colocar, mas que nesse ano que passou me ajudou bastante tem me ajudado é o outro que tem me ajudado é auxílio de permanência que é de [REDACTED] que a gente ganha, que é algo que pela graça de Deus tem nos mantido, porque pra gente viver dentro de uma cidade pagar aluguel não é fácil, não é fácil de sair do nosso conforto né, de casa para vir para outra cidade muitas das vezes sofrer preconceito, sofrer pressões psicológicas porque a gente sabe que dentro de uma universidade não é fácil, você sofre também com pressão psicológica de professores que muitas vezes eles não te entende, não te compreende entendeu. Claro que tem muitos professores que eles são bons, relevam, te ajudam, colaboram com a gente, mas tem professores que não. Eu estava comentando com uma colega nossa que eu tive muita dificuldade no

ensino remoto, emergencial , um professor que eu peguei ele foi muito ignorante ele foi muito rude , ele disse que seria flexível e não foi, eu achei muita falta de respeito dele. Mas eu tive pessoas e professores que foram bastante flexíveis quanto ao nosso estudo, quanto a nossa identidade, sabe, de onde a gente veio, por que a gente é assim, porque nós falamos do um jeito diferente. Em outra situação esse ensino remoto foi muito difícil. Sem esses auxílios nem sei o que seria de nós.

7 - Qual a importância da informação pra você e pra sociedade?

A informação de um modo geral relacionada a qualquer assunto eu acredito que quando chegar a informação pra gente dentro da nossa comunidade ela se torna algo bem adquirido, pois no momento que a gente não conhece as informações se torna muito difícil para todos. Mas quando se conhece e aparece a informação temos mais condições de acesso a outros assuntos .

Como ainda temos pouco acesso a informações, muitos de nós pensam que ajuda muitas das vezes dos políticos elas são dadas por eles, quando na verdade nós temos o direito de receber, de ter auxílio, de várias coisas que são direitos nossos, que eles acabam tomando pra si, dizendo que eles é que dão e que estão proporcionando pra gente , quando é uma total inverdade, nos, enquanto comunidade muitas vezes a gente não tem acesso a essas informações .

Agora que estamos dentro de uma universidade nós já conhecemos o que é direito nosso, entendeu, o que é de direito nosso, temos recebido e aquilo que eles impõem e dizem que são eles que estão dando. E nós estamos fazendo os nossos, da nossa comunidade saberem. Hoje não consideramos o nosso povo tão desinformado. A informação está chegando, nós estamos levando e dando essa informação para os nossos, isso é muito bom. Por isso acho que a informação importante.

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

A informação pelo menos pra mim só foi possível através da universidade, através da UFPA, porque antes eu e os meus, achamos que não tinham direito, é direito nosso, hoje já conseguimos ter acesso, ainda está um pouco limitado, mas a gente tá indo, devagar a gente tá indo conseguindo as informações. As dificuldades em acessar os recursos no início tínhamos bastante , agora estamos aprendendo devagar, tive agora o auxílio digital, que agora a gente tem o tablet que me ajuda bastante nas pesquisas e no próprio ensino remoto, na vídeo aula, é muito bom pra gente. Estamos usando whasap, facebook e email.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

Olha às vezes sim , às vezes a gente acaba cometendo alguns erros, de passar a informação que acaba não sendo verdade , a gente é passível de erros, somos seres humanos nem sempre as vezes a gente aguarda para ter tipo uma confirmação, gente acaba passando né, é aí às vezes a informação ela não é verdadeira , mas quando tem um tempo aí a gente verifica pra gente também não passar a informação errada. Para depois não termos problemas ou então as pessoas irem passamos errado. Se estiver errada, e depois recebeu a certa a gente sempre corrige o erro, se é mentira, se foi fake e não procede vamos checar a gente está checando qualquer informação que vai passar depois é assim que funciona né. As vezes a gente acaba não checando e vai passando mais quando a gente tem tempo a mais, a gente acaba checando e

verificando se é verdade para não passar uma informação errada. Como a nossa vida é pouco corrida muitas vezes a gente nem tem tempo de verificar com mais veracidade as coisas repassa somente as informações que são verdadeiras, tenta não passar o que é errado.

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

Em relação ao meu curso eu acredito que as políticas sociais, que a gente tem aprendido acredito que eu vou poder ajudar é levar para minha comunidade, muitas das coisas que a gente tem aprendido do que é direito nosso, e dever daquele que está à frente de um de uma prefeitura, de um de um de um órgão do governo do que a gente hoje a gente pensava que era dado, não isso é direito nosso. Eu acredito que essas informações que a gente tem adquirido que está levando para o nosso povo. E dizer pra eles que não isso, daqui não é não são eles que dão porque você necessita, não isso, é direito seu entendeu. São coisas que antes a gente achava que era dada sim, muita das vezes é o vereador ele vai lá e se aproveita dizendo que por exemplo foi ele que deu, não isso aí é direito do cidadão é direito daquela pessoa que não vai ter condição de pagar no funeral, muitas das vezes os políticos acabam se aproveitando disso por exemplo pra quando chegar uma eleição, hora que eu te ajudei com isso, então olha é aquele bolsa família lá foi eu que dei pra ti, eu que te ajudei, não é verdade é direito nosso, entendeu. Então acredito que todo conhecimento que eu tenho adquirido é pra levar pra nossa comunidade. E no meu curso, enquanto estudante de serviço social eu creio que poderei contribuir muito, tanto com informação como com o meu trabalho dentro de alguma instituição lá na minha comunidade, seja no CRAS, seja no espaço de saúde, seja dentro de uma escola. É a gente sabe que o serviço social ele atua nessas áreas, seja na área da educação da saúde ou na área da própria assistência no CRAS, acredito que a gente está aí pra lutar também poder defender meu povo.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Eu acredito que sim, esse poder da informação ele garante muita coisa para as pessoas, a gente passa a saber de coisas que não sabíamos. Conhecendo nossos direitos poderemos combater a violência, o preconceito e as injustiças sociais.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social. E quais as suas perspectivas?

A pandemia afetou em todos os âmbitos né, familiares, no estudo tudo, a nossa perspectiva este ano é que a gente possa vencer esse mal, é porque a gente perdeu muitas pessoas queridas, muitas pessoas queridas mesmo. E dentro da universidade como eu falei no outro áudio anterior está sendo bem difícil é em relação estudo, por quê é algo que a gente está aprendendo, aprender em todos os âmbitos informacionais, estamos levando não é algo que tem sido assim é está tentando levar como pode, no âmbito familiar sofremos muito, hoje está fazendo 2 meses que minha avó se foi, fora os amigos que a gente perdeu, então esse momento é muito difícil, muito difícil, amigos que foram também, e a gente está sobrevivendo, e agora eu estou cuidando do meu avô, então todo cuidado assim é pouco, são todas as medidas que a gente tem que tomar de precaução, de higiene para com ele entendeu? com as coisas, enfim tem sido um momento difícil só Deus na nossa vida. Mas que a

gente possa ter esperança de dias melhores virão para esse 2021 em nome de Jesus. O futuro é algo muito incerto, mas nós temos que crer ter muita esperança em Deus né aqui tudo volte, não vai voltar ao normal, porque o normal seria ter as pessoas que nós amamos do nosso lado, isso é impossível, mas nós queremos que fique bem né tudo fique bem, que tudo isso passe.

DISCENTE 16

30.12.2020 8:00 h

1-Fale sobre a sua vivência, história/cultural. enquanto remanescente de uma comunidade quilombola.

Bom dia. é eu sou a*****. Quilombola da comunidade do Mocambo, município de Pará. Faço licenciatura em dança. E assim, eu vou responder, né. Então, bom dia. Aqui no meu de Mocambo, desde bem pequena é tradicional que alguém deve ir pra escola, do ensino fundamental, as mães são chamadas. Aí, matriculou as crianças depois de ser batizada, é claro. Aí começa o estudo pra primeira eucaristia. A nossa religião aqui, a maior parte são católica. E com isso, fazemos a primeira eucaristia, logo em seguida eles dão perseverança. E depois a crisma. Ah e desde pequena eh já fomos criada vendo a dança do boi bumbá que é apresentada aqui na escada, sabe? Nos terreiros das casas e com isso a gente vai junto já começa, algumas mães arrumam, as crianças. E a gente já vai indo pra roda e vai aprendendo as músicas, a bater um tambor, dependendo de seu dom, alguém ou algumas crianças vão dançando debaixo do boi, outras vão batendo, outras já representam, os animais, os cazumbais enfim, no outro lado vem as quadrilhas que também a gente já começa desde, de bem pequeno, aí vai as quadrilhas, depois tem as cirandas, cirandas também são deixadas pelos nossos ancestrais e que graças a Deus foi feito um projeto recente pra cá. Aí alguns projetos foram beneficiados para ampliar essa cultura para as crianças que estão chegando agora, porque algumas das nossas culturas estavam muito fracas, porque devido a tecnologia tá muito avançada, né? Então algumas crianças aqui já estavam mais pra tecnologia, que prestar atenção aqui no nosso cotidiano, a nossa cultura que é muito rica. E é mais válido aqui essas partes online, né? Mas, enfim, então a quadrilha, o boi bumbá, a ciranda, o carimbó, e outras brincadeiras de roda, elas são desde a nossa infância e tá sendo prevalecida, até atualmente. E assim, nós temos a nossa coroação, a coroação é uma homenagem também que são os anjos, as crianças são vestidas de anjo, né? Com vestidos brancos, com as asinhas de papel, com coroinhas, representando aquelas rodinhas do anjo, que eu esqueci o nome. E algumas cantam representando, tipo, falando o quão a Nossa Senhora Santa Maria é especial pra nós, pra nossa comunidade e agradecendo a ela pela saúde, pelo pão de cada dia, por nossa comunidade estar bem, por termos da nossa comunidade, pelas nossas conquistas, enfim, agradecimento. Então, ela é feita em maio, essa coroação de Nossa Senhora de Santa Maria, que é a nossa padroeira da comunidade Quilombola do Bocão. Aí, várias crianças fazem homenagem. Aí, depois temos aqui as tradicionais, mês de junho, temos aí a nossa tradicional do dia vinte em novembro também, né? Que é nossa feira Consciência Negra, na Consciência Negra fazemos várias apresentações, chamamos outras pessoas para falar sobre sua luta, suas conquistas, representando o Quilombo, né? E aproveitar pra explicar um pouco mais, porque tem algumas pessoas que ainda não entenderam o real, importância, né? Da consciência negra para nós afrodescendente, então, tipo, a cada ano a gente, nós procuramos, né? Explicar mais, para que a nossa comunidade esteja ciente e a par

do que realmente foi essa luta, que está sendo essa luta, que vai sempre ser, já que somos de quilombo, remanescentes quilombolas. Temos também times feminino e masculinos que representa nossa comunidade também, isso já é uma tradição desde nossos pais, assim é que a gente disputa pela cidade e tanto campeonato de arena, como de campo. Aí agora a gente está em quadra. E essa luta ser incansável, né? Mas gratificante por termos vitórias.

E também nos artesanatos temos a parte de cimentos, tem muitas artesãs aqui na nossa comunidade, tem o ateliê, tipo, bem antes, não tínhamos ateliê, né? Foi conquistada através de projeto, graças a Deus, que ampliou, uniu as artesãs nas comunidades e elas fazem artesanato de cipós, sementes, crochê, bordado, argila e enfim, sabe, EVA, temos o ateliê, se faz a demonstração e sempre elas fazem essa demonstração pra vendas, encomendas, entendeu? então, tipo, é algo que tá indo, que tá sendo muito, muito importante assim, sabe? A valorização dessas artesãs .

2 - Quais suas perspectivas, em relação ao ensino superior, e o que isso representa para você e para a sua comunidade?

Então, a minha perspectiva é que eu conclua a minha faculdade de dança, possa trabalhar aqui, o meu foco seria a terceira idade, poder dar aula de dança pra eles, para que eles saiam da rotina pesada do cotidiano de todo dia. Aqui é a agricultura que prevalece. Então, tem que ir pra roça muito cedo, voltar tarde. O lazer aqui é bem pouco, né? Tipo, alguns jogam futebol, mas bem raro e poucos vão pra casa da terceira idade que é na cidade de Ourem, então tipo, eu tenho esse objetivo de poder ampliar aqui uma escola e poder trazer um pouco mais de alegria pra o povo da terceira idade, sabe? Aí depois eu posso expandir para as crianças, os jovens, sabe? Tipo, carimbó, pode ser o tecno brega, entendeu? A quadrilha. Enfim, a área de dança que eu amo muito. E sim, o que representa pra minha comunidade? Então, aqui as pessoas motivam bastante nós que conseguimos essa vaga pra o curso superior, para que concluíssemos o ensino superior, passamos melhorar, né? Um pouco mais da nossa comunidade, assim como tem eu que posso ajudar na dança, na parte pra trazer um pouco mais de alegria, tem as outras áreas da saúde que tem enfermeira pra estudar, né? Está pra ser enfermeira, tem alguns advogados que já estão quase concluindo, tem pra dentista. Então, tipo, a gente tem uma esperança, a comunidade toda tem uma esperança que, assim que concluirmos, vamos trazer melhoras pra nossa comunidade, sabe? Então, foco é esse, o objetivo também, Deus nós ajudará.

3- Como a trajetória histórica e cultural dos estudantes quilombolas é inserida na vida acadêmica? Existe uma mobilização nesse sentido? Explique

Então, eu estudo no Umarizal, né? Na escola de teatro e dança da UFPA, lá eles são mais acolhedores, então tipo, sempre que tinha seminário sobre dança, eu pesquisei algo que encaixe aqui do meu da minha cultura e levo pra fazer minha apresentação. Então, lá, eu estou sendo bem acolhida, entendida e tipo, sim, a minha vivência de daqui pra lá, os professores respeitam, me deixam, assim, tipo, com livre arbítrio pra, pra o que eu possa estudando o que der pra encaixar, eu posso fazer de boa, né? Eu estou sendo bem entendida, só que a maioria dos quilombolas estão passando, passam por alguns, muitos preconceitos e que lá na parte acadêmica praticamente tem que esquecer de onde você veio, né? Com essas culturas e tal e focar no que tá lá, é tipo vocês conseguiram a vaga, então tem que ser tratado igualmente, só que muito dos professores esquecem, né? A dificuldade, tipo, nós, a maioria já está indo para lá, tipo, com uma idade bem avançada, eu sei que quando você quer a idade não importa, mas assim, você não vai comparar um aluno de

dezenove anos que passou para faculdade, com cursinho e tudo, com outros que tão mais de cinco anos parado e conseguiu através da cota e que está se esforçando né? Não tem como. Mas enfim, é chegar, estudar e tal e lutar cada dia mais por seus direitos. Sim, nós quilombolas temos uma associação, graças a Deus lá que é a ADQ e que é uma luta constantemente. Às vezes as pessoas esquecem, e aí do nada alguém chega muito cabisbaixo porque o preconceito é maior, as vezes passa, houve coisas não legais assim nas outras salas, né? E enfim, mas assim, a universidade ainda não está preparada assim pra entender, né? Para respeitar essa parte assim que a gente leva toda uma cultura pra lá, né? Nossos ancestrais, enfim. Mas assim, a gente leva e eles ainda não estão preparados né? Ainda não conseguem perceber sobre que a gente não tem como deixar nossa cultura, chegar lá do zero pra começar, mas com essa luta eles já estão aceitando um pouco mais, né? Já, já, já podemos, tipo, já não é tão surpresa quando eles olham, né? A gente vai construir as pinturas, que é as nossas vestimentas. As pessoas olham com aquele olhar te condenando, mas já não falam. Então, tipo, vamos seguir em frente que persistindo a gente consegue.

Na minha turma, igual eu falei anteriormente, na minha escola de teatro de dança, sim, os meus professores me incentivam, tá? A pesquisar mais, a fazer artigos sobre a minhas culturas, tipo a dança, ciranda, o carimbó da minha unidade quilombola. Né? Sobre a quadrilha e enfim. Ampliar o conhecimento, né? Registrar, fazer livros, assim, sobre a minha comunidade, porque tem muitos poucos registros, né? Então, os meus professores, sim, me incentivam. Eu já ouvi muitos relatos lá na nossa ADQ sobre preconceito, sabe? De não ter a paciência de entender que a gente vai carregado de toda uma cultura e que não é fácil começar do zero. Então, eles ainda têm muitos ainda que ainda não estão aptos a isso.

4-Existe preconceito e discriminação étnico-raciais na UFPA? Enquanto estudante quilombola, qual a sua visão sobre esses temas na Instituição?

Então, sim, um preconceituoso existe, em todo lugar, né? O nosso não seria diferente. algumas pessoas ainda não aceitam, tipo, nós entrarmos pra UFPA através dessas cotas, mas assim, no meu curso, igual eu estou falando pra você, eu fui bem acolhida, os professores sentiram os alunos, explicam a real o real motivo, né? A real importância, de como é bom ter nós quilombolas na faculdade e que é importante ter esquecer a palavra, mas é a paciência, né? De ver que a nossa realidade é cruelmente diferente da deles e que a gente, é vem com uma cultura muito forte, enfim, né? De outro mundo praticamente, que o que o deles, que que chegaram lá através de cursinho, enfim. Mas a UFPA tem bastante preconceito lá, as pessoas são os assuntos bastante abordado, só que assim, o preconceito, se você não aprendeu quando criança, a importância de respeitar o outro, quando é adulto, você pode ouvir o que for, passar meia hora ou o dia todinho ouvindo sobre o preconceito, o respeito, o racial, a etnia, enfim, mas você não ouve, como nós falamos aqui, entrou pelo ouvido e sai pelo outro. É tipo, olhou, olhou de um certo modo que já tá discriminando tudo e fala, sabe? Não aceito, tipo quero esse tipo de pessoa perto de mim ou então não usa a palavra bom, né? Tu és burro, não consegue fazer esse seminário, tu não consegues explicar isso? Ou então, tipo, não vem essa palavra, mas do jeito que as pessoas te olham e tipo como assim? Inaceitável. Pega uma apostila dessa, um assunto desse, você não sabe abordar na frente do seu professor, pra compartilhar com seus colegas, é assim dolorido é sim. Lá na nossa associação teve alguns já, que desistiram por não aguentar, que a pressão foi forte. Então, tipo, eu não vou sair do meu quilombo onde estou bem pra ficar passando humilhações aqui. Então, algumas pessoas elas já

desistiram devido isso, tanto é que alguns lá a gente se une na ADQ para assim, pra psicólogo, quem tá estudando em psicologia, essas áreas sabem da saúde mental, aí tem um certo dia, um certo horário que é pra ter a conversa com o psicólogo, pra amenizar todas essas partes chatas, né? De que já falei. Porque tem professores que não são qualificados no papel, mas presencial, eles não são qualificados pra receber os alunos quilombolas com essas dificuldades toda, ele acha que chegou lá, é meu bem, acorda, você chegou numa instituição dessa, nós temos então você está a altura de tudo que está aqui. É passa mais, muita apostila. E querer que a pessoa defenda com tudo. Só que temos nossas dificuldades. Eu, quando cheguei na faculdade, eu fiquei com muita dificuldade de explicar o seminário, entendeu? De fazer seminário. A minha voz praticamente não saía e eu não conversava quase com ninguém, se eu conversava com uma, com duas pessoas, era muito da minha sala, sendo que praticamente era quarenta alunas. Então, tipo, foi muito difícil eu me ver ali, tipo, num totalmente diferente, as pessoas não foram muito acolhedoras no início e eu queria desistir. Falei pra minha irmã que se em um mês não melhorasse a situação, eu não iria mais. Aí depois que eu fui conhecer o outro quilombola, só que assim, passa dois quilombolas, digamos que por área né? Então o outro é de outra área, de outro quilombo totalmente diferente do meu, então a gente foi se entrosar só depois. Então ficou difícil pra mim, sabe? Só que depois eu fui conversando aí, os professores foram me acolhendo, né? Aí as amizades já foram se entrosando, enfim, foi que fortaleceu, graças a Deus. E eu permaneço lá. Mas sim, tem muito preconceito e é igual eu falei, é uma luta constante, sabe?.

Assim, parece que a burguesia que passava era pra esfriar, né? Eles não querem aceitar nós, da classe baixa, chegar lá. Então, tipo, parece que é uma ofensa, incomoda muito e eles não aceita e acabam, né? Com esse preconceito, horrível, insuportável, que, enfim, machucou bastante.

5-Você se sente representado na UFPA por professores e/ou autores negros ou quilombolas, por temáticas relacionadas e pelas bibliografias indicadas.

Então, nós temos algumas representatividades bem legais lá, uma delas é professora Zélia Amador, ela é quilombola, então ela é uma referência muito, muito importante lá pra gente, pra nós quilombola. E sim, tem algumas bibliografias, né? Que tudo na minha na minha área. A professora costuma trazer bastante, sabe? Um pouco da cultura indígena, quilombola e as demais, tipo, clássicos, né? As outras áreas que não abrange tanto, tipo, que tanto sobre o negro, mas é bem ressaltado, sabe? E eles, assim, a minha escola tem outros negros, né? também outros muitos alunos de favela também e tal. Então, é bem ressaltado. E tipo além da Zélia Amador, temos, temos outras, né? outras pessoas também nos representando, só que a Zélia é uma das principais, sabe?.

6-Qual a sua opinião sobre as ações afirmativas desenvolvidas pela UFPA para os estudantes quilombolas?

Assim, eu participei de algumas ações, só que assim, eu participei só pra quando é a gente vai, se une, né? Pra reivindicar direitos, não que eu faça parte de diretoria e tal, mas assim, são bem legais, a gente se une assim, bastante né? E também sobre quando era quando queriam tirar as cotas de quilombola, né? A gente fez todo manifesto e tal, tanto na praça que a gente foi né? Da praça pra manifestar contra o Governo que estava querendo tirar as bolsas. Lá na UFPA também, quando querem nos prejudicar. Mas sempre é bom melhorar, né? E tá faltando um pouco mais, né? de melhorias, né? Nessas ações, mas eu creio que com decorrer do tempo,

a gente vai melhorando nossos argumentos, fortalecendo as forças pra continuar nessa a essa batalha.

7 - Qual a importância da informação para você e para sociedade?

A importância de estar informado, é essencial, né? Tanto aqui nos quilombos, assim, como lá na UFPA, tipo, quando, assim, nós, por não estar a par das informações os alunos daqui do nosso quilombo já foram bem depois de outros para a UFPA porque nós não tínhamos o conhecimento dessa cota para os quilombolas, então quando fomos descobrir já era 2017, então tipo já tinha muitos quilombos lá e nós não sabíamos. E foi complicado, né? tipo, poxa, perderam alguns anos, mas enfim, graças a Deus, né? depois ficamos sabendo, aí fomos, já teve, já tem aluno desde dois mil e sete. E assim, em termos da saúde sabemos que através de algumas leis, né? Cada cidade ou o estado, enfim, deu alguns direitos a mais, né? Tipo os negros, conquistaram alguns direitos a mais, graças a Deus e é muita luta, né? E assim, a importância de estar informado é essencial, porque ainda tem muitas pessoas que não tem o conhecimento e vive na assim, e vivem muito precário, né? Uma saúde bem precária, a alimentação, então tipo, é difícil. Então, assim, seria, seria bem melhor se os representantes das nossas cidades deixassem claro, né? Mas não, muitos preferem, tipo, se vem benefício para ajudar as pessoas, em cada quilombo, quilombo a gente sabe uma certa porcentagem para prefeitura para ajudar. Só que se nós não tivermos a par, eles ficam com a renda. Eles não repassam ou quando repassam é a metade ou menos da metade. E isso prejudica bastante nós. O que fazer, o que fazer quando até que descobrimos tudo isso, unimos a comunidade e vamos lá reivindicar. Tanto é que que no quilombo de Mocambo. quando aqui é terra do seixo. Então tipo o seixo e argila. Tanto é que as caçambas dos donos passam pra lá e pra cá, isso prejudica bastante as casas que são próximo da estrada, então acaba que quando a caçamba passa muito cheia de seixo, casa fica trêmula, sabe? Acaba balançando as louças, enfim, prejuízo, sem falar na poeira, que é muito, né? por causa da argila. aí às vezes cai, argila na estrada, prejudicando as outras pessoas que vem atrás ou enfim. Então, paralisamos, né? para, assim, foi que o prefeito veio, entrou num acordo, pra depois, eles comecem a molhar. então depois a gente foi conseguimos também o direito de ter um ônibus para quilombo, pra levar só os alunos Quilombolas, porque depois do ensino fundamental, não tem mais escola no quilombo, então tem que ir pra ourem, aí como é afastado, tipo, uns três quilômetros, precisava do bonde. E antes, a gente ia tipo praticamente quase caindo na porta. Então, a gente reivindicou também mais esse direito conquistado, já estamos reivindicando também sobre saúde, pra que faça marcar uns dias na semana, pra ter atendimento no quilombo, né? Porque tem idosos que não conseguem se locomover para longe. E aqui também não tem um transporte para levar. Às vezes passa um certo horário. Digamos que seis e meia, sete, aí volta só meio-dia. E quem for atendido antes ou quem precisa vir antes pra estar esperando até meio dia, é difícil, enfim, mas o conhecimento é a alma, né? Do benefício que podemos ter cada dia mais pelas conquistas e é essencial assim pra gente.

8 -Como você faz para se manter informado? E NA UFPA QUAIS OS RECURSOS INFORMACIONAIS que você utiliza? Você tem dificuldades em acessar esses recursos?

Então, sim, no cotidiano a gente usa WhatsApp, né? Redes sociais, enfim, e também temos vários grupos, tipo, temos o grupo da nossa turma, digamos que licenciatura 2018, tá? Licença dois mil e dezoito. Temos o grupo dos quilombolas do

ano 2018. Temos um grupo de quilombolas da redondeza do Pará, entendeu? Então tipo, quando um tem um conhecimento vai logo compartilhando um com o outro, sabe? Então e assim vamos indo. Também fazemos várias reuniões lá na UFPA, como eu falei pra você, entende? A sala da da ADQ e lá é sempre repassado todas as atualizações, que possa nos ajudar ou prejudicar. Então tipo lá também conseguimos essa sala, né? Essa conquista, aí tem alguns computadores disponível pra nós alunos, pra estudarmos e se informarmos que já que estamos lá, vai ganhar conhecimento. E compartilhar também, né? Então, aqui no quilombo através das redes e tal, mas assim, é sempre através online, né? dos grupos, de Facebook, Instagram e enfim. Estamos conectados assim. E quando estamos lá na UFPA também fazemos pesquisa na biblioteca e que fica disponível pra gente, mas a maioria das coisas é tudo online mesmo.

9 - Você costuma verificar a veracidade das informações?

A maioria das vezes sim, mas confesso que tem notícias que não se verificam realmente. É porque nós temos algumas pessoas responsáveis, sabe? Os diretores, pessoas que representam nós lá na ADQ eles passam informações confirmadas, sabe? Pra nós aí quando é outras pessoas, não, aí assim, tem que verificar.

10-De que forma as informações adquiridas na vida acadêmica têm uma contextualização sobre a realidade dos povos quilombolas dentro e fora da universidade?

É assim, eles tão me ensinando, né? A como usar o que já tem na comunidade e não deixar ser esquecido. Então, me ensinaram a pegar o que eu já tenho, a ampliar, tipo, a cultura nossa dança, a deixada pelos nossos ancestrais, né? O boi bumbá, quadrilha, enfim, tipo, como é que eu chego nas crianças, como me comportar com as crianças e explicar pra ela a real , importância dessa cultura grandiosa aqui na comunidade, então eu aprendi também isso, a passar pra eles, dar explicar, de bom, mostrar que o que nós temos é muito lindo, além de nos fazer muito feliz, né? Essas nossas culturas, levar pra além, para nossos, pra o nosso povo que tá chegando, né? Então, eu acho muito gratificante poder aprender tudo isso e poder passar pra eles aqui.

11- Você considera que as informações têm o poder de transformar as atitudes frente à violência, preconceito e desigualdades sociais? De que forma?

Assim, aqui no quilombo já teve o poder dessa informação, além de ter mudado nossa realidade, né? Que já podemos, já começamos ir pro ensino superior, já parte da saúde, a conquista e também através de diversas de informações nós podemos, né? repassar pra comunidades vizinhas que eles achavam, os nossos conhecimentos, fazendo uma troca de informações né? Em algumas coisas eles achavam que não tinham direito.

12- Em relação a pandemia, de que forma ela afetou a sua vida acadêmica, familiar, trabalho e social . E quais as suas perspectivas?

A pandemia, tipo, afetou, assim, de uma forma negativa, né, porque ficamos muito assustado, eu vim para quilombo e tive que me afastar da faculdade, né? Ih ainda passei por um processo que aqui na minha comunidade não tem internet e eu só tenho um celular, não tenho meu computador, não tinha internet pra estudar, então já dificultou em dobro, né? Isso sem falar que o medo que veio junto com a chegada dessa doença, deixou a gente assim sem saber o que fazer, porque mesmo hora eu

precisava sair, tipo, aqui nós somos agricultores. Então, precisava ir lá na roça e tal, e, mas vinha o medo de ir, ser contaminado tipo, não dava para as crianças saírem pra nada, tipo, sabe? Então, foi muito chato, muito chato mesmo. E afetou de uma forma negativa, né? teve o outro lado, né? Que aí tivemos que nos unir pra fazer o abaixo assinado, pra pedir uma rede de internet que passasse aqui no nosso quilombo, pois estava prejudicando todo nós, os universitários, precisávamos se conectar pra não perder o ano, né? Então, foi aí que conseguimos que a internet fosse colocada para continuar a estudar, né?.

Então, a perspectiva com a conclusão do meu curso é, sabe? Ampliar mesmo aqui, a cultura, a nossa cultura, né? Partilhar com mais pessoas e focar pra que eu possa compartilhar com as pessoas e deixar bem claro pra eles o real, a real importância dessa cultura que nós temos que vem desde nosso ancestrais e poder também, né? Com ela, ajudar outras pessoas, porque ao invés dele por sair da escola e não ter, né? Estar pelas ruas, eles possam tá depois sair da escola, eles podem tá fazendo aula comigo, né? Treinando em casa uma aula que eu dei, enfim, ter a mente ocupada com coisas positivas, sabe? Esse real objetivo.